
B
BOSTON
BOYS
GIULIA PAIM
BOYS
LOVE
ROCK
MUSIC

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

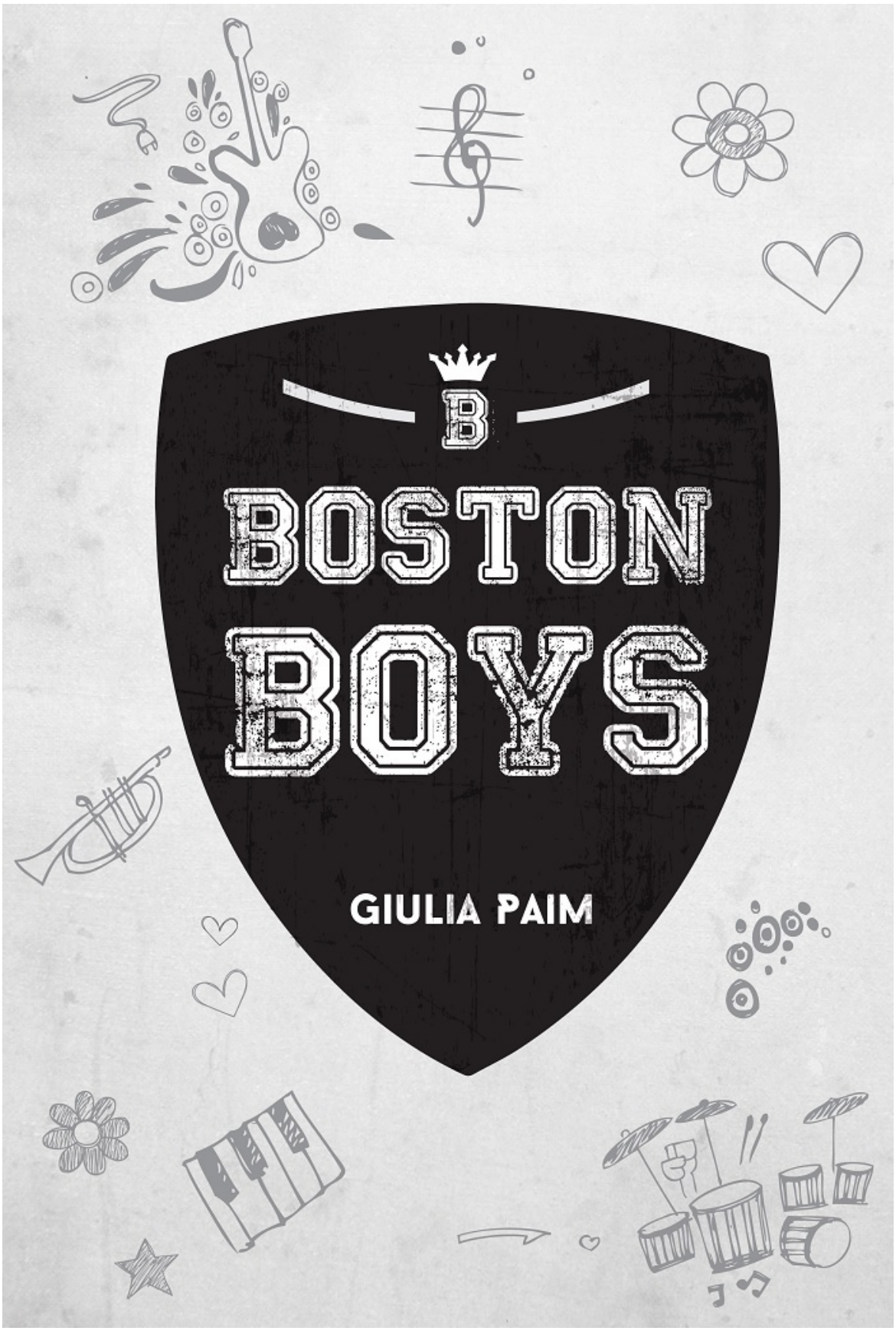
A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

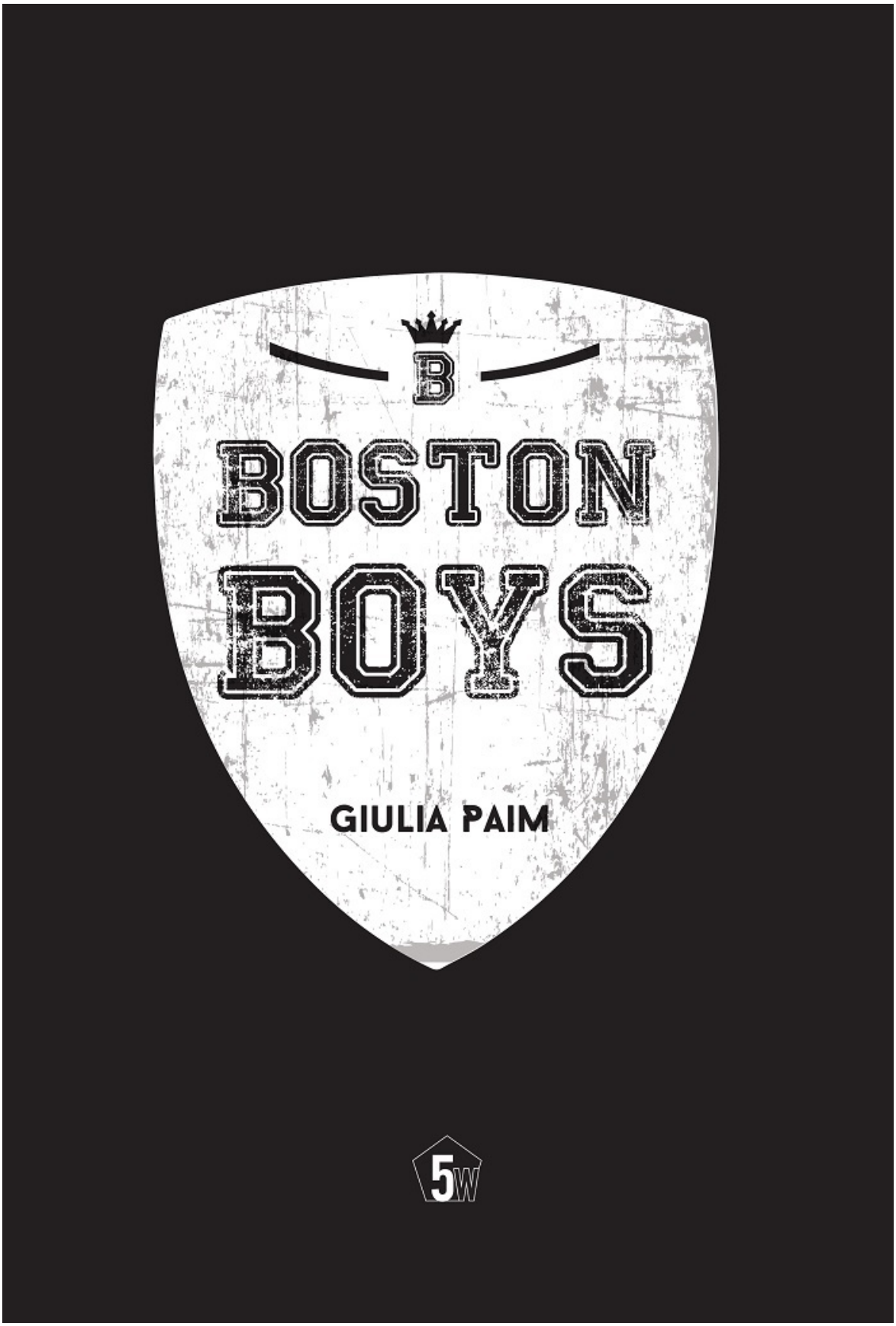
É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."


B
BOSTON
BOYS
GIULIA PAIM


B
BOSTON
BOYS
GIULIA PAIM
5W

Copyright © 2014 Giulia Paim

Coordenação editorial
Camilla Savoia

Revisão
Camilla Savoia
Luana Balthazar
Luiza Alves Cortes
Luiza Toschi

Capa e projeto gráfico
Leticia Andrade

Diagramação
Adriana Moreno

DADOS INTERNACIONAIS PARA CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

P143b

Paim, Giulia
Boston Boys/Giulia Paim – Rio de Janeiro: 5W, 2014.
336 p.: il.; 23 cm.

ISBN 978-85-66031-70-6

1. Ficção brasileira. I. Título.

CDD-B869.3

Roberta Maria de O. V. da Costa – Bibliotecária CRB7 5587

Todos os direitos reservados
Grupo 5W
Praça Mahatma Gandhi, nº 2, sala 1115

Centro - Rio de Janeiro (RJ)
CEP: 20031-100
www.grupo5w.com.br

É proibida a reprodução deste livro sem a prévia autorização do autor e da editora.

PRÓLOGO

A maioria das garotas da minha idade passa por problemas muito diferentes dos meus. Para ser mais precisa, 98%. Adolescentes vivem reclamando, porque muitas espinhas aparecem, estão loucos para dar o primeiro beijo, ou morrem de medo de engordar. Já eu, além de todas essas preocupações, tenho problemas muito piores.

Permita que eu me apresente. Meu nome é Veronica Adams, mas, como não suporto que me chamem assim, sou conhecida como Ronnie. Tenho 15 anos e moro em Boston desde que nasci. Gosto de ir ao cinema, sair com minha melhor amiga, ler, enfim, fazer coisas normais. Amo neve e detesto praia. Sou do signo de Touro – não que eu acredite nessa história de personalidade predefinida. Deixe-me ver… O que falta? Ah, claro, eu sou a garota mais odiada da cidade.

Mas, calma, há uma explicação muito simples para isso. É porque algo MUITO surreal aconteceu na minha vida. Algo que todas as meninas julgam ser maravilhoso, já eu, um acontecimento trágico. O ídolo teen de todas as garotas do universo, que é a pessoa mais insuportável do mundo, veio morar na minha casa.

Aqui.

Comigo.

Na minha casa.

CAPÍTULO 1



– Este é Henry, o inteligente. Ryan, o esportista, e Mason, o conquistador – era o que o apresentador dizia. Parecia chamada para desenho animado. Mas, não, eu já sabia muito bem o que era. Dava para ouvir o grito de milhares de garotas histéricas vindo da televisão, mesmo eu estando longe da sala.

– Olá, meninas! – um dos garotos falava no microfone. – Estão prontas pra sair do chão?!

– AAAAAHHH! *Boston Boys*! *Boston Boys*! – minha irmãzinha de 10 anos via TV na sala, eufórica, no volume máximo.

– Mary, abaixa esse volume! – gritei enquanto preparava um sanduíche na cozinha.

– Não enche! Vai começar *Boston Boys*!

– Essa canção – o garoto do microfone, no centro do palco, falou – é pra vocês, nossas fãs maravilhosas. Amamos todas vocês.

– Aaaaaaah, liiiiiindos! – Mary gritava, pulando loucamente no sofá. – Mason, Ryan, Henry, eu amo vocês!

Espirrei mostarda para todo lado, porque me assustei com o grito dela.

– Pelo amor de Deus! – não dava para aguentar. Limpei a mostarda do suéter, fui até a sala, arranquei o controle da mão dela e diminuí o volume. – Já não basta você gostar desse programa ridículo, ainda precisa *me* obrigar a ouvir também?!

– Não é ridículo coisa nenhuma! – ela me deu língua. – Todo mundo gosta, menos você, Ronnie! Você é que tá por fora!

– O quê?! São só um bando de meninos bobinhos que fingem que cantam e

tocam numa banda! É muito idiota!

– Não é, para de falar mal deles! Eles são perfeitos! – Mary puxou o controle e botou no volume máximo outra vez.

– Mary, qual é o problema de assistir ao programa num volume de gente normal?! – cruzei os braços.

– Me deixa em paz! – ela voltou a pular no sofá, e, pior, começou a cantar a música de abertura do programa.

– Ai, chega! Não aguento mais isso!

Ignorei o sanduíche que não havia terminado de fazer na cozinha, subi as escadas, entrei no meu quarto e tranquei a porta.

Droga, ainda dava para ouvir.

Detesto este programa com todas as minhas forças. E pior, acho que sou a única nesse mundo. Eu não entendo! É sobre a vida perfeita – e quando digo perfeita não estou exagerando. Não vão à escola, não têm responsabilidades, apenas tocam felizes em sua banda e se encontram em situações supostamente engraçadas – de três garotos que só conseguiram sucesso porque têm uma carinha bonita, e que conseguem tudo o que querem! Argh!

E é claro que cada um deles tinha que ter uma característica específica, senão não seria aquela típica série americana. Henry E. Barnes é o baixista da banda e é conhecido como "o inteligente". Inteligente uma ova! É apenas um metidinho que pensa que é intelectual, só porque usa óculos e vive falando coisas filosóficas, se achando o tal. Resumindo, é um panaca.

Tem também Ryan Johnson, o preferido da minha irmã. É o baterista, conhecido como "o esportista". Na minha opinião, essa característica não pegou muito. Para mim, ele devia ser "Ryan, a anta". Por que, pelo amor de Deus, essa sociedade de hoje não consegue aceitar o fato de que o capitão de um time de basquete nem sempre tem que ser burro feito uma porta? Não sei se esse contraste entre ele e Henry era para ser algo engraçado no programa, mas não é. É idiota.

E, por fim, aquele que me dá mais nojo. Mason McDougal, o cantor – que eu aposto que só faz playback – e guitarrista da banda, conhecido como "o conquistador". Este é o pior. O carinha-bonita-mor, que é o mais metido dos três, e que vive com garotas aos seus pés. O que leva uma pessoa em sã consciência a fazer isso?! Se rebaixar a ponto de viver em função desse mala?

Mas, claro, como eu disse antes, sou a única garota no mundo que pensa desse

jeito. Então eu sou a ovelha negra, a errada, conhecida como "a diferente". Mas nunca me importei com isso, não ia mudar minha opinião sobre eles. Estava feliz por nunca tê-los conhecido e esperava que isso nunca acontecesse.

Eu mal sabia o que me aguardava muito em breve.

••••

Nós, as três mulheres da família, estávamos sentadas na mesa da sala, em silêncio. Mary de vez em quando olhava para os lados e eu cutucava as unhas que estavam com esmalte descascando. Mamãe estava parada na nossa frente. Dissera que tinha algo muito importante para nos contar, mas até então não tinha dito uma palavra. Estava um silêncio tão profundo na sala que dava até para ouvir o tique-taque do relógio na parede.

– E então? – perguntei, quebrando o gelo. – O que houve, mãe?

Ela limpou a garganta.

– Bem, eu não sei como dizer isso – mamãe passou as mãos pelo cabelo preto e curto, procurando não olhar nos meus olhos.

– É uma boa ou uma má notícia?

– Ah, é uma notícia ótima! Incrível! – ela sorriu.

O que a estava impedindo, afinal?

– Então fala!

– Está bem – sua voz estava agora mais firme. – Meninas, vocês conhecem o meu emprego, não conhecem?

– Claro, você é analista de sistemas, apesar de eu não fazer a mínima ideia do que isso significa – Mary respondeu, entediada.

Mamãe respirou fundo:

– Ok, está na hora de vocês saberem. Eu não sou mais analista de sistemas há meses.

Espera aí, ISSO era pra ser uma boa notícia? Minha mãe estava desempregada?!

– O quê?! – gritei. – Então, como você está conseguindo pagar as nossas contas?

– Você tá roubando banco, mãe? – Mary disse preocupada, com sua imaginação fértil de criança.

– Não, claro que não! – mamãe riu. – Desculpem eu ter escondido isso de

vocês. Eu estou trabalhando agora com algo bem diferente! Bem mais interessante!

Não é tão difícil encontrar um emprego mais interessante do que analista de sistemas, pensei, mas não quis estragar a alegria dela.

– Bom, vocês conhecem aqueles garotos do programa *Boston Boys*, não é?

– Ugh, claro – falei, com desprezo.

– Vocês acreditariam se eu dissesse que agora sou produtora do programa deles?

– Ah, claro, mãe. Muito engraçado – falei, sem mover um músculo do rosto. – Dá pra falar realmente o que é, agora?

– Mas é isso.

– Como assim? – ainda não estava entendendo aonde ela queria chegar.

– Eu virei a produtora deles – ela repetiu, e pelo tom de voz, não parecia estar brincando.

O quê?

Quem?

Quando?

Onde?

POR QUÊ?!

Várias perguntas e pensamentos catastróficos vieram à minha cabeça ao ouvir aquelas palavras. Não, aquilo não era possível. Minha mãe, uma pessoa que trabalhava com computadores em uma grande empresa, havia se tornado a produtora das três criaturas mais insuportáveis do planeta?! Minha própria mãe tinha ido para o lado negro da força? O mundo não estava mais fazendo sentido!

A expressão de Mary era exatamente o oposto da minha. Seus olhos brilhavam feito diamantes no sol. Seu sorriso ia de um canto ao outro da bochecha. Ela foi até mamãe, segurou suas mãos, como se estivesse falando com um herói que a salvara do perigo, e disse esperançosa:

– Mãe, você tá falando sério?

– Estou sim, filha!

Foi aí que o grande estado de euforia, que eu contei silenciosamente os segundos esperando que chegasse, finalmente teve sua vez. Mary puxou mamãe da cadeira, e as duas começaram a pular, gritando feito duas patricinhas que acabaram de ganhar o concurso "Rainha do Baile". Fiquei só observando, sem me mover. Até que não aguentei mais e dei um soco forte na mesa. As duas pararam no mesmo

instante.

– MÃE! – minha expressão era de completo terror. – Há quanto tempo?

– Só uns cinco meses.

– CINCO MESES?

Não dava para acreditar que minha mãe estava vivendo uma vida dupla, e escondera isso de nós durante este tempo! Se bem que isso explicava o fato de mamãe viver em viagens "a trabalho". E eu que pensava que minha família não tinha segredos.

– E ainda tem mais! – ela disse, animada.

– Mais?! – senti náusea. – Ah, não, nada que seja pior do que isso, por favor.

E para que eu fui falar, não é?

– Vocês não devem saber, mas o programa *Boston Boys* não era realmente gravado em Boston. Era tudo feito em um estúdio em Los Angeles. Mas tivemos alguns problemas no estúdio de lá, e além do mais os fãs começaram a achar um absurdo não gravarem na cidade original. Resumindo, o diretor resolveu vir para cá. Só agora que todo o pessoal se mudou e veio gravar aqui.

– Eu sabia disso – Mary, a "bostonboysmaníaca" era expert no assunto.

– Então, dois dos meninos, Henry e Ryan, têm lugar pra ficar aqui em Boston. Eles se mudaram com suas famílias. Agora, o Mason já tem uma história meio complicada com a família e acabou que ele ficou sem lugar para morar. Então ofereci nossa casa, para ele ficar pelo menos por uns tempos.

Meu queixo caiu no chão. Quando eu achava que minha vida já tinha atingido o fundo do poço, ficou pior. Uma nuvem começou a pesar sobre minha cabeça.

– VIVA! Hoje é o melhor dia da minha vida! – Mary gritava e dançava pela sala.

– Mãe, isso não está acontecendo – minhas mãos tremiam.

– Pois está! – mamãe falou. – E você trate de ser educada e uma boa anfitriã!

– Me recuso! – enfrentei ela.

– Ronnie!

– Não! Não! Eu vou fugir de casa! – cheguei em um estado de raiva tão grande que comecei a gritar esse tipo de ameaça absurda.

– Ah, vai? – ela levantou uma sobrancelha.

– Vou sim. Não acredita?!

– Deixa de drama, filha!

– Como a vida é bela! – Mary não nos dava mais nenhuma atenção, só

cantarolava, toda feliz.

– Meninas! – mamãe falou. – Olhem só, ele combinou de vir para cá às seis horas. Quando ele chegar, quero que o tratem muito bem! Façam-no se sentir em casa! – ela direcionou o olhar especialmente para mim ao dizer essa última frase.

– Pode deixar, pode deixar, pode deixar! – Mary falou. Sua animação só estava me deixando ainda mais irritada.

– Fala sério – afundei a cara na mesa de jantar, desejando uma passagem só de ida para o Cazaquistão.

••••

Cinco e cinquenta e sete, cinco e cinquenta e oito, cinco e cinquenta e nove, seis horas. A hora da verdade. Meu último momento de ter paz e uma vida tranquila tinha acabado de acabar.

Mas claro, ele não chegou exatamente neste horário. Ele certamente é o tipo de gente que chega quando bem entender, não no horário combinado. Deviam ser umas seis e meia quando ouvi o terrível som da campainha tocando.

– E a peste chegou.

– Ronnie! – mamãe me repreendeu. – Eu te eduquei muito bem, se você for grossa ou qualquer coisa do tipo, vou ficar *muito brava*!

– Tá bom! – falei, vencida. – Vou me comportar.

A campainha tocou outra vez. Era de se esperar que ele fosse do tipo impaciente.

Mamãe foi até a porta e a abriu. Lá estava ele.

Típico astro com síndrome de Hollywood. Cheio de malas, com um sobretudo preto, óculos escuros, cabelos loiros, pele bronzeada, nariz empinado e um ar de "eu sou o máximo". Era irritantemente lindo, óbvio, se eu não achasse isso não poderia me considerar uma garota. Mas naquele momento fixei na minha cabeça que tudo que ele tinha de bonito, teria de insuportável, multiplicado por dez.

Sem dizer nada, ele correu os olhos pela casa toda. Observou o sofá de linho vermelho, a mesinha no meio do tapete, a TV logo à frente, a cozinha ao lado com a porta entreaberta, as escadas, a mesa de jantar com quatro cadeiras e os quadros de pinturas abstratas nas paredes brancas. Só depois de fazer um completo reconhecimento do local, ele deu um passo à frente.

– Querido, pode entrar! – mamãe o abraçou. – Seja bem-vindo! Meninas, venham cá, deixem eu apresentá-lo a vocês! – ela nos chamou com as mãos. – Mason, essas são minhas filhas. A mais nova é a Mary e a mais velha, a Ronnie.

Fomos até ele. Mas antes que pudéssemos cumprimentá-lo, ele tirou um guarda-chuva que por algum motivo estava escondido no sobretudo – e nem estava chovendo – e o abriu na nossa frente, como se fosse um escudo.

– Ei! – pulei para trás, protegendo o rosto.

Mamãe riu. Parecia que já tinha visto aquela cena antes.

– Não se preocupe, elas não vão te agarrar.

– Não posso prometer nada! – Mary deu um sorriso perigoso. Só por precaução, segurei-a pelos braços.

Ele tirou os óculos, mostrando seus olhos azul-piscina. Evitei olhá-los. Ele nos fitou por instantes, curioso, depois disse para mim:

– Desculpa aí. Eu geralmente tenho que fazer isso quando uma fã alucinada se aproxima.

E você se muda para a casa de pessoas que nem sabe direito como são, seu estúpido?! , pensei, e me controlei para não retrucar.

Mamãe ia falar alguma coisa para ele, mas no mesmo instante, seu celular começou a tocar.

– Mason, espere só um minutinho. Já volto para te mostrar seu quarto – antes de sair, ela se virou para mim e disse, baixinho: "Seja educada."

Argh. Não dava para acreditar que aquilo estava realmente acontecendo.

Mary aproveitou que mamãe tinha saído para se soltar de mim e abraçar o garoto com força.

– Mason, vocês são per-fei-tos! Eu tenho tudo o que você possa imaginar dos Boston Boys! Pôsteres, CDs, DVDs, tudo! Amo suas músicas, sei todas as letras de cor! Ah, eu escrevi umas cartas pra vocês, mas nunca entreguei! Vou lá pegar no meu quarto, já volto! – andando no mesmo ritmo frenético que falava, Mary subiu as escadas e desapareceu lá em cima.

Que ótimo. Mary tinha me deixado sozinha com ele na sala. Ficamos em silêncio, um olhando como se o outro fosse um estranho completo. Não estava muito confortável.

– Isso pode demorar – não aguentei mais o silêncio profundo e disse a primeira coisa que veio na minha cabeça. – Ela já escreveu milhares de cartas pra vocês.

Ele deu um riso breve. Vi que ele não ia dizer mais nada, então emendei:

– Pode sentar, se quiser. Minha mãe falou pra você se sentir em casa.

– Hmm… – ele olhou em volta, provavelmente procurando o melhor lugar do sofá para se sentar. – Está bem – ele sentou e ainda apoiou os pés na mesinha, mudando a expressão completamente. – Então você poderia me trazer uma limonada?

– O quê? – pisquei duas vezes.

– Você não disse pra eu me sentir em casa? Então… – ele apontou com a cabeça para a cozinha e ergueu as sobrancelhas.

Não era esse o "se sentir em casa" que eu esperava. Sem saber direito o que fazer e o que dizer, acabei concordando. Fui andando com má vontade até a cozinha.

Folgado, pensei, enquanto espremia o limão. *Será que ele veio para ficar?*

De repente, o que eu fazia foi interrompido pelo barulho do telefone e pelo grito de Mason.

– Tá tocando aqui!

Não, ele não teve a decência de me levar o telefone mesmo sabendo que eu estava espremendo aqueles limões, única e exclusivamente para ele. Tive que limpar as mãos e correr até a sala para atender ao telefone antes que parasse de tocar:

– Obrigada – disse enquanto pegava o telefone do descanso.

– De nada – ele sorriu, claramente não sacando minha ironia.

– Hmpf – revirei os olhos e levei o fone ao ouvido. – Alô?

– Veronica Adams? Filha de Susan Adams? – disse a voz feminina do outro lado da linha.

– Sim? – estranhei a formalidade.

A voz suspirou, depois continuou:

– Só quero que saiba que eu sei quem você é e *com quem* você está. E nunca te perdoarei por isso.

Arqueei uma sobrancelha. Que diabos de ligação era aquela?

– Hã… Quem é?

– Já descobri seu telefone, falta pouco pra descobrir seu endereço. Me aguarde, Ronnie Adams, pois eu vou fazer *justiça* – e desligou.

Fiquei parada encarando o telefone por dois minutos, de olhos arregalados. Por acaso o Liam Neeson[1] tinha trocado de sexo e resolvido me ligar?!

Não, não podia levar aquilo a sério. Só pelo tom de voz já consegui deduzir que era uma daquelas fãs doidas de pedra que literalmente caçam os ídolos e descobrem tudo sobre a vida deles.

Mas como essa pessoa já tinha descoberto que ele veio morar *comigo* e, pior, meu telefone? Será que eu devia levar aquela ameaça a sério? Será que eu realmente corria risco de vida? E que tipo de "justiça" era a que esta maluca ia impor sobre mim?

– Hello-o? – despertei dos meus devaneios quando Mason estalou os dedos perto do meu rosto.

Estava crente que quando ele visse minha cara de preocupação iria perguntar se estava tudo bem e eu poderia compartilhar isso com alguém. Mas não. Sem dar a mínima, o cretino apenas apontou para a cozinha e disse:

– E a limonada? Sai hoje ou não?

---

1 Ela se refere ao personagem do ator n*o* filme *Busca Implacável*.

CAPÍTULO 2



Já que tinha aula no dia seguinte, acordei, como faço todos os dias, às sete horas. Escovei os dentes, coloquei minha roupa usual – uma calça jeans, camiseta e um suéter largo azul-claro – e penteei meu cabelo. Não entendo por que tem tantas garotas que não se contentam com só um espelho no quarto. Precisam ter um em cada parede, outro no armário e outro no banheiro. Para mim, basta o do meu banheiro – o bom de ser a irmã mais velha é poder ganhar o quarto suíte.

Acho que já está na hora de cortar, pensei, terminando de pentear o cabelo. Ele estava quase no meio das costas e, como é volumoso, apesar de liso, ia me dar o maior calor no verão.

Todo mundo vive dizendo que a Mary é exatamente igual a mim, o que é verdade, já que nós duas temos cabelo preto liso e franja. Só que o meu bate no meio das costas, já o dela é corte chanel. Nossos olhos também são da mesma cor: castanho-escuro.

Quando desci as escadas, me deparei com algo que acabara de estragar o meu dia: mamãe, Mary e *ele* tomando café tranquilamente.

– Bom dia – mamãe falou.

– Então ontem não foi um sonho? – perguntei, decepcionada, esfregando os olhos.

– Pois é. Eu geralmente causo esse efeito nas garotas – Mason falou, orgulhoso.

– Eu disse sonho? Quis dizer pesadelo – fiz uma careta.

– Ronnie! – mamãe me encarou de cara feia.

– Desculpa – *Desculpa nada. Eu quis dizer aquilo mesmo.*

– Ah, antes que você se sente – Mason falou –, pega uma limonada pra mim?

Mas o que é que ele tem com limonadas?! , pensei, indignada.

– Tem suco de laranja na mesa – falei, sem a menor vontade de andar até a cozinha.

– É, mas eu prefiro limonada – ele disse, com um sorrisinho.

Estava morrendo de vontade de dar uma boa resposta bem malcriada para ele, mas mamãe já me lançara um olhar fuzilante. Vi que não tinha escolha. Exatamente como no dia anterior, fui andando com má vontade até a cozinha e preparei a limonada.

– Vou deixar uma jarra enorme feita na próxima vez – resmunguei, me sentando.

– Boa ideia – ele respondeu, satisfeito.

– Hmpf – *Nojentinho*, pensei, enquanto passava manteiga no pão.

Dei uma mordida no meu café da manhã improvisado, e enquanto eu mastigava, mamãe falou para mim:

– Ronnie, hoje eu quero que você mostre a escola pro Mason, ok?

Me engasguei com o pão. Só depois de tossir umas cinco vezes consegui indagar:

– O QUÊ? Eu pensei que ele estudava em casa!

– É, mas eu queria experimentar ir pra uma escola normal aqui – Mason falou.

– E como você espera fazer isso? – perguntei, incrédula. – Vai colocar uma peruca, que nem a Hannah Montana?

Mamãe e Mary deram um risinho ao ouvir essa pergunta.

– Não – ele fez uma pausa, deixando claro que não gostara da minha referência. – Ouvi dizer que o povo daqui de Boston é tranquilo.

Diz o cara que ontem mesmo me atacou com um guarda-chuva por achar que eu ia agarrá-lo.

– É claro que muitas fãs vão vir até mim, mas pelo menos eu vou ter uma chance de fazer novos amigos.

Espere só até você descobrir da psicopata atrás de nós dois, me lembrei da assustadora ligação que recebera no dia anterior.

– Ah, que ótimo – arrastei o prato para longe de mim. De repente, perdi o apetite.

Terminamos de comer e saímos de casa. Mamãe sempre levava Mary de carro, já que a escola dela ficava bem mais longe. Eu ia andando, porque a minha ficava

pela vizinhança.

– Cadê o nosso carro? – Mason perguntou, olhando em volta.

– Hã?

– O carro, ué. Pra gente ir pra escola.

– A escola fica só a uns quarteirões daqui – apontei para o caminho. – Eu sempre vou andando.

Ele riu, como se o que eu tivesse dito fosse uma piada.

– O que foi?

– *Andando*? – ele colocou uma entonação nessa palavra como se fosse a coisa mais absurda do mundo. – Tá maluca. Sorte que eu me preparei pra essa situação.

– Ah, é? Uma limusine vem pegar você aqui, por acaso? – perguntei, cruzando os braços.

– Não, um helicóptero.

Arregalei os olhos.

– É brincadeira – ele andou até a garagem. Lá estava uma Harley Davidson preta, parada do lado da vaga do Audi da mamãe. Oh sim, Mary um dia me dissera que cada um dos meninos tinha a sua própria. Era muita mordomia mesmo.

– Ah, uma moto. Mas qual é o problema de ir andando?

– *Eu* não vou andando pra escola – ele disse, com firmeza, enquanto pegava o capacete.

Faz tempo que eu não ando de moto, pensei. Mentira, nunca andei de moto. Só uma vez, com 7 anos, na moto do meu tio, mas fiquei por uns dois minutos e já comecei a chorar dizendo que queria descer. Por isso, não valeu.

– Então tá – fui até ele. – Nunca andei de moto mesm…

– Bem, eu te vejo na escola – antes que eu pudesse completar a frase, ou muito menos subir na moto, ele ligou e acelerou, não só me deixando para trás como jogando a água da rua em mim.

– Ei!!! – gritei, encharcada. – MASON!

Que ódio. O idiota tinha me deixado lá, com cara de pateta e com o cabelo fedendo a cachorro molhado. Eu devia saber que esses astros eram todos iguais, só se importavam com eles mesmos.

Não podia fazer mais nada, a não ser ir andando para a escola, como eu sempre fazia. A diferença é que eu costumava ir *limpa*.

Quando cheguei, todos que passavam perto de mim conseguiam sentir o

cheirinho gostoso de água suja. Que maravilha.

Olhei na direção dos armários. Não foi difícil reconhecê-lo, já que ele era a única pessoa que estava rodeada por praticamente todas as garotas da escola. Andei, batendo os pés com força em direção a ele, lançando um olhar de "eu vou te matar". Quando cheguei na grande roda, dei um jeito de me enfiar no meio da multidão e gritei para ele:

– Seu idiota!

As meninas, que lhe faziam perguntas e o agarravam animadas, pararam e olharam para mim.

– Nossa, que cheiro horrível – foi tudo o que Mason disse, e ainda por cima tampou o nariz.

– A culpa é toda SUA! Se você tivesse me dado uma carona, eu não teria ficado lá e você não teria jogado água suja da rua em mim!

– Você não pediu, ué.

Que vontade gigantesca de pular no pescoço dele e estrangulá-lo até a morte. Mas voltei a ter noção do que eu tinha acabado de dizer ao ouvir os cochichos que todos agora faziam sobre mim. Tinha acabado de perceber que gritara com o astro de TV preferido das garotas da escola, dizendo que ele não tinha me dado carona. Não era exatamente uma situação muito comum, tampouco me deixava numa posição boa. Sem saber como prosseguir, dei meia-volta e saí correndo para minha sala.

Isso, Ronnie. Faça um barraco e saia correndo. Assim você fica numa boa, pensei, com raiva de mim mesma.

Passei todos os seis tempos de aula só ouvindo coisas sobre Mason. Perguntas do tipo: "De onde você conhece ele?", "Vocês são amigos?", "Você conhece os outros?" foram muito repetidas. E, juro por Deus, uma garota chegou para mim e perguntou: "Você já espiou ele tomando banho?". Ah, que vontade de me matar.

– Ronnie!

Nem precisei olhar para a garota para perceber quem era que estava me puxando por trás pela gola do suéter. Só de sentir aquela pegada violenta e ouvir aquele lindo sotaque britânico, vi na mesma hora que era Jenny Leopold, minha melhor amiga.

– Que história é essa? Quer dizer, todo mundo aqui já sabia que os garotos

tinham se mudado, mas como você não me contou que tinha virado amiguinha do nosso sonho de consumo?

Pois é, nem minha melhor amiga tinha escapado da maldição Boston Boys.

– Ok, Jenny. Primeiro: eu não sabia que ele ia morar comigo até *ontem*. Segundo: eu não sou amiga dele e não o suporto; você sabe disso mais do que qualquer pessoa. Terceiro: não fala "sonho de consumo", não, por favor. É meio perturbador – falei, me soltando de suas mãos.

– Tudo bem – ela relaxou um pouco, colocando uma mecha de seu cabelo cor de mel para trás da orelha, mas depois voltou a ficar eufórica. – Espera aí! Ele está MORANDO COM VOCÊ? Como assim?

Expliquei tudo para ela, assim como fiz com várias outras garotas que me perguntaram a mesma coisa.

– Você está vivendo o sonho de todas as garotas do mundo e está odiando?!

O que ela queria que eu fizesse? Pulasse de alegria? Agradecesse aos céus? Ela mais do que ninguém sabia que Boston Boys não era minha praia.

No final do dia não aguentava mais ouvir o nome "Mason".

Mas nem todas as garotas vieram falar comigo animadas, na verdade.

A maioria veio morrendo de raiva. Acharam um absurdo e uma injustiça a única garota da escola que detestava Boston Boys ter sido justamente a que passou a morar com o astro principal. Poxa! A culpa não era minha! Eu não pedi para isso acontecer!

No final da aula, mamãe apareceu com o Audi para nos buscar, coisa que ela nunca tinha feito na vida. Acho que as coisas realmente iriam mudar agora que Mason estava conosco. Nem um pouco discreta, ela buzinou três vezes e gritou:

– Ronnie! Mason! Vamos para casa!

Tinha conseguido passar três minutos sem nenhuma garota chata reclamando no meu ouvido, e agora tudo tinha ido por água abaixo.

– Mãe! – fiz sinal para que ela parasse de chamar tanta atenção.

– Se você continuar aí fazendo essa linguagem de sinais, vai acabar ficando para trás de novo – Mason disse, passando por mim e entrando no carro.

Olhei para trás e senti um calafrio. Todas as garotas estavam me encarando com ódio. Assustada, corri e entrei no Audi. E só depois de cinco minutos que eu me toquei que Mason estava conosco.

– O que você está fazendo aqui? – perguntei, virando para trás.

– Voltando para casa, talvez? – ele respondeu, naturalmente. – Não caiu a ficha ainda?

– Não, estúpido!

– Ronnie… – mamãe me repreendeu, no banco do motorista.

– Argh! – respirei fundo e procurei ser o mais fofa possível. – Eu quis dizer, Mason, por que você está voltando com a gente e não de moto?

– Oh, isso – ele sorriu. – Acabou que eu fui melhor recebido do que achava. Foram tantas meninas pra cima de mim quando me viram, que acabaram furando o pneu de trás. O assistente da Suzie passou lá mais cedo pra levar para o conserto.

E ele ainda achava que era uma boa ideia ir para a escola. Céus.

Depois que Mason me contou sobre essas fãs malucas, fiquei ainda mais apreensiva em relação à ligação que recebi no dia anterior. Dois minutos depois meu celular tocou, e na tela estava escrito "bloqueado":

– Alô? – falei, apreensiva.

– Olá, Ronnie Adams.

Gelei. Era a mesma voz do dia anterior. A que praticamente tinha me avisado que muito em breve eu teria um encontro com a morte.

– Como conseguiu meu celular?!

– Com amor e dedicação se consegue *tudo*, querida.

Não respondi. Estava praticamente em choque.

– Bonito suéter azul, aliás.

Ok. Agora estava assustada de verdade. O fato de ela saber o que eu estava usando naquele exato momento significava que tinha me visto, isto é, que ela poderia estar mais perto do que eu imaginava.

– Nos veremos novamente – ela desligou.

Soltei um som esquisito quando desliguei o celular. Foi fraco e muito agudo, o que fez Mason perguntar:

– Engoliu um apito?

Ignorei a pergunta e me virei para o banco de trás:

– Vem cá, quantas meninas vieram falar com você hoje?

– Pô! – ele foi contando nos dedos. – Tipo, *muitas*.

Droga, isso não me dizia nada. Tentei ver quais eram os carros que estavam em nosso entorno, só para garantir que ninguém estava nos seguindo.

– Mãe – falei –, você não acha melhor contratar um segurança lá pra casa… Só

por precaução?

Ela riu.

– Por que, Ronnie?

– Porque o pessoal de Boston não é tão tranquilo assim como você pensa – disse isso encarando Mason.

Dessa vez foi ele quem riu.

– Pff, comparado com Los Angeles, isso aqui não é nada. Você tinha que ver a fã mais maluca que eu tinha lá – ele disse com um ar estranhamente nostálgico. – Já me perseguiu por todo lugar, me mandava umas paradas estranhas, tipo cabelo e essas coisas. Ah! Uma vez ela me mandou uma carta com uma gotinha de sangue no final e um recadinho: "Somos do mesmo tipo sanguíneo!"

Não dava para acreditar no que eu estava ouvindo. Até que ponto chegava um ser humano? Então será que eu realmente estava exagerando? Porque nas vinte e quatro horas em que ele passou lá em casa, nenhuma fã apareceu com esses presentinhos peculiares.

– Nunca vou me esquecer dela. Ela já me fez tantas surpresas que até o nome dela eu decorei. Piper Longshock.

Esse nome me era familiar. Tinha quase certeza de que já tinha escutado em algum lugar. E muito recentemente! Deus, quem era essa menina? Eu sentia como se a conhecesse!

De repente tudo ficou claro, o que fez um frio percorrer toda a minha espinha. Eu me lembrei de onde conhecia Piper Longshock.

Hoje. Aula de Matemática. Primeiro tempo. Professora apresentando a aluna nova. Loira, com um coque bem preso deixando alguns cachos caírem, blusa de botões, saia e terninho. E esse era o nome dela.

Piper Longshock tinha seguido Mason até Boston.

Piper Longshock estava na minha sala de Matemática.

Piper Longshock sabia o telefone da minha casa e meu celular.

Eu estava morta.



CAPÍTULO 3

Passei o resto da semana inteira praticamente me escondendo. Aparentemente, todo o corpo discente feminino tinha se voltado contra mim, e não parara de me atazanar nem por um segundo. Mas minha atenção se focou oitenta por cento em fugir de Piper Longshock, tentando fazer com que ela soubesse o mínimo possível sobre mim. Percebi que ela andava sempre pelos cantos da escola com um caderninho na mão, anotando precisamente os movimentos de Mason e os meus. Seu olhar era como o de uma águia faminta, só esperando sua presa se distrair um pouco para pegá-la de surpresa.

Minha única salvação eram as aulas de História e Estudos Sociais, que Jenny fazia parte da minha turma. Jenny adora programas fúteis e bobinhos, mas ao mesmo tempo é do tipo que parte para uma briga por qualquer motivo, então conseguiu dar um chega-pra-lá nas meninas quando estava comigo. Mas quando não eram as revoltadas, era a minha amiga animada me fazendo perguntas de todo o tipo sobre Boston Boys, torrando minha paciência. E, claro, a fã número um de Mason me perseguindo.

Quando chegou a sexta-feira, não consegui mais me esquivar. Estávamos na aula de Matemática quando o professor pediu para nos separarmos em duplas para fazer um trabalho. Bastou eu abaixar para ajeitar o sapato e levantar que Piper Longshock já estava sentada do meu lado.

– Olá. Posso fazer o trabalho com você?

Meus músculos endureceram. O que eu ia dizer? *Claro que não, eu sei que você é a fã desesperada do Mason que veio até Boston por causa dele e quer me matar!*

E foi exatamente o que eu disse. Até tapei a boca logo após, pois percebi que

não tinha pensado antes de falar. Ela pareceu surpresa. Acho que finalmente algo não tinha acontecido de acordo com seu plano.

– Como descobriu? – ela disse, mudando da água para o vinho. Seu olhar agora exalava puro ódio.

– Com "amor e dedicação" – debochei. – Mentira, Mason me contou seu nome.

Eu achava que ela ia tirar do bolso do terninho uma faca de cozinha e começar a me apunhalar, ali, naquele exato momento, mas de repente sua expressão se suavizou. Ela deu um sorrisinho deslumbrado e até corou um pouco.

– Ele se lembra de mim?

Encarei-a incrédula.

– Hã?

– Eu não acredito! – ela se abanou com as próprias mãos. – Mason McDougal se lembra de quem eu sou! No fundo do coração, ele sabe que eu sou especial! Isso é tão maravilhoso!

Continuei com a mesma expressão. Parecia que essa garota tinha saído de um desenho animado.

– Já pensou em fazer terapia? – perguntei.

Ela me deu língua e se levantou do lugar ao meu lado.

– Não pense que isso acabou, Ronnie Adams. Eu *vou* descobrir onde vocês moram e *vou* fazer justiça – ela virou a cara. – Me aguarde – e sentou-se em outro lugar.

Ainda em dúvida sobre o que diabos tinha acabado de acontecer, resolvi ignorá-la por hora e abrir o livro de Matemática. Não deixei de acreditar que aquela garota tinha sérios problemas mentais, mas pelo menos agora ela não parecia mais tão assustadora quanto antes.

E o sábado finalmente chegou. Meu querido sábado, sinal de que eu não tinha que ir para escola e encarar as feras e, principalmente, Piper Longshock observando cada movimento meu. Deram nove horas da noite e preparei minha megaprogramação de uma noite muuuito agitada: descongelei uma pizza do freezer, coloquei minha calça de pijama, uma blusa bem larga do cãozinho Snoopy e pantufas. Era a noite de lavar roupa. Uma das noites mais tranquilas que eu tenho, sem ter mãe, irmã e agora astro de TV no meu pé. Sou só eu, na paz total.

Abri a porta para os três saírem, estavam todos bem-arrumados.

– Mary, aproveite a festa. Mãe, aproveite o jantar. Mason, não ligo pra você.

– Ronnie! – mamãe me repreendeu, enquanto colocava o casaco.

– Tá, foi mal – estava realmente me desculpando, mas com ela apenas. Porque com um ego tão grande, Mason não era o tipo de pessoa que levava meus comentários malcriados a sério.

– Hmpf – ela me lançou um olhar severo. – Divirta-se aí você também – dito isso, pegou a chave do Audi e saiu com Mary.

– Pode deixar.

Mason terminou de vestir seu casaco também e perguntou para mim, antes de ir até a porta:

– Vem cá, o que você vai fazer hoje, sozinha, de tão emocionante?

– Vou lavar roupa.

Ele olhou para mim de cima a baixo, incrédulo.

– Isso é meio deprimente.

– Não ligo pra sua opinião – respondi, seca.

– Bem, já que você gosta de lavar roupa… – ele estalou os dedos, como se tivesse acabado de se lembrar de alguma coisa. Correu até o quarto, voltou com um saco gigantesco e praticamente jogou-o para mim.

– Você se importa? Claro que não, né?

Arregalei os olhos ao ver aquele saco que era maior do que eu. Virei para ele, mas ele já estava com a mão na maçaneta: – Ei! Qual é?! Tá pensando que eu sou sua empregada?

Ele se virou para mim.

– Qual é o problema?

– "Qual é o problema?!" Quem você pensa que é pra ir jogando essa montanha de roupa suja pra eu lavar?

– Ué, você já está lavando a sua roupa. Por que não lava a minha também?

– Porque nessa casa cada um lava a sua roupa – joguei o saco no chão, sem dó.

Ele me olhou como se o que eu tivesse dito fosse um crime.

– Sinto muito se você era acostumado a ter mil empregados que faziam tudo pra você, mas aqui as coisas são assim.

– Olha, você não tá entendendo. Eu preciso dessas roupas pra amanhã! É urgente! É pro meu figurino!

– Bem, você deveria ter pensado nisso antes de combinar de sair com seus amigos – seus amigos, leia-se: o povo da escola, com quem ele conseguiu se

entrosar mais em uma semana, do que eu em quinze anos. Dureza…

– Mas eu pensei que você, sei lá, lavaria pra mim – ele colocou as mãos para trás, se fazendo de inocente.

Bufei.

– Pois eu tenho novidades pra você, *amigo*: se quiser suas roupas limpas amanhã, você que as lave *hoje*.

Ele suspirou.

– Já vi que você é uma garota difícil. Mas eu sei lidar com esse tipo também.

Confiante, ele foi se aproximando. Andei para trás, insegura, até que senti as costas encostando na parede. Ele apoiou o braço do lado da minha cabeça, com o rosto a uns dez centímetros do meu.

– Vamos fazer um trato, ok? Você lava as minhas roupas… – sua boca quase grudou no meu ouvido e ele cochichou. – E eu te dou uma *recompensa*. Que tal?

Olhei em seus olhos. Tão lindamente azuis que me davam mais raiva.

– Quer saber? – falei, dando um sorrisinho.

– O quê? – ele se animou, achando que seu truque tinha dado certo. Puxei seu capuz e cobri seu rosto.

– Você é mais patético do que eu pensava – afastei-me e andei até a mesa, na qual meu cesto estava.

– Caramba! – Mason ajeitou o casaco. – O que você quer que eu faça pra você lavar a minha roupa?

– Nada. Se quiser sua roupa limpa, lave você. Já disse.

– Mas eu queria encontrar meus amigos hoje!

– Então tá – girei nos calcanhares e fui andando até as escadas. – Aproveite. Só estou avisando: suas roupas vão ficar aí, do jeitinho que você as deixou. Tchauzinho.

Ele não disse nada, pelo menos eu não ouvi. Ok, posso ter sido um pouco cruel, mas se eu não tentasse colocá-lo nos eixos, ele iria transformar todas nós em suas escravas.

Desci as escadas do porão para começar a noite. Deixei meu cesto ao lado da máquina de lavar, conferi se tinha esquecido alguma coisa e dei uma olhada rápida em volta.

Não tinha muita coisa no porão, só a máquina de lavar, a secadora, uma tábua de passar, uma esteira que minha mãe comprara há uns dez anos – e que não

funcionava há uns cinco – e um sofá verde meio desbotado. A tinta das paredes estava descascando um pouco, mas era no porão – ninguém ligava muito para aquele cômodo.

– Hmmm… Amaciante – concluí. – Amaciante, amaciante… – falei para mim mesma, procurando.

– Tá atrás da secadora.

Tomei um susto ao ouvir uma voz da porta do porão. Ainda de joelhos, virei o rosto na direção da voz.

– Não acredito.

Mason andou até mim, com uma tromba gigantesca, segurando seu saco enorme de roupa suja.

– *Eu* é que não acredito que vou perder a festa do Sam pra ficar lavando roupa.

Ainda não podia crer que ele tinha resolvido ficar. Sem saber o que dizer, acabei soltando um comentário maldoso:

– Sua Alteza veio mesmo experimentar o trabalho de uma simples camponesa? – falei, imitando uma reverência, e usando minha blusa larga como saia.

– Há-há – ele disse, sarcástico. – Vamos logo com isso?

– Ok.

Ele ficou parado ao meu lado, provavelmente esperando que eu lhe desse instruções.

– Não tem a mínima ideia de como fazer isso, né? – perguntei, já prevendo sua resposta.

– Hm… Não.

Suspirei.

– Você pelo menos sabe o que se usa para lavar roupa?

– Dã, isso eu sei, né. Eu via minha empregada pegando as coisas.

Revirei os olhos. Esses filhinhos de papais…

– Primeiro você coloca as roupas.

Ele abriu o saco e começou a jogar tudo dentro da máquina.

– Ei! Não é assim! – falei, segurando seu braço. – Você tem que separar as roupas brancas das coloridas!

– Ah… – ele começou a tirar tudo de dentro da máquina.

– Pelo amor de Deus! – bufei, com a mão no rosto. – Chega pra lá, deixa que eu faço – fui separando suas roupas com rapidez.

– Nossa, por que tanto estresse?

– Porque você me irrita! – falei, impaciente.

– Por que você me detesta tanto, hein? Você mal me conhece!

– Desculpa, mas a imagem que você passa naquela série já diz muita coisa – disse, sem olhar para ele.

– Na série? – ele disse, indignado. – Eu faço um personagem! E mesmo assim, você é a única garota que eu saiba que não gosta!

– Um personagem? Quer mesmo que eu acredite que é só um personagem? – resmunguei, ainda separando suas roupas. – Fala sério, acha que eles têm os mesmos nomes que os atores por quê? – coloquei as roupas brancas dele na máquina e fui colocando o sabão em pó.

Ele ia responder o que eu disse, mas desistiu.

– Prestou atenção na quantidade de sabão em pó que tem que pôr? – perguntei.

– Prestei – ele respondeu de cara feia.

Depois disso, coloquei o amaciante e fechei a tampa.

– Prontinho – apertei o botão. – Viu só? Não é nenhum sacrifício. Acha que consegue fazer?

Ele me encarou, irritado com minha atitude ríspida.

– Acho que sim – deu um sorriso falso.

Ficamos sem falar nada por um tempo, só ouvindo o barulho da máquina de lavar. Só voltei a falar quando as roupas já estavam prontas. Tirei as camisas Ralph Lauren, Tommy Hilfiger e Abercrombie & Fitch, depois as meias da Nike e Adidas e, por fim, de olhos fechados e segurando na ponta dos dedos, as cuecas Calvin Klein. Que garoto humilde.

– Uau – ele disse, ao ver tudo limpo.

– Mágico, não? – disse, colocando as roupas na secadora. – Agora é a sua vez.

Ele fez uma cara preguiçosa.

– Ah, você não pode lavar as coloridas também? Eu lavo as suas, prometo.

Olhei para ele, desconfiada. Mas percebi que estava pegando um pouco pesado com ele.

– Está bem.

Repeti tudo, e por incrível que pareça, ele olhou tudo com atenção.

– Agora você pode me dizer por que me detesta tanto? – ele perguntou, enquanto as roupas giravam na máquina.

– Acho que essa noite não vai ser suficiente pra dizer tudo – dei um sorriso maldoso.

– Eu só quero um motivo.

Puxa, ele não desistia fácil! Suspirei e ajeitei o coque no cabelo.

– Acho você um metido que consegue tudo o que quer sem o menor esforço e que vive iludindo garotas. Satisfeito?

– Nossa – ele levantou as mãos na altura dos ombros. – Eu pedi só um.

Não respondi.

– Está bem, se eu fizer tudo direitinho agora você pode pelo menos tentar gostar de mim?

– E por que isso aconteceria? – levei as mãos à cintura.

– Eu fazer tudo direitinho?

– Não. Eu gostar de você.

Ele fez uma careta. Dei um risinho, passei por ele e fui até a porta.

– Quer pizza?

– Aceito.

Fui até a cozinha, peguei a pizza pronta de pepperoni no freezer e esquentei-a. Desci as escadas do porão, e lá estava ele, como havia prometido. Estava fechando a tampa da máquina e apertando o botão. Só ouvi o barulho das roupas rodando outra vez.

– Olha, eu coloquei exatamente a mesma quantidade de sabão em pó e amaciante. Também coloquei só as roupas brancas.

Abaixei e vi pelo vidro que estava tudo certo mesmo.

– Nossa. Estou impressionada. Você até que aprende rápido!

– Pois é, né? – ele passou a mão no cabelo, orgulhoso. – Mereço alimento? – ele encarou a pizza.

– É. Acho que merece sim.

Ele pegou uma fatia e foi comendo.

– Bom garoto! – eu disse, batendo de leve na cabeça dele.

– Há-há. Você é tão engraçada…

Dei risada e peguei uma fatia para mim. Passaram uns cinco minutos até que me lembrei de algo que queria perguntar a ele há um tempo: – Ei – falei, limpando a boca com um guardanapo.

– O que foi?

– Se você não se importar que eu pergunte, por que você veio morar com a gente?

– Nossa, eu não sabia que era tão indesejado assim – ele disse, claramente demostrando que se sentiu ofendido.

– Não! Eu quis dizer… Por que só você? Minha mãe falou que os outros dois se mudaram com as famílias pra cá. Por que você não se mudou com seus pais também?

Ele ficou olhando para o chão. De repente, o clima descontraído que estávamos construindo bem até então tinha acabado de se quebrar. Senti que não devia ter feito aquela pergunta.

– Desculpa, eu não gosto de falar sobre isso.

– Ah, tudo bem, então. Só estava querendo jogar conversa fora – me arrependi de ter tocado naquele assunto.

Não tive coragem de dizer mais nada depois daquilo. Só fiquei tendo várias ideias na cabeça.

Será que ele é órfão? Não. Se ele fosse, a mamãe com certeza diria. Será que ele é daquele tipo "minha mãe me odeia, meu pai me bate"? Não. . Isso é muito dramático.

Olhei de relance para ele, que bebia sua Coca-Cola em silêncio. Parecia pensativo.

Será que ele não tem ninguém, mesmo?

Mas o silêncio foi quebrado quando a máquina apitou, sinal de que tinha acabado de lavar as roupas. Levantamos na mesma hora.

– Deixa que eu pego – Mason andou até a máquina e abriu a tampa.

– Vou aproveitar e pegar as suas na secadora – andei até a secadora, tirei suas roupas e fui dobrando-as.

Terminei de dobrar as roupas e coloquei-as no cesto. Depois caminhei até ele.

– O que foi? – perguntei, ao ver que ele não havia tirado nenhuma roupa da máquina. Na verdade, ele estava encarando algo lá dentro, seus olhos estavam completamente arregalados.

– Nada – ele fechou a tampa rapidamente, impedindo que eu pudesse ver alguma coisa.

Olhei desconfiada para ele.

– O que houve? – repeti, em um tom mais severo.

– Nada – ele disse, mas sua voz não era nem um pouco convincente.

– Mason, ABRA ESSA TAMPA AGORA!

Ele tomou um susto com o berro e viu que não tinha escolha. Acho que ele percebeu que eu estava pronta para pular nele e morder seu braço até que ele saísse do caminho – não que eu fosse fazer isso, só dei um exemplo. Lembrei que Mary fazia isso comigo quando a gente era mais nova. Na verdade, ainda faz às vezes.

Ao abrir a tampa, meu queixo caiu no chão. Trêmula, peguei uma camisa e tirei-a, só para conferir se eu tinha visto direito. E pior que tinha. Puxei várias outras roupas, esquecendo que elas tinham acabado de ser lavadas. Todas, estavam todas assim, nenhuma tinha se salvado.

– Desculpa! – ele disse, meio desesperado.

Ia comentar a respeito do que tinha acabado de ver, mas minha voz falhou. Meti mais uma vez a mão dentro da máquina e peguei o causador da catástrofe: uma meia de cor mostarda estava lá, bem no cantinho. Agora todas as minhas roupas não estavam mais brancas. Estavam com cor de xixi.

– Desculpa! Desculpa! Eu não vi a meia, eu juro! – ele juntou as mãos.

– Tudo bem… – disse, com o olho esquerdo piscando freneticamente.

– Acidentes acontecem.

– Eu sou um imprestável mesmo. Desculpa!

Eu tinha que controlar minha raiva, ele fizera aquilo sem querer. Comecei a culpar a mim mesma por tê-lo obrigado a ficar comigo. Se ele simplesmente tivesse ido à festa com os amigos nada disso teria acontecido!

– Tudo bem, sério. Você não fez de propósito – tentei pensar em coisas fofas como coelhos e arco-íris, para tentar disfarçar o ódio que estava sentindo e controlar meu instinto assassino. – Hã… Acho que é melhor eu terminar de lavar o resto.

– Tem certeza? Não quer que eu ajude?

– Acho que você já fez o bastante – mesmo sem intenção, acho que esse comentário o fez se sentir ainda mais culpado.

– Tá bem, eu vou subir, então. Tem certeza mesmo?

– Tenho – controlei o tom de voz.

Observei o relógio na parede.

– Olha, são dez e meia. Não tá tão tarde assim. Pode sair, se quiser.

– Sério? – seus olhos dobraram de tamanho. – Posso mesmo?

– Pode. Duvido que esse negócio dos seus amigos acabe antes de duas da

manhã.

– Tem certeza? Você fica na boa sozinha?

– Claro. Ei, eu já sou crescida! E, aliás, tenho minha noite sozinha de lavar roupa desde os 12 anos. Eu vou ficar bem – dei um sorriso descontraído.

– Bem, então tá! Valeu mesmo, Ronnie! – ele sorriu e subiu as escadas do porão.

Quando ele saiu, caí de joelhos, pensando nas minhas ex-roupas brancas que agora estão parecendo que um cachorro tinha resolvido demarcar território nelas. Ai, ai.

Bom, ao trabalho, pensei. E continuei com a minha noite, agora totalmente desanimada.

– Ah, meu Deus do céu! – foi o que mamãe disse, no dia seguinte, ao ver o estado das minhas roupas.

– Você lavou roupa com gasolina, Ronnie? – Mary perguntou, analisando uma camisa da Gap que estava em um estado lamentável.

Abaixei a cabeça. Não só estava de luto por todas as minhas ex-roupas brancas, como estava levando esporro por um erro que nem eu mesma tinha cometido! De repente, Mason resolveu dar o ar da graça. Já era uma hora da tarde quando ele acordou e veio descendo as escadas. A noite deve ter sido agitada mesmo.

– Na verdade, a culpa foi minha, Suzie. Fui eu quem lavou essas roupas e acidentalmente deixei uma meia amarela na lavadora.

– Foi você? – ela perguntou, depois se virou para mim, incrédula. – Por que ele estava lavando as suas roupas?!

Ia responder, mas ele foi mais rápido:

– Eu fiquei ontem aqui com ela lavando roupa. Foi até bom, aprendi a ter mais disciplina.

O olhar dela ficou ainda mais indignado.

– Eu não acredito que você o obrigou a ficar aqui preso lavando roupa, Ronnie! Ele é nosso hóspede! Como você pôde fazer isso?!

– Eu… – agora mesmo que eu não sabia o que dizer. Que situação!

– Não, Suzie, não precisa culpá-la.

– Não! Oh, querido, mais uma vez mil desculpas pelo comportamento da minha filha! Parece que ela não aprende.

– Não, sério. Tá tudo bem. Quando é a próxima noite de lavar roupa?

– Nada disso! – mamãe disse. – Você não vai lavar roupa nenhuma nessa casa!

Você é nosso convidado! Da próxima vez a Ronnie vai lavar tudo pra você! Ouviu, mocinha?

– Ouvi – falei, olhando para o chão.

Mamãe chegou mais perto de mim e cochichou no meu ouvido:

– Não pense que eu sou uma tirana ou coisa do tipo. Eu quero prevenir que aconteçam futuros acidentes como esse de ontem.

– Hmmm… Entendi – isso me acalmou um pouco. Pensava que minha própria mãe tinha resolvido conspirar contra mim.

Mamãe saiu andando até seu quarto. Eu estava mais calma no dia seguinte e consegui perceber que Mason não tinha feito de propósito. Ele realmente só estava tentando ajudar. É, acho que foi meio maldade da minha parte tê-lo obrigado a ficar ontem comigo.

Ia falar com ele novamente que estava tudo bem e que eu não estava mais chateada, quando percebi o sorrisinho que Mason dera ao ver que mamãe já tinha saído. Tá, não foi bem isso, foi um sorrisão. Seguido de uma risada um tanto vitoriosa.

– Espera aí! – falei, não acreditando naquilo. – Não me diga que você destruiu as minhas roupas de propósito só pra mamãe ver e descobrir que eu te obriguei a ficar aqui; além de você nunca mais precisar lavar roupa!?

Ele se virou para mim com uma sobrancelha erguida e um ar de vitória:

– Uau, você é boa – ele disse, orgulhoso.

Meu queixo caiu no chão.

Miserável, pensei, fervendo de raiva.

– Se fosse boazinha comigo isso não teria acontecido.

E tudo o que ele fez foi dar um tchauzinho de leve e aquele sorriso implicante que só ele sabe fazer. Depois disso, subiu as escadas, cantarolando uma de suas músicas chatas.

Miserável! Não movi um músculo. Parecia que meu corpo tinha travado, devido à minha mente que tinha acabado de entrar em colapso.

Se eu pensei por um breve momento, BREVE MESMO, que poderia haver a *mínima* possibilidade de eu gostar dele, esta hipótese tinha acabado de ir por água abaixo. Agora ele tinha arrumado guerra comigo! Ah, isso não ia ficar assim, não! Quem ele pensava que era?!

Miserável, *miserável*!

CAPÍTULO 4



Depois do incidente das roupas, Mason tinha se tornado oficialmente meu inimigo número um. Que tipo de idiota estraga assim as roupas de uma pessoa que mal conhece por puro egoísmo? Maldito! E ele ainda achou um absurdo eu estar brava por causa de uma brincadeirinha. "Brincadeirinha" que nada! Minhas roupas NUNCA MAIS voltariam a ser brancas! Iam ficar cor de xixi para sempre!

Eu me recusei a ir e voltar com ele para a escola. Quer dizer, não que eu fosse para todos os lugares na garupa da moto dele – até porque já estaria morta se estivesse fazendo isso – só voltávamos juntos da escola para casa. Eu não gostava disso, mas minhas costas agradeciam por não ter que passar tanto tempo carregando livros que pareciam pesar duas toneladas.

Mas a partir desse dia decidi que nunca mais precisaria dele para nada.

O problema foi que minha decisão definitiva de realizar meu trajeto de volta a pé acabou revelando meu paradeiro à *stalker* número um dos Estados Unidos.

– Ahá! – fui surpreendida por Piper Longshock numa esquina antes da minha casa. Se ela fosse homem, eu pensaria que era um estuprador e que meus dias estavam contados. De qualquer forma, levei um susto e deixei meus livros caírem no chão.

– O que há de errado com você? – gritei, arfando.

– Nada. Mas agora sei exatamente onde vocês moram! – ela fez umas anotações rápidas em seu caderninho e tirou umas fotos com o celular do nome da esquina e dos prédios em volta.

Respirei fundo. Não sabia o que fazer. Bater nela não adiantaria, já que além de

ela ser maior que eu, tenho a força de um chihuahua. Não me restou outra opção, depois de observar a vitória dela, senão sair correndo desesperadamente, entrar em casa e trancar a porta. E foi exatamente o que eu fiz. Nem olhei para trás, mas rezei para que ela não me alcançasse.

Cheguei em casa esbaforida e com o cabelo em pé. Para minha surpresa, não encontrei mamãe, nem Mary ou Mason lanchando, como normalmente faziam nesse horário. Eles estavam prontos para sair, aliás. Só fui descobrir o motivo quando mamãe passou por mim, ignorando o fato de que meu coração estava quase pulando da minha boca, pegou a chave do Audi na mesinha e falou:

– Ronnie, hoje eu, Mason e Mary vamos até o estúdio. Quer vir?

– Não – já não estava no meu melhor humor, então respondi curta e grossa, jogando a mochila no sofá.

– Ah, vamos, filha! Venha conhecer os outros dois meninos!

– *Não* – repeti, seca. Já estava cheia de qualquer coisa referente a Boston Boys.

– Vamos, Ronnie! – dessa vez foi Mary que tentou dar uma pilha. – Ai, eu tô tão animada para conhecer o Ryan!

– Então, Mary, é nesse ponto que somos diferentes – falei, abrindo o freezer. – Você já quase morreu de tanta animação ao conhecer o Mason, quem dirá esse aí que você mais gosta. Eu, por outro lado, não aguento um deles, imagina os outros dois.

E além do mais, vai que esses outros dois também têm cada um sua fã psicótica de estimação, completei na minha mente.

Mason deu um riso sarcástico:

– Deixa ela, Suzie – ele falou para mamãe. – Ela só vai ficar criticando tudo lá mesmo.

– Nunca pensei que diria isso, mas parece que você é o único que me compreende – foi a primeira coisa que disse a ele depois do incidente das roupas. Ele até pareceu um pouco surpreso com o fim do gelo que eu estava lhe dando. – Mãe, é isso aí que ele falou mesmo. Podem ir, não me importo em ficar sozinha.

Mas, infelizmente, mamãe não era do tipo que desistia facilmente:

Nada disso! – ela me puxou, sem ao menos me deixar pegar o pote de sorvete que eu estava quase alcançando. – Você precisa aprender a ser menos antissocial! Você vem sim, e ponto final!

Sem poder responder, fui praticamente jogada para fora de casa. Entrei no

carro com eles, olhando para os lados, apreensiva. Nenhum sinal de Piper. Mas isso não me acalmou, ela podia muito bem estar escondida atrás de um arbusto e seguir o Audi quando saíssemos. Ou podia ter arranjado um jeito de entrar no porta-malas, e estava conosco dentro do carro naquele exato momento! Deus, eu estava começando a delirar.

Poxa, e eu ainda tinha comido pouco no almoço na escola porque queria caprichar na sobremesa, ia abrir um pote de sorvete de chocolate quando chegasse em casa. Era esse o meu plano: escola, casa, sorvete. Só que ele foi substituído por escola, fugir de uma *stalker*, trinta segundos em casa, estúdio chato. Agora estava com fome, sustentada apenas por uma sopa sem graça.

Chegamos ao estúdio. Assim que entrei e olhei em volta, reconheci aquele lugar como o cenário de um pesadelo que eu tivera um dia desses. Era praticamente igual. Enorme, cheio de iluminação artificial, de câmeras, salas de gravação, edição e cenário separadas em portas cinza lado a lado, com vários pôsteres, bonecos de papelão em tamanho real, essas coisas. Era Boston Boys para tudo quanto era lado. Não estava me sentindo muito bem ali.

Mamãe e Mason cumprimentaram o pessoal todo da produção. Guardei alguns nomes apenas e me dei ao trabalho de decorar os outros, porque sabia que nunca mais iria vê-los na vida. Mary olhava em volta como se estivesse numa terra mágica, no lugar de seus sonhos. Parecia o pequeno Charlie quando entrou na Fantástica Fábrica de Chocolate.

Mamãe nos apresentou aos seus colegas e ao diretor, Marshall. Era um homem de meia-idade, alto, magro, com cabelo castanho um pouco maior do que o normal, barba por fazer e sardas no rosto. Por último, ela nos levou até os meninos.

– Henry, Ryan, essas são minhas filhas: Ronnie e Mary.

Em um nanossegundo, Mary já estava agarrada a Ryan. Este deu um risinho. Ele parecia um daqueles garotos que ficam na porta das lojas Abercrombie & Fitch – e quando eu digo porta, não me refiro aos sujeitos sem camisa que têm uma fila de mulheres para tirarem foto, quero dizer os vendedores que parecem todos iguais: tinha cabelos castanhos jogados para o lado esquerdo, olhos também castanhos e uma carinha inocente e de bom menino, apesar de ter 16 anos. Parece que ele logo simpatizou com Mary, pois assim que ela o agarrou, ao invés de ficar com medo, ele apenas disse, sorrindo:

– Que gracinha.

Por outro lado, Henry, o outro, não tinha o mesmo rostinho inocente. Estava sem óculos, então dava para ver melhor seus olhos azuis. Ele tinha a fisionomia que Jenny gosta de chamar de "Branca de Neve": pele e olhos bem claros e cabelo preto. Ele não tirava os olhos de mim, o que estava me deixando um tanto desconfortável. Certo, ele era bonito, mas custava encarar de um jeito mais discreto?

E para meu desespero, de repente ele começou a se aproximar com um grande sorriso no rosto.

– Muito prazer – ele estendeu a mão e deu uma piscada. Apertei-a procurando evitar contato visual.

– Hã… Prazer – por que eu tinha deixado mamãe me convencer de vir?!

– Então você é a famosa filha da Suzie. Ela fala muito de você.

– Sério? – gostaria de ouvir o que mamãe teria a dizer sobre *mim*. Mas duvido que se ela dissesse realmente a verdade, Henry estaria tão alegrinho desse jeito em vir falar comigo.

– Pois é – ele deu um sorrisinho que já teria arrasado o coração de umas quinhentas adolescentes.

Claro que me senti lisonjeada com o interesse, apesar de vir de um – urgh – Boston Boy. Mas fiquei me perguntando o que exatamente de atrativo eu estava mostrando para ele. Vestia minhas calças jeans surradas, sapatilhas pretas simples e meu suéter largo favorito. Além disso, não tinha penteado o cabelo depois da pequena aventura que tivera com Piper.

Mas Henry, parecendo ler meus pensamentos, respondeu minha pergunta:

– Sua mãe já mostrou uma foto sua em um casamento. Estava linda.

Ah, estava explicado. Bem, pelo menos ele não foi indelicado de falar "só que agora você está um bagulho". A foto provavelmente foi do casamento de uma amiga da mamãe no ano passado, em que ela me obrigou a fazer cachos no cabelo que duraram cinco minutos, o tempo exato para as fotos, antes de se desfazerem por completo.

– Você por acaso tem – ele ergueu uma sobrancelha – namorado? Arregalei os olhos.

– Iiiih… – Mason riu e comentou ao ver a cena. – Não vai por esse caminho não, Henry. Acredite, melhor pular fora.

– Ninguém pediu sua opinião! – protestei, sem graça e zangada ao mesmo tempo. Argh, só ele mesmo para me transformar de uma menina indefesa em uma

grossa, em segundos.

– Por quê? – Henry perguntou, e olhou profundamente nos meus olhos. – Você não respondeu minha pergunta, Ronnie.

Me afastei, sem ter o que dizer. Ele provavelmente percebeu que eu não estava acostumada a esse tipo de pergunta, mas como ainda queria conversar, logo mudou de assunto:

– Se quiser, posso mostrar o estúdio pra você. O que acha?

– Hã… Claro – não dava para dizer na lata um "NÃO, seu estranho!".

– E você gosta de comida japonesa? Conheço um sushi bar aqui perto que é uma delícia! – ele sorriu.

– Hã… Bem, eu… – ah, não, aí já era pedir demais.

– Henry, sério, eu não faria isso se fosse você – Mason continuou, me deixando ainda mais irritada.

– Cala a boca, Mason! – gritei.

Nesse momento, mamãe apareceu:

– Mas o que é que está acontecendo? *Ronnie*! – ela falou naquele tom clássico de "o que você aprontou dessa vez?" – Eu te ensinei a ter modos!

E, claro, a culpa novamente é toda minha. Bom, pelo menos aquilo serviu para tirar Henry da minha cola.

– Venham, meninos, temos que ir gravar! – mamãe e os meninos entraram em uma das portas.

– Vem, Ronnie! – Mary me puxou para onde os quatro se direcionaram. – Vamos ver como é assistir à gravação de uma série de TV!

Eu fui. Que mais eu poderia fazer lá dentro? Fugir não era uma opção, havia seguranças bem grandes na porta.

Parecia que o tempo não passava. Realmente, o que eu tinha feito para merecer aquilo? Ficamos trancadas naquela droga de estúdio por umas quatro horas, e o tempo simplesmente não passava. Não aguentava mais ter que vê-los interpretando, tocando e fazendo todos rirem e se divertirem. Aquilo *não era* legal. Além do mais, meu estômago estava fagocitando meu fígado de tanta fome que eu sentia.

Ficava olhando para o relógio toda hora, e quando finalmente deram oito horas da noite, eles pararam de gravar.

– E então, meninas? – Marshall, o diretor, perguntou para nós.

– Amei! Foi simplesmente o máximo! – Mary disse, batendo palmas. –

Certamente voltarei aqui!

– Que bom que você gostou! – ele se virou para mim. – E você, Ronnie, o que achou?

Não podia dizer o que eu realmente pensava da série para ele.

– Foi bem legal. Eles são bons atores.

– Ah, como é bom ouvir isso! Por que não vai falar isso para os meninos? Eles vão ficar felizes com o elogio! Principalmente o Henry, que já está de olho em você – ele deu um sorrisinho.

– Ah, depois eu falo – respondi, sem saber onde enfiar a cara.

Mamãe veio até nós e disse:

– Meninas, vamos sair com o pessoal pra jantar. Qual restaurante vocês preferem?

– Nós todos? – perguntei, olhando apreensiva para Henry.

– Sim, por quê?

– Ah, eu já marquei de sair com a Jenny.

Mamãe olhou para mim, desconfiada.

– Numa segunda-feira?

– É – dei um sorrisinho amarelo.

– Ronnie – Henry veio até mim e falou, sério –, eu sinto muito, não vou poder ir. Tenho um compromisso. Mas, por favor, não deixe de ir só porque eu não vou.

Respirei aliviada.

– Pensando bem, estava querendo desmarcar com a Jenny mesmo. Tudo bem, eu vou com vocês – falei, cínica.

– Ryan, você vai sentar do meu lado! – Mary agarrou o braço do garoto.

– Tudo bem, Pequenininha – Ryan riu. Eu ia falar que talvez ele fosse o único normal dos três, mas uma pessoa que fica com a Mary pendurada no braço durante tanto tempo sem se irritar merece o prêmio de "esquisito do ano".

– O que você tem que fazer, Henry? – Mason perguntou.

– Uma coisa.

– Que coisa?

– Coisa com a família.

Ryan e Mason trocaram olhares e depois riram de leve.

– Do que vocês estão rindo? – Mary perguntou.

– Quando conhecer a tia do Henry vai entender – Mason falou, rindo.

Agora até eu tinha ficado curiosa. Mas sabia que se eu perguntasse qualquer coisa a Henry ele automaticamente pensaria que eu tinha me apaixonado loucamente por ele.

– Tem certeza que não quer ir com a gente? – Mason voltou a perguntar.

– Como você disse, minha tia… – o medo presente na entonação dele fez com que ele nem precisasse terminar a frase.

Fiz uma nota mental de perguntar para mamãe sobre essa tal tia, e de preferência longe de Mason, porque senão ele ficaria torrando minha paciência falando "Ah, agora está interessada em saber sobre a gente, né?".

Mas enfim, por mim, se Henry queria ir para casa, que fosse. Não estava a fim de ter um olhar cravado em mim enquanto eu estivesse comendo algo. Resolvemos não discutir e fomos embora do estúdio. Rezei para que aquela fosse a última vez em que precisaria pôr os pés lá.

••••

Dois dias depois, ao chegar na escola, dei de cara com vários olhares raivosos mandando energias negativas para mim. Não que eu já não fosse odiada por muitas meninas, porque eu era, mas nesse dia em especial elas pareciam estar excessivamente com ódio. Minha teoria de que Piper Longshock estava escondida no porta-malas do Audi da mamãe começava a fazer sentido. Afinal, que outro motivo elas tinham? Ninguém viu Henry dando em cima de mim no estúdio, mas alguém poderia ter nos visto saindo para jantar com os meninos. Oh, céus…

E o pior era que Jenny tinha faltado nesse dia, pois tinha passado mal na noite anterior. Então lá estava eu, um patinho desprotegido cercado por jacarés com sede de sangue.

E claro que o jacaré líder do grupo anti-Ronnie teve que me dar um de seus carinhosos "olás" enquanto eu me dirigia à cantina:

– Você passou dos limites dessa vez, Adams.

Bufei.

– O que eu fiz de errado, Longshock? Estou respirando demais e consumindo muito oxigênio de vocês? – Se bem que com tanta plástica nos narizes das meninas da minha escola, duvido que elas se importassem com algo tão banal como o gás que temos que inalar para sobreviver.

Ela deu um risinho sarcástico e depois ficou séria.

– Não se faça de boba. Sabe muito bem o motivo.

– Pior que eu realmente não sei! – comecei a ficar nervosa.

– Então quando chegar em casa acesse o YouTube – ela me deu as costas e liberou a passagem.

YouTube? O que diabos tinham gravado sobre mim? Será que Piper tinha mesmo conseguido me ver no restaurante? Ou implantou uma câmera escondida dentro do estúdio? Ou dentro da minha própria casa?

Precisava manter a calma. Ainda tinha que aguentar mais três aulas sofrendo constantes ameaças. E até que o dia não foi tão ruim assim, tirando o fato de que no final da última aula eu estava quase tendo um AVC.

No dia anterior eu tinha considerado parar com o boicote à carona de volta de Mason, mas como as coisas não foram como eu planejei, achei melhor manter distância da pessoa que me traria ainda mais problemas do que eu que já tinha que enfrentar.

Cheguei em casa arrastando os pés, mas resisti ao impulso de me encolher em posição fetal e ficar assim até morrer. Precisava ver o maldito vídeo que tinha atiçado a raiva das garotas da escola sobre mim.

– Ah, então você já soube do vídeo? – Mary e Mason apareceram por trás de mim, mas meu olhar estava tão cravado na tela do computador que nem me importei com a companhia dos dois.

– É *claro* que sei. Acha que o pessoal da escola deixou isso passar batido? – resmunguei.

– Oh… – Mary já entendeu do que eu estava falando.

– Licença – Mason disse, chegando minha cadeira para o lado e assumindo o teclado. – Já sei qual é o vídeo.

Ele digitou tão rápido que nem pude ver o título, mas assim que o vídeo carregou e mostrou o primeiro segundo, saquei tudo. Lá estava Henry, parado na entrada de um Starbucks, olhando para o que parecia ser a câmera de um paparazzi, porque o vídeo não parava de tremer. Henry era o responsável pelo vídeo que tinha acabado com minha vida escolar normal.

"Tenho que fazer uma coisa", eu me lembrei das palavras dele e gelei. Mal sabia eu que ele estava gravando isso enquanto eu comia uma deliciosa lasanha no *Mamma Maria* e ouvia as piadas sem graça de Marshall. Engoli em seco e prestei

atenção no vídeo:

– Vocês ouviram isso, minha gente? – a voz do paparazzi dizia. – É oficial! Acabamos de ouvir que Henry Barnes tem uma namorada!

– Do que ele está falando? – perguntei, já imaginando qual seria a resposta.

– Sshhh!! – Mary falou, prestando atenção na tela.

– Bem… – disse Henry no vídeo. – Eu encontrei uma pessoa. Não é minha namorada ainda, mas é apenas uma questão de tempo – ele deu uma piscada.

– Vai, Henry, diz pra gente o nome da sortuda!

Henry encarou a câmera pensativo, provavelmente imaginando se deveria ou não contar.

– O nome dela é Ronnie Adams.

Ele contou.

Não prestei atenção em mais nenhuma palavra que ele disse depois do meu nome ser mencionado.



CAPÍTULO 5

Não. Não. Não. Aquilo não estava acontecendo. Encarei a tela do computador e me senti como se uma flecha tivesse atravessado minha cabeça. Se antes eu pensava que tinha alguma chance de me livrar da perseguição na escola, principalmente a de *Piper*, esta chance tinha ido por água abaixo.

Mary e Mason não pareciam surpresos, era óbvio que já tinham visto aquilo.

Beleza, minha vida acabou. Agora fazia sentido os jacarés quererem acabar com a vida do patinho. Eu não era apenas a garota mais odiada da escola, mas sim do país inteiro.

– Hã… Olha pelo lado bom! – Mary disse, com um sorriso falso. – Pelo menos as fãs revoltadas não sabem seu e-mail… Nem telefone… Ronnie? Ronnie, tá me ouvindo?

Isso é o que você pensa, minha cara irmã, mas nenhum som saía da minha boca. A essa hora Piper já devia ter vendido o número do meu telefone para centenas de revoltadas.

– Ela ainda está em choque – Mason falou, cutucando meu rosto congelado.

Algumas horas se passaram, e assim que mamãe entrou em casa, se deparou com a seguinte cena: eu deitada no sofá, com um paninho úmido cobrindo os olhos, e com Mason e Mary ao meu lado. Mary segurava um saco de papel, caso eu quisesse respirar ou vomitar nele. O computador na mesinha apitava descontrolado, por causa dos vários e-mails que chegavam, e o telefone tocava sem parar.

– Mas o que é que está acontecendo aqui? – ela perguntou, assustada.

– Sua filha tá em crise – Mary respondeu.

– Crise? Está sendo dramática outra vez?

Pior que dessa vez eu tinha razão de estar surtando.

Mason foi até ela segurando seu laptop na mão e mostrou o vídeo de Henry:

– Veja você mesma.

Tapei os ouvidos para não ter que escutar aquilo outra vez. Três minutos depois, mamãe exclamou:

– Meu Deus!

Minha cabeça latejava de tanto que o telefone tocava.

– Mas por qu… Alguém desligue esse inferno de telefone! – mamãe gritou.

Mary deu um pulo, correu e desconectou o telefone.

– Mãe – falei, com a voz fraca, ainda com o paninho cobrindo os olhos –, me faz um favor?

– Claro, meu anjo, o que você quer?

– Agora é sério. Não me leva pra mais nada que envolva seu emprego, *por favor*.

A falta de resposta da minha mãe me deixou um tanto preocupada:

– Mãe? – tirei o paninho dos olhos para ver se ela ainda estava ali. Ela tinha uma expressão de "oh-oh" estampada no rosto.

– Olha, sobre isso… – ela juntou as mãos. – Eu meio que já confirmei a presença de todas nós em um jantar beneficente com os meninos esse sábado.

Quase caí do sofá quando ouvi aquelas palavras. Agora mais do que nunca estava desejando uma passagem só de ida para o Cazaquistão.

Acordei na sexta-feira sem disposição para fazer nada. Tinha passado o dia anterior inteiro trancada no quarto, literalmente. Pelo menos o destino foi gentil comigo e permitiu que um feriado caísse na quinta emendando na sexta. Foi o feriado em que mais fiquei com preguiça na minha vida, e não no lado bom. Ainda não queria sair de lá, não queria deixar a minha cama nunca mais. Agora minha coruja de pelúcia era a única que me entendia. Fiquei abraçada com ela, toda coberta no meu edredom azul-claro. Aquelas palavras assustadoras de dois dias atrás ainda ecoavam na minha cabeça.

"O nome dela é Ronnie Adams."

Coloquei minha coruja na cara, forçando a mim mesma a voltar a dormir. Não consegui. E mesmo que tivesse conseguido, seria acordada de qualquer jeito pela pessoa maluca que havia acabado de escancarar a porta do meu quarto, segurando toda desajeitada uma bandeja com um café da manhã completo, e gritando:

– Ronnieeee!

Era Jenny. Seu sotaque era impossível de não reconhecer.

– Vai embora – resmunguei, ainda de olhos fechados.

Falar isso e nada foi a mesma coisa. Jenny abriu as cortinas brancas, o que foi horrível, já que eu não via a luz do sol há vinte e quatro horas. Depois disso, ela se sentou na minha cama e me cutucou na barriga, onde fica meu ponto fraco que só ela sabe. Dei um pulo.

– Vamos lá, levanta! A gente deixou você ficar aqui ontem, mas já chega, né?!

– Não. Eu nunca mais vou sair daqui.

– Ah, quanto drama! Já, já o povo esquece! Vamos, Ronnie!

– É fácil pra você dizer – resmunguei. – Não foi pra você que o Henry fez aquele vídeo destruidor de vidas que já atingiu 10 mil visualizações!

– Cento e treze mil, na verdade.

– Aaaaaaaah… – choraminguei. Agora que eu nunca mais ia sair dali mesmo.

– Tá, pelo menos come aqui seu café? Eu e a tia Suzie preparamos com o maior carinho!

A bandeja que ela segurava tinha um ovo frito, bacon e duas torradas com manteiga derretida. O ronco no meu estômago impediu que eu desse qualquer argumento contra.

– Você encontrou o Mason aqui hoje? – perguntei, depois dei um gole no suco de laranja.

– Por que você acha que eu vim?

Nossa, que amiga. Virei o rosto, emburrada.

– Tô brincando, boba! Óbvio que eu vim pra ver como é que você está! Mas, sim, eu encontrei com ele! Olha só! – ela tirou uma camisa branca da bolsa escrita "I love BB", e do lado estava escrito: "Para Jenny, abraços do Mason." Ah, a vergonha alheia… Se algum dia ela saísse comigo usando *isso* eu cortaria relações com ela para sempre.

Jenny começou a falar sobre como ela estava louca para conhecer Henry e Ryan, quando de repente mamãe também entrou no quarto.

– Como você está, meu amor? – ela perguntou, sentando-se na minha cama.

– Um lixo – respondi a mais pura verdade.

– Mas eu garanto que ela vai se animar com o jantar de amanhã! – Jenny disse, sorridente.

– Não me lembre desse jantar – falei, seca.

– Como você não quer ir? Vai ser o máximo!

Jenny pegou o calendário grudado na minha parede e apontou para o dia de sábado. Provavelmente ela tinha escrito aquilo enquanto eu dormia.

– O décimo jantar anual de gala do hotel Four Seasons! Já que os Boston Boys se mudaram pra cá, vão poder ir esse ano!

– E onde *eu* entro nessa história? – perguntei, prendendo meu cabelo que não fica bom de manhã.

– Na parte em que já reservei lugares pra você e sua irmã – mamãe disse, séria.

– Hmm… – me espreguicei, fazendo uma careta. – Já avisou à Mary que o jantar é amanhã?

– Nem precisei! Ela já está no quarto decidindo o que vai usar.

Que opção eu tinha? Com certeza seria um papelão para mamãe todos reunidos na mesa, exceto a filha mais velha. Considerei a opção de ir com um capacete para garantir que nenhuma fã raivosa me apedrejaria no caminho. Ou, quem sabe, uma peruca, sei lá, loira? Ficaria irreconhecível!

De repente, meus devaneios foram interrompidos por mais uma pessoa abrindo a porta. Poxa, meu quarto não era tão espaçoso assim para ter uma reunião!

– Francamente, não acho que você faria falta – era Mason. – Provavelmente ia reclamar o tempo todo, se fosse.

O que ele disse era mais ou menos verdade, mas, mesmo assim, que enxerido! Invadiu meu quarto só para deixar um comentário desagradável!

– Tá fazendo o que no meu quarto? – praguejei.

– Eu tava passando por aqui e ouvi vocês falando do jantar. É algum crime, por acaso?

– Ronnie, pare com a grosseria! – mamãe brigou.

– Ai, você não tem jeito mesmo – Jenny comentou, com um sorrisinho amarelo.

Argh, que tipo de poder mágico esse garoto tinha para colocar todo mundo contra mim? Literalmente TODO MUNDO!

– Só que se você não for, não vai poder conhecer a Julie Andrews – ele completou.

Arregalei os olhos, mas depois encarei-o desconfiada.

– Está blefando.

– Duvida? Pergunte pra sua mãe.

Não podia negar que meus olhos começaram a brilhar um pouquinho.

– Não sabia que ela está aqui na cidade, não?

Virei para mamãe. Seu aceno de cabeça confirmando me fez acreditar um pouco mais.

– Não.

– É, mas você já disse que não vai, né? Que bom, provavelmente ia assustá-la com um ataque de fã histérica.

Tentei ao máximo esconder minha emoção e empolgação ao ouvir que uma das minhas atrizes preferidas iria estar no jantar. Mantive a expressão firme.

– Bem, sabe, acho que eu mudei de ideia. Acho que eu posso fazer esse sacrifício.

– Acho bom, Ronnie – mamãe falou. Ela já sabia que eu ia o tempo todo, mas pelo menos agora não estava indo contra minha vontade.

– Jenny, por que não a ajuda a escolher um vestido?

– Claro, tia! Vem, Ronnie! – Jenny me puxou pra fora da cama.

– Aaah! – me escondi atrás dela. Como estava calor, eu tinha colocado o pijama do gato Félix que eu adoro. O problema era que ele era um pouco curto e não me sentia muito à vontade usando-o na frente de um garoto. Principalmente *dele*.

– Opa, desculpa, já tô saindo! – Mason virou de costas, sem graça. – Suzie, eu tô indo pro shopping pegar a minha roupa, tá?

– Tá bom, vai lá, querido.

Ele fechou a porta. Respirei, aliviada.

– Pra quê tanta vergonha? – Jenny virou-se para mim e perguntou. – Esse pijama é superfofo!

Encarei-a incrédula e me recusei a responder aquilo.

Jenny correu até meu armário e o abriu sem a menor cerimônia.

– Não… Não… Não… Também não… – ela dizia, enquanto passava os vestidos. – Não… Não – ela fechou o armário. – A coisa tá feia, hein!

– Nenhum serve? – perguntei, decepcionada.

– Eles são, sei lá, meio infantis.

Deixe eu explicar: meus vestidos não eram infantis porque eu gostava de usar coisas desse tipo. Eram assim porque quase nunca compro, já que não costumo usar essas roupas, só em raras festas de casamento e *bar mitzvah*. Como não cresci quase nada desde os 12, eles foram se acumulando no meu armário.

– Suzie, que tal deixar ela comprar um vestido novo?

– Boa ideia – achava que mamãe não iria ao menos pensar no assunto, mas a coisa estava tão feia com as minhas roupas que ela aceitou sem nem hesitar. Nossa!

– Vamos que horas, Jen? – perguntei.

Jenny olhou para o chão.

– Desculpa amiga, eu realmente queria ajudar, mas eu tenho um compromisso daqui a pouco. Minha mãe já me ligou três vezes hoje, enquanto eu estive aqui.

– Ah, tudo bem – falei, um pouco decepcionada. Jenny era a única que conseguia transformar compras em um programa divertido. Tive que recorrer à minha segunda opção. – Então, mãe, você pode vir comigo, né?

Mamãe fez exatamente a mesma cara que Jenny fizera.

– Eu tenho que ir para o estúdio, querida.

– Poxa! – protestei. – Eu vou sozinha, então?

– Não, espere aí! – mamãe falou. – Por que não vai com o Mason? Ele não acabou de dizer que estava indo pro shopping agora? Você pode pegar uma carona na moto dele!

– Sinceramente – torci o nariz –, prefiro não ir.

– Ronnie! Isso tudo é implicância? Coitado do garoto! – Jenny falou, indignada.

– Não, gente! Se esqueceram do que aconteceu anteontem? Eu devo estar na lista dos mais odiados do mundo! E além do mais deve ter uma fã maluca plantada no nosso gramado só esperando que eu saia da casa!

– Mas como é dramática – as duas reviraram os olhos.

– É sério! – e era mesmo! Piper realmente podia estar lá observando meus movimentos!

– Sinceramente, filha, o que você acha que vão fazer com você?

– Sinceramente? Acho que vão me apedrejar até a morte.

– Ai, ai – mamãe ignorou o que eu acabara de dizer e gritou. – MAAAAAASOOOOON!

Ouvimos o barulho de passos se aproximando, e ele apareceu novamente na porta. Escondi-me atrás da Jenny outra vez.

– Quanta frescura, como se tivesse algo interessante aí pra ver – ele comentou, entediado.

– O quê? Ora seu… – apertei os punhos.

Mamãe tentou amenizar a situação:

– Querido, eu queria saber se você pode levar a Ronnie para o shopping, já que vai pegar seu smoking na loja de trajes a rigor!

– Por quê? Nenhuma de vocês duas pode ir?

As duas negaram com a cabeça.

– Mas Suzie, eu só vou lá pegar a minha roupa que precisava ajeitar a bainha! Ela ainda vai escolher! – ele disse, impaciente. – Pode levar horas! Eu não tenho o dia todo!

Nossa, eu realmente não achava que ele fosse negar assim.

– Quem disse que eu levo horas escolhendo uma roupa? Você nem me conhece pra tirar essa conclusão! – apontei o dedo na cara dele, irritada.

– Tem razão – ele pensou um pouco. – É, acho que você não é feminina o bastante pra isso.

Ele deu seu sorriso nojentinho casual. Que vontade de dar um tapa nele.

– Anda, vamos. Antes que eu mude de ideia.

– Hã? Sério? – perguntei.

– É, eu só te aconselho a trocar logo seu pijama do Félix.

Tinha acabado de perceber que estava na frente dele, com o pijama curto à mostra.

– Droga! – voei para o armário.

– Eu tô esperando lá embaixo – dito isso, ele saiu indiferente e fechou a porta.

Peguei uma calça jeans e uma camisa xadrez verde-escura e troquei o pijama.

– Ai, ai… Só vocês duas mesmo pra me convencerem a ir com ele – falei, enquanto colocava minha sapatilha.

– Filha, essa é a sua chance de se aproximar dele!

– É! Você vai ver que ele é legal!

Andei para fora do quarto, sem a menor animação, deixando as duas puxa-sacos de Mason com enormes sorrisos e expectativas altas.

– Tchau – murmurei. – Tô indo.

CAPÍTULO 6



E é claro que Piper Longshock estava, *sim*, plantada no meu gramado. Dois segundos depois de abrir a porta da casa ela voou na minha direção, com o dedo indicador quase encostando no meu nariz:

– Pensa que vai poder ficar aí escondida pra sempre? Arque com as consequências dos seus atos, Adams! Eu ainda não creio que não satisfeita em se apossar de Mason McDougal agora você também se envolveu com Henry E. Barnes!

Era tão estranho o fato de que ela sempre falava o nome inteiro das pessoas a quem se referia. Por sorte, depois de me recuperar do meu mini-infarto, não precisei me explicar, porque nesse momento a porta da garagem se abriu, revelando Mason em sua Harley Davidson, de jaqueta jeans e óculos escuros. Piper deu um gritinho, o que foi o bastante para eu perceber que esse era seu ponto fraco, que a deixava totalmente vulnerável. Aproveitei que ela tinha virado as costas para mim para observar seu ídolo e dei passos largos até ele. Ele tinha um capacete vermelho na cabeça e um azul nas mãos.

– A gente vai de moto? – perguntei.

– Não, vamos de helicóptero. Você é cega? – ele respondeu, irônico.

– Há-há – cruzei os braços. – Eu quis dizer, como você espera que a gente leve dois trajes a rigor numa moto?

Ele ia falar algo, mas fez uma pausa. Acho que ele não tinha pensado nisso.

– A gente dá um jeitinho! Vem, anda logo!

– "A gente dá um jeitinho…" – revirei os olhos. – Quero ver – subi na moto e

coloquei o capacete.

Levei óculos escuros comigo também, não queria arriscar sair com a cara totalmente à mostra na rua. Piper não tinha levado nenhum meio de transporte, então conseguimos deixá-la para trás, ainda em seus devaneios.

Chegamos ao shopping e fomos direto à loja de trajes a rigor. Era enorme! Eu sei que eu não entendo muito dessas coisas, mas parecia que eles vendiam as roupas que as estrelas usavam no Oscar! Vestidos cheios de brilho, com cores fortes, e smokings sofisticados. Nem sabia por onde começar a ver. Mason foi bem rápido, só pegou o dele, que já estava separado atrás do caixa. Já eu, fiquei num dilema horrível. Eram muitos vestidos para escolher! E Jenny não estava lá para me ajudar!

– E aí, já escolheu? – Mason perguntou, segurando sua roupa num cabide dentro de um plástico.

– Calma aí.

Já tinha dado várias voltas na loja e acabei pegando seis vestidos diferentes. Como Jenny sempre diz: "Tá na dúvida? Experimenta! Não tá? Experimenta mesmo assim!"

– Você vai experimentar tudo isso? – ele falou, impaciente.

– É rapidinho, eu juro!

– Hmm… – ele foi analisando os vestidos. – Tem uns aí que não prestam não.

– Hã? Quais?

– Primeiro – ele puxou o laranja da minha mão –, essa cor é horrível, parece uma abóbora podre.

Não sabia dizer se ele estava querendo diminuir minhas opções para que não demorássemos muito lá ou se realmente tinha odiado o vestido. De qualquer forma, depois de ouvir que você vai parecer uma abóbora podre a vontade de experimentar o causador disso diminui consideravelmente. Descartei o laranja.

– Segundo – ele puxou o verde –, esse parece vestido de velha. Minha avó usaria isso numa boa.

Tchauzinho, verde.

– Terceiro – ele puxou o prateado –, esse vai fazer você parecer que está enrolada em papel alumínio.

Ok, nada de prata!

– Pronto, agora experimenta o resto!

– Tá… – meio assustada com o que havia acabado de presenciar, entrei no

provador com os vestidos que sobraram.

Primeiro, experimentei um vermelho. De cara senti que algo não estava certo.

– Credo, tá muito curto – pensei alto.

– Sai aí, deixa eu ver.

– Eu não, o que *você* sabe sobre vestidos? – falei, com pouco caso.

– Além do fato de ter acabado de te livrar de três coisas feias, eu sou *homem*. As mulheres colocam esses vestidos para impressionar os *homens*. Quer dizer, a maioria delas. Eu não sei qual é o seu lance.

– Como é que é?! – abri a cortina com força, furiosa. – Tá insinuando o quê?

– Xiii… – ele me olhou de cima a baixo. – Tá curto mesmo. Se você sentar, todo mundo vai ver sua calcinha.

– Ah! – corri de volta para o provador, morrendo de vergonha.

Tirei o vestido vermelho e coloquei o branco. Esse tinha um comprimento normal e era até bonitinho, mas tinha um defeito: o zíper. Fiquei um tempão lutando para conseguir fechar. E nem adiantava pedir por um tamanho maior, naquela loja as peças só vinham uma de cada tamanho.

– Vem cá, é pra hoje, sabe? – Mason reclamou.

– Calma aí! – disse, enrolada.

– Por que tá demorando tanto?

– Tá difícil… – inspirei fundo e fiz força com o braço – de fechar… o zíper…

De repente, a cortina se abriu e dei de cara com o garoto atrás de mim.

– FICOU MALUCO?! – dei um pulo para frente e quase bati a cara no espelho.

– Calma! Eu só vou ajudar a fechar o zíper, sua nervosinha!

– Não! Sai daqui! O pessoal da loja tá olhando! – apontei para fora. Óbvio que com meu grito de susto tínhamos virado a atração principal da loja. Sorte que não tinha nenhum adolescente no local.

Ainda indiferente, ele fechou a cortina.

– Pronto, agora ninguém mais tá olhando. Satisfeita?

– Eu vou te dar um soco! – fechei o punho.

– Ai, deixa de frescura – acho que ele percebeu que um soco meu não era tanta ameaça. Malditas mãos pequenas. – Vai, encolhe a barriga.

Vi que ia ser inútil discutir com ele. Quanto mais rápido eu colocasse aquele vestido, mais rápido ele sairia do provador, mais rápido sairíamos daquela porcaria de loja e eu poderia voltar para minha casa, minha fortaleza. Encolhi totalmente a

barriga e fiquei sem respirar enquanto Mason puxou o zíper com força.

– Que tal? – ele perguntou, dando um passo para trás.

– Não… consigo… res… pirar… – senti que se espirrasse aquele negócio iria perfurar o meu pâncreas.

– Iiih… Tá precisando fazer um regiminho, hein – ele riu.

– Cala a boca – disse, quase sufocando. – E abaixa o zíper!

Ele fez como pedi, só que rápido demais. Por reflexo segurei o vestido na frente para que ele não caísse por completo. Finalmente pude soltar o ar.

– Não tão rápido, seu troglodita! Quer me deixar pelada?

– Claro que não, eu ia ficar traumatizado.

Abri a cortina atrás dele.

– Pra fora. AGORA!

E ele saiu do provador, não entendendo o porquê de eu estar com raiva. Francamente…

Só me restava um vestido. Era agora ou nunca. Ia me dar um tiro se aquele não servisse também.

– Pronto – falei, ajeitando-o no meu corpo. – Esse é o último.

– É bem provável que fique enorme – Mason falou, debochado. – Já que você é tãaaao boa em escolher vestid… – ele parou de falar assim que eu abri a cortina.

O vestido era longo, tomara que caia azul-turquesa. Em cima era brilhoso e embaixo esvoaçante. Desse eu tinha gostado.

– Não gostou? – perguntei, insegura, ao ver a expressão no rosto dele.

– Hã? – parecia que ele tinha acabado de recuperar a razão.

– Sua cara tá meio estranha.

– N-não… tá… bem bonito – ele olhou para o chão. – Ficou… legal em você.

Senti o sangue subindo até minhas bochechas e fechei a cortina.

– Acho que eu vou levar esse.

Depois daquele momentinho meio constrangedor, troquei de roupa e peguei minha carteira para pagar o vestido. Assim que passei o cartão de mamãe na máquina, comecei a imaginar o quanto ela ia reclamar no meu ouvido que eu teria que usar aquele vestido em todas as ocasiões possíveis, para compensar o preço.

– E agora? – perguntei, enquanto andávamos até o elevador para descer ao estacionamento, segurando nossas roupas. – Como é que a gente vai levar?

– Eu já disse, a gente dá um jeitinho – Mason falou, despreocupado.

De repente, comecei a reparar alguns olhares de meninas adolescentes direcionados a nós. Na medida em que nos aproximávamos do elevador, mais e mais garotas falavam umas com as outras e apontavam em nossa direção.

– Ah, não – falei, empalidecendo. – Nos esquecemos de pôr os óculos.

CAPÍTULO 7

– Opa – percebi que Mason sentira um pequeno calafrio na minha frente.

– Aquele é o Mason McDougal! – uma garota falou.

– É! É ele mesmo!

– E aquela que está com ele… É Ronnie Adams!

– Não acredito!

Elas foram se aproximando tão rápido que, quando percebi, estávamos praticamente cercados. Não, minha vida não podia acabar assim! Eu ainda era muito jovem! Tinha tantas coisas que eu ainda queria fazer! Viajar pelo mundo, aprender a falar uma língua diferente, ir para faculdade…

Lembrei-me dos olhares mortíferos que lançaram para mim na escola no dia após Henry ter publicado o vídeo. Eis que eu estava na mesma situação: uma gazelinha indefesa ao lado de um leão e cercada por um bando de leoas famintas.

Nossa, eu tinha que parar com essas referências. Estava assistindo muito ao *Animal Planet*.

– Seu vestido está bem seguro, aí? – ele perguntou, não desviando o olhar das leoas.

– Tá – falei baixinho. – Por quê?

Sem responder, ele agarrou meu braço, me puxou com força e saiu correndo feito um louco. Entramos desesperados no elevador e a porta conseguiu se fechar antes que nos pegassem.

– Como você…?! – gritei esbaforida, e com a mão tremendo segurava com força meu cabide.

– Já tenho certa experiência – ele respondeu, ofegante.

Chegamos ao estacionamento e fomos andando apressadamente até a moto. Subimos nela, colocamos os capacetes o mais rápido que podíamos e Mason acelerou.

– Ah! – me segurei nele, já que a moto deu uma empinada de tanta velocidade.

Olhei para trás, nem sinal das meninas. O leão e a gazela estavam a salvo.

– Ufa! – respirei, aliviada. – Deixamos elas pra trás.

– Pois é, no final eu sempre consigo escapar – ele disse, orgulhoso.

– E você falando que o pessoal de Boston é tranquilo…

Ele riu.

– Pois é. Fã é fã. Não muda com o lugar, não.

Tecnicamente, uma fã mudou, *sim*, com o lugar. Mudou de cidade por causa dele. Mas resolvi deixar quieto.

– Com o tempo você acostuma – ele concluiu.

– É, mas comigo é muito diferente! Elas te perseguem porque te amam, agora me perseguem porque me odeiam! – mais uma vez, o exemplo de Piper se encaixava perfeitamente.

– Pois é, esse é o preço que se tem que pagar quando vive diariamente com um astro de TV.

– Só que eu *não pedi* pra que isso acontecesse – falei, emburrada.

– Nossa, você só reclama, dá um tempinho! – ele bufou. – E segura essa roupa, estamos quase chegando!

No fim acabou dando tudo certo. Chegamos em casa a tempo, graças a Deus seguramos firme as roupas – não pergunte como, deve ter sido a adrenalina – e elas também chegaram bem. Um pouco amarrotadas, mas era só passar. Estava com medo que meu vestido rasgasse ou sujasse todo, aí eu queria ver, ia passar a usar meus vestidos de criança até fazer 40 anos.

••••

Chegou o sábado, e deram nove horas da noite. Estava acabando de me arrumar, já tinha colocado meu vestido, os sapatos – oh, como eram altos! Meus pés iam sofrer essa noite – e mamãe me ajudou com a maquiagem. Fiquei em dúvida se prendia o cabelo ou não, e acabei fazendo um coque, um dos poucos penteados que eu conseguia fazer sem precisar de ajuda. Mas, obviamente, mamãe

quis me enfeitar ainda mais, então colocou duas mechas de cabelo soltas dos dois lados.

Para terminar, coloquei os brincos de pérola que ganhei de presente quando eu fiz 15 anos e, enquanto fazia isso, lembrei-me do que acontecera no dia anterior:

"Ficou… legal em você."

Por que isso estava na minha cabeça? Ele apenas foi educado, algo um tanto raro, mas nada demais. Provavelmente ele já disse isso para várias pessoas. Não tinha nenhuma importância, claro… Vai ver eu não estava acostumada a receber elogios de pessoas do sexo masculino. Dei de ombros. Pensar naquilo não levaria a lugar algum. Balançei a cabeça e saí do quarto.

Enquanto descia as escadas percebi que, infelizmente, todos já estavam prontos me esperando. Mamãe estava com seu cabelo preto curto, puxado para o lado com uma presilha brilhante, e um vestido longo e vermelho, aberto nas costas, que ia até o pescoço. Já Mary, usava um vestido amarelo-claro que ia até um pouco abaixo dos joelhos, de alças em cima e pregueado embaixo. Detesto ser a última a descer, porque, quando é esse o caso, eu automaticamente viro o centro das atenções, coisa que eu *odeio*.

– Nossa, Ronnie! – mamãe falou, o que já era de se esperar. – Você está linda!

– Escolheu bem o vestido, hein! Nunca pensei que logo *você* teria tão bom gosto assim – Mary levantou o polegar em sinal de positivo. Normalmente eu ficaria ofendida, mas vindo dela, isso era mais do que o suficiente.

O único que não comentou nada a meu respeito foi Mason. Ele apenas ficou me fitando enquanto eu descia a escada, e parecia que estava distraído. Ele também estava todo arrumado, com o cabelo penteado para trás e o terno impecável, com direito a gravata-borboleta e tudo. Não poderia esperar menos de uma das estrelas da noite.

– Vamos indo? – Mason deu meia-volta e andou até a porta.

Não que eu me importasse com a falta de comentários da parte dele, na verdade foi até bom, ele provavelmente soltaria alguma piadinha desagradável. Ele devia ter percebido que ao me elogiar estaria se tornando um oponente mais fácil de se derrotar, por isso não o repetiu. O que aconteceu na loja ficou na loja. Argh, por que aquilo *ainda* estava na minha cabeça?

Depois de uma viagem de vinte minutos chegamos ao Four Seasons. Só de olhar para a entrada do hotel eu sabia que aquilo não era lugar para mim. Não

costumava ser para nenhuma de nós, até que a mamãe fez essa mudança radical de vida. O prédio estava lindo à noite, com toda sua iluminação, que combinava bastante com a parede externa de tijolos. Dois seguranças muito bem-arrumados abriram a porta para nós e nos encaminharam pelo chiquérrimo hall até o salão principal, onde seria realizado o jantar.

Nossa, então o mundo Hollywood. . – uma grande ironia, afinal estávamos do outro lado dos Estados Unidos. – *É assim?* , pensei, ao ver o gigantesco salão. Estava cheio e a decoração era bem chique. Um lustre gigante brilhoso pairava no teto, as mesas possuíam lírios brancos em cima, com enfeites em tons de dourado. Isso sem falar nos convidados, que estavam vestidos realmente para ir de lá direto para o tapete vermelho.

– Puxa… – foi tudo o que consegui dizer.

– "Não quero vir a esse jantar chato, nhé nhé nhé" – Mason debochou, andando na minha frente e fazendo poses exageradas. – E agora olha, só falta babar.

– Pff, até parece – não me deixei levar pela provocação. – Eu sou a pessoa mais controlada do mund… WOW, que escultura gigante! – apontei para os anjos de gelo no centro do salão, surpresa.

Mamãe deu um risinho e Mason levantou uma sobrancelha. Droga! Tinha pensado alto! Tenho que aprender a controlar minhas emoções mais do que já faço normalmente! Ainda mais perto *dele*!

– Quer dizer, é só gelo, nada demais – virei a cara.

Dei uma rodada geral no salão e me senti completamente deslocada no meio de tanta gente rica e famosa. Socialites do país inteiro estavam lá, todos esbanjando glamour. Garçons passavam segurando bandejas com taças de champanhe e petiscos que pareciam mais bonitos do que saborosos.

Não haviam se passado nem dez minutos e meus pés já começaram a doer. Sempre achei salto alto uma tortura criada para as mulheres, mas não tinha outra opção. Comecei a procurar desesperadamente pela nossa mesa, morrendo de vontade de me sentar. Enquanto olhava em volta, senti alguém chegando por trás de mim e sussurrando no meu ouvido, com uma voz grossa e sedutora:

– Está desacompanhada?

– Aaaaah! – tomei um susto, e agindo por reflexo, estapeei o dono daquela voz. Só depois que me virei e vi quem era, percebi que não me arrependia nem um

pouco. – Ah, é você, Henry.

Não queria pedir desculpas, pois ainda estava furiosa por ele ter feito aquele vídeo estúpido, mas minha boa educação falou mais alto nessa hora.

– Desculpe.

– Tudo bem – ele falou, passando a mão na bochecha. – Eu sei que você não fez por mal, mas você nem percebeu que era eu, né? – ele riu.

– Pois é… Você me pegou – dei um sorriso falso.

Ele me olhou de cima a baixo, depois assoviou:

– Uau! Está linda!

– Obrigada – disse, envergonhada. Argh, era difícil ficar brava com alguém que te elogiava tanto desse jeito!

Olhei por trás do ombro dele. Ryan e os outros da série vieram até mim e me cumprimentaram. Mary devia tê-lo avistado de longe, porque antes que ele chegasse até mim, ela conseguiu agarrá-lo.

– Ry-aaan! – ela cantarolou.

– Oi, Pequenininha! – ele disse, sorrindo. – Que bonita você ficou com esse vestido!

– Ah, você gostou? – ela deu uma rodadinha. – Mamãe falou que é de chifão!

– Chiffon – mamãe a corrigiu.

– Ah, tanto faz – ela deu de ombros, provocando risadas no pessoal em volta.

Depois das saudações, sentamos eu, mamãe, Mary e todo o pessoal da série numa grande mesa. As toalhas eram de seda bege e a mesa tinha três enfeites de vidro com lírios em cima, lindos. Depois de um tempo jogando conversa fora – ou seja, falando sobre ideias de episódios, músicas, imprensa e essas coisas – o jantar começou a ser servido.

Mary bateu palmas quando o garçom serviu seu prato numa daquelas bandejas de prata.

– Isso é tão chique!

Pensei o mesmo, mas resolvi deixar quieto. Já tinha queimado um pouco meu filme quando comentei sobre a escultura de gelo.

Mas o sorriso da minha irmãzinha desapareceu quando ela viu realmente o que tinha no seu prato.

– Mãe – Mary a cutucou –, o que é isso?

– É vitela, minha filha – mamãe respondeu, pegando seus talheres.

– Vitela tipo carne de filhotinho?

– Isso.

– Eca! – ela disse, um pouco alto demais, enojada.

– Mary! – repreendi-a. – Não faz escândalo. Come e fica quieta, isso é um jantar chique! Não podemos parecer mais deslocadas do que já estamos!

Ela me deu língua e empurrou o prato para frente. O resto da mesa pareceu achar graça daquilo.

– Susan, sua filha é uma graça! – Marshall, o diretor, falou. Mesmo com o jantar de gala o homem se recusou a fazer a barba. Bom, pelo menos seu cabelo estava penteado.

– Obrigada – mamãe deu um sorriso amarelo.

– É uma pentelha, isso sim – comentei, dando um gole no meu refrigerante.

– Cala a boca, sua mala! – Mary levantou a voz.

– Mary! – mamãe falou, em um tom severo. – Quer ficar de castigo?

– Mas, mãe! Eu tô com fome e só tem essa carne de filhote! Poxa! – ela choramingou.

Antes que mamãe desse outro esporro nela e a obrigasse a ficar quieta, Ryan, que estava perto de nós e ouviu a malcriação, resolveu se manifestar.

– Deixa eu ver se eu consigo cuidar disso – falou, e chamou o garçom com a mão. – Por favor, poderia servir um filet mignon ou algo desse tipo para a convidada especial? – ele apontou para Mary. – Ela não come vitela.

Os olhos de Mary começaram a brilhar quando ela ouviu isso.

– Não, por favor! – mamãe falou. – Ela vai comer a vitela, sim! Mary, você está arrumando ideia!

– Não, Suzie, sério! Não tem problema, tem? – ele perguntou ao garçom.

– Não, senhor – o garçom respondeu, com bom humor. – Pode deixar, vou pedir ao chef para preparar um filé especial para a senhorita!

– Obrigado – Ryan sorriu para nós. – Prontinho.

– Você é a pessoa mais fofa do mundo! – Mary se levantou e o abraçou.

– Ai, ai… – mamãe e eu suspiramos.

Passou um tempo, e fiquei alternando entre prestar atenção na música que o pianista tocava no canto do salão e na conversa de todos sobre diversos assuntos. Francamente, até o piano parecia menos entediante do que aquilo. Comecei a girar o dedo na parte de cima do meu copo de cristal, quando de repente vi que a cadeira

ao meu lado tinha acabado de ser ocupada, mas não me dei ao trabalho de ver quem era.

– Oi – uma voz feminina disse.

Não respondi, não reconheci aquela voz como sendo nem de mamãe nem de Mary, e tinha certeza de que nenhuma mulher daquele jantar estava interessada em falar comigo.

– Você é Ronnie Adams, não é? – ela repetiu, e finalmente chamou minha atenção.

Levantei o olhar e vi que a pessoa que se sentara ao meu lado era uma garota que parecia ter minha idade. E como era linda. Seus cabelos eram longos, ruivos e ondulados, presos num rabo de cavalo alto, e seus olhos eram verde-esmeralda. Ela usava um vestido rosa-choque de um ombro só com uma faixa prateada na cintura.

Depois de ver o quanto aquela garota era bonita e elegante, meu sangue gelou. Devia ser uma das socialites esnobes que certamente iam me detestar se soubessem quem eu realmente era. E parecia que essa tinha acabado de descobrir.

– Sim.

Mas por incrível que pareça, ao invés de soltar algum comentário maldoso – como eu já estava acostumada – ela apenas estendeu a mão, sorrindo amigavelmente.

– Eu sou Karen Sammuel, muito prazer.

– Hã… É um prazer também – apertei a mão dela, com incerteza.

– Algum problema? – ela perguntou, percebendo meu olhar um tanto desconfiado.

– Hã… Não… – tentei disfarçar meu nervosismo.

– Ah, já entendi. Não se preocupe, eu vim em paz – ela deu uma piscada e riu de leve.

Ok. Ou aquilo era uma brincadeira de muito mau gosto ou aquela garota realmente não pretendia me fazer nenhum mal. Mesmo assim, ainda estava desconfiada.

– Também já tive desentendimentos com garotas da minha idade, então sei um pouco como você deve se sentir.

– Sério? – agora estava curiosa. Se bem que para você ter um desentendimento não necessariamente você deve ser o alvo.

– Pois é, pura inveja. Ano passado trabalhei como modelo, sabe.

– Oh… – ótimo. Além de linda, elegante e rica, ainda era modelo. – E você conhece os meninos também?

– Conheci há pouco tempo – ela sorriu. – Entrei para o elenco também, sabia? Vou aparecer pela primeira vez essa semana!

– Uau! – taí uma coisa que eu não sabia. Quando planejavam me contar que tinham incluído uma menina como personagem fixa no programa?

Era isso mesmo? Não era nenhuma pegadinha? A garota estava realmente falando comigo porque queria falar? Acho que ela era a primeira menina que me viu perto dos Boston Boys e realmente não quis arrancar meu coração fora! Será que era isso que nos ligava? Nossa proximidade – não de amizade, óbvio, mas de convivência – com os garotos?

– Você é atriz também?

– Fiz alguns trabalhos pequenos. Essa é minha estreia em série de televisão – ela disse, animada.

– Puxa, parabéns!

– Obrigada – ela suspirou. – Ah, é tão bom encontrar outra garota na mesma situação que eu!

Hã? Ok, o que tínhamos em comum eram apenas nossos contatos, porque eu estava longe de ser uma ruiva turbinada que nem ela.

– Me diz, como é viver com o Mason?

Nossa, aquilo não seria fácil de se responder.

– Sinceramente, não sou muito fã desse mundo da fama.

– Hm, entendo… – ela assentiu com a cabeça. – Você prefere viver no sossego.

– Pois é – apoiei o cotovelo na mesa.

– Bom, eu meio que gosto desse mundo, pra ser sincera – ela riu.

– Claro, sendo modelo e atriz, seria estranho se não gostasse – falei, rindo também.

E a noite passou mais rápido do que eu esperava. Karen não era nem um pouco igual às meninas com quem eu geralmente era obrigada a lidar. Ela era divertida, simpática e engraçada. Acho que nunca falei tanto sobre a minha vida para uma completa estranha como naquela noite. Ela era uma excelente ouvinte, porque perguntava mais e mais sobre mim e se divertia com algumas histórias que nem tinham tanta graça. Fiquei feliz em saber que pelo menos uma garota naquele mundo não havia se voltado contra mim. Tirando Jenny, claro.

Devia ser mais ou menos meia-noite, quando de repente a Valsa das Flores começou a tocar no salão, convidando vários casais a se levantarem para dançar. Mary não perdeu tempo e logo puxou Ryan, e os dois começaram a dançar de um jeito engraçado: ela subiu nos pés dele, e ele a guiou pelo salão.

– Que fofinha sua irmã – Karen comentou docemente.

– Essa aí não vai dar sossego pra ele nunca mais – falei, e nós duas rimos. Mas Karen parou subitamente e encarou algo que estava atrás de mim. Antes que pudesse me virar, senti uma mão tocando o meu ombro.

– Gostaria de dançar, mademoiselle? – era a mesma voz que Henry fizera quando falou no meu ouvido, somada a um sotaque francês fajuto.

Ah, não, não. . , pensei.

– Hã… Pode ser mais tarde, Henry? Eu estou conversando.

– Não, imagine – Karen falou. – Pode ir dançar, se quiser, Ronnie.

– Karen… – falei baixinho para ela. – Por favor, fica conversando comigo.

– Ah, vamos, deixa de ser tímida! – Henry segurou minha mão. Karen deu um aceno rápido e uma piscada, e ele me puxou até o meio do salão.

Não sabia o que fazer, nem consegui protestar, porque antes que eu pudesse perceber já estávamos prontos para dançar: ele já tinha colocado sua mão direita na minha cintura e segurava minha mão com a esquerda.

Deus, que vergonha! Eu nunca soube dançar direito! Eu era sempre aquela que nunca escolhiam para dançar nas apresentações da escola, já que sempre acabava pisando no pé do meu par ou tropeçando nos meus próprios pés. Eu quase estragava a dança toda, além de fazer o garotinho sofrer. E agora lá estava eu, no meio de um jantar superchique de pessoas famosas e/ou ricaças, fazendo papel de idiota.

Tentava acompanhar os passos com a música, mas não estava dando muito certo. Dava para sentir os olhares vindo na minha direção, como se eu fosse um alienígena. Henry estava todo alegre, não parecia se importar com o vexame ambulante que carregava pelo salão.

Olhei de relance para nossa mesa; para piorar a situação, vi que Mason e Karen estavam conversando e *apontando para mim*. Obviamente deveriam estar comentando sobre o meu jeito desengonçado de dançar. Que mico! Parei de olhar para eles e decidi encarar apenas o chão.

E finalmente a música acabou. Respirei aliviada, querendo sair o mais rápido

possível do meio do salão e me esconder.

Ou não. Meu plano foi por água a baixo quando vi Mason e Karen vindo em nossa direção.

Ah, não! Ele veio aqui para zoar comigo! , pensei, não sabendo onde enfiar a cara. Mas, para minha surpresa, não foi isso que aconteceu.

– Ronnie, por que não dança com o Mason agora? – Karen perguntou.

– O quê?! – falei, desesperada. – Eu não sei dançar… – e agora estava ficando vermelha.

– Não sabe mesmo – Mason comentou. – Parecia uma boneca de pano doida.

– Sabe, às vezes você não precisa ser *tão* sincero! – falei, irritada.

– Mason… – Karen o cutucou e falou em um tom repreensivo. – Se esqueceu do que a gente acabou de conversar?

– Ah, é mesmo.

– Hã? Vocês conversaram sobre o quê? – perguntei completamente perdida.

– Nada demais.

– Então por que é que…

– Ah, vem, a outra música já começou.

Antes que eu pudesse completar a pergunta, Mason me puxou até o meio do salão novamente e posicionou suas mãos.

– O que você tá fazendo? Você mesmo disse que…

– Fica quieta. Só me segue, com calma.

Minhas bochechas queimaram. Não conseguia me concentrar, tudo tinha acontecido muito rápido. Por que Mason resolveu dançar comigo? O que ele e Karen estavam conversando que com certeza me incluía? E por que eu estava me sentindo tão estranha?

A dança foi um fiasco menor do que foi com Henry, porque Mason conseguiu controlar algumas falhas minhas. Chegou uma hora em que eu quase (*quase*) não fiquei com vontade de me matar. Mas ainda estava cheia de dúvidas na cabeça. Mason não gostava de mim e deixou isso bem claro, e eu tampouco gostava dele. Então por que Karen ficou empurrando-o para cima de mim? E por que ele tinha que dançar tão bem e me segurar tão docemente? Argh!

– Ronnie? – Mason falou.

– Hã? – recuperei a razão.

– A música já parou.

– Ah! – me afastei, e depois de cinco segundos sem saber o que dizer ou fazer, saí andando apressadamente até a mesa, sem olhar para trás.

Depois daquilo, fiquei querendo ir para casa, para que não pudesse ver Mason. Fiquei imaginando que ele e todo o resto do povo que nos assistiu devia estar pensando de mim: uma desengonçada, pateta, com a cabeça nas nuvens. ARGH!

Mas tinha esquecido que ele morava na minha casa. E que ia voltar para lá comigo. E que ia estar na mesa de café da manhã quando eu acordasse.

Ai, ai.



CAPÍTULO 8

Na escola, a única pessoa com quem comentei sobre o jantar foi Jenny, mas parecia que todo mundo tinha descoberto que eu fui. Fiquei grudada com ela o tempo todo, por questões de segurança e também porque na hora do almoço ela insistiu que eu contasse cada detalhe do sufoco que eu passei durante as valsas. Aproveitei e contei a única parte da noite que não envolveu vergonha alheia e de mim mesma, que foi conversar com Karen. O estranho foi a reação dela enquanto eu a descrevia.

– Espera… – ela disse, e depois de colocar uma garfada de bife na boca e engolir, continuou. – Por que essa atriz veio falar com você mesmo?

– Ela só queria conversar – respondi, cortando a batata no meu prato. Jenny ergueu uma sobrancelha.

– O quê? – perguntei.

– Hã… Você não acha um pouco estranho que essa garota tenha vindo falar com você tão do nada assim, sem querer tirar proveito de alguma coisa?

– Do que está falando? Eu te disse que ela foi supersimpática comigo!

– Sim, mas a pessoa pode parecer ser assim e, no fundo, não ser.

Franzi a testa. Por que ela simplesmente não acreditava na história que a própria melhor amiga contava?

– Mas ela não tentou tirar proveito de nada – contra-argumentei. – Inclusive foi ela quem empurrou Mason pra dançar comigo.

Jenny deu um riso sarcástico.

– O que é? – aquela atitude estava começando a me irritar.

Ela deixou seus talheres no prato e usou as mãos para gesticular:

– Desculpa, Ronnie, mas pense comigo – ela fez uma pequena pausa.

– Uma atriz e modelo, linda, rica, que conhece os garotos, conhece você e que deve viver com um monte de gente na palma da mão. Não acha curioso ela ter escolhido logo você para conversar sobre a *sua vida*, falar pouco sobre ela e ainda por cima empurrar o Boston Boy mais desejado para cima de *você*?

Larguei os talheres. Ok, eu sei que Jenny não é a pessoa com mais tato do mundo e adoro ela mesmo assim, mas aquilo não tinha sido legal de se ouvir. Até ela estava me colocando para baixo! O que é que estava acontecendo?

– Então acha que eu sou tão desinteressante assim a ponto de repelir todo mundo agora, é isso?

– Ah, Ronnie, não faça drama – ela revirou os olhos. – Só estou dizendo que nas suas circunstâncias atuais, você não é exatamente a companhia preferida das garotas.

E ela insistiu em continuar a me diminuir.

– Então não posso fazer amizade com ninguém que vai significar interesse da parte da outra pessoa? – assenti com a cabeça, irritada.

– Pare de distorcer o que eu falo! – ela bateu na mesa.

– Distorcer? É isso que você está dizendo! – levantei o tom de voz. – Então será que com você é diferente, Jenny? Nada garante que *você* não tenha virado minha amiga por interesse também!

Jenny balançou a cabeça negativamente e me encarou incrédula.

– É, Ronnie, é exatamente isso – ela respondeu, sarcástica. – Virei sua melhor amiga aos 8 anos porque eu previ que no futuro você ia morar com um cara famoso!

– Ué, pelo jeito que você fala, parece que eu tô tão no fundo do poço que não sou capaz de fazer amizade com ninguém!

– Não vou mais discutir isso com você – ela levantou bruscamente da mesa, segurando sua bandeja. – Perdi meu apetite – ela me deu as costas. – Vai lá com sua amiga modelo que não tem nenhum interesse escondido, ela com certeza não é uma falsa que nem eu, né?

– Quer saber? – esbravejei. – No fundo você só está com ciúmes!

Ela se virou.

– Só depois não diga que eu não avisei quando essa sua amizade fofinha e perfeita acabar.

– Não vai acabar porque ela não é criança que nem você!

– Ah, sim, *eu* sou a criança – dito isso, ela desapareceu no meio da multidão de adolescentes naquele refeitório.

••••

A briga com Jenny durou mais tempo do que eu esperava. Os dias se passaram até que chegou o fim de semana, e ela não tinha se dado ao trabalho de me dizer um mísero "bom-dia" ao cruzar comigo no corredor da escola. Foi horrível ficar sem conversar com ela esses dias, mas de jeito nenhum eu daria o braço a torcer e pediria desculpas. Não tinha feito nada de errado! Ela, que nem conhecia Karen, já foi insinuando um bando de besteira! Como Jenny era uma bela de uma cabeça-dura, não ia admitir tão cedo que tinha ficado com ciúmes.

Era sexta-feira, o dia em que Karen apareceria no programa. Fiquei curiosa para ver como seria sua personagem – provavelmente não seria grande coisa, afinal não deixava de ser *Boston Boys*, mas mesmo assim seria divertido vê-la na TV – e pela primeira vez realmente senti por vontade própria para ver a série. Assim como qualquer ser humano que convive diariamente comigo agiria, Mary achou aquilo muito estranho.

– Posso saber por que você tá sentada aqui, a essa hora? Eu não vou mudar de canal.

– Eu sei. Eu vou ver *Boston Boys* mesmo.

Mary arregalou os olhos.

– Ronnie, você tá bem? – ela colocou a mão na minha testa.

– Tô, sim! Eu só quero ver o episódio de hoje, qual é o problema?

– Nada… – ela virou-se para a TV, ainda achando aquilo muito estranho. Não dava para culpá-la.

Começou a música de abertura que Mary fazia questão de cantar sempre. Respirei fundo e tentei ao máximo não tapar os ouvidos e sair de lá a jato.

A primeira cena que começou a passar no programa me pareceu muito familiar. Familiar até demais. O cenário parecia muito com o salão do Four Seasons. Tinha várias pessoas conversando e jantando, todos vestidos muito chiques. As mesas também tinham enfeites de lírios… brancos!

No meio do salão, duas pessoas dançavam uma valsa. Um confiante, a outra

destrambelhada. A câmera focou no rosto de ambos, e pude confirmar que o garoto loiro era Mason. E ele dançava com… Karen? Era ela, dava para reconhecer aqueles cabelos ruivos gigantes e ondulados. Mas por que ela usava um vestido tomara que caia azul turquesa? E por que ela tentava acompanhar os passos dele totalmente sem graça e sem jeito?

De repente, os dois pararam de dançar. Karen parecia meio hipnotizada. Aquilo estava me deixando cada vez mais desconfiada. E foi nesse momento em que eu ouvi algo que DEFINITIVAMENTE ouvira antes.

– *Ronnie?*

– *Hã?*

– *A música já parou.*

– *Ah!*

Arregalei os olhos.

O que diabos era aquilo? Estavam filmando secretamente a minha vida e me substituindo por outra garota?

– Não era essa a tal menina que você queria ver? – Mary perguntou.

– Era… – falei, ainda de queixo caído.

– Mas isso aí que passou não tinha acontecido com você ao invés dela?

– Tinha.

– Então… A personagem dessa garota é você! – ela concluiu. Demorou um pouco, mas ela captou o espírito da coisa.

Levantei do sofá.

– Isso é algum tipo de brincadeira? Mary, temos que ir pro estúdio AGORA! Eu não vou deixar isso barato!

– Eu também vou? – ela pareceu alegre.

– Claro! Por dois motivos: primeiro, não posso te deixar sozinha em casa. Segundo, o Ryan deve estar lá.

Mary deu um pulo e ficou de pé.

– O que a gente tá esperando? Vamos logo!

Peguei as chaves de casa, tranquei a porta e corri com Mary até o ponto de ônibus.

A equipe de mamãe devia estar decidindo algumas coisas para o próximo episódio, mas provavelmente fora interrompida quando dois seguranças abriram a porta.

Eram daqueles bem fortões, que conseguiriam segurar um elefante com uma mão só. Um deles me segurava pelos braços, e o outro segurava Mary. Nossos pés não tocavam o chão.

– Me larga! – gritei, sacudindo as pernas. – Eu já disse, meu nome é Ronnie e eu sou filha da Susan! Não sou uma fã alucinada! Que droga, eu quero um advogado!

– Depois sou *eu* quem faz escândalo… – Mary falou, sem fazer esforço nenhum para se soltar, apoiando os cotovelos no braço do segurança.

– Ronnie! – mamãe levantou em um pulo de sua cadeira. – O que é que você está fazendo?! Ed, Bob, podem soltá-las, são minhas filhas.

Os dois nos colocaram no chão.

– Qual é o problema? – mamãe caminhou até nós. – Aconteceu alguma coisa?

– Eu vou te falar qual é o problema! – gritei, revoltada. – Desde quando *eu* estou no programa?!

Mamãe e Marshall se entreolharam. Ela mordeu os lábios, provavelmente tinha concordado feliz da vida com tudo isso e achava que eu nunca ia perceber. Eu não assistia ao programa mesmo.

– Ah, querida, eu pensei que você fosse gostar de aparecer na TV e tudo o mais. Não é legal?

– Não! Quer dizer, é legal quando *você* aparece fazendo um personagem! Não quando alguém faz um personagem de você! Como vocês puderam fazer isso comigo?!

– Mas minha flor, fizemos isso porque te adoramos! – Marshall falou, com os olhos brilhando. – Sua história tem potencial para uma ótima personagem! Você vai ver, vão adorá-la!

A vontade de matar aquele maníaco cresceu em mim de maneira tão absurda que eu tive que dar alguns passos para trás e respirar fundo para não voar no pescoço dele. Minha semana já tinha sido um inferno por eu estar brigada com minha melhor amiga; a vergonha de ter dançado mal com Mason voltou à tona com toda a força, e aquele idiota ainda queria que eu aceitasse tudo aquilo com um sorriso de orelha a orelha?

– Isso não é justo! Vocês não têm o direito de fazer isso sem antes consultarem a m…

De repente, antes que eu pudesse terminar de dar a bronca naqueles dois pseudoadultos, Karen apareceu entre mamãe e Marshall.

– Vem cá, Ronnie, deixa que eu te explico tudo.

Pelo menos Karen me impediu de dar um soco naquele diretor. Acalmei-me um pouco quando ela segurou meu braço, já que dela eu esperava que saísse algo convincente. Saímos da sala onde eles estavam e fomos até a sala em frente – onde os garotos gravavam, mas o cenário estava todo desmontado – para conversarmos em particular.

Antes que eu pudesse desabafar, ela foi a primeira a falar:

– Olha só, o Marshall adorou você, sua vida, e achou interessante uma personagem assim no programa. Os roteiristas concordaram com a ideia e criaram a Ronnie. É aí que eu entro. Eu faço você, agora. Eu sei que…

– Mas Karen! – não a deixei terminar. – Isso não é justo!

– Argh! – ela bateu o pé. – Será que dá pra você parar de reclamar por um minuto? Meu Deus, como eles conseguem te aguentar?! Você é insuportável, sabia?

Arregalei os olhos, assustada. O que tinha acabado de acontecer?

– De todos os papéis que eu já fiz na vida, esse é com certeza o pior de todos. Eu não entendi por que o Marshall gostou tanto de você! Uma garota chata, sem graça, reclamona, e ainda por cima com uma vidinha xexelenta!

– Karen… O que está acontecendo?

– Sabe o que está acontecendo? Eu cansei de te aturar. Vou fazer seu papel idiota quer você goste ou não. E não é uma perdedora feito você que vai me impedir de fazer sucesso.

Ok. Agora eu estava ainda mais assustada. Parecia que algum espírito maligno tinha tomado conta do corpo dela.

– Por que você está assim? No jantar você foi tão legal comigo, você foi tão simpática! Parecia tão interessada em saber sobre a minha vida!

– Fofa, abra os olhos – ela deu um riso de escárnio. – *Quem* se interessaria tanto em saber sobre a *sua* vida? Aquela noite foi um sufoco, isso, sim! Eu estava contando as horas para que acabasse.

– Então você estava fingindo gostar de mim?

– Atrizes não fingem. Elas *atuam* – ela disse, em um tom superior. – Eu precisava saber como você era para ficar realista na série.

Eu me senti usada e idiota. Uma perfeita idiota que foi completamente usada. E pior, fiz exatamente como ela planejou. Caí direitinho.

– Então foi por isso que Mason dançou comigo…

– Ah, querida, você pensou que ele foi por livre e espontânea vontade? Acorda!

Não devia me importar tanto com aquilo, mas a raiva ferveu nas minhas veias. E ela ainda completou:

– E é melhor você parar com esse seu showzinho, porque se eu acabar saindo do programa por *sua causa*, não vou poder mais ver o Mason, ao contrário de você, que vai poder vê-lo todos os dias, já que ele *mora com você* – ela disse isso com raiva. – Ah… E se isso acontecer, eu juro que vou transformar a sua vida num *inferno*.

Não sabia o que dizer. Fiquei congelada. Minha esperança de mudar minha imagem para as outras garotas havia acabado. Karen tinha me passado a perna. E, pior, agora ela faria parte desse mundo tanto quanto Mason. Agora de fato meu pior pesadelo tinha se realizado. E eu era a pateta que não percebeu o que tramavam debaixo do meu nariz, esse tempo todo.

Eu queria gritar, dizer a ela o quando aquilo me magoara, mas nenhum som saía da minha boca.

– Agora dá licença – Karen saiu andando, sem deixar de esbarrar no meu ombro de propósito. Eu me senti uma formiguinha pelo resto do dia.

Meu humor tinha entrado em escala negativa no dia seguinte. Não queria ver ninguém, conversar com ninguém, apenas me enrolar em um cobertor e morrer. O vídeo de Henry não se comparava ao abatimento que a traição de Karen me trouxe.

Mas Mason, do jeito que era, obviamente não percebeu meus sinais de "não me incomode hoje" e, claro, não deixou de gritar com toda a força de seus pulmões o nome de sua escrava particular.

– Roooooonnie!

Desci as escadas em silêncio, fui andando e resmungando até a cozinha e peguei um copo de limonada.

Assim que cheguei na sala, deixei o copo cair e quebrar. Não podia ser. Não podia ser *ela*, sentada no sofá da *minha* casa, ao lado de Mason, grudada nele e toda sorridente.

– Oi – ela acenou para mim, com um sorrisinho satisfeito.

– Karen… – meu rosto empalideceu.

– Ronnie, olha só o que você fez! – Mason brigou. – A Suzie vai ficar uma fera!

– Eu vou limpar… – falei, não acreditando na cena que estava vendo. Meus joelhos tremiam tanto que eu senti que iria desabar a qualquer momento.

– Aproveita e me traz outra limonada.

– Ah, e eu gostaria de um chá gelado, se não se importa – Karen disse.

– Claro… – procurei não olhá-la nos olhos. Eles eram tão lindos e cheios de veneno que eu me senti na presença de uma serpente. – Mason, você podia vir aqui, por favor?

– Ronnie… – Mason falou, sem paciência. – Não é assim que as coisas funcionam. *Você* pega a limonada e *eu* espero no sofá.

– Não se esqueça do gelo – Karen comentou.

– Mason… – insisti. – Vem aqui POR FAVOR?

– Ronnie… – ele se afundou no sofá, preguiçoso.

– MASON!

Ele se assustou. Pelo menos uma coisa eu tinha herdado de mamãe, sua pronúncia severa dos nomes. Mason deu um salto e correu até a cozinha.

– Fala, o que houve?

– O que esta *pessoa* está fazendo na minha casa?

– Qual é o problema?

Que raiva. Que raiva. Não podia contar para ninguém sobre essa natureza perversa da Karen. Eu era patética mesmo. Estava realmente com medo da ameaça dela. Nem a ameaça de Piper, quando nos conhecemos, mexeu tanto comigo. Pelo menos ela tinha deixado claro que me odiava desde o primeiro dia. Com Karen foi diferente, ela conquistou minha confiança para depois arrancá-la à força.

– Eu só não quero ela aqui em casa!

– Por quê? – ele me olhava assustado.

– Por favor, leva ela pra algum outro lugar! Qualquer lugar!

– Tá. Mas sério, qual é o problema?

Ah, que vontade de gritar tudo que estava preso na minha garganta.

– Por favor – suspirei, de cabeça baixa. – Só faz o que eu tô pedindo.

– Tá bom, tudo bem – ele pôs a cabeça para fora da porta da cozinha.

– Ei, Karen, vamos sair pra tomar um sorvete? Parece que a Ronnie tá meio enrolada ali.

– Tudo bem – ela andou até nós e segurou o braço dele. – Tchauzinho, Ronnie.

Esperei os dois saírem para pegar uma almofada e abafar meu grito. Ainda não acreditava que tinha sido enganada por aquela megera. Mesmo com aquela falsa saindo da minha casa, ainda me sentia chateada, incomodada. E era óbvio o porquê.

O pior de tudo aquilo era que eu tinha sido avisada. Eu tive a chance de pular

fora antes de ser enganada, mas não dei ouvidos à única pessoa com quem eu sabia que poderia contar sempre: Jenny.

Com o rabinho entre as pernas, peguei meu celular e disquei lentamente o número dela. Respirei fundo, levei o aparelho ao meu ouvido e esperei que ela atendesse. Será que ela ia me atender ou ia ver meu número e ignorar? Será que ela diria "eu avisei" naquele tom de reprovação, fazendo com que eu me sentisse um lixo? O tempo que aqueles toques no telefone duravam parecia uma eternidade. Mas de repente…

– Alô?

Fiquei muda. Como diria para ela tudo o que estava sentindo? Ela era a única com quem eu podia me abrir. Estava tão arrependida de tê-la tratado daquele jeito que me enrolei totalmente com as palavras. A única coisa que consegui dizer, e ainda bem baixinho, foi o seguinte:

– Você tinha razão.

Ouvi um suspiro vindo do outro lado da linha. Já estava pronta para levar o maior sermão, mas em vez de fazer isso ela disse suavemente: – Como você está?

Meu queixo tremeu.

– Hã…

– Apareço aí em dez minutos – e ela desligou.

Limpei a bagunça que tinha feito com os cacos de vidro no chão, e assim que terminei de lavar as mãos, ouvi o barulho da campainha. Abri a porta e lá estava ela, minha melhor amiga, me olhando, não com raiva, mas com pena.

– A modelo te passou a perna, não foi?

Assenti com a cabeça e, sem pensar duas vezes, abracei Jenny com toda a força.

– Desculpe. Eu fui uma idiota.

– Foi um pouquinho – ela riu levemente, afagando meu cabelo. – Mas vamos deixar isso pra lá.

Eu me desvencilhei dela e abri caminho para que ela entrasse em casa.

– Eu preciso fazer alguma coisa pra compensar o jeito como eu te tratei, Jen…

– Não precisa, boba – ela sorriu.

– Precisa, sim! – insisti. – Por favor, Jen. Me diz, o que eu posso fazer por você?

– Ronnie…

– Por favor – disse, totalmente séria.

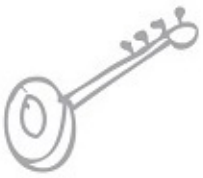
Vencida pelo cansaço, ela adquiriu uma expressão pensativa.

– Qualquer coisa mesmo? – ela disse, despertando sua curiosidade. Se fosse um cachorrinho suas orelhas estariam em pé nesse momento.

– Sim.

Pude perceber o exato momento em que Jenny decidiu sua condição, porque de repente ela abriu um sorriso animado: – Eu quero ir ao estúdio conhecer Henry e Ryan!

CAPÍTULO 9



– Aaaaaahh! Cuidado, Jen! – gritei, me segurando no pegador do carro. Além de ser recém-habilitada, Jenny não era exatamente a melhor motorista do mundo. O carro deu um pulo quando passou por um quebramo-las sem reduzir a velocidade.

– Relaxa, Ronnie! Tá com medo? – ela falou, despreocupada.

– Pra falar a verdade, eu tô, sim! De acordo com certa lei, você está *um pouco* acima da velocidade!

– Não se preocupe, tá tudo sob controle! – de repente, ela entrou numa curva fechada, quase batendo num Prius. – Sua topeira! Não aprendeu a dirigir, não?! – ela gritou para o motorista e buzinou umas quatro vezes seguidas.

– Ai, meu Deus… – me afundei no banco, cobrindo o rosto.

Depois de um tempo, ela resolveu parar de brincar com meu pobre coração frágil e reduziu um pouco a velocidade.

– Desculpa estar te assustando, é que é difícil dirigir devagar estando tão animada!

Era de se esperar. Estávamos indo para o estúdio naquele momento.

Essa tinha sido a condição de Jenny para me perdoar pelo jeito como a tratei por causa da história com Karen. Não podia voltar atrás, mesmo tendo um pressentimento ruim.

Convencer mamãe a levá-la foi moleza, só pelo fato de eu não estar indo ao estúdio obrigada já a deixava bastante satisfeita.

Paramos em um sinal vermelho e eu abri a janela do carro para tirar um mosquito que tinha entrado. Antes de fechá-la, escutei uma voz conhecida gritando

ao meu lado:

– Adams!

Olhei para a direita e quase enfartei. Lá estava Piper Longshock, no banco de trás do táxi ao lado, com metade do corpo para fora da janela. Desesperada, fui girando a manivela o mais rápido que pude, mas a desgraçada resolveu emperrar bem na metade. Droga, por que Jenny ainda não tinha consertado aquela porcaria?

– Diga que não está me seguindo… – choraminguei.

Como sempre, ela ignorou o que eu disse e partiu para seu questionário:

– Estava voltando do local onde fica o estúdio e dei de cara com *você*!

Você não pega essa rota normalmente. Não me diga que está indo lá fazer uma visita, está? – ela disse, vermelha de raiva.

Ah, certo, ela fez sua perseguição matinal, descansou um pouco e depois voltou para a da tarde. Por que aquele maldito sinal não ficava verde logo?

– Só vamos ao McDonald's, sua doente! – agora estava quase arrancando a manivela tentando fazer subir a porcaria da janela.

– Ah, claro! Acha que eu nasci ontem?

Nesse momento, Jenny tirou seu cinto, passou por cima de mim e pôs a cara para fora: – Mas nós vamos mesmo. Se não acredita, pode nos seguir.

Encarei-a confusa.

– Nós vamos? – cochichei. – Eu pensei em qualquer coisa pra despistá-la.

Ela mostrou meu celular. Nossa, que precisão. Tinha acabado de receber uma mensagem de mamãe que dizia para eu e Jenny fazermos um *pit stop* porque estavam todos famintos, e embaixo uma lista de lanches que eles queriam.

– Nós vamos! – virei para Piper com um sorrisinho amarelo.

– Hmpf. Está bem, então – ela encostou no banco e fechou sua janela. Finalmente a desgraça do sinal ficou verde, e pudemos seguir nosso caminho. Aparentemente ao drive-in.

Enquanto entrávamos na fila, pude ver o táxi de Piper entrando no estacionamento. Ele ficou lá por uns cinco minutos, depois deu meia-volta e foi embora. Oh, mãe, muito obrigada por fazer os garotos passarem fome e só às três e meia da tarde pedir para nós buscarmos seu almoço!

– O que desejam? – a funcionária falou quando chegou nossa vez.

– Fala aí, Ronnie. Você conhece eles melhor do que eu pra saber o que querem – Jenny piscou. Volta e meia ela gostava de soltar essas piadinhas sem graça.

Dei um riso irônico e me aproximei da janela do motorista:

– Boa tarde. Eu quero… – lembrei rapidamente da mensagem no celular que eu já tinha deletado. – Três Big Macs… Todos com Coca-Cola média e batata média. Hã, um McFish com um suco de uva pequeno, sem batata. Ah, mais um Big Mac, também com Coca e batata média. Hmm… Uma caixa com seis McNuggets com Coca pequena, um McChicken com Sprite e batata pequenos. Hã… Acho que falta mais um Big Mac. Quantos eu já pedi, mesmo?

A pobre da funcionária digitava os lanches desesperada. Ela apagou o pedido pelo menos umas três vezes, estava tão enrolada quanto eu.

– Ai, deixa isso comigo – Jenny falou impacientemente e virou-se para a funcionária. – Um McFish, um McChicken, uma caixa com seis McNuggets, seis Big Macs…

– Seis Big Macs? – falei. – São só quatro!

– Ah, deixa, menino come pra caramba mesmo.

– Mas…

– Shhh! Deixa eu continuar!

Suspirei. Podia ver minha mesada batendo as asinhas para bem longe.

– Seis batatas médias, quatro Cocas médias, uma Coca pequena, um Sprite pequeno, um suco de uva pequeno e… só. Ah, e um Top Sundae de chocolate pra mim – ela se virou para mim com um sorrisinho. – Não se importa, né?

– Não, claro que não… – falei, irritada.

A funcionária ainda estava um pouco enrolada, mas conseguiu entender bem melhor com Jenny falando. Ela digitou tudo e nos deu a notinha.

– Bom apetite, peguem o pedido à frente.

– Ah, não, espera aí! – falei, fazendo Jenny frear rapidamente. – Poderia trocar uma das Cocas médias por uma limonada suíça?

A funcionária me olhou com ódio e digitou no computador outra vez.

– Não tem limonada suíça – ela disse, amarga. – Serve a americana? Jenny prendeu o riso.

– Hã… Tudo bem. Eu falo para ele que é suíça. Obrigada. E desculpe pelo… – vi que nada que eu dissesse iria melhorar o humor dela. – Hã… Deixa.

Ela nos entregou novamente a notinha.

– Bom apetite, peguem o pedido à frente.

Jenny andou até a outra cabine.

– Vão cuspir no meu McChicken… – falei, desanimada. Eu realmente não levava jeito com pessoas.

– Com certeza – Jenny falou, rindo.

Paguei o pedido, pegamos os lanches e saímos.

Chegamos no prédio do estúdio – eu realmente queria saber o que tinha nos outros andares, porque aquela construção não era gigante, mas também não era pequena – e Jenny estacionou na esquina. Saí com as mãos cheias de sacolas de papel do McDonald's e fomos andando até a entrada, até que fomos barradas por um dos seguranças.

– Nome, por favor.

– Ronnie Adams – falei, tentando equilibrar os refrigerantes. – A filha da Susan, não me reconhece?

– Hmm… – ele me olhou de cima a baixo. – Ah, sim, Ronnie, claro!

– Ah, obrigad… – ia andar, mas fui barrada de novo.

– Boa tentativa. É a quarta Ronnie Adams que aparece aqui hoje – ele foi me empurrando para longe da entrada.

Só depois de dar uma boa olhada eu percebi que não era o mesmo cara da última vez, aquele que me carregou pelos braços enquanto eu dava meu pequeno ataque de pelanca. Maldito rodízio de funcionários! E, pior, dessa vez nem me mover para impedir de ser expulsa eu podia, porque senão seria hambúrguer e refrigerante para todo lado.

– Não, espere! Sou eu mesma!

– É claro que é – ele disse, nada convencido.

– Não, é sério! Eu estou com a minha identidade aqui! Eu só não consigo pegar… – e estava bem claro para ele que minhas mãos estavam ocupadas!

– Ótima desculpa. Vá andando, por favor.

Que raiva desse homem! E nem passou pela sua cabeça agir como um cavalheiro e segurar aquele monte de lanches enquanto eu abria a droga da carteira e pegava minha identidade para provar quem eu era! O que que ia custar? No máximo dois minutos da sua vida!

– Sou eu, juro! – falei, desesperada e me desequilibrando.

Felizmente, nesse momento, Mason abriu a porta do prédio, e nos avistou.

– Ronnie, é você?

Acho que nunca ficara tão feliz em vê-lo durante todo o tempo que nos

conhecemos.

– Ah, graças a Deus! Você poderia falar pro segurança que sou eu mesma?

– Hm… – ele levou a mão ao queixo. – Não reconheço, não.

– O QUÊ?!

– Brincadeira. Libera ela aí, Mike – ele riu.

– Sim, senhor – o segurança tirou o braço da minha frente, depois apontou para Jenny que estava atrás de mim. – E essa outra garot…

Antes que ele pudesse completar a palavra, Jenny já tinha corrido pra fora do carro e agora estava plantada na frente de Mason. E o pior de tudo: as sacolas que ela estava segurando, tinha jogado pra mim! Por um triz aquilo não se tornou um desastre alimentício.

– Oooi!

– Hã… Pode liberar ela também – Mason falou.

Os dois foram caminhando para a entrada, me ignorando completamente. Resolvi chamar a atenção deles: – EI! Será que alguém pode me ajudar? – falei, aquele peso extra estava me fazendo quase cair.

– Ah, claro.

Mason caminhou até mim e procurou entre os refrigerantes. Quando achou sua limonada, pegou-a, virou de costas e voltou a andar.

– Vem cá, eu gostaria de *um pouco mais* de ajuda! – fui ignorada. – Você não tem nada pra dizer, não?

– Ah, sim – ele falou, dando um gole no seu copo. – Eu tinha pedido uma limonada suíça, mas tudo bem. Eu deixo passar dessa vez.

Ah, cretino. Que vontade enorme de largar tudo aquilo no chão. Só não fiz isso porque seria *meu* dinheiro jogado fora. Corri até o elevador, antes que os dois me deixassem para trás.

Assim que abri a porta, eles pararam tudo o que estavam fazendo e aqueles pares de olhos famintos me encararam como se não comessem há semanas. Fui atacada.

– Comiiiiiiida! – Marshall falou, emocionado, dando mordidas grandes em seu Big Mac.

Vi que ninguém ia me ajudar a levantar porque ninguém estava dando a mínima para mim, só se importavam com seus lanches. Até Henry, que se autodenominava meu "príncipe num cavalo branco", estava ocupado demais engolindo seu

sanduíche quase de uma vez só. Tive que levantar sozinha e ajeitar a roupa amarrotada e, graças aos trogloditas, suja de ketchup.

– Ronnie! – Jenny resolveu notar a minha existência novamente. – Vem cá, você não vai me apresentar a eles, não? – ela disse, dando pulinhos.

Que graça. Eu sabia que ela não tinha ido até mim para me ajudar.

– Tudo bem… – falei, tentando limpar a sujeira da minha camisa branca. – Meninos?

Ryan e Henry olharam para mim, com praticamente metade do hambúrguer na boca.

– Eu gostaria de apresentar a minha amiga. Jenny, esses são Henry e Ryan.

Jenny acenou para eles dando pulinhos e com um sorriso de orelha a orelha.

– É uma honra conhecer vocês! – ela disse, inquieta.

– É um prazer, Jenny… – Ryan disse, depois de engolir, com um sorriso simpático.

– Sabe… – Henry disse, olhando-a de cima a baixo e colocando duas batatas na boca. – Se a Ronnie já não tivesse ocupado meu coração eu poderia facilmente gamar em você – ele piscou.

Jenny deu um risinho e colocou uma mecha de seu cabelo cor de mel para trás da orelha. Revirei os olhos.

– Agora que as apresentações foram feitas e a comida foi entregue, podemos ir, certo?

– O quê? – Jenny falou. – Não! Eu quero ficar! Quer dizer, tem problema se eu ficar, tia? – ela perguntou à mamãe.

– Claro que não, Jenny! Fique aqui! E Ronnie, fique também, deixe de besteira!

Mason revirou a sacola do McDonald's, procurando uma batata, e achou uma caixinha fechada.

– Pra quem é esse McChicken?

– Ah! – puxei da mão dele. – Eu estava com um pouco de fome e ia comer no carro!

Mamãe riu.

– Sei… Você está pedindo pra ficar, querida.

– Não tô nada! – o sangue subiu às minhas bochechas. – Qual é o problema de eu ter pedido um sanduíche pra mim?

– Ah, chega. Que coisa – Mason reclamou. – Fica aqui logo, para de drama. E

fecha a porta pro ar-condicionado não sair.

Vi que nada nesse mundo ia tirar Jenny de lá, então sentei junto a eles emburrada e comi meu McChicken.

Dez minutos depois, abriram novamente a porta do estúdio.

– Olá, lindinhos! Sentiram minha falta? – era Karen, que usava um vestido esvoaçante verde-claro e segurava uma sacola de um restaurante chamado Salad Mix. Ao ver Jenny e eu, seu sorriso desapareceu. – O que você está fazendo aqui?

– A modelo… – Jenny disse, atrás de mim, e parecia que uma aura pesada tinha pairado sobre ela.

– Oi pra você também – falei, irônica. Só sua presença me fez inflar as narinas. – Sente-se junto com a gente, sua presença é *tão* agradável…

– Hmpf – ela passou direto por nós, sentou-se ao lado de Mason e pegou na sacola seu potinho de salada.

– Ei – eu realmente não queria nem me dirigir a ela, mas nesse caso era necessário. – Você não tinha pedido nuggets? Eu comprei!

– Ah, mudei de ideia. Essa comida é muito gordurosa – ela tirou de uma embalagem de papel reciclado um garfo e uma faca.

Que legal, além de ter feito tudo aquilo comigo, para completar me fez gastar dinheiro à toa. Bufei. Garota nojenta. Mas não queria criar confusão – até porque se fosse tirar satisfação ia acabar revelando o que ela tinha feito –, então tentei deixar pra lá. No entanto, minha amiga, que já estava quase espumando pela boca somente por estar na presença da garota que foi cruel comigo, resolveu levantar e comprar briga.

– Podia ter avisado, né? – ela foi ignorada. – Ei! Você não tem educação, não?

Ao ouvir isso, Karen se virou.

– Como é?

– Eu perguntei se você não tem educação! Fez a Ronnie gastar o dinheiro dela de propósito? Que coisa mais imatura!

Ao ver aqueles olhos verdes arregalados, percebi que o que viria em seguida não seria bonito, então tentei melhorar um pouco as coisas.

– Não, tudo bem. Nem foi caro. Deixa pra lá, Jen…

– Não! – Jenny continuou. – Essa garota tem que aprender! Não pode deixar ela te sacanear assim, Ronnie!

Todos da mesa pararam de comer para observar a discussão, um tanto

assustados. Não podia fingir que não estava gostando de ver Karen sendo peitada, mas não podia perder o bom senso.

– Escuta aqui, quem você pensa que é pra falar assim comigo? – Karen gritou, e se levantou tão rapidamente que suas pulseiras prateadas cheias de badulaques ficaram fazendo barulho.

– É, meninas… – mamãe tocou o ombro das duas, também numa tentativa inútil de melhorar tudo.

– Eu sou um ser humano, assim como você! – Jenny se levantou também. – Pare de se achar superior às outras pessoas! – ela apontou o dedo na cara de Karen. Iiiih, isso não ia dar certo.

– Não aponte o dedo pra mim! – Karen deu um tapa na mão de Jenny, que arregalou os olhos.

– O que você acabou de fazer?

– Tem muito mais de onde esse tapa veio!

– Gente… – falei, apreensiva.

– Ah é? – foi a vez de Jenny de agredir. Ela empurrou Karen.

– Não me empurre! – Karen a empurrou de volta.

– Não *me* empurre!

– Briga de mulher… – Henry falou, animado.

E começou. As duas começaram a se estapear e se engalfinhar no chão, uma xingando a outra de bruxa, vaca, essas coisas.

– GENTE! – tentei me meter entre as duas, mas não deu certo. Acabei levando uma tamancada na cabeça.

– Ai, meu Deus! – dessa vez mamãe resolveu apartar. – Meninos, me ajudem! – e me puxou para fora da briga.

Ryan agarrou Karen pelos braços e a puxou para trás, enquanto Mason segurou Jenny, que se debatia.

– Você tem sorte por ainda estar conseguindo andar, sua convencida!

– Jenny gritou.

– Sua monstra! Me fez quebrar uma unha!

– Patricinha!

– Machona!

– Anoréxica!

– Horrorosa!

– JÁ CHEGA!!!! – mamãe soltou um daqueles seus gritos estridentes, fazendo as duas se calarem. Depois ela massageou as têmporas. – Olhem só, o certo seria que eu mandasse as duas para fora do estúdio por esse comportamento! Mas não posso fazer isso com a Karen, ela precisa gravar agora. Desculpe Jenny, mas é melhor que você se retire.

– O quê?! – ela gritou, indignada.

– Há! – Karen lhe deu língua, fazendo pose de vitória.

– E a senhorita… – mamãe se virou para Karen. – Pare com isso agora, senão ligo para seu pai!

A ameaça foi boa o bastante para tirar o sorriso vitorioso de Karen, mas foi só mamãe dar as costas que ela começou a fazer caretas para Jenny.

– Mas tia…

– Jenny. Por favor – mamãe disse, séria, mas dava para ver que ela não estava gostando nem um pouco daquilo. Jenny era quase uma filha postiça para ela.

Jenny desistiu. Foi andando até a porta olhando para o chão.

– Desculpe pela confusão, tia. Pode deixar, eu não volto mais aqui.

Acho que depois daquilo, ela não ia mais poder entrar lá mesmo.

– Eu vou com ela. – andei até Jenny e ninguém protestou nada, nem tiveram coragem de dizer para eu ficar. – Ah, Jen! Que tal a gente levar os nuggets? A Karen não vai comer mesmo…

Jenny encarou a caixa de nuggets com ódio, mas a pegou mesmo assim.

– Eu só vou comer por dois motivos: primeiro, a Ronnie comprou com o dinheiro dela e não é justo ninguém comer.

– Eu posso comer, sem problemas… – Ryan comentou, mas levou uma cutucada de Mason e ficou quieto.

– E segundo: aquele sundae não me satisfez – dito isso, ela pegou um nugget inteiro e enfiou na boca.

Jenny saiu comendo os nuggets. Eu achava que Karen tinha vencido a disputa ao não ter sido expulsa, mas parei de pensar isso assim que vi a expressão em seu rosto. Seus olhos estavam vidrados na caixinha de nuggets que Jenny comia rapidamente, ela estava praticamente babando. É típico dessas atrizes não comer nada gorduroso, e parecia que Karen não ingeria umas boas calorias há séculos. Realmente, não tinha preço ver aquela cara.

Dei um risinho. Jenny não entendeu:

– O que foi?

– Hã? Nada não – dei uma última olhada para trás. – Tchauzinho, Karen – acenei, e nós duas saímos, com a cabeça erguida e os nuggets na mão.

Infelizmente, aquele conflito não havia se encerrado. Pelo contrário, Jenny e eu não sabíamos do que Karen era capaz, e muito inocentemente ainda não acreditávamos que seu poder de influência chegaria até nós.

CAPÍTULO 10



Agora não só tinha que me preocupar em ser linchada diariamente pelas garotas da escola, mas também em conter a fera que Jenny virava toda vez que via Karen. E, pior, ela havia se tornado a sensação do momento! Saía em todas as revistas, as meninas a admiravam, até Piper Longshock tirava o chapéu para ela! Odeio admitir, mas Karen tinha um carisma natural, ela exalava liderança e glamour com aquelas roupas e cabelo estilosos, além de ter a maior moral de ser a "Boston Girl". Não dava para entender porque as meninas a amavam e me odiavam, quer dizer, nós duas conhecíamos os garotos. Mas ela era ruiva, linda e poderosa e eu… Bem, era eu. Pois é, ser artista tem suas vantagens.

Mas quando eu achava que as meninas finalmente tinham resolvido me dar um pouco de sossego, tudo foi por água abaixo. Tinha conseguido passar o início da semana sem ninguém no meu pé, parecia que havia ganhado minha vida normal de volta. No entanto, já na quinta-feira, tudo se acabou.

Cheguei na escola e avistei uma multidão animada rodeando alguém no meio dos armários, impedindo qualquer um que passasse.

Meu Deus, elas ainda estão fazendo isso? Já se passou um mês! , suspirei, e tentei passar por umas meninas mais magrinhas.

Mas foi aí que ouvi alguém gritar algo que chamou minha atenção.

– Karen! Eu te amo!

Parei no mesmo instante. Não, não podia ser verdade. Aquela *criatura abominável* tinha se infiltrado na nossa escola? Ah, não, tudo menos isso!

Mas era tarde demais. Minhas preces não foram atendidas. Reconheci no meio

do monte de gente a voz *dela*. Aquela voz de sereia que está te seduzindo, mas que vai te devorar quando você menos esperar. Não tinha dúvidas.

– Ah, gente, vocês são tão fofas! Obrigada pelo carinho!

– Argh – Jenny, que tentava passar comigo, fez cara de nojo. – O que essa nojenta tá fazendo aqui? Será que não aprendeu a lição no outro dia?

– Pelo visto, não – suspirei.

– Mason! É verdade que você se declarou pra Karen um dia quando estavam gravando? – ouvi alguém gritando.

Tropecei em uns cinco pés ao ouvir isso. HEIN?!

– Aff! De onde diabos essa gente tira isso? – Jenny bufou.

Mas continuei atenta à multidão, quem sabe alguém dizia algo realmente útil?

– Vocês estão juntos?

– Devem estar!

– Nós sempre vemos vocês juntos em fotos!

– Vocês são perfeitos!

– Por favor, digam se estão namorando!

Finalmente Karen disse alguma coisa.

– Isso é um segredinho nosso – ela deu um risinho.

E foi aí que os berros começaram. O corredor tinha literalmente virado uma selva. Parte de mim queria cair fora de lá o quanto antes, mas outra parte queria ficar só para ouvir se Mason seria sensato o bastante para dizer que não estava rolando nada entre eles.

Depois de um tempo, a diretora apareceu para abafar a confusão. As alunas rapidamente se afastaram do montinho, deixando Mason ir para a sala e Karen caminhar para fora da escola. Maldita! Tinha vindo para cá só para causar alvoroço. Onde ela pensava que estava, numa boate?

E o pior disso tudo era que além de Jenny, eu não encontrava ninguém que pudesse me ajudar a desmascarar essa fingida sem que eu me prejudicasse. Todos a amavam, eu estava completamente sem reforço algum.

Ou era o que eu pensava.

Eu nem imaginava que estava prestes a conhecer uma das únicas pessoas que estavam no *meu* time. Estava quase desistindo de lutar, mas as coisas melhoraram consideravelmente para o meu lado quando *ela* apareceu. Eu tinha ganhado uma vantagem: a opinião dessa pessoa valia mais do que a de todas as garotas da escola

juntas. E também, ao contrário das minhas colegas, essa pessoa tinha realmente uma influência sobre Mason.

••••

No dia seguinte ao grande acontecimento de Karen ter ido à escola e ter começado aquele boato ridículo, quando eu voltei para casa, ouvi a voz da mamãe vindo da cozinha.

– Ronnie, pode ver os recados na secretária, por favor?

Uma luzinha vermelha piscava ao lado do telefone, então tinha recado, sim. Apertei o botão e ouvi:

– Mason, Suzie, queriiiiiiidos! – era uma voz feminina. – Liguei para avisar que meu voo vai chegar aí por volta das três. Mil beijos, até lá! Estou com saudades!

"Você não tem mais nenhum recado" *,* a voz grossa do aparelho disse.

– Mãe, quem está vindo pra cá?

Mamãe apareceu na sala com um uma banana meio descascada que ela pegara na cozinha.

– Ué, eu não te falei? – ela respondeu.

– Não.

– É a Lilly quem está vindo, filha!

Ah, claro, agora eu sabia quem era.

– Quem é Lilly?

– Lilly McDougal. Eu nunca falei dela pra você?

– Hmmm… Se você falou eu não estava prestando atenção – respondi, com a maior sinceridade.

De repente, ouvimos pisadas fortes de chinelos descendo as escadas.

– É a minha mãe! – Mason disse, impaciente, agora parado na nossa frente.

– Ah, sério?

Eu me lembrei da primeira noite que passei sozinha com ele, lavando as roupas. Lembro que quando eu perguntara da sua família, ele abaixou a cabeça dizendo que não queria falar sobre isso. Com aquele recado na secretária eletrônica dava para perceber que o problema não era com a mãe.

A questão era, por que ela não tinha se mudado com ele?

– É, superlegal – ele disse, desanimado.

– Qual é o problema?

– É que minha mãe é meio pirada. Sempre quis me arranjar uma namorada, mas de acordo com ela "não existe ninguém a altura pra mim".

Oh, de onde será que esse ego gigantesco teria vindo? Agora já tenho a resposta, pensei.

– Ela não gosta de garotas à minha volta assim tão facilmente.

– Nossa… – coitada da futura nora dela. Seria esse o motivo de Mason ter vindo morar com a gente? Não, não podia ser…

– Pois é.

Não aguentei mais. Precisava perguntar.

– Ela mora em Los Angeles?

– Mora, por quê?

Hmm, então eles deviam morar juntos. Mas o principal ainda não havia sido respondido. Ela não era uma mãe desnaturada ou coisa do tipo, certo?

Não… Se fosse, mamãe não ofereceria a nossa casa de braços abertos assim.

– Nada não.

Mason me olhou desconfiado. Felizmente, mamãe tocou seu ombro antes que eu precisasse dar explicações.

– Querido, temos que ir para o estúdio. Ronnie, vamos voltar por volta de umas duas e meia, está bem?

– O quê?! Mãe, não ouviu o recado? E se a Lilly aparecer aqui?

– Não se preocupe, nós já vamos ter voltado quando ela chegar.

Ela nem me deu chance de contestar. Virou as costas e caminhou até a porta.

– Mãe, vocês não são exatamente pontuais! – segui os dois.

– Ai, filha! Está bem. Se ela chegar aqui, seja educada e avise que estamos chegando. Tenho certeza de que você não vai morrer por isso.

Falar era fácil, não era ela quem ia ficar sozinha com a mulher que odeia garotas adolescentes.

– Tchau! – ela disse, e fechou a porta.

••••

Deram três e quinze da tarde, e, óbvio, eles ainda não tinham chegado. Estava ficando cada vez mais nervosa, a ponto de não saber se ia ficar feliz ou triste se ouvisse a campainha tocando.

De repente, enquanto eu pensava nesse momento, roendo as unhas, ouvi um barulho de carro estacionando.

– Finalmente eles chegaram! – falei para mim mesma, dando pulinhos até a porta.

Mas quando a abri, não vi mamãe nem Mason. Quem saiu do táxi foi uma mulher com cara de uns trinta e poucos anos, com um cabelão loiro ondulado, vestido marrom de mangas compridas, escrito Gucci bem grande, carregando uma mala Louis Vuitton e falando no celular. Lembrou aquela mulher que fazia o clipe *Stacy's Mom*, do Fountains of Wayne.

Para meu desespero, ela não estava com uma expressão muito alegre no rosto.

– Marshall, me escute… – ela dizia, enquanto andava em direção à minha casa. Estava de óculos escuros, então não dava para ver para que lado ela estava olhando. – Eu já disse que não quero aquela tal de Ronnie perto do meu bebê! E daí se eu não a conheço pessoalmente? É meu direito de mãe! Eu estou te dizendo, essa garota é insuportável!

Pronto. Agora meu sangue, que já estava gelado com a tensão, congelou mais rápido do que se eu tivesse sido picada por uma cobra. Não dava para sair correndo de lá, ela já estava relativamente perto de mim. Acho que ela percebeu que eu a olhava morrendo de medo, porque disse:

– Marshall, eu te ligo mais tarde – desligou o celular e parou na minha frente. Tirou os óculos escuros, mostrando um belo par de olhos azuis e um sorriso… um tanto amigável? – Olá.

Olá?! Eu estava esperando uma bolsada na cara, isso sim!

– Você é a filha da Suzie, não é? Ouvi falar de você!

É claro que ouviu. . , estava suando frio. Tentei disfarçar o máximo possível.

– Sim, sou eu – *respira, Ronnie. . Essa mulher não seria capaz de cometer um homicídio em plena luz do dia.*

– Muito prazer, eu sou Lilly McDougal – ela estendeu a mão.

Ela era mesmo mãe de Mason. Sem dúvida, era uma mulher muito bonita.

– Qual é seu nome?

Era isso mesmo? Nenhum berro, nenhuma arma de choque, nem um tapinha? Mulher esquisita… Será que era bipolar?

Mas espera aí… Então ela não me conhecia de verdade! Devia ter ouvido alguma propaganda enganosa ao meu respeito! Ah, ufa! Então tudo o que eu tinha

que fazer era não usar meu nome verdadeiro, que estaria tudo bem!

– Hã… Karen – assim que disse isso, me controlei pra não tapar a boca. Ah, droga, por que logo esse nome foi o primeiro que veio na minha cabeça?

– Bonito nome – ela disse, sorrindo. – Bem… Posso entrar?

– Claro, fique à vontade! – abri a porta e a deixei entrar primeiro.

– Karen, você percebeu que tem uma menina parada em frente à sua casa com um par de binóculos? Já estava lá antes de eu chegar.

Se não estivesse tão tensa teria caído na risada. Imagino só o que Lilly pensaria sobre a *stalker* perturbada de seu precioso filhinho.

– Sei – respondi com naturalidade. – Relaxa, ela rosna, mas não morde – resolvi mudar de assunto porque agora Lilly estava com um olhar um tanto assustado. – Aceita alguma coisa? Uma água, um suco?

– Aceito uma limonada, obrigada – ela tirou a echarpe e pôs de maneira arrumada no braço do sofá.

Nossa! Tal mãe, tal filho, pensei, enquanto andava ligeiro para a cozinha; abri a geladeira e peguei a jarra já estrategicamente preparada.

– Obrigada – ela se sentou, bebeu um gole e continuou. – E então, querida? Me conte, Mason dá muito trabalho para vocês?

Hmmm… Como é que eu responderia sem ser mal-educada? Tive que dar uma mentidinha mesmo.

– Não. Ele até ajuda a gente de vez em quando.

– Ele não é folgado?

Óbvio que é. Por acaso não conhece seu filho?

– Só um pouquinho. É que ele gosta de ficar largado no sofá gritando pra eu trazer limonada pra ele.

O-oh, acho que fui um pouco direta. Por sorte Lilly não se ofendeu, nem nada. Apenas olhou nos meus olhos, interessada.

– Espera aí… Ele sempre pede só pra você?

– É.

– Não importa onde você esteja, mesmo que outras pessoas estejam muito mais perto, ele sempre pede só pra você?

Ok, estava começando a ficar com medo.

– Bem, sim. Mas por que você está me perguntando isso?

Ela deu uma risadinha.

– O que foi? – minha curiosidade estava começando a sobrepor a boa educação.

– Sabe, Karen, quando o Mason era pequeno, quando tinha uns 7 anos, ele também fazia isso comigo.

– Hã? – sentei-me ao lado dela.

– Ele vivia me pedindo pra trazer limonada pra ele. Era sempre eu, nunca nenhuma outra pessoa. Não importava se eram três da manhã ou se a casa estava cheia. Era sempre eu.

– É assim comigo também! – percebi que tinha mais em comum com Lilly do que imaginava. – Ele tem algum motivo especial pra isso?

– Sim, mas disse que nunca ia dizer o porquê – ela sorriu.

Provavelmente Mason devia sofrer de complexo de Édipo e me viu como uma nova oportunidade para tentar curar seu mal das limonadas-da-ma-mãe. Oh Deus, eu tinha que parar com minhas suposições, aquilo não era da minha conta!

– Ah… – tentei fingir que não tinha me importado com aquilo.

– Quem sabe um dia ele não diz pra você, hein? – ela piscou.

É… Um dia, talvez. Se bem que sendo orgulhoso daquele jeito, era capaz de eu morrer e ele nunca me contar. Enfim, por enquanto ele continuaria me explorando feito uma escrava, como de costume. Mas Lilly não perdeu tempo, quando viu que minha expressão já não estava tão interessada, recorreu a um novo assunto.

– Mas me fale de você, querida.

Ah, isso vai ser beeeem divertido…, pensei, xingando mamãe e Mason mentalmente por não terem aparecido.

Apesar de eu não ser a melhor pessoa do mundo no quesito "socialização", acabamos conversando por um bom tempo. Eu falei para ela sobre o estúdio, sobre os meninos, sobre a escola e o programa, e ela me contou várias histórias de quando Mason era pequeno. É, apesar de ser meio excêntrica, Lilly era uma pessoa bem legal! E além do mais, eu já estava me acostumando com pessoas fora do comum na minha vida.

Nem percebi quanto o tempo tinha passado. Olhei para o relógio e eram quase cinco horas! Uns cinco minutos depois disso nossa conversa foi interrompida pelo barulho de chave na porta. Lilly levantou-se rapidamente, e eu fui logo atrás dela. Abri a porta e lá estavam Mason, mamãe e Mary.

– BEBÊÊÊÊÊ! – Lilly nem o deixou entrar em casa, já foi abraçando Mason com o máximo de sua força.

– Mãe… você… tá… me… sufocando! – ele falou com a voz fraca, tentando se soltar.

– Ah, desculpe! – ela o deixou pegar ar novamente. – Eu senti tanto a sua falta! – ela se virou para mamãe. – Suzie! É tão bom ver você! E quem é essa mocinha linda do seu lado?

– Essa é a Mary, minha filha mais nova.

– Oi – Mary disse, sorrindo.

Todos entraram de volta em casa. Enquanto trancava a porta, mamãe disse:

– Ah, Lilly, desculpe pela demora. Nós acabamos ficando até tarde no estúdio, depois fomos buscar Mary na casa da amiga.

– Não, tudo bem, não tem problema. Mas amanhã eu quero conhecer esse estúdio de que vocês tanto falam! Quero ver meu bebê gravando! – ela mandou um beijinho para Mason, que olhou para baixo envergonhado.

– É claro! Você é mais do que bem-vinda!

Mamãe e Lilly riram. Pareciam duas adolescentes.

– Estão com fome? – perguntei.

– Ah, sim! – mamãe disse. – Que tal pedirmos uma pizza?

– Boa ideia! – disse Mason. – Ronnie, você pede pra gente? Eu quero de pepperoni. Ah, aproveita que você vai pra cozinha e traz a minha limonada?

– Trago, trago.

Fui andando até a cozinha, mas antes dei uma olhada de relance para Lilly. Que bom que ela não ouviu Mason chamar meu nome. Ela sorria feito uma criança. Provavelmente sua mente excêntrica tinha começado a funcionar e várias situações bonitinhas e meiguinhas de filme começaram a pipocar em sua cabeça. Bem, não tinha do que reclamar. Pelo menos ela não me odiava… totalmente.

••••

No dia seguinte, mamãe e Lilly foram buscar Mason e eu na escola, então fui obrigada a ir ao estúdio junto com eles. Mary também foi, ela já estava no carro quando entramos.

Chegamos no estúdio e as duas primeiras pessoas que vimos foram Henry e Ryan. Assim que os dois avistaram Lilly, foram direto abraçá-la.

– Meninos, que saudade de vocês! Ah, parece que foi ontem que nós saímos pra comemorar que vocês tinham entrado no programa… – ela disse, com ar

nostálgico. – Eram tão fofinhos quando tinham 14 anos!

Os dois riram levemente, mas Mason bateu na testa. Devia estar cansado de ouvir tanta corujice.

As coisas estavam indo bem, Lilly foi simpática com toda a equipe, elogiou o trabalho que estavam tendo e assistiu a algumas cenas. O que me deu mais pânico foi a hora em que Karen começou a elogiá-la e fazer de tudo para agradar a possível "futura sogra", porque bastava ela dizer seu nome que minha farsa seria destruída e Lilly me odiaria para sempre. Por sorte, ela estava tão animada e bajuladora que nem se deu ao trabalho de se apresentar.

– Mãe, senta aí, nós vamos gravar agora.

– Sim, claro! – pela expressão de Lilly ela ficara aliviada de ter se livrado da ruiva mais puxa-saco do mundo. – Vai lá, filhinho, quero ver você atuando muito bem!

– Ninguém merece… – Mason comentou pra si mesmo, mas eu pude perceber por leitura labial.

Mary, Lilly e eu nos sentamos onde mamãe ficava, exatamente onde ficamos quando viemos ao estúdio pela primeira vez. Além de ver os meninos, podíamos ver o elenco de apoio lá atrás, esperando para ser chamado.

– Lilly, olha lá – Mary apontou para Ryan, que tinha acabado de entrar em cena. – Sabe ele?

– Sei. O que que tem?

– É meu futuro namorado – ela disse, sorridente. Nesse momento, Ryan percebeu que ela o olhava e acenou de leve. – Viu?

– É… É um bom partido – Lilly riu. Imaginei se ela diria a mesma coisa se Mary estivesse se referindo a Mason.

– Karen… – ela cutucou meu braço. – Essa garota atuando com eles… Por acaso ela…

– Hã? – Mary interrompeu Lilly, ao ouvir isso. – Você chamou ela de quê?

– Chamei pelo nome, ué.

Droga, tinha esquecido que Mary não tinha conhecimento da burrada que eu tinha feito.

– Ei Lilly, olha só, essa cena é do Mason! – tentei desviar sua atenção.

– Ah! – ela se voltou para o cenário.

– Mary – falei baixinho, me aproximando discretamente do ouvido dela –, olha, sempre que a gente estiver perto da Lilly me chame de Karen, tá?

– Por quê?

– Porque eu fiz uma coisa que não devia ter feito.

– Isso não diz nada.

– Mary, *por favor* – não dava tempo de explicar naquele momento por cochichos sem que Lilly percebesse.

– Ai, tá bem… – ela me encarou desconfiada. – Eu hein…

O fim do episódio focou em Ryan, o que deixou Mary louquinha. Ela ficava cada dia mais obcecada por ele, era impressionante! Antes de conhecê-los ela falava dele uma vez ou outra, mas agora era o tempo todo! Ou talvez ela até falasse mais dele, eu que comecei a reparar mais já que Boston Boys virou o assunto principal lá em casa. Bom, apesar de ser irritante, não podia evitar de achar bonitinho. Pelo menos Ryan era paciente e tinha simpatizado com ela, porque eu queria ver se ela se apaixonasse por algum pavio curto.

Eram umas oito horas quando eles pararam de gravar. A produção desmontou o cenário, os meninos guardaram suas coisas e nós nos despedimos da equipe. Puxa, se eu que tinha ficado sentada o tempo todo estava morta, imagina eles. Não julgaria nenhum dos três se eles quisessem chegar em casa e ir para cama direto, sem papo. Pela cara de Mason essa era claramente sua intenção. Já em casa, ele foi andando apressado até as escadas e deu um "boa-noite" rápido para nós, mas sua saída triunfal não deu certo.

– Aonde pensa que vai, mocinho? – Lilly disse, com as mãos na cintura.

– Ah, mãe… Eu tô morto – e não era enrolação, ele realmente estava cansado.

– Nós precisamos conversar!

– Agora? É extremamente necessário que seja *agora*?

Coitado, até eu estava ficando com pena dele.

– Sim, é. Mas como você está cansado, nós podemos ir conversar no seu quarto.

– Argh… Tá bem – ele subiu quase se arrastando escada acima.

Boa sorte… , pensei, e tenho certeza de que Mary e mamãe pensaram o mesmo. Do jeito que Lilly se mostrou ser, coisa boa é que não ia sair dessa tal "conversa".

CAPÍTULO 11



A manhã seguinte foi mais tensa do que pensei que seria. Em menos de cinco minutos na presença de mãe e filho ficou óbvio que a tal "conversa" não havia acabado bem. Mason e Lilly sentaram-se um em cada extremo da mesa, quando fomos tomar café, sem trocar uma só palavra. Mary e eu tínhamos ponderado sobre as possíveis razões para esse desentendimento mais cedo, mas não conseguimos chegar a nenhuma conclusão.

– Hã… Alguém quer a outra metade do pão? – perguntei, tentando quebrar o gelo. – Mason?

Ele negou com a cabeça, sem olhar para mim.

Ok, primeira tentativa não deu certo. Olhei para Mary com o canto do olho. Seus olhos diziam discretamente: "plano B."

– Não vai comer nada?

Ele me ignorou e virou o rosto para a outra direção.

– Suzie, quando chega o próximo roteiro?

– Chega amanhã, eu acho – mamãe respondeu, estranhando aquela atitude.

Espera… O problema era comigo? Não, não podia ser. Não tinha feito nada para deixá-lo chateado nas últimas vinte e quatro horas! Tentei chamar sua atenção novamente:

– Que estranho. Hoje você não pediu para eu pegar limonada pra você. Tá doente?

– Não. Não tô com sede – ele disse, frio, e se levantou da mesa.

Nós quatro o olhamos subir as escadas. Uma aura ainda mais tensa percorreu o

lugar.

– É impressão minha ou ele está me evitando? – perguntei, assustada.

– Acho que está, sim – mamãe disse. – Lilly, aconteceu alguma coisa ontem à noite? Vocês brigaram ou algo do tipo?

– Bem… – Lilly mexia a colher em círculos em seu suco de laranja diet. – Sim.

– O que aconteceu? – Mary entrou na conversa. – Alguma coisa o deixou chateado com ela? – ela apontou para mim.

Argh, como minha irmã era suave. Estava na cara que a primeira impressão de Lilly a meu respeito estava errada. Ah, não! Será que ela tinha descoberto meu nome verdadeiro? Mas não podia ser… Senão certamente ela teria vindo tirar satisfação comigo. Eu acho.

– Não, querida – ela se virou para mim. – Não se preocupe, não conversamos sobre nada que possa tê-lo deixado chateado com você.

Ou aquilo era uma ironia cruel, ou ela realmente estava falando a verdade. Seus olhos não pareciam estar mentindo. Mas por que outro motivo Mason estaria tão frio comigo?

Uma parte de mim se sentiu até aliviada, mas a outra, me alertava. De alguma forma, não consegui acreditar completamente que Lilly não tinha dito absolutamente nada sobre mim ontem.

– Vou falar com ele – ela se levantou, ajeitou seu prato e seu copo e subiu as escadas.

Os dois saíram, um de cada vez, deixando mais mistério no ar. E ficamos só nós três na mesa, como nos velhos tempos. Queria ver quem seria a próxima a se levantar agora.

– Alguém tem alguma ideia? – perguntei.

– Bem, tá na cara que tem alguma coisa a ver com você, Ronnie. Ah, claro! – Mary disse, como se tivesse descoberto o segredo do universo. – Deve ter alguma coisa a ver com a confusão que você causou com os nomes!

– O quê? – mamãe perguntou. – Que confusão de nomes?

Mary mordeu os lábios. Às vezes penso que ela solta essas falas de propósito.

– Não é nada, não, mãe! Mary, vem lavar a louça comigo – dei-lhe um belisco de leve e a puxei até a cozinha.

– Ai, foi sem querer, eu juro!

– Não. Abra. Mais. O bico. Ouviu? – falei, severa.

– Ouvi, ouvi!

Soltei-a.

– Mas você concorda, não é? Acho que ela descobriu a verdade e agora está uma fera. Por isso ela deve ter pedido pro Mason se afastar de você.

– Será? – estava alarmada. O mais estranho daquilo tudo era que mesmo assim Lilly ainda estava sendo doce comigo. – Mas ela seria capaz de fazer isso?

– Ronnie, acho que você ainda não percebeu que essa mulher não bate cem por cento bem da cabeça, né? Acho que ela é daquelas que faz tempestade em copo d'água.

– Eu sei, eu sei. Mas…

Não terminei a frase; fui interrompida por uma voz feminina vindo da sala: – Moças, Mason e eu vamos sair, está bem? Não nos esperem para almoçar!

– Tchau – ouvi uma voz masculina, que não parecia muito animada.

Mary e eu abrimos a porta de leve e colocamos menos da metade do rosto para fora, só pra ver se tínhamos ouvido aquilo direito. E não era mentira. Mason e Lilly haviam acabado de sair.

– Ok, agora eu me perdi – Mary falou. – Eles não tinham tido uma briga séria?

– Mary, não foi você quem disse que a Lilly faz tempestade em copo d'água? – falei. – Então, ela deve ser daquelas que fazem as pazes rápido também.

– Ai, ai… Às vezes até eu sinto saudade de quando nossa vida era normal – ela suspirou e fechou a porta. Certamente ela falou aquilo por falar, pois, conhecendo minha irmã, não trocaria esta vida perto de Ryan por nada nesse mundo.

••••

Puxa, a saída demorou mesmo. Deviam ser umas quatro da tarde quando os dois finalmente chegaram. Mason passou pelo corredor do andar de cima e me deu um "oi" rápido, mas foi direto para o quarto.

Lilly veio andando logo atrás e entrou no meu quarto. Estava com um sorriso no rosto.

– E então, ansiosa para hoje? – ela me perguntou.

– Hmm… Por que é sábado? – perguntei, meio perdida.

– Não, bobinha! Para o que vai acontecer à noite!

– *Saturday Night Live*?

Ela suspirou, mas não pareceu perder o bom humor.

– Você e Mason vão sair! Dã!

Opa, peraí! O QUÊ?! Quando, onde e por quê?

– Como é que é? – funguei perto dela só para garantir que ela não estava bêbada.

– Querida, como você esqueceu? Vocês se falaram há algumas horas atrás!

Ok, agora eu tinha certeza de que essa mulher não batia bem da cabeça. Será que ela tinha alucinações, ou talvez Alzheimer?

Balancei a cabeça negativamente, atônita.

– Eu vou te mostrar. FILHO! – ela berrou para fora do quarto. – Que horas é seu encontro hoje?

– Às oito! – ele respondeu.

Arregalei os olhos.

Como assim?! Desde quando eu tinha combinado de ter um encontro com Mason?! Desde quando eu *gostaria* de sair com ele? Eu realmente tinha falado com ele mais cedo e não lembrava? Oh, meu Deus, será que era eu esse tempo todo quem estava com Alzheimer?

E por que isso tão de repente?! Nem amigos próximos nós éramos! Minha concepção sobre ele sendo um mala sem alça completo não havia mudado. Não era possível que eu teria concordado assim tão facilmente!

– Lilly, eu não vou sair com ninguém.

Os olhos azuis dela adquiriram um tom de cinza ao ouvir essas palavras.

– Por que não?

– Porque não! É complicado…

Da tristeza ela mudou para indignação. Colocou as mãos na cintura e protestou:

– Por acaso tem algum problema com o meu filho? Ele não é bonito o suficiente?

– Ele é, mas…

– Não é charmoso, engraçado, doce, inteligente o suficiente?

– Bem, na verdade…

– Acha que ele não é bom o bastante pra você?

Não dava para discutir. Lilly havia me colocado contra a parede. Nunca tinha me sentido tão ameaçada desde o dia em que Piper Longshock descobriu meu telefone. Estava com a impressão de que se eu não fosse, Lilly me mataria durante o

sono.

O jeito era sair mesmo, sem contestar. Certamente ia perguntar para Mason o que diabos estava acontecendo quando tivesse chance.

Deram oito horas. Mason e mamãe tinham ido ao estúdio mais cedo, e Lilly disse que ele me encontraria no shopping. Seria mesmo verdade?

Ou será que era tudo um jogo? Não queria ficar nervosa, mas fiquei. Mesmo não sendo de verdade e certamente algo que eu não estava fazendo voluntariamente, era o primeiro "encontro" que eu teria.

Coloquei uma calça jeans escura, uma blusa azul dégradé de babados e um sobretudo preto. Não era muito fã de usar esses sobretudos chiques, mas Lilly insistiu tanto – insistiu, leia-se: fez chantagem emocional –, dizendo que eu estava bonita, que nem tive paciência para discutir.

Desci as escadas com passos leves, rezando para que Mary continuasse a ver televisão sem me notar. Não deu certo.

– Pensou que ia esconder isso de mim? – ela disse, sem tirar os olhos do episódio que via de *Everybody hates Chris*. O jeito calmo, porém direto, com o qual ela disse isso a fez parecer uma detetive profissional.

– Hã?! – quase tropecei na escada.

– A Lilly me contou tudo.

– Ela o quê?!

– Ah, querida, qual é o problema? – Lilly apareceu na sala, e as roupas que ela usava não eram exatamente do estilo "vou ficar em casa no sábado à noite". – Ela queria saber. Ficou tão animada quanto eu quando descobriu que você e Mason vão sair juntos!

Não posso socá-la, não posso socá-la…, repeti para mim mesma, respirando fundo.

– É, parece que vocês dois realmente fizeram as… "pazes" – Mary se virou para mim, com um olhar malicioso.

– Cala a boca!

– Meninas, não briguem! Karen, eu vou tirando o carro da garagem, está bem? – Lilly passou por nós, segurando uma chave que tinha uma bailarina prateada com um tutu lilás.

– Essa é a chave do carro da minha mãe? – perguntei, erguendo uma sobrancelha.

– Sim – ela sorriu. – Ela disse que não se importava em me emprestar. Ela também ficou animada ao saber do encontro!

Ótimo! Por que a maldita não colocava isso logo na internet? Se é que já não tinha colocado. Ai, ai, queria só ver se alguma fã maluca – uma em especial, na verdade – nos encontrasse.

Entramos no carro e ela dirigiu até o shopping. Estranhei quando ela estacionou na garagem.

– Hã… – como eu dizia aquilo sem parecer grossa? – Eu pensei que…

Você só ia me deixar aqui.

– Vou aproveitar para fazer umas comprinhas! – ela disse, inocentemente. – Não se preocupe, não vou ficar atrás de vocês.

Hm… Por que eu não conseguia acreditar naquilo?

Os primeiros minutos foram tudo bem, assumi que as lojas que ela queria ir ficavam no segundo andar, então não disse nada quando entramos juntas no elevador.

Foi aí que o pior aconteceu. A porta se abriu no primeiro andar, e a pessoa que eu menos gostaria de encontrar estava lá, paradinha, com um vestido verde-claro e uma jaqueta jeans, saltos plataforma, e o tradicional cabelão vermelho preso em um rabo-de-cavalo. Oh, meu Deus, o que fiz para merecer mais uma companhia indesejável?

Karen soltou uma respiração um pouco surpresa, mas entrou no elevador de qualquer jeito. Bem, pelo menos ela já me considerava uma pessoa não tão inferior a ela a ponto de podermos pegar o mesmo elevador. O problema mesmo foram os olhares cortantes que ela lançava para mim.

A porta abriu no segundo andar. Ninguém moveu um músculo.

– Lilly, não vai descer aqui? – quebrei o gelo, agora um pouco alarmada.

– Não – ela disse, séria. – Fiquei com vontade de ver um filme.

Ah, não! Por favor! O que essa doida varrida ia fazer? Um barraco no meio do cinema? Obrigar Mason a ficar colado comigo? ARGH!

Novamente, no terceiro andar, a porta se abriu. Lilly saiu apressada na frente, olhando para os lados, desesperada. Sério, ia começar uma caça ao Mason? Não que fosse tão difícil encontrá-lo, foi só procurar um montinho de garotas reunidas dando gritinhos e pronto. Conseguia vê-lo do elevador.

– Veio ao cinema sozinha? – ouvi a voz desdenhosa de Karen logo atrás de

mim.

Reuni toda a minha coragem. Não ia deixar que ela me desse um fora.

Mais um para adicionar à minha coleção.

– Não. Vim encontrar uma pessoa.

– Ah – ela disse, desinteressada. – Já sei, aquela sua amiga chata.

– A Jenny não é chata. E não é ela; é um garoto – falei, firme, mas um segundo depois desejei voltar no tempo e não ter dito aquilo. Agora é que eu não ia me livrar dela.

– Que perdedor iria querer se encontrar com você? – ela deu um riso sarcástico.

– Ninguém que te interesse.

Men-ti-ra. Este interessava a Karen até demais da conta.

– Que grosseria! – ah, claro. *Eu* era a grossa. – Bem, não vou perder mais meu tempo com você. Licença.

Ela apressou o passo e chegou ao meu lado, pronta para me ultrapassar. Podia parecer imaturidade, mas não ia deixar ela praticamente andar por cima de mim desse jeito. Já tinha engolido muito sapo. Apressei o passo também, não deixando que ela me passasse.

– Está me seguindo, por acaso?

– Até parece. Não posso andar na mesma direção que você? – rebati.

– Que seja – ela virou a cara e continuou andando.

Ok, estava ficando cada vez mais sobressaltada. Karen não mudava a direção, será que ela estava me seguindo? Não, não podia ser. A única hipótese era que ela ia encontrar alguém no mesmo lugar onde Mason estava.

Mas não tinha mais ninguém, além de algumas meninas em volta dele.

Ah, peraí… Era isso mesmo que eu estava pensando?

As andadas rápidas que eram uma disputa pela dignidade se transformaram em uma corrida para ver quem chegava até Mason primeiro. Nossa, nunca tinha feito uma coisa tão patética em toda a minha vida.

– Mason! – dissemos juntas, esbaforidas, quando chegamos ao seu encontro.

Mason, que segurava um saco de pipoca e conversava com suas fãs calmamente, tomou um susto ao nos ver naquele estado.

– Por que você está aqui? – Karen gritou para mim.

– Por que VOCÊ está aqui?

– Eu tenho um encontro com o Mason!

– O quê?! Eu é que ia ter!

Estava agindo como uma namorada traída, mas entenda, só estava dizendo aquilo porque minha cabeça estava totalmente confusa. Lilly tinha me obrigado a sair de casa só por causa daquilo, não porque era realmente minha intenção.

– Ficou maluca? Ele me ligou! Me ligou pedindo pra me encontrar! Fala pra ela! – Karen deu uma cotovelada nele, que quase deixou a pipoca cair.

– Ronnie, é verdade… Eu tinha combinado de sair com ela – ele falou, meio confuso.

Era brincadeira, não era? Não dava para acreditar no vexame que eu estava passando. Seria ótimo se alguém pudesse explicar o que diabos estava acontecendo!

– Então por que a SUA mãe disse que você tinha combinado de sair COMIGO? – agora estava enfurecida. A culpa não foi minha e ainda fiz papel de boba.

– Ela *o quê*?!

De repente, Lilly apareceu no meio de nós. Ótimo. Era só o que faltava.

– O que você está fazendo aqui? – ela apontou para Karen.

– Mãe! – Mason gritou, assustado.

– Estou saindo com o seu filho, algum problema? – Karen não se preocupou nem um pouco em ser educada. O teatrinho de "Sra. McDougal, é uma honra te conhecer!" tinha ido por água abaixo.

– Sim! Mason, o que foi que conversamos hoje?

– Você disse pra eu convidá-la pra sair! Foi isso que eu fiz, ué!

– EU? – Lilly indagou, quase que com nojo. – Eu disse pra convidar ELA pra sair! – e apontou para mim.

– Hã? Não, mãe! Você disse pra eu ficar longe dela!

O QUÊ?! Que tipo de relação amor e ódio era essa?! Todos os argumentos de Mason faziam completo sentido, era Lilly que estava complicando tudo!

– Eu falei pra você convidar a KAREN pra sair!

– Mas foi isso que eu fiz!

– Mas essa aí é a Ronnie! ESTA é a Karen! – ela apontou para mim.

O-oh.

Droga.

Droga, droga. Tinha acabado de perceber que Lilly não estava ficando louca. *Eu* era a culpada por aquela confusão toda.

– Mason, sua mãe usa drogas? – Karen perguntou.

– Olha como fala, sua linguaruda! – Lilly deu um passo à frente, ameaçadora.

– Gente! – gritei, fazendo a agitação parar. Tarde demais, já éramos a atração principal do andar inteiro. – Eu posso explicar tudo.

Os três me lançaram um olhar de "POR FAVOR, explique agora".

– Lilly, na verdade, ela é que se chama Karen. Eu sou a Ronnie.

– O quê? – Lilly exclamou.

– Eu não queria te falar meu verdadeiro nome, e Karen foi o primeiro nome que veio na minha cabeça.

– Não podia ter pensado em nenhum outro, idiota?! – Karen disse, pondo as mãos na cintura.

– Ronnie… – Lilly olhou nos meus olhos. – Por que você mentiu?

– Porque eu ouvi você falando no telefone ontem! Você disse que não gostava da "Ronnie", mas eu não sabia que você estava falando da personagem da Karen, achei que estava falando de mim, embora não me conhecesse pessoalmente. Quer dizer, poderia ter ouvido alguns xingamentos ou boatos na internet.

Mason, que estava quieto, resolveu falar:

– Nada disso teria acontecido se você não fosse tão neurótica, mãe! – dito isso, ele saiu andando em direção ao elevador.

– Filho, aonde você vai?

– Embora. Eu quero que você me deixe em paz – a porta se abriu e ele se foi, me deixando sozinha no meio do fogo cruzado outra vez.

– Quer saber? Eu vou também. Vocês duas fizeram besteira, estragaram tudo! Estragaram o *meu* encontro! – Karen saiu andando, pisando duro e resmungando.

E ficamos nós duas lá, paradas, enquanto várias pessoas passavam por nós, cochichando sobre a cena que tinham acabado de presenciar. Era agora ou nunca, tinha que falar algo que ela merecia ouvir.

– Olha, eu admito que fiz besteira trocando os nomes, mas não foi justo isso que você fez. Você o obrigou a sair comigo, por acaso?

Lilly, que encarava o chão, olhou para mim.

– Não obriguei. Achava que ele se importava com você.

– Pois achou errado!

– Achei mesmo? Quando eu disse a ele que a Ronnie era chata, irritante etc., sabe o que ele disse?

– O quê?

– Que era mentira. Que a Ronnie podia ser chata de vez em quando, mas também era uma garota boa e uma das poucas pessoas com quem ele realmente podia ser sincero.

Enrubesci um pouco ao ouvir o que ela disse. Era sério isso? Mason dissera essas palavras? E eu que achava que ele me detestava por eu ser tão dura com ele…

– Me desculpe por te pressionar desse jeito, Ronnie. Você é mesmo uma ótima menina!

– Obrigada. . E tudo bem, deve ser difícil não conviver com o próprio filho, entendo por que se sente assim – disse, ainda um pouco envergonhada.

– Acho que devemos conversar com ele. Nós duas.

Assenti com a cabeça. Foi bom chegarmos a um acordo. Agora precisávamos acabar com aquela situação tensa de vez.

Bom, era óbvio que depois disso não fomos assistir a nenhum filme, então eu acabei tirando aquele sobretudo do fundo do guarda-roupa à toa.

Voltamos para casa, e por sorte Mason não tinha ido para o quarto. Nós o encontramos sentado no sofá, assistindo *Two and a half men*.

– Filho? – Lilly disse, chamando sua atenção.

Ele se virou e soltou um suspiro cansado ao nos ver.

– O que vocês querem?

– Queremos falar com você – ela se sentou ao lado dele e fez sinal para que eu fizesse o mesmo. Sentei do outro lado, deixando Mason no meio.

– Em primeiro lugar – Lilly começou –, eu queria pedir desculpas por ter me comportado de maneira tão imatura com a sua… *amiga* – o jeito forçado e enojado que ela disse essa última palavra deixou claro que se referira a Karen.

– Mãe… – ele continuou. – Por que você sempre tem que fazer isso? Não tô falando só da Karen, mas de quase todas as garotas à minha volta! Você não pode decidir mais de quem eu devo gostar, isso é algo que eu tenho que fazer sozinho! Que coisa, eu não sou mais criança!

Puxa, deu para perceber que ele queria ter desabafado aquilo há um bom tempo. Mas fez bem a ele, pude ver que ele se sentia menos pressionado agora que colocara tudo para fora.

Lilly permaneceu calma, senti o arrependimento vindo em sua voz.

– Eu sei, querido. Me desculpe, de verdade! Eu só quero o melhor pra você! –

seus olhos ficaram úmidos. – Me incomoda o fato de você morar tão longe de mim. Eu só quero que você seja feliz e esteja cercado de pessoas boas!

A expressão dele se suavizou.

– Também sinto a sua falta, mãe. Mas não se preocupe, eu estou feliz aqui. Estou cercado de pessoas boas.

Sei que não devia pensar nisso agora, mas lembrei do que Lilly dissera de Mason a meu respeito e não pude evitar ficar um pouco envergonhada.

– A Suzie é bem legal e me ajuda pra caramba, e a Mary é bem divertida. A Ronnie pode ser uma mala às vezes, mas estou aprendendo a conviver com ela!

Argh, nenhum idiota cortaria tão friamente meu pensamento com essa piadinha boba a não ser ele! Garoto infantil… Devia estar só brincando quando disse aquilo sobre mim para ela! Todo o orgulho que eu estava sentindo por ele nesse momento tinha virado fumaça!

Mas, por sorte, Lilly não levou aquilo a sério. Deu um risinho e falou:

– Estou indo embora daqui a dois dias, não quero ir brigada com você.

– Eu também não.

– Então, pode perdoar essa velha louca que você chama de mãe?

– Está bem. Eu te perdoo. Se prometer parar com essa mania.

Lilly abriu um sorriso de orelha a orelha.

– EU TE AMO, BEBÊ! – ela o abraçou com tanta força que ele não aguentou ficar no abraço por mais de dez segundos.

Ok, estava me sentindo meio desconfortável. Quer dizer, eu sei que deveria pedir desculpas, mas podia fazer isso em outra hora, certo? Eles estavam tendo um momento família feliz, e eu me senti meio intrusa naquele sofá. Aproveitando que nenhum dos dois olhava para mim, resolvi levantar em silêncio, para dar a eles um pouco de privacidade.

– Ronnie, aonde você vai? – ouvi a voz de Lilly atrás de mim. Essa mulher tinha um ouvido de morcego, por acaso? Eu fiz menos barulho do que uma pluma caindo!

Me virei lentamente e disse:

– Eu… Hã… Vou deixar vocês sozinhos.

– Não tem nada para dizer, não? – Mason perguntou, levantando uma sobrancelha.

– Ah, sim – sentei no braço do sofá. – Bem, desculpem, vocês dois. Se não

fosse por mim, nada disso teria acontecido.

– Está tudo bem, querida – Lilly falou. – Foi graças a você também que nós conversamos, então obrigada por isso – ela deu uma piscadela.

– De nada – sorri.

– Bem… – Mason falou, se espreguiçando. – Já que a minha mãe vai embora daqui a dois dias, você vai ter que compensar o mico que me fez pagar hoje por você e por ela.

Arregalei os olhos:

– Como é que é?!

– É isso aí. Pra começar eu quero uma limonada geladinha e uns Doritos – ele apoiou os pés na mesinha e ligou a televisão novamente.

Respirei fundo.

– Ok, não tem problema – dei um sorriso falso. – Isso não é mais do que eu já faço normalmente.

Depois que eu disse isso, Lilly me olhou com os olhos brilhando. Eu me lembrei da analogia que ela fizera com Mason quando era pequeno e, admito, uma curiosidade começou a crescer em mim.

Fui até a cozinha, preparei tudo como ele havia pedido e deixei uma bandeja em seu colo.

– Valeu. Agora eu quero que você faça meu dever de casa.

– O quê?! – indaguei.

– São três páginas de Matemática, uma ficha de Química e um resumo de História. Ah, e é pra segunda, tá? – ele disse isso com a maior naturalidade possível.

– E o que te faz pensar que eu vou fazer tudo isso?

– Você está me devendo.

– Isso já é demais!

– Mas você tem que fazer.

– Não vou fazer porcaria nenhuma, seu preguiçoso!

Mas a nossa pequena discussão foi interrompida com uma gargalhada de Lilly. Ela riu tanto que eu me senti uma personagem de uma série de comédia.

– Ai, ai! Isso não tem preço! Com certeza vou sentir falta dessas briguinhas!

Mason e eu paramos a briga e acabamos sorrindo também ao ver a alegria dela.

– Boa noite, crianças. Vou para o quarto – o meu quarto, ela quis dizer, que era onde ela dormiu esses dias, enquanto tive que dormir no quarto da senhorita-

chatinha-que-ronca-horrores da Mary, mas enfim…

Quando Lilly passou por mim para ir até as escadas, sussurrou no meu ouvido:

– Se um dia descobrir o porquê da história das limonadas, me avise – ela deu um risinho, e saiu andando.

Aaah! Que droga! Ela não cansava de me deixar com vergonha?

A história das limonadas nem devia ter um significado tão grande quanto achávamos. Podia ser um motivo idiota, e eu estava dando importância sem razão para isso.

– Ei, e o meu dever?

Olhei para Mason novamente.

– Já disse que não vou fazer. Se quiser, posso no máximo te ajudar.

Quer dizer, ele pediu só para mim desde o dia em que me conheceu… Poderia ter pedido para qualquer uma.

– Hmm… Tá, tudo bem – ele sorriu e eu retribuí, satisfeita.

Bem, nada garantia que ele nunca me contaria.

Quem sabe o que poderia acontecer no futuro, certo?

••••

Lilly voltou para Los Angeles dois dias depois, mas sem deixar de marcar seu território no rosto de Mason, sujando-o inteiro de marcas de batom. Acabei não tendo coragem de perguntar o motivo pelo qual ela não se mudou para Boston junto com Mason e fiquei pensando nisso durante todo o caminho de volta do aeroporto. Bem, posso ter falhado ao supor coisas sobre ela, mas por outro lado pude ver que ela era uma boa pessoa, muito carinhosa e atenciosa, mesmo com o pouco tempo que tivemos de convivência.

Mas, claro, como não posso ter um dia de calma e tranquilidade, bastou eu chegar em casa para desaparecer o sorriso em meu rosto. Encontrei na caixa de correio, embaixo das cartas de contas, um envelope azul-claro endereçado a mim, mas sem remetente. E a letra era familiar. Esperei que os três entrassem em casa para que eu pudesse ler, pois já sabia do que se tratava:

Agora que a digníssima Sra. McDougal foi embora, prepare-se para ter uma presença muito mais regular no seu quintal. Observando cada passo seu. Cuide-se, Adams.

Piper Longshock

CAPÍTULO 12



Suspirei ao ler a carta de Piper, mas ri por dentro. Mesmo recebendo aquela ameaça, agora sabia que tinha pelo menos um contato de emergência forte o bastante para afastá-la, caso aquela psicopata enchesse muito a minha paciência. Aliás, não só um contato, mas uma amiga.

A menos que ela resolvesse me sequestrar no período em que Lilly estivesse voando à milhares de metros de altitude com o celular desligado. Nesse caso, eu estava ferrada.

Deus, eu e minha mania de sempre achar que o pior vai acontecer. Precisava assistir a mais filmes da Disney.

Depois de ter passado a looooooonga semana seguinte dando uma de serva do parasita loiro, enchendo para ele milhares de copos de limonada, abrindo milhares de salgadinhos e ajudando-o com milhares de deveres de casa, achei que pelo menos no domingo poderia relaxar um pouco, ter um tempinho só para mim. Não sou religiosa, mas considero domingo um dia sagrado, dia que devemos reservar para ficar em casa, ver um filme ou ler um livro.

Infelizmente, minha família maluca – agora estendida – não concordava com isso. Na verdade, não ligavam para minha opinião mesmo. Então, óbvio que no domingo fui obrigada a fazer a vontade da maioria. Adivinha o que ficou decidido fazer? Ir a um brunch na casa de ninguém mais ninguém menos do que o excêntrico diretor do programa: Marshall!

Estava no meio de um grande dilema: comia meu croissant com geleia ou cream

cheese? Mesmo sendo filha de uma produtora bem-sucedida, ainda tinha minhas origens de alguém de classe média – meu café da manhã era geralmente um pão com manteiga, e nos dias em que uma de nós estava com extremo bom humor, panquecas perto de casa. Mas, agora, cercada de comida refinada, me sentia um pouquinho deslocada, como na vez em que fomos ao Four Seasons. Claro, a casa de Marshall não era chiquérrima, mas que tinha mais classe que a nossa, com certeza tinha. Mesmo ele não fazendo o perfil de magnata.

Enquanto comíamos, conversávamos sobre temas variados – quer dizer, eles conversavam e eu apenas concordava ou discordava com a cabeça, não eram assuntos muito interessantes. O único que me chamou a atenção depois de certo tempo foi quando Mary resolveu falar:

– Meninos, vocês fariam algo por mim?

Os três se entreolharam por um breve momento, depois perguntaram:

– O quê?

– Bem… – ela pôs o guardanapo no colo; quem não a conhecesse até pensaria que era educada. – Vocês já devem ter tido, quando eram mais novos, o dia de levar os pais para a escola para que eles falassem sobre o próprio trabalho, não é?

– Ah, sim! – Ryan respondeu. – Mas o pessoal já conhecia o meu pai… Ele era professor na escola onde eu estudava desde a pré-escola.

– Pelo menos seu pai ensinava Educação Física, um negócio legal – Henry comentou, com o queixo apoiado na mão e um olhar meio entediado. – Todo mundo dormiu na apresentação do meu pai, de tão chato que o emprego dele é.

– O que seu pai faz? – não pude deixar de perguntar.

– Até hoje não sei direito… Tem alguma coisa a ver com dinheiro… E dados, sei lá.

– E eu me pergunto por que todos dormiram… – Karen disse, dando um gole no seu coquetel de frutas.

Mary deu um risinho, depois se virou para Mason:

– E você, Mason? Como foi seu dia da carreira dos pais?

– Não foi muito legal… – ele respondeu, sem nem olhar para ela. Ficou girando uma uva em seu prato com o garfo.

– Por quê? Dormiram na apresentação do seu pai também?

– Dormiriam se ele tivesse aparecido.

Senti o clima pesando. Acho que esse ponto não era bem aonde Mary queria chegar. Mas oh! Mais uma coisa nova que tinha conseguido descobrir sobre a

família de Mason. Peça por peça, algum dia eu conseguiria terminar o quebra-cabeça misterioso que era a vida desse garoto.

Felizmente, Henry, com seu raciocínio rápido, tentou descontrair ao máximo a situação voltando-se para minha irmã.

– Mas então… O que que tem esse dia?

– Ah, eu vou ter isso na minha escola amanhã!

– Pois é! – mamãe entrou na conversa. Não podia deixar de contar uma vantagenzinha. – Estou doida para ver a cara de todos os amigos da Mary quando descobrirem que eu sou mesmo a produtora dos Boston Boys!

– E onde nós entramos nisso? – Mason perguntou, e parou de mexer na uva porque ela caíra no chão. Devia ter percebido onde ela queria chegar.

– Sobre isso… – Mary tocou a ponta dos dedos. – Eu já contei pra todo mundo que a mamãe é produtora de vocês, mas ninguém acreditou em mim!

Não era de se espantar. Isso veio da mesma garota que dissera para os amigos, quando tinha 8 anos, que a irmã foi abduzida por alienígenas e voltado para a Terra com um chip implantado. Não culpava as crianças por não acharem minha irmã a pessoa mais verdadeira do mundo.

– Então… – ela concluiu. – Vocês não querem aparecer lá na escola amanhã? – seus olhos dobraram de tamanho e começaram a brilhar, parecia um cachorrinho implorando por comida.

Só de ver a cara dos três, era óbvio que não ia vir uma resposta boa. Eles não responderam logo de cara, provavelmente ficaram esperando para ver quem daria a má notícia primeiro.

Mason foi o primeiro a se impor.

– Acho que não vai dar.

Mas claro, se ela não insistisse, não seria a Mary que eu conheço.

– Ah, por favor! Todos acham que eu estou inventando!

– Que horas vai ser?

– Às onze da manhã.

– Xii… – Henry resolveu falar também. – Não rola pra mim, Mary, vou estar na escola.

Mais uma descoberta do dia. Para mim, só Mason tinha tido a ideia maluca de se matricular em uma escola normal, mas o Henry também? Tudo bem que ele não receberia tanto ibope quanto Mason, mas mesmo assim. Bem, pelo menos na *minha*

escola só tinha uma aporrinhação.

– E você, Mason? – ela se virou para ele, os olhos só aumentando.

– Não dá. A gente vai ter prova, não é, Ronnie?

Oh, meu Deus. Tinha esquecido completamente dessa prova. Também, fiquei tão ocupada com meu emprego temporário de escrava de certo alguém que esqueci completamente. Que maravilha. Agora até o desgraçado sabia, e eu não. Custava ter comentado nos últimos dias?

– Vai – respondi, tentando esconder minha surpresa e minha vontade de gritar um palavrão.

– Estranho, não vi você estudando esses dias.

Ok, agora tinha que me controlar para não dar um soco nele e não roubar as chaves do Audi para voltar voando para casa e absorver o máximo de conteúdo possível nas horas que me restavam. Mas, voltando à minha irmã desesperada, ela recorreu a sua última salvação:

– Ryan, você pode ir, não pode? – seus olhos agora estavam cheios d'água.

Definitivamente, o "não" mais doído foi o dele. Dava pra ver claramente que ele estava se rasgando por dentro, ao vê-la desamparada desse jeito.

– Pequenininha… Você sabe que eu adoraria te ajudar. Mas eu não posso, de verdade. Também tenho aula amanhã, e é de uma das matérias em que eu estou de recuperação.

Nossa, esses garotos eram doidos ou o quê? Tudo bem que *Boston Boys* não era nenhuma série megafamosa da Warner Channel, mas, mesmo assim, eles estavam achando que eram garotos comuns? Como era possível conciliar a série com os deveres de casa, provas e tudo o mais?!

Ah, bom. Pelo menos Ryan não conciliava. A recuperação era uma boa prova disso. E o caso de Mason era diferente: ele deixava suas tarefas para uma otária fazer. Eu.

– Por favor! – Mary abraçou Ryan e começou a chorar de verdade. Não que fosse raro o fato de ela chorar para conseguir as coisas, mas parecia que ela estava realmente triste no momento. – Não quero que me chamem de mentirosa!

– Não chora não… – ele limpou suas lágrimas, seu olhar mostrava que seu coração estava apertado. Nunca vi alguém com tanta compaixão assim. – Olha, eu vou tentar sair mais cedo. Pode ser?

Pude ver uma chama de esperança surgindo nos olhos dela.

– Sim, sim! Obrigada! – ela o apertou mais forte. – Chega a tempo, por favor!

Pronto, agora o coitado ia se sentir mais pressionado ainda. Seria mais fácil se ele simplesmente dissesse que não poderia ir, porque duvido que ele consiga sair da aula da matéria que ele próprio disse que estava de recuperação. Quem mandou cair na chantagem emocional dela? Agora Mary contava com ele, só com ele.

Boa sorte, Ryan, pensei, dando uma mordida no croissant em que eu decidi pôr geleia. *Essa aí não se esquece de uma promessa.*

••••

A prova do dia seguinte era de História. Que bom que foi no terceiro tempo, porque eu tive um breve momento para dar uma olhada rápida no caderno.

Estava no meio da prova, pronta para responder à questão sobre as Cruzadas – que eu tinha lido há menos de uma hora –, quando senti meu celular vibrando no bolso.

Congelei. Geralmente é o momento em que a professora te olha com aqueles olhos de águia pronta pra tomar sua prova e ainda por cima fazer um discurso sobre como colar é antiético. E, pior, eu nem estava colando!

Mas por sorte ninguém tinha escutado. Ufa! Que bom que eu tinha me lembrado de colocar o celular no silencioso. Já mais calma do susto que levei, comecei a escrever:

"As expedições militares formadas por…"

Não consegui continuar, porque o maldito vibrou de novo. Argh, tinha esquecido que programara meu celular pra tocar o alerta de dois em dois minutos até que eu visse a mensagem. Por que, Ronnie?! Por que você tinha que ser tão neurótica?

Depois de dar umas vinte olhadas para os lados e garantir que era seguro continuar, tirei o celular do bolso com o máximo de cautela possível, tentando não fazer nenhum barulhinho, e abaixei os olhos discretamente.

TÔ ESPERANDO VCS NA PORTA DA ESCOLA. RYAN.

Ok. Primeiro: como ele conseguiu meu número?

Segundo: como ele conseguiu sair da tal aula importante?

Terceiro: por que ele estava *me* mandando uma mensagem também? Quer dizer, eu não precisava ir pra escola da Mary!

Quarto: o miserável sabia que eu tinha prova e me mandou uma mensagem mesmo assim! Que droga, eu quase morri de susto!

Levantei os olhos e olhei para Mason, que estava na minha diagonal. Ele também estava com o celular na mão, mas muito menos tenso do que eu. Já devia estar acostumado a fazer essas coisas durante uma prova. Ele leu a mensagem, guardou o celular no bolso e continuou a escrever. Ué, ele não ia fazer nada?

Ele foi escrevendo rapidamente, em menos de dez minutos fez uma página inteira e fechou a prova. Levantou-se calmamente e entregou para a professora. Às vezes eu me perguntava se seria bom não levar a vida tão a sério como ele fazia.

Ah! Tenho que me concentrar na minha prova!

Faltavam duas questões, mas por sorte uma eu sabia e consegui resolver facilmente. A outra eu tinha pulado no início, pois não fazia a mínima ideia de como resolver, e agora estava encarando-a de novo, à espera de um milagre.

Meu celular vibrou. Era Mason. ARGH!

vc sabe que Tem que ir Tb. a genTe ñ sabe como chegar na escola da mary.

Ah, não! Que pressão! Essa é uma das coisas que eu mais odeio! Não consigo fazer uma prova sem estar de cabeça quente! Precisava relaxar!

Mas você acha que eu consegui? Poucos minutos depois a porcaria vibrou *de novo:*

TERMINA LOGO. VOU CONTINUAR ASSIM ATÉ VC SAIR.

GRRRRR!!! Vou dar um tiro nessa criatura!

Agora mesmo que eu não ia conseguir responder à questão. Cheguei a um estágio de pressão psicológica tão intensa que nesse momento já tinha esquecido *toda* a matéria, nem me lembrava do que respondera nas questões anteriores.

Como eu não tinha a mínima dúvida de que ele estava falando a verdade, tive que pensar rápido. Qual era a maneira mais rápida e prática de terminar a prova?

Argh, não acredito que teria que me rebaixar daquele jeito.

– Psiu.

Estiquei a cabeça para a frente, tentando chamar a atenção da Isabelle, uma das garotas mais espertas da turma. Mas como toda nerd, sua atenção estava voltada inteiramente para a prova, então ela nem me ouviu.

– Ei. Isabelle?

Nada. Ela não se moveu.

– Isabelle!

Tapei a boca na mesma hora. Estava tão nervosa e desesperada que acabei falando alto.

E o maior dos meus medos se concretizou. A professora se levantou de sua cadeira, fazendo-a ranger um pouco, e caminhou até minha carteira, com um olhar fulminante.

– Sua prova. Me dê. Agora.

– Mas… – tentei argumentar.

– Sua. Prova – ela disse, ainda mais ameaçadora. – Não é um pedido.

Argh! Professora carrasca! Era óbvio que Mason colava em todas as suas provas indiscretamente, mas ela nunca disse nada a ele! Brigou comigo, logo eu que sempre era um anjo nas suas aulas e nunca colei em nenhuma prova dela! Fiz aquilo no auge do desespero! Nojenta! E como me irritava esse jeito "Mestre Yoda" dela de falar!

– Aqui… – entreguei a prova, derrotada, xingando a professora e Isabelle por dentro. Custava ajudar uma colega necessitada? Dar cola é muito diferente de pedir! Garota egoísta! Agora tinha sujado meu nome e minha reputação de boa aluna a troco de nada!

Fui andando para fora de cabeça baixa e encontrei Jenny no bebedouro, umas duas portas depois.

– E aí? Como foi?

– Tirando o fato de que a Mestra Yoda tirou minha prova faltando uma questão para eu terminar, acho que fui razoável.

– O quê? – ela perguntou, surpresa. – Por que ela fez isso?

Não me sentia nada bem dizendo isso, mas tive que falar.

– Porque eu pedi cola.

Ela arregalou os olhos e falou:

– Ronnie! Você?! Eu nunca imaginei, hein! Bem-vinda ao grupo de estudantes normais! – ela riu.

Era para eu rir também, mas estava me sentindo péssima.

– Nada disso! Foi uma experiência horrível! Não quero passar por essa humilhação de novo!

– Relaxa, foi erro de principiante. Com o tempo você fica expert – ela piscou.

Suspirei.

– E você? Como f…

Mas antes que pudesse terminar a pergunta, meu celular vibrou. Droga! Tinha me esquecido dos meninos!

DÁ PRA SER OU TÁ DIFÍCIL?

– Jen, eu tenho que ir!

– Pra onde?

– Pra um negócio! Tchau!

Voei corredor abaixo, sem explicar nem olhar para trás. Cheguei no pátio, que estava vazio, com exceção de Mason e Ryan, que estavam do outro lado do portão.

– Ah! Finalmen…

– EU VOU TE MATAR! – corri até Mason e lhe dei um soco no ombro. – Qual é o seu problema?! Sabe o que eu passei por sua causa?

– Ai! Foi mal! Era por uma boa causa! Você não quer ver sua irmã feliz?

– Claro, mas *eu* não faço parte dos Boston Boys! EU não precisava ir! Por que não pediu o endereço pra minha mãe?

– Porque ela não atende ao telefone. Além do mais, é melhor com alguém guiando o caminho do que só anotando uma rua e um número.

Ele sorriu, e a minha vontade de matá-lo se elevou ao quadrado.

– Como a gente vai sair da escola?

– Já cuidei de tudo – ele chamou com a mão um inspetor perto da secretaria. – Robert, abre aqui o portão pra gente?

– Claro – ele fez o que Mason pediu.

Enquanto andávamos até as motos dos dois, perguntei, assustada:

– Você subornou ele?

Ele se virou para mim e piscou:

– Não sabia que a filha dele é minha fã?

Revirei os olhos.

– Você me dá nojo.

– Diz aquela aluna exemplar que checa o telefone no meio de uma prova.

Touché.

Chegamos até as duas Harleys paradas, e eles pegaram os capacetes.

– Cadê o meu? – perguntei.

– Ah, me esqueci de trazer – Mason disse. – Mas você nem precisa, sua cabeça já é dura mesmo.

– COMO É QUE É?

– Calma, mulher, é brincadeira – ele tirou do compartimento outro capacete e me deu. – Viu? Esse é até azul, sua cor preferida, não é? Pode falar, eu sou lindo.

Corei rapidamente.

– Como você sabe minha cor preferida?

– Ué, eu deduzi. É a cor que você mais usa.

Sim, claro! Por que eu estava tirando conclusões precipitadas? Era só a cor que eu mais usava, simples!

Os dois subiram nas motos.

– Ronnie, você prefere ir com o Mason, né? – Ryan perguntou na maior inocência.

– Hã? – exclamei, pega de surpresa. – Por que você acha isso?

– Ah, sei lá. Você preferia ir comigo?

Corei novamente. Ai, que desconfortável! Logo Ryan, que era o que eu menos tinha intimidade dos três! Não que Henry e Mason fossem meus melhores amigos ou coisa do tipo, mas se fossem eles que estivessem perguntando aquilo eu não levaria tão a sério.

– Eu… Hã… Não sei…

– Sobe logo. A gente tá perdendo tempo – Mason disse, curto e grosso. Mas até que foi bom, não precisei dar explicações.

– Tá, tá – coloquei o capacete e subi na moto com ele.

– Sabia que ia me escolher – ele falou, rindo.

– Cala a boca – mesmo não querendo, me segurei nele e os dois aceleraram.

CAPÍTULO 13



Depois de andar uns quatro quarteirões, os dois viraram a esquerda e pararam em frente a outra escola. Era do mesmo tamanho da minha, mais ou menos, e o pátio estava igualmente deserto.

– O Henry estuda aqui? – perguntei a Mason, e emendei com algo que queria perguntar desde que fora mencionado no brunch de Marshall. – Por que não o colocaram na nossa escola também? – Bom, por falta de notas eu tinha certeza que não era.

– Não tinha mais vagas pra nenhuma turma. Eu me matriculei primeiro, então peguei a última vaga.

– Ah…

Tinha que admitir que aquilo era um alívio. Já pensou estudar na mesma escola de *dois* Boston Boys? Aposto que tinha vaga. Provavelmente o diretor que não quis colocar o Henry, porque sabia que as meninas iam enlouquecer ainda mais e não dariam a mínima para os estudos.

– E você, Ryan? Por que não está na mesma escola dele?

– Eu? Bem… – ele abaixou a cabeça.

– Ele não passou na prova – disse Mason. Curto e grosso outra vez.

– Tava difícil, tá? – ele tentou se explicar.

– Claro que tava… – Mason falou, irônico, e pegou seu celular. Discou um número e o colocou no ouvido. – Ei, Henry? Desce aqui, a gente tá te esperando! Ué, pra ir pra escola da Mary! O Ryan tá aqui também! Ah, pode sim! Diz que tá doente, sei lá! Ah, e daí que é aula de revisão? Você não vai repetir se faltar! – ele

revirou os olhos. – Vem logo, só falta você! Não, peraí, não desliga!

Ai, ai. Vi que não tinha outra opção. Era isso ou Henry nunca ia descer. Bom, já que já tinha me rebaixado hoje, não ia fazer mal descer o nível um pouco mais.

– Me dá isso aqui! – puxei o celular da mão dele. – Henry! Se você descer agora e vir com a gente eu te dou um beijo!

Mason e Ryan arregalaram os olhos. O celular ficou mudo de repente.

– Não fale nada – entreguei de volta o celular pra Mason, já esperando que ele fosse soltar um comentário do tipo: "Sua safadinha."

– Tá… – ele disse, ainda pasmo, e guardou o celular no bolso.

Uns dois minutos depois, vi uma silhueta correndo esbaforida em nossa direção. Ele entregou um papel ao inspetor – creio eu que era um bilhete de autorização para sair mais cedo – e praticamente arrombou o portão.

– Ele veio! – gritei. – Vai, acelera!

Mason se ajeitou e fez o que eu mandei. Acelerou tão rápido que a moto deu uma empinada e foi para a frente com toda a velocidade. Ryan fez o mesmo e foi logo atrás de nós. Olhei para trás e vi Henry subindo desesperado em cima de sua própria moto e acelerando também.

– Roooooooonnieeee! Me esperaaa!

Ai, Deus… , suspirei, pensando que ele não ia esquecer a promessa que eu fiz tão cedo.

Os três dirigiam o mais rápido que podiam. Tão rápido que eu dei graças a Deus que não tinha nenhum policial por onde passamos naquele horário. Mason e eu estávamos na frente, já que eu precisava dizer o caminho. Só que ficou um pouco difícil de lembrar com tanta adrenalina, receio e ódio de mim mesma por estar fazendo tantas coisas proibidas, como colar na prova, sair mais cedo da escola clandestinamente e ultrapassar o limite de velocidade permitido por lei. Por esse motivo, acabamos dando uma volta a mais, e, quando me liguei disso e falei para Mason, os três viraram com tanta ferocidade que eu quase caí da moto. Bom, eu mereci.

– Vira aí na esquerda! – falei, e entramos na rua da escola da Mary. – Pronto, é aqui!

Como os garotos não tinham tempo de procurar vagas decentes, estacionaram nas primeiras que encontraram.

– Não tem risco de roubarem, não?

– Relaxa, se não roubaram em LA, com certeza não vão roubar aqui – Mason disse, tirando seu capacete.

– Bom, você que sabe – falei, e tirei o meu.

Ao ver o estado do meu cabelo, Mason não controlou a risada.

– Primo It, é você? – ele ria muito.

– Cala a boca! – tentei ao máximo tirar o cabelo da cara e deixá-lo apresentável de novo.

– Não liga pra ele, Ronnie – Henry disse, tocando meu ombro. – Eu adoro garotas de cabelo TCHAM!

Ok, ouvir isso foi pior ainda. Primo It, agora TCHAM. Só faltava o Ryan dizer que eu poderia começar uma moda interessante.

– Não temos tempo pra isso! – falei, andando na frente.

Já que me conheciam, abriram o portão para mim. Sempre sonhei em dizer aquela famosa frase que te faz se sentir o máximo: "Eles estão comigo." E ela tinha ainda mais efeito, porque eles eram famosos. Quando falei, me senti a líder de uma gangue. Isso até Mason cortar o meu barato:

– Anda, It. Para de se achar.

Entramos correndo no prédio e subimos as escadas até o segundo andar. Quando chegamos na sala do quinto ano B, ouvimos a gritaria do lado de fora.

Espiei na janelinha e vi as crianças berrando e apontando para Mary.

– Mentirosa! Mentirosa!

Deu pra ver que todas as mães já tinham se apresentado e era a vez da mamãe. Com certeza ela falara sobre seu emprego, mas ninguém acreditou. Claro, elas não tinham provas. Mary estava encolhida em seu canto da sala, devia estar chorando.

Abri a porta da sala e entrei, descabelada e ofegante. As crianças pararam a gritaria ao me ver. Só não ficaram muito surpresas, porque não viram os meninos. Até Mary levantou o rosto encharcado, e uma luz surgiu em seus olhos.

– Olá… – falei, desajeitada. Já disse que odeio ser o centro das atenções. Mas não podia voltar atrás, estava fazendo isso pela minha irmãzinha. – Pra quem não me conhece, eu sou a Ronnie, irmã da Mary.

As crianças se entreolharam, mas não disseram nada. Corri os olhos pela sala e encontrei os de mamãe, ela parecia aliviada. Com certeza também fora linchada pelos pestinhas.

– Vocês estão dizendo que ela mentiu, não é? Estão enganados.

Mary limpou as lágrimas e abriu um sorrisinho que foi gradativamente aumentando.

– Hã? – as crianças perguntaram.

– Acho que ela também tá enrolando a gente – um garotinho ruivo disse.

– Bom, pra que falar se eu posso mostrar? – bati palmas duas vezes, como se fosse a apresentadora de um show. – Meninos e meninas, apresento a vocês… – fiz na minha cabeça o som de tambores. – Os Boston Boys!

Mason, Henry e Ryan entraram na sala, fazendo todos, inclusive a professora e as outras mães, exclamarem de surpresa. Claro, as meninas ficaram enlouquecidas. Todas se levantaram, gritaram e correram para abraçá-los e pedir autógrafos.

Depois que a multidão de pequenos fãs se acalmou, Ryan deu um passo à frente e chamou a atenção de todos.

– A Susan é nossa produtora, sim! A Mary não é mentirosa coisa nenhuma! Nunca foi! Vocês não deviam ter ficado em cima dela desse jeito!

– Ryan… – os olhos de Mary brilharam ainda mais. Eles tinham voltado a ganhar vida quando ela ouviu aquelas palavras. Também, era como um sonho realizado. A pessoa por quem ela estava apaixonada tinha acabado de defendê-la na frente de todos que a tinham humilhado. Eu me sentiria assim também se o Johnny Depp ou o Gerard Butler aparecessem e fizessem algo assim por mim.

– Desculpe se não consegui chegar mais cedo, Pequenininha. Estava me sentindo tão mal por não te ajudar que nem consegui prestar atenção direito na aula!

Ela arregalou os olhos. Quase deu pra ouvir a batida forte do seu coração. Puxa vida, nem eu estava me sentindo tão culpada daquele jeito enquanto fazia a minha prova.

– Se eu tivesse chegado antes, você não teria passado por essa humilhação.

– É, e se a Ronnie não tivesse demorado na prova também – Mason cochichou para Henry, mas eu consegui ouvir.

– Quieto – dei-lhe uma cotovelada. – Não estraga o momento. E se você um dia disser isso pra minha mãe, eu arranco suas tripas.

– Ok – os dois riram de leve.

Mary finalmente se levantou, correu pela sala até Ryan e o abraçou com tanta força que ele quase caiu para trás.

– Não! Eu estou muito feliz por você ter vindo! Obrigada, mesmo!

– Aaaaaawn… – um coro de mães ecoou, encantada com a cena. A minha foi uma delas.

Depois de deixá-los curtirem um pouco seu momento fofinho, Mason resolveu falar:

– Ei, galera! Que tal aproveitarmos que estamos todos aqui e fazermos um show ao vivo?

– SIIIIM! – as crianças concordaram animadas.

– Ei, ei! – a professora protestou. – Esqueceram que têm aula de inglês agora?

– Ah, por favooor! – Mary fez biquinho, e Ryan a imitou.

A professora cruzou os braços, não convencida.

– Por favor? – Ryan piscou os olhos, parecia ter 10 anos também. – Por favorzinho?

Ela olhou para o relógio duas vezes, mas depois acabou concordando:

– Ah, tudo bem! Voltamos com a aula depois do recreio!

Todos comemoraram batendo nas carteiras e gritando. Fomos para a sala de música no andar de cima, e os meninos usaram os instrumentos improvisados que tinham lá. Foi o maior sucesso, bem mais divertido do que eu pensava que ia ser.

Há tempos não via minha irmã tão triste e depois tão feliz como vira hoje. Nunca tinha visto uma expressão tão iluminada em seu rosto. Deu pra ver que sua relação com Ryan tinha evoluído, e muito. Para mim, só ela tinha passado a gostar mais dele, mas nesse dia pude perceber que ele também passara a sentir um carinho especial por ela, e fiquei feliz com isso. Por mais que ela me irritasse sempre, gostava de ver Mary sorrindo.

Agora não tinha mais dúvidas. Para ele, com certeza ela não era mais uma simples fã, e, para ela, ele não era mais um simples ídolo.

O que acontecera nessa semana realmente me ensinou uma lição valiosa. Não é algo do tipo, "defenda aqueles que são especiais para você", como no caso de Mary e Ryan, ou "se tiver algum problema, peça ajuda aos outros", como no caso de Mason. O que eu realmente aprendi foi que eu não consigo me dar bem em uma prova sob pressão. Como eu descobri isso? Quando dois dias depois a Yoda me entregou meu 4,0, que a bruxa fez questão de fazer gigante com sua melhor caneta vermelha, e marcara o papel com violência.

CAPÍTULO 14



Entrei em depressão profunda ao receber aquela nota catastrófica. Nunca obtive um resultado tão baixo em toda a minha vida. Não merecia isso. Eu tentava ser uma aluna dedicada e era isso que eu ganhava em troca? Não merecia um 4,0, não merecia ter um astro de TV egocêntrico sugando minha alma dentro da minha própria casa. Pensando bem, a culpa era um pouco dele, porque se ele não tivesse me mantido tão ocupada durante o tempo que eu deveria estar estudando para História, nada disso teria acontecido. Reaprendi todas as fórmulas de Física, todos os NOX's de Química e todos os filos de Biologia estudando com ele, agora o raio das guerras antigas de História me escaparam por completo.

Tive que pagar caro por isso. Jenny tentou me chamar para sair todos os dias, mas eu mal saí do quarto. Enfiei a cara no livro de Geografia e fiquei praticamente dois dias inteiros sem ver a luz do sol. Só saí para ir à escola (mas estava nublado, então tecnicamente isso não conta) e, quando voltava para casa, continuava estudando. A prova de Geografia era na outra segunda, e eu não conseguiria suportar outro 4,0 na minha vida.

Mamãe ficou preocupada. Disse para eu sair um pouco também, mas, por mais que eu quisesse, me forcei a ficar. Esse era meu castigo, para que eu deixasse de ser idiota e não obedecesse a todos os pedidos de Mason. Pelo menos Mary conseguiu confortá-la e convencê-la de que sua filha mais velha não estava enlouquecendo. Claro, confortou do seu jeito.

– Deixa ela, mãe. Síndrome de pseudo-nerd.

Argh. Acho que não tinha nada pior do que ser chamada por esse nome. Se eu

fosse uma nerd, tudo bem, iria sair por aí me gabando dos meus 10,0 em todas as matérias, mas a vida não é fácil assim, ela sente prazer em te sacanear. Eu me esforçava e até tirava boas notas, mas não se comparavam com as de Isabelle. Realmente não há fundo do poço maior do que tentar ser nerd e não conseguir.

Enfim, já no sábado, quando eram quase três da tarde, estava pronta para subir para o quarto e ter meu castigo diário, mas felizmente a campainha tocou bem nessa hora.

– Ronnie, atende, por favor?

– Claro – não conseguia enganar a mais ninguém. Faria qualquer coisa que me mantivesse lá embaixo por mais tempo. Se visse aquele livro de Geografia mais uma vez ia arrancar os cabelos.

Eu me levantei e andei até a porta. Quando a abri, tomei um leve susto, não tão grande quanto ver uma barata, por exemplo, mas talvez uma mariposa.

– Oooooi! – isso aí, Karen estava parada bem na minha frente, com um largo sorriso no rosto.

– O Mason não tá aqui – falei, sem paciência.

– Ah, bobinha! – ela deu um tapinha de leve no meu ombro com sua bolsa Prada. – É com você que eu quero falar!

– Comigo? – agora estava com medo mesmo. Não estava meio cedo para o primeiro de abril, não?

– É – ela respondeu com naturalidade.

– O que houve?

– Eu e os meninos vamos ao cinema hoje. Quer vir?

Hã? Como assim? Karen estava *me* chamando para sair? *Com* os meninos? Não, não podia ser. O universo não estava mais fazendo sentido. Tive que me beliscar para ter certeza de que esse era o mundo real.

– Acha que está sonhando? Que graça – ela deu uma risadinha.

Ok, se não era um sonho, certamente ela tinha algum interesse nisso.

– Tá legal, o que você tá aprontando? – perguntei e cruzei os braços.

– Eu? Nada!

– Sei – levantei uma sobrancelha.

– Eu juro! Se não acredita em mim, tem alguém que pode falar pra você – dito isso, ela esticou o braço esquerdo e puxou um Henry envergonhado de trás da porta.

– Henry? – arregalei os olhos. Ele estava lá o tempo todo?

– Oi, Ronnie! – ele acenou, sorrindo.

– Oi… – acenei de volta, meio sem saber o que fazer.

– E aí? Vai ao cinema com a gente?

Ela não estava brincando, ele estava mesmo ali. Vindo de Henry, já me deixava um pouco mais calma.

– Não sei… – ainda não estava cem por cento confiante naquilo.

– Vamos, nós cinco! Vai ser legal!

Pensei em alguns motivos para aquilo estar acontecendo. O primeiro era que Karen realmente tinha mudado e resolvido me aceitar em seu mundo, e esse convite seria uma espécie de pedido de desculpas.

– Posso levar a Jenny?

– NÃO – ela disse, seca.

Ok, primeiro motivo: descartado.

O segundo seria que talvez o próprio Marshall podia ter pedido isso à ela, como uma maneira de acertar as coisas entre nós. Marshall era meio intrometido em nossas relações, então isso era algo possível de acontecer.

– Por favor, Ronnie! – Henry pediu.

E se nós nos conhecêssemos melhor, Karen poderia me interpretar melhor na série! É claro! Então era esse mesmo o motivo! Nenhuma armação, mas também nenhuma rendição! Fazia sentido!

E também, estava seca de vontade de sair de casa e não estudar mais. Aquele estudo pesado me consumira por inteiro. Precisava de alguma distração, e embora não fosse o programa ideal, não seria tão ruim ir ao cinema e ver uma boa comédia, ou ação, ou romance, qualquer coisa. Tudo bem, minha última experiência envolvendo cinema e Boston Boys não foi muito agradável, mas não era como se *outra* mãe ciumenta fosse aparecer para estragar os planos de todo mundo. Só não podia contar para Jenny. Ela ficaria uma fera se descobrisse que eu ia sair sem ela, ainda mais com os meninos.

– Tá bom, eu vou.

– Oba! – Karen deu um pulinho. – Então nos encontramos lá as sete, ok?

– Ok.

– Então tchauzinho! – ela puxou Henry pela camisa, sorridente, e eu fechei a porta.

••••

Deram sete horas. Mamãe estava tão contente por eu ter resolvido sair de casa, que me levou até o shopping cantarolando de felicidade.

– É muito bom saber que você está expandindo suas amizades, filha!

– Ai, mãe, não exagera. Não virei melhor amiga de ninguém. Só vou com eles ao cinema.

– Eu sei, mas não é comum você querer sair só com o Henry e a Karen!

– Hã? Como assim? Não vou sair só com eles.

– Ah, não? A Jenny também vai?

– Não, se esqueceu das suas outras duas crias?

Ela pareceu achar graça da maneira como me referi aos outros dois Boston Boys, mas logo respondeu:

– Não, mas tenho quase certeza de que ouvi Mason comentando hoje que ia dormir na casa do Ryan. Ele até arrumou uma mochila.

Fiquei tensa. A temperatura do carro pareceu aumentar uns dez graus. Espera aí, então ia ser SÓ NÓS TRÊS? Eu iria ficar sozinha com o Henry e a Karen?

Minhas mãos começaram a suar. Não, não podia ser.

Espera! E se Karen precisasse sair comigo para me conhecer melhor e tivesse usado os meninos como desculpa? OH MEU DEUS, e se nem o Henry fosse? Ia ser só nós duas? ARGH!

– Ronnie, você está bem?

– Sim… – falei, branca.

Que beleza. Acho que eu preferia estar estudando Geografia agora, pensei, fechando a porta do Audi.

Quando mamãe acenou para mim e foi embora, me senti no meu primeiro dia de aula. No primeiro mesmo. Naquele momento em que você agarra desesperadamente o pescoço de sua mãe implorando para que ela não te deixe sozinho nesse novo lugar que parece ser terrível. Só não fiz isso porque já tinha quase 16 anos e não me permitiria um vexame desses. Mas que eu queria ir embora, com certeza queria.

Força, Ronnie. Você consegue. Não é como se estivesse enfrentando-a pela primeira vez, pensei com convicção e me direcionei até o cinema.

Cheguei lá com os punhos cerrados, mas felizmente vi que não estaria

completamente sozinha. Por sorte, Henry estava com ela, acenando para mim, na fila. Ele usava uma camisa de mangas compridas da Hollister, e ela uma calça cor-de-rosa colada, uma blusa de alças – não sei como ela conseguia aguentar o frio que estava fazendo – e um salto que a deixava quase uma cabeça mais alta que eu.

– Oi – falei, um pouco tímida, e levemente aliviada.

– Oi! – Henry disse. – Que bom que você veio, Ronnie!

– Mason e Ryan ligaram dizendo que não podiam vir, desculpa – Karen falou, sem nem ao menos me cumprimentar.

Suspirei. O que eu temia acabou acontecendo mesmo. Mas agora que estava ali, teria que ir até o fim. Duas horas não iam me matar, certo?

– E aí? Qual filme você quer ver? – Henry perguntou a mim.

Confesso que não era exatamente uma cinéfila, então não sabia direito quais filmes estavam passando. Dei de ombros e deixei que ele sugerisse.

– Eu estava pensando em ver um de suspense, que tal?

– Não – Karen disse. – Eu quero ver um romance.

– Romance? Por quê? É muito nhénhénhé!

– Não é nada! – ela cruzou os braços.

– É, sim!

– Bem, suspense é chato!

– Não é! Deixe de ser mimada e tente fazer o que os outros querem pelo menos uma vez!

– Você não manda em mim, seu mala!

Fiquei parada, quieta, ouvindo a discussão no meio da fila. Quer dizer, eu e as pessoas em volta. Puxa, não imaginava que os dois se tratassem assim. Antes aparentavem ser amigos, agora parecia que se odiavam.

– Ah, Ronnie, foi mal! – Henry se virou para mim. – Não queríamos te deixar constrangida.

Não estou constrangida, estou assustada, pensei, mas por fora só concordei com a cabeça.

– Vamos deixar a Ronnie decidir o filme – ele disse.

– Hmpf, tá – Karen concordou, irritada.

Odeio ser aquela que toma a decisão final. Sempre alguém fica insatisfeito e com raiva de você. Mas pensando bem, acho que ficaria melhor para mim se eu concordasse com a Karen. Henry era bonzinho, ia entender minha situação. Eu

acho.

– Pode ser o romance.

– Yes! – ela comemorou, depois lançou um olhar vitorioso para ele.

Depois de comprar os ingressos, como já estava na hora de começar, entramos logo na sala e fomos até nossos lugares.

– Pode se sentar do lado dele, se quiser – Karen me disse, e Henry se sentou entre nós duas. Não teria como a situação ficar mais estranha do que já estava, então não fazia muita diferença.

E o filme começou. Era aquele típico romance sobre uma garota que conheceu um cara, se apaixonou, depois descobriu que ele era doente e só tinha um mês de vida e blá-blá-blá. Pode me chamar de insensível, mas eu não me comovo mais com essas histórias.

Estava indo tudo bem, até que de repente senti uma cutucada no ombro. Olhei para cima e me deparei com ninguém mais ninguém menos do que Piper Longshock.

– Ah, pelo amor de Deus… – bati na testa. – Não me culpe, culpe a ruiva que deu informação errada pra nós duas.

Ah, claro que ela estava no meu quintal enquanto Karen veio me chamar para ir ao cinema. Acho que eu estava subestimando aquela *stalker*.

– Eu achava que Mason e Ryan viriam também, por isso me vesti com as cores preferidas deles – ela fez bico. – Olha só: blusa branca, Mason. Jaqueta preta, Ryan. Tênis vermelho – ela fez questão de mostrar seu All Star, quase acertando minha cabeça –, Henry.

– Que fã dedicada… – disse, ironicamente.

– Não sou?!

Mas nossa pequena conversa foi interrompida por vários "ssssshhh!" das pessoas em volta. Antes de sentar novamente direito em seu lugar, Piper cochichou no meu ouvido:

– Só pra você saber, Henry está desesperadamente tentando chamar sua atenção. Mas apenas *tente* fazer alguma gracinha que esse filme não vai ser mais de romance, vai ser de terror.

Arregalei os olhos e olhei para o lado. Lá estava o braço de Henry, apoiado no braço da cadeira com a palma da mão virada para cima. Ele realmente queria que eu desse a mão para ele no meio do cinema. Ai, que desconfortável…

Depois do aviso de Piper, minha atenção se desviou do filme e foi para o esquema de Henry e Karen ao meu lado. Tentei escutar o máximo possível do que eles diziam.

– Por quanto tempo vai ficar enrolando? – ouvi a voz de Karen, que falhou ao tentar cochichar. – Vai de uma vez!

– Eu sei… Mas ela não faz ideia… – dessa vez foi Henry, novamente, não discreto o suficiente.

– Para com essa melação! Anda logo!

Virei rapidamente para a tela e fiquei encarando-a fixamente. Era isso mesmo que estava acontecendo? Henry ia tentar alguma coisa comigo? Por quê?!

Eu me fixei na cadeira e não me atrevi a olhar para o lado. Tinha que prestar atenção no filme, somente no filme.

Alguns minutos se passaram, e eu consegui me acalmar. Será que ele tinha entendido o recado? Aparentemente não, porque de repente escutei um barulho de tapa. Não me contentei e olhei para o lado, mesmo não sendo o certo a fazer. Para meu espanto, Henry estava inclinado para a cadeira de Karen, e agora acariciava sua bochecha.

– Errou o lado, idiota. Ela tá na sua esquerda.

– Foi mal, foi mal!

Ai, meu Deus… Então ele não ia desistir. *Foco na tela. Foco na tela.*

– Ronnie… – ele cochichou para mim. Meu coração deu um pulo.

Não sabia o que fazer. Precisava agir rápido. Precisava arranjar um jeito de fugir daquilo.

– O filme é lindo, não é? – falei, fingindo soluçar. – Nunca vi uma história tão comovente assim em toda a minha vida! Me faz lembrar de como a vida é um presente tão maravilhoso que pode nos escapar tão repentinamente! Meu coração está despedaçado!

Tirando a ressalva dos "ssssshhhh" que eu recebi novamente, minha tática funcionou, porque finalmente ele tirou o braço de perto e voltou novamente para seu lugar. Suspirei, aliviada, e relaxei na cadeira.

Minha encenação tinha dado certo, porque ele não se mexeu durante o resto do filme, até acabar. Ufa, a primeira fase tinha sido completada com sucesso. Agora faltava sair de lá com calma e fingir que nada tinha acontecido.

– Ei, por que não vamos lanchar? – Karen sugeriu.

– Por mim, tudo bem – Henry disse. – O que você quer comer, Ronnie?

– Tanto faz… – desde que fosse rápido, pelo amor de Deus. Quanto antes eu saísse de lá, melhor.

Acabamos indo até um restaurante de crepes. Pois é, eu esperava um fast-food, mas acabei tendo que sentar numa mesa, com garçom e tudo.

– Vou ao banheiro – Karen disse, mal sentando na mesa, e se levantou. Quanta sutileza.

Henry esperou que ela saísse de vista e chegou sua cadeira mais perto da minha. Ah, não. Não era possível. Ele ia tentar algo ALI, com um monte de gente olhando?

– Ronnie.

– Sim? – minhas pernas tremiam debaixo da mesa.

– Você está linda hoje, sabia?

Pela primeira vez estava levando os elogios dele à sério. Pela primeira vez ele parecia *realmente* sério.

– Obrigada… – falei, tentando não olhar em seus olhos azuis.

Ele aproximou seu rosto.

– Eu… Hã… Eu queria…

Ah, não, que droga! Bem que um garçom poderia aparecer naquela hora e estragar o "momento"! Ficaria mais do que feliz em dar uma boa gorjeta para ele por isso!

De repente, meu coração quase parou. Ele agarrou meus ombros, con-victo.

– Henry…? – perguntei, atônita.

Ele foi se aproximando cada vez mais, impedindo que eu me mexesse. Então era isso mesmo? Meu primeiro beijo seria assim?! Eu não esperava que fosse ser com um príncipe em um cavalo branco, mas isso era totalmente diferente do que minha imaginação construiu durante tantos anos!

Mas antes que a catástrofe acontecesse, ele me olhou com firmeza nos olhos, arregalou-os e se afastou bruscamente. Depois bateu a mão na testa e gritou: – Não posso fazer isso! – ele levantou o rosto e juntou as mãos. – Ronnie, me perdoa, por favor! Eu nunca quis te beijar à força! Desculpa se te deixei assustada! Mil perdões, é sério!

Precisei de um tempo para minhas sinapses voltarem ao normal para tentar entender o que diabos estava acontecendo. Apesar do susto, era bom saber que

Henry tinha voltado a si. Mesmo sendo meio inconveniente, não combinava com ele fazer algo daquele jeito.

– Eu posso explicar tudo o que aconteceu! Vou falar o porquê de tudo isso, pra você não ficar confusa!

– Aham – atônita, fiz um sinal implorando para que ele dissesse logo.

– Bem, tudo começou hoje de manhã, quando Karen e eu chegamos mais cedo no estúdio. Marshall já estava lá, então aproveitou para nos dar logo o script da próxima semana. "Eu pensei bem na sua ideia e resolvi colocar no programa", foi o que ele disse para Karen quando entregou o roteiro para ela. "Viva!", ela falou, porque há muito tempo pedia para ele uma cena de beijo. "Está na página 16, se não me engano", ele disse, e ela logo revirou as páginas até encontrar a cena que tanto queria ver. Mas ela não sabia das pequenas alterações que ele tinha feito. Assim que ela leu a página, seu sorriso despareceu. Fiquei curioso, e fui ler o que estava escrito, e confesso que não gostei nem um pouquinho do que ele tinha decidido fazer. "Marshall, você só pode estar de brincadeira comigo. Eu vou beijar o Henry?!" Resolvi me impor também a respeito daquilo, mas do meu jeito. "Se você quer saber, também não estou nem um pouco a fim de beijar você." "Como se eu me importasse!", ela me deu língua, imatura como sempre. "Meninos, não briguem…", Marshall pôs uma mão no meu ombro e a outra no dela. Disse que seria um ponto impactante no programa, já que todos estavam esperando que Mason e voc… Quer dizer, Karen, ficassem juntos e seria um bom conflito se eu aparecesse e roubasse um beijo dela. "Não gostei", nós dois dissemos. Mas ele falou com aquele seu jeito calmo: "Não são vocês que decidem." E deu um sorriso. Depois disse que para a cena ficar realista, eu teria que roubar um beijo da verdadeira Ronnie, e a Karen teria que estar junto, para que ela pudesse estudar sua reação e reproduzi-la no programa. Ficamos indignados com isso, mas vimos que não tinha outro jeito, mesmo achando isso uma completa loucura.

Depois de processar calmamente aquelas palavras, tudo fez sentido. Bom, minha teoria não estava totalmente errada, ela queria ficar parecida comigo no programa; só não imaginava que seria nesse aspecto.

– Mas não é certo fazer uma coisa dessas. Desculpa – ele abaixou a cabeça.

– Uau – foi a primeira coisa que consegui dizer. – Parece que vocês estão levando o programa a sério mesmo, hein?

– Pois é.

– Mas está tudo bem – sorri levemente, agora sim estava aliviada. – Entendo por que fez isso. Eu te perdoo. Estou feliz que você tenha resolvido fazer a coisa certa.

– Obrigado. Mas um dia ainda vou te conquistar até que você implore que eu te beije – ele deu uma piscadela.

– Não força a barra – cortei.

Agora, já relaxada, nem estava mais com tanta vontade de ir embora. Na verdade, comer um crepe parecia uma boa ideia! Estava pronta para pedir, mas algo me interrompeu. Nem tudo estava resolvido ainda. Ouvi Karen berrando lá de trás:

– O quê?! Depois de tudo isso você vai amarelar? Ah, não! Vou fazer vocês se beijarem nem que seja à força!

Dito isso, ela correu da porta do banheiro e veio em nossa direção. Alarmada, colei o queixo no peito e agarrei a cadeira com força. Mas apesar de Karen chegar até nós, ela não me tocou. Abri os olhos para ter certeza do que estava acontecendo.

Karen chegara do meu lado, pronta para me segurar. Entretanto, como seus saltos eram plataforma e com sua correria esbaforida pelo restaurante, naturalmente ela se desequilibrou e tropeçou. Tentou se segurar na mesa, mas não conseguiu. E já que Henry estava do meu lado, ela acabou não só caindo em cima dele, mas com seu rosto colado no dele. E isso incluía os lábios.

– Ai… meu… Deus – falei, pasma, ao ver aquela cena.

Os dois se encararam por um breve momento, depois deram um berro e cada um voou para um lado, literalmente. Vários flashes de celulares piscaram, pois era óbvio que havia adolescentes naquele lugar. Um deles era Piper, cujo flash era cinco vezes maior, já que ela usava uma daquelas câmeras fotográficas profissionais.

Henry e Karen ficaram vermelhos feito pimentão, ainda mais com praticamente o restaurante inteiro comentando sobre aquilo e tirando fotos.

Não podia ficar mais naquele lugar, pois sabia que logo, logo seria abordada como testemunha. Peguei minha bolsa e saí correndo de lá sem olhar para trás. Por sorte ainda tinha dinheiro, então peguei um táxi e voltei sã e salva para casa.

Não sei o que aconteceu com Henry e Karen logo depois do incidente, mas uma semana depois mamãe convidou todo mundo para assistir ao novo episódio de *Boston Boys* lá em casa. Para minha surpresa, os dois foram, ainda com certo clima desconfortável entre eles, mas não tão tenso como eu achava que seria. Já sabia que

eles não eram melhores amigos, então a falta de contato deve ter sido por isso e não pelo incidente.

Estava indo tudo normal, até que chegou a cena que todos esperavam:

– *Ronnie! Fica comigo, por favor!* – e Henry a segurou pelos ombros e a beijou. Senti um pequeno calafrio, de pensar que ele ia fazer exatamente aquilo comigo.

– *Henry!* – ela lhe deu um tapa no rosto, com força.

– Lindo tapa, Karen! – Marshall disse, animado.

– Nossa, como conseguiu fazer assim tão realista? – Mary perguntou.

– É porque foi de verdade… – Henry falou, acariciando sua bochecha como se tivesse acabado de receber o tapa.

– Acreditam que eles fizeram em só uma tomada? – mamãe disse, orgulhosa. – Coisa de profissional! Parece até que eles já tinham se beijado antes!

Ops! O desconforto tinha acabado de subir alguns níveis. Deu para entender o que os dois estavam sentindo, porque seus rostos ficaram da cor de um tomate. Para tentar pôr um fim naquele assunto, Karen cruzou os braços e disse que a razão disso era ela ser uma ótima atriz. A desculpa até colou, quer dizer, para quem não sabia da história.

Na verdade, a desculpa durou por apenas algumas horas, foi o tempo que demorou para que a notícia bombástica de Henry e Karen surpreendesse a todos que estavam presentes.

CAPÍTULO 15



– Garotos, acho que vocês já sabem por que eu chamei todos vocês aqui. No início não foi nada demais, mas agora a situação está fora de controle. Vocês concordam comigo, certo?

Naquele momento, eu, Mason, Henry, Ryan, Karen e Mary estávamos sentados no escritório de Kathy Heatherton. Era ela quem estava nos dando esse sermão. E estava certa. A situação realmente ficara fora de controle. O clima naquela sala, não muito grande, com uma decoração moderna e fashion, estava tenso entre nós.

Vou explicar. Kathy é a editora-chefe da *Pop!* , uma das mais famosas revistas virtuais de fofoca dos Estados Unidos. Conhecida por nunca deixar escapar um detalhe na vida polêmica dos famosos – e dos nem tão famosos também –, foi essa revista que causou o desentendimento entre todos nós, e por causa disso tivemos que falar com a própria Kathy.

Sabe de uma coisa? Vamos voltar alguns dias, para eu explicar realmente como toda essa confusão aconteceu.

Quarta, 12 de março

Tínhamos acabado de ver o episódio em que Karen e Henry se beijaram. Os dois provavelmente queriam ir embora logo depois disso para se pouparem de mais constrangimento, mas mamãe insistiu que todos ficassem para jantar. Ajudei a preparar um frango assado com batatas coradas e, claro, uma jarra de limonada, a pedido de certo alguém.

Como Mary ainda era uma criança de 11 anos e não se importava tanto assim

em ser educada com as visitas, terminou de comer e correu escada acima para pegar meu laptop. Mamãe havia prometido a ela que só ganharia o seu quando completasse 12 anos, então, até lá, ela ia pegando o meu sem pedir.

Pff, na minha época, quando *eu* tinha 10 anos, brincava com minha coleção de Barbies e bichos de pelúcia, não ficava acessando um site, 24h por dia, que mostrava as maiores fofocas de artistas adolescentes. Ah, essas crianças de hoje em dia.

– Ronnie, você mudou sua senha? – ela perguntou, ao digitar no campo em branco e não obter sucesso.

– Mudei – disse, sem nem olhar para ela. – É o dia do meu aniversário.

– Por que você contou, sua burra? – Karen perguntou.

– Porque Mary é uma irmãzinha ingrata, nunca soube o dia certo do meu aniversário. Não é, mana? – levantei uma sobrancelha e virei de costas para vê-la.

– É claro que eu sei! – ela digitou uns números e nada da tela principal aparecer. Digitou outra vez, nada. Digitou uma terceira vez, nada novamente. – Ah, eu desisto!

– Viu? – virei-me para a mesa tranquilamente e continuei a comer.

– Mason, quando é o aniversário da Ronnie? – ela choramingou.

Estava crente que ele também não faria a menor ideia, mas ele respondeu, com a maior naturalidade:

– 22 de abril.

Engasguei com a comida. Precisei virar o copo quase inteiro para voltar ao normal.

– Como você sabe a data do meu aniversário?

– Ah, é que um dia desses meu laptop tava com um problema, então eu fui entrar no seu. Assumi que a senha seria o dia do seu aniversário, como é da maioria das pessoas. Então eu peguei na sua bolsa sua carteira de identidade para ver a data, mas como não era a senha certa, desisti – e dito isso, deu um gole despreocupado em sua limonada.

Não dava para acreditar que ele tinha falado isso com a mesma expressão calma no rosto.

– Bom saber que você mexeu nas minhas coisas assim sem me consultar – falei, seca.

Ele deu de ombros, e deu o golpe final com seu sorrisinho.

Estava pronta para pôr mais uma colherada na boca, quando de repente Mary exclamou, intrigada com algo que tinha acabado de ler. Eu conhecia minha irmã, sabia exatamente qual era o primeiro site que ela ia acessar, como faz sempre. Um tal de *Pop!* , o responsável por diminuir o QI das adolescentes americanas entupindo suas mentes com lixo, ou seja, fofocas idiotas. Descobri isso dando uma olhadinha no histórico do laptop depois que ela usou.

– Karen, Henry – ela disse –, acho que vocês deveriam ver isso.

Os dois se entreolharam curiosos, depois se levantaram e foram até Mary. Leram silenciosamente a matéria e arregalaram os olhos. Já pude imaginar do que se tratava, considerando que a foto que ilustrava a matéria era do beijo acidental dos dois no shopping que ocorrera há uns dias.

– O quê?! – Karen foi a primeira a indagar. – Bando de fofoqueiros!

Não podem ver uma cena que já começam a inventar boato! Que ódio!

Henry não disse nada, continuou lendo até o final, intrigado.

– Eu vou dar um tiro em quem mandou essa foto! Argh! Por que tudo sempre acontece comigo?! – Karen começou a dramatizar. – Sério, eu vou descobrir quem foi o responsável por isso, ah se vou!!! – ela bateu no chão com seus saltos pretos.

Henry terminou de ler a matéria e sua expressão não mudou. Ele girou nos calcanhares e foi voltando para seu lugar na mesa, como se tivesse acabado de ler sobre a bolsa de valores.

– Ei! – ela gritou. – Não tem nada a dizer sobre isso? Vai deixar que arruinem sua carreira assim?!

– Ai, Karen, se acalma – ele disse, cansado de ouvi-la reclamar, assim como todos nós.

– Me acalmar?! Você viu o que esse site tá falando da gente? Tá dizendo que nós estamos namorando!

Mason e Ryan se entreolharam e deram risinhos. Henry manteve a calma.

– Também, né, com essa foto… É até razoável que pensem isso mesmo.

Karen encarou-o com ódio. Parecia que estava preparada para cuspir fogo a qualquer momento. Tinha certeza de que se o povo todo viesse para cá não teríamos um almoço tranquilo. Agora os dois eram novamente o foco das atenções. Até Mary parou de ver o site para assisti-los.

– Sério, por que você se importa? É só um site bobo de fofoca.

Não sei se ele quis parecer maduro ou algo do tipo, mas sua postura firme me

impressionou. Eu esperava que ele fosse ficar pelo menos um pouquinho incomodado.

– Um monte de gente lê! É um site bem popular! – Karen argumentou.

– Ah, fala sério. Só menininhas bobas leem isso.

Ouch. Queria ver como Karen ia rebater essa.

– Escuta aqui, EU leio. Tá me chamando de menininha boba?

– Ah, por favor, Karen. Se você lê esse negócio e faz com que isso influencie tanto sua vida, você é uma menininha boba – nesse momento ele se virou para Mary. – Sem ofensas.

– Relaxa, não me importo. Continuem… – Mary disse, querendo ver o circo pegar fogo. Ô criança fofoqueira! Quando crescesse ia dar uma ótima jornalista!

Estava crente que Karen ia soltar uma resposta bem malcriada para ele, mas ela apenas soltou um grunhido e se sentou no sofá com os braços cruzados. Tá aí duas coisas raras de se ver: Henry com pé firme e Karen derrotada.

Depois que todos terminaram de comer, conversaram um pouco e começaram a dizer: "Já está ficando tarde", se preparando para ir embora. Mary finalmente me devolveu meu laptop e eu pude subir com ele para carregá-lo. Não tive nem dez minutos de paz, quando de repente uma ruiva raivosa praticamente escancarou minha porta.

– Licença, sai, sai – sem a menor cerimônia, Karen me empurrou para o outro lado da cama para ficar em frente ao laptop. Abriu outra aba na internet e digitou o site da *Pop!* . – Telefone, telefone… Ah, achei! – Ela pegou seu iPhone e digitou o número roxo e pequeno que aparecia na parte do site escrita "contato" .

– O que você está fazendo? – perguntei.

Ela me ignorou, e disse para si mesma:

– Vamos ver se você não se importa mesmo, quatro-olhos – ela deu uma risada maldosa e esperou alguns segundos com o celular no ouvido. – Alô? Por favor, eu poderia falar com a Srta. Heatherton? Diga que é importante.

Ah, tinha sacado o que ela ia fazer. Não sei por que, mas comecei a sentir certa pena de Henry, porque o que o esperava certamente não ia ser boa coisa.

Quinta, 13 de março

Mamãe foi nos buscar na escola, mas ela parecia mais apressada que o normal.

Disse que precisava ir para o estúdio o quando antes com Mason. Resultado: fui arrastada para aquele lugar novamente, com mochila, livros e cadernos que pesavam duas toneladas. Tudo o que eu queria era tomar um banho e relaxar um pouco ouvindo música, mas não consegui nenhum dos dois. Primeiro porque eu nem parei em casa; segundo porque a bateria do meu iPod tinha acabado. Delícia.

Como não tinha mais nada para fazer enquanto eles gravavam, aproveitei para adiantar um pouco o dever de casa. Mas sabe aqueles dias em que seu próprio corpo se recusa a fazer o que é necessário? Não sei, deviam ser as milhares de contas que eu fizera de manhã, só sei que ao ler a primeira questão do dever de Matemática, meu cérebro começou a berrar um alerta: *Abortar missão, abortar missão. Não fazer o dever agora, não fazer o dever agora*. Eu tinha prestado atenção naquela aula, mas os números se embaralharam na minha cabeça.

Desisti de tentar ser uma aluna exemplar e fechei o livro. Felizmente, assim que o fiz, não precisei mais sentar e morrer de tédio, já que algo chamou minha atenção.

– AAAAAAHHHHH! – reconheci que esse grito era de Henry, não só pela voz, mas também porque Henry e Karen eram os únicos que não estavam gravando no momento; estavam numa outra sala, provavelmente lanchando.

Levantei-me e abri a porta cautelosamente para não atrapalhar ninguém. Fechei-a com suavidade e caminhei até a porta em frente, de onde os resmungos vinham. A sala era bem menor do que a de gravação, mas também tinha uma decoração com pôsteres de várias séries colados estilosamente nas paredes. No meio dela tinha uma mesa grande com alguns sanduichinhos, biscoitos e suco, e em frente a ela, um sofá de couro preto que devia caber umas sete pessoas e do lado, dois *puffs* brancos. Mas a mesa parecia intocada, o que deixava claro que os dois não estavam dando muita prioridade para lanchar nesse intervalo.

– O que… O que… O QUE É ISSO?! – foi a primeira coisa que ouvi quando entrei na sala. Henry olhava em seu iPhone algo que não o estava deixando nada feliz. Logo entendi o que era ao ver Karen logo atrás dele se controlando para não rir.

– O que houve?! – perguntei, fazendo-os notar minha existência.

– Ronnie!

Henry veio até mim, alarmado, e me mostrou seu iPhone. Estava aberto o site da *Pop!* . E logo na página principal estava uma foto grande de Henry com uma cara bem esquisita e com um cigarro na mão. Em cima estava escrito, em letras garrafais: "Astro de *Boston Boys* já drogado na adolescência."

– Uau – foi o que consegui dizer. Não sabia se ria, exclamava ou apenas ficava parada sem fazer nada.

– Isso foi só uma brincadeira, eu peguei o cigarro do meu primo só pra tirar onda! Quem mandou esse boato ridículo?! – ele estava furioso.

Karen conseguiu se controlar e disse a ele:

– Ué, por que você tá se importando tanto? Não foi você que disse que só quem liga pra essas matérias são menininhas bobas? – ela cruzou os braços e se apoiou com estilo na parede.

– Mas… Mas… – ele segurou o iPhone com mais força ainda, tanta que parecia que ele estava prestes a quebrá-lo.

– Não pensei que este seria o caso, mas parece que você se importa, afinal de contas, com o que escrevem aí, não é?

Uau. Não sabia que Karen ia pegar tão pesado. Quer dizer, uma coisa é ter um boato que você está namorando alguém que não está. Agora, ter fama de drogado… Era bem pior.

Ao ouvir essa última frase, Henry arregalou os olhos. Encarou-a com uma expressão de ódio no rosto e jogou o iPhone na mesa, não se importando com o dano que causaria ao aparelho.

– Foi você? VOCÊ mandou isso pro site?!

– Você mereceu – ela sorriu, como fazem os vilões de desenhos animados quando conseguem encontrar o ponto fraco dos super-heróis. Naquele momento ela estava parecendo uma versão feminina, adolescente, ruiva e linda do Lex Luthor.

Henry, coitado, não conseguiu dizer nada, só murmurou coisas incompreensíveis.

– Você… – mesmo com o sangue lhe subindo à cabeça, ele conseguiu formular uma frase. – Quer acabar com a minha reputação?!

– Relaxa. Só as menininhas bobas vão acreditar nisso – ela deu uma piscadela, pegou sua bolsa Fendi que estava em cima da mesinha de lanches e saiu da sala desfilando, me deixando sozinha com um Henry nem um pouco contente.

Ele bufou de raiva e pegou novamente o celular.

– Então é assim, é? Você quer guerra, Karen? Então você vai ver… Ok, ele parecia estar falando bem sério.

– Henry? – falei com incerteza, mas ele não me respondeu.

Oh, meu Deus, o que será que ele vai fazer para se vingar? Com certeza

mandaria outro boato; mas o que seria pior do que ser um drogado?! Pela expressão maléfica de Henry, ele parecia ter alguma carta na manga, que seria mostrada ao mundo em breve, muito em breve.



CAPÍTULO 16

Sexta, 14 de março

Foi aí que a brincadeira começou a ficar séria. Deu para ver que Henry tinha se vingado de verdade.

Deviam ser umas quatro da tarde quando voltei do supermercado.

Abri a porta de casa e me deparei com mamãe e Mary com os olhos vidrados na tela do meu laptop. Respeito à privacidade mandou lembranças.

– O que está acontecendo? – perguntei, colocando as sacolas de compras em cima da mesa de jantar.

As duas, ao me ouvirem, se viraram para mim, com expressões assustadíssimas no rosto.

– Filha… – mamãe disse, quase engasgando. – Vem ler isso aqui.

Fui até elas, que me deram licença para que eu pudesse ver a tela do laptop. Ao ler tudo o que a matéria dizia, a notícia foi tão impactante para mim que se aquilo fosse uma revista eu já a teria rasgado ao meio.

– Isso… Não pode ser verdade…

Ficamos alguns minutos em silêncio, olhando uma para a cara da outra. Não tínhamos muita coisa a fazer senão esperar o momento em que o protagonista do assunto da matéria chegasse em casa para explicar o que diabos era aquilo. Parecia que uma hora já havia se passado, maldita agonia.

Finalmente ouvimos um barulho de chave. Corremos até a porta como três

cachorros famintos vendo as portas de um açougue se abrindo. Mason entrou em casa, tranquilo, ouvindo música com seus headphones, mas ao se deparar com três rostos desesperados o encarando, ele logo tirou os fones e disse, preocupado:

– Hã… Tá tudo bem com vocês?

– Mason… – mamãe falou, com uma voz meio fraca. – É verdade que isso aconteceu?

– Espera, vocês também estão desconfiando que eu fiz alguma coisa? Porque agora há pouco minha mãe me ligou, aos prantos, dizendo que estava chocada.

Pobre Lilly. Imaginei o que ela estaria sentindo ao ter lido aquilo.

E imaginei também que a qualquer momento um assassino profissional apareceria na casa de Karen e a pegaria de jeito.

– Seja o que for, eu não fiz nada, sério.

Nós três nos entreolhamos.

– Gente, falem logo, tão me deixando preocupado! Espalharam alguma coisa de mim, por acaso?

Mordi os lábios. Mary deu um passo à frente e tocou a manga da blusa dele.

– Vem cá ler isso.

– Tá – ele andou com ela até o laptop e leu em voz alta a matéria na home page. – "Gravidez na adolescência" – ele lançou um olhar desconfiado. – "Karen Sammuel, atriz do programa *Boston Boys* pareceu se envolver intimamente com seu colega de trabalho e teve um pequeno descuido" – até aí fazia sentido, ainda mais com a foto ilustrando a matéria que era dos dois se acabando em uma festa – "Será menino ou menina? Bem, tudo o que sabemos até agora é que o nome do pai é M…" – assim que ele leu o nome, seus olhos saltaram e sua boca abriu tanto que ele poderia facilmente engolir um hambúrguer inteiro.

Parecia que Mason havia parado de respirar por um breve momento. Sério, seu rosto empalideceu. E ao ver as expressões em nossos rostos, ele pareceu ficar ainda mais assustado:

– ISSO É MENTIRA! – ele começou a suar. – Gente, eu NUNCA faria isso! Nunca! Não tem nada rolando entre mim e a Karen! Vocês não acreditaram nisso, acreditaram?!

– Olha… – mamãe começou.

– Mais ou menos… – Mary completou.

– O QUÊ?! – ele se virou para mim. – Ronnie, me diz que pelo menos você…

– Eu… Hã… – falei, olhando para o chão. Mesmo sabendo que era tudo inventado, não podia deixar de ficar surpresa, a pessoa que escreveu tinha um bom poder de argumentação.

– Isso é maluquice! – ele gritou, desesperado. – Eu juro que não fiz nada!

– Mason, se acalma! Eu acredito em você! – falei.

– Mesmo assim… Há quanto tempo esse negócio está on-line? Imagina quantas pessoas já leram! Eu preciso tirar isso a limpo!

– E como pretende fazer isso? – Mary perguntou.

Ele encarou o chão, pensativo e nervoso ao mesmo tempo.

– Será que a Karen já está sabendo disso? – mamãe disse.

Se soubesse, aposto que já estaríamos vendo o nome de Henry nos obituários…, pensei.

– Não é melhor avisar a ela?

Mason pegou o celular e discou um número, e depois de esperar alguns segundos com o aparelho no ouvido, ninguém atendeu. Tentou o procedimento mais duas vezes, nada.

– Não atende. Vou até lá e aproveito e vejo se descubro quem mandou isso e por quê.

Oh, você não faz ideia… Era estranho ser a pessoa que mais sabia do que estava acontecendo entre aquele grupo. Não podia comentar nada sobre o assunto porque seria a dedo-duro da história, mas também não era justo deixar Mason cheio de dúvidas e sem chegar a lugar nenhum, sendo que surpreendentemente ele não tivera nada a ver com a confusão!

– Eu também vou. Pra ajudar.

Como era de se esperar, Mason estranhou minha voluntariedade. Mas mesmo com toda a tensão, ele não deixou de fazer um de seus comentários "estilo Mason" que me deixavam louca de raiva.

– Parece que alguém está começando a gostar desse "mundo Hollywood"…

Fingindo não me incomodar, apenas andei até a moto de Mason e esperei que ele me seguisse. Hmpf, não estava gostando coisa nenhuma! Eu tinha acompanhado a confusão até aquele momento, não ia ser agora que eu ia parar!

Em menos de dez minutos chegamos na casa de Karen. Eu sei que esse não era o melhor momento para pensar nisso, mas UAU. Que casa. Na frente não parecia tão grande, mas se você andasse um pouco para qualquer lado veria que ela se estendia por uma grande distância. Devia ter uns quatro andares, todos com uma

varandinha com lírios e camélias em tons variados de cor-de-rosa no parapeito, e era de um branco tão limpo que parecia que tinha acabado de ser pintada. Se eu morasse num lugar desses, acho que não teria grande problema em ver um boato sendo espalhado sobre mim.

Não, mentira. Seria um problemaço mesmo assim.

Mason estacionou a moto, tiramos os capacetes e andamos pelo caminho de pedras lisas no gramado até chegar à entrada da casa. Ele tocou a campainha, e alguns segundos depois uma mulher baixinha e magrinha que parecia ter uns 50 anos, com aquela roupa preta e branca típica de empregada, abriu a porta.

– Posso ajudá-los?

– Boa tarde, a Karen está? – ele perguntou. Quem não o conhecesse acharia que ele realmente era educado assim.

– Sinto informar que a Srta. Sammuel não está no momento.

Nossa, precisava tanta formalidade?

– Sabe dizer para onde ela foi?

– Sinto muito, não posso dar esse tipo de informação.

– Por favor! Precisamos falar com ela!

– Não posso dizer, me desculpe.

Mason bateu o pé no chão por alguns segundos, pensando no que fazer. De repente, uma ideia pareceu iluminá-lo.

– Seu patrão está? – ele arriscou. E arriscou feio. E se ele realmente estivesse e já soubesse da matéria? Algumas pessoas não conseguem pensar direito antes de falar…

A empregada arregalou os olhos e pareceu ter um pequeno calafrio. Deu um passo para trás e o chamou, sem tirar os olhos de nós.

– Sr. Sammuel! Tem dois jovens na porta querendo falar com o senhor!

Ao dizer isso, ela deu um passo para o lado, para deixar a passagem livre para o verdadeiro dono da casa.

Vi o pai de Karen descendo as grandes escadas e caminhando em nossa direção. Era um homem de estatura média, que parecia ter quarenta e muitos anos, de cabelo castanho levemente grisalho e um bigode do mesmo tom, usando um robe de cetim vermelho e preto e pantufas. Eu me lembrei muito de uma versão mais jovem do Hugh Hefner,[2] só faltavam as coelhinhas em volta dele.

Ele não parecia tão ameaçador como a empregada demonstrou. Na verdade,

tinha uma expressão um tanto amigável no rosto, que ficou ainda maior quando ele viu quem estava o esperando.

– Mason, meu garoto! – ele caminhou até nós e deu-lhe um abraço.

– E aí, Sr. S.! – Mason correspondeu ao abraço. Ufa, menos mal. Mas desde quando os dois eram tão amiguinhos assim?

– E quem é essa linda menina ao seu lado? – ele virou-se para mim, com um olhar um tanto interessado.

– Essa é a Ronnie. Ronnie, Sr. S.; Sr. S., Ronnie.

– É um prazer, senhor – falei, meio sem graça.

– O prazer é todo meu – ele apertou minha mão e deu uma piscadela.

– Espere… Ronnie? Karen já me falou sobre ela… Sim, claro! Ora, ela não cheira a perfume barato! Não sei de onde ela tirou isso.

Imediatamente dei uma fungada em mim mesma, alarmada. Ouvi Mason dando um risinho. O Sr. S., não se importando com sua falta de tato, mudou de assunto logo em seguida.

– E então, rapaz? Quais são as novidades?

Ah, nada demais. Só estão espalhando um boato que o senhor será avô! , pensei. Seria uma boa maneira de dar um infarto ao Sr. S.

Mason deu um suspiro de alívio. Que graça, agora ele se preocupava com a possibilidade de o Sr. S. ter lido a matéria. Se tivesse lido, Mason não estaria vivo a essa altura. Ele parecia ser o tipo de homem que tem uns contatos com o FBI.

– Queremos falar com a Karen, sabe aonde ela foi?

– Hm… Não sei, mas ela saiu há uns minutos.

– Puxa! O senhor realmente não sabe? – perguntei.

– Não, minha querida.

De repente, ouvi o barulho de uma buzina de bicicleta se aproximando cada vez mais. Virei de costas e encontrei Piper Longshock estacionando e deixando a bicicleta jogada na rua, correndo ao nosso encontro.

– Ela foi para a casa do Henry E. Barnes! Isso tem algo a ver com os boatos que surgiram sobre ela e Mason, o que obviamente é mentira, já que ela jogou três absorventes sujos no lixo ontem à noite.

Nossa. Nessas horas era bom ter uma *stalker* à disposição.

ECA!

– Então era *você* que estava revirando nosso lixo! – acusou o Sr. S. – Eu achei

que era um gambá ou coisa do tipo ontem à noite!

– Quem é você?! – Mason perguntou, assustado com o que acabara de ouvir.

Ela parou em frente a ele, totalmente maravilhada e incapaz de dizer uma única palavra, como sempre. Resolvi finalmente revelar tudo:

– Não se lembra dela, Mason? Sua maior fã, que te seguiu de Los Angeles até aqui…

Bastou eu dizer isso que o queixo dele caiu no chão. Totalmente incrédulo, ele começou a rir:

– Cacilda! Piper Longshock! Achava que nunca mais ia te ver!

Ela só te persegue todo dia na escola e volta e meia acampa no seu gramado; e você é estúpido o bastante para não perceber isso, pensei.

Piper soltou um suspiro. Se ela fosse um desenho animado seus olhos estariam em formato de coração.

– Tá, podemos voltar ao assunto principal aqui? – estalei os dedos, mas Piper continuou no mesmo estado de êxtase.

Mason voltou para o problema também, e perguntou: – Por que ela iria pra casa dele? Não faz sentido.

Karen foi rápida. Então Henry realmente estava correndo risco de vida! Oh Deus, será que tinha mandado algum segurança do pai pra matá-lo? Ai, às vezes minha imaginação é fértil demais.

– Hã… Acho melhor irmos para lá pra você ver com seus próprios olhos – comentei.

Ele estranhou um pouco o que eu disse, mas entendeu.

– Bem, obrigado, Sr. S. Já estamos de saída.

– Tem certeza? Não querem ficar mais um pouco? A Janine pode preparar algo pra vocês, não pode, Janine? – ele colocou o braço em volta do ombro da empregada. E ele fez bastante questão de se referir a apenas nós dois, se afastando da menina maluca que revirou seu lixo na noite passada.

– Sim! Claro, patrão! – a empregada respondeu, tremendo.

– É muita gentileza, mas temos que ir – falei.

– Tudo bem, então. Espero poder vê-la de novo – ele sorriu.

Dei um risinho amarelo e acenei depressa. Dei meia-volta, chamei Mason e subimos na moto novamente. Ele mandou um "a gente se vê" para Piper, o que a fez cair de joelhos em pleno gramado da casa do Sr. S., que eu acho que estava

prestes a chamar a polícia. Fiquei me perguntando com que será que o Sr. S. trabalhava. Não me espantaria nem um pouco se ele dissesse que era fotógrafo de uma marca de lingerie ou algo do tipo.

Quando chegamos à casa de Henry, nos deparamos com a porta de entrada totalmente escancarada. Parecia que tinha sido invadida por algum ladrão.

Entramos com um pouco de incerteza na casa, e nos deparamos com a seguinte cena: Henry e Karen estavam na sala, separados por dois sofás virados um de frente para o outro e uma mesinha em cima de um tapete com desenhos indianos dourados. Ele segurava uma almofada branca, da cor dos sofás, na altura do rosto, protegendo-o, com uma cara apavorada. Já Karen estava literalmente jogando nele tudo o que encontrava pela frente. Abriu uma boneca Matryushka que estava na estante de vidro e madeira no canto da sala e foi jogando uma por uma nele. Ela bufava e exalava um ódio sem igual.

– Morra! Morra!

Henry estava desesperado e morrendo de medo, mas quando percebeu que estávamos lá, deu um sorriso esperançoso.

– Ronnie! Mason!

– O quê?! – Karen se virou, com o abajur na mão, e automaticamente Mason me segurou e abaixamos na mesma hora.

Quando ela percebeu que éramos nós, colocou o abajur no lugar onde estava e saiu de seu estado de besta destruidora e matadora para seu estado de ser humano. Mas ainda estava brava.

– Mason! Que bom que está aqui! – ela se aproximou de nós.

– Karen! – ele deu um passo à frente. – Me diz o que você fez para espalharem esse boato!

– Acha que a culpa é minha?! – ela levou as mãos à cintura. – Foi ELE! – ela apontou para Henry. – Foi ele que começou com tudo isso! A culpa é toda dele!

Ao ouvir isso, Mason cambaleou para trás. Olhou para Henry, pasmo, e disse:

– Foi você?

– Hã… – Henry passou a mão no cabelo, sem jeito. – Olha, eu não tinha a intenção de te prejudicar, eu juro. Meu alvo era a Karen, e eu precisava de algo bem polêmic…

– FOI VOCÊ?

Era como se uma nuvem trovejando tivesse pairado sobre a cabeça dele. O

espírito da besta sanguinária tinha saído de Karen e possuído Mason completamente. Novamente imaginando a cena em um desenho animado, tenho certeza de que a cara dele estaria vermelho-sangue e fumaças estariam saindo de seus ouvidos.

– Desculpa! Amigos? – Henry deu um risinho amarelo.

Mason fechou os olhos e respirou fundo por alguns segundos. Estava crente que ele conseguiria se controlar, mas não deu muito certo. Depois de refletir um pouco, ele pulou feito um tigre pelos sofás e pela mesinha, chegou em Henry – que gritou feito uma menininha – em um milésimo de segundo e começou a bater nele com toda sua força.

– FILHO DA…!!!

– Ei, ei! Calma! Ai! Calma! – Henry tentava se esquivar e se proteger.

– Você fez todo mundo achar que eu sou um canalha! Vai pagar caro por isso!

Primeiro Karen e eu ficamos meio sem saber o que fazer e assistimos à "luta" em silêncio. Quando percebi que Mason não estava ficando menos irritado, comecei a ficar preocupada.

– Mason! Para! Para! Chega! – berrei.

Ele não me deu ouvidos.

– MAASOOOOON! – esse veio do fundo dos meus pulmões. Fiquei com pena dos vizinhos de Henry.

Finalmente ele parou. Largou Henry, se levantou e ajeitou a camisa e o cabelo, ofegante.

– Valeu, Ronnie – Henry disse, arfando.

Mason lançou um olhar fuzilante à Henry e cuspiu as palavras:

– Não vou deixar isso barato – dito isso, deu meia-volta e olhou para mim. – Vamos embora.

Mason saiu pisando duro e Karen foi logo atrás, muda. Fiquei lá vendo Henry se levantando e não pude deixar de sentir um pouco de pena.

Ia me oferecer para ajudá-lo a arrumar a casa, mas nesse momento ouvi um barulho ensurdecedor de buzina. Ele estava parecendo minha mãe de TPM.

– Ronnie! Você vem ou não?

Dei uma última olhada para Henry.

– Foi mal, se eu não for vou ter que ir andando pra casa… – acenei e saí, sem olhar para trás.

Cheguei até a moto e coloquei meu capacete.

– Ei, Mason – Karen disse, apoiada na moto –, eu tenho o telefone da editora, a gente pode ligar pra ela.

Mason estava mexendo na marcha da moto, mas quando ouviu o que Karen disse, lhe lançou um olhar de súbito interesse.

– Boa ideia! Vamos ligar pra ela.

Ai, Deus. Era só o que faltava. Mason ia realmente entrar nesse fogo cruzado.

– No que você tá pensando, hein? – perguntei, com incerteza, subindo na moto e me segurando nele.

– Você vai ver… – ele deu um risinho perigoso e acelerou, deixando Karen e a casa de Henry para trás em poucos segundos.

Sábado, 15 de março

Até umas duas da tarde não tinha recebido nenhum alarme de polêmica da *Pop!* para deixar meu sábado mais intrigante. Eu admito, não estava achando chato ver o elenco de *Boston Boys* criando boatos absurdos uns sobre os outros e depois competindo para ver quem tinha queimado mais filme. Era um bom passatempo.

Mas esse tédio não durou muito, porque logo depois do almoço Mason pegou seu laptop e me chamou, lá da sala. Desci as escadas e me sentei ao lado dele para ver do que se tratava.

– Vingança. Completa – Mason disse, como se fosse um gênio do mal.

– Dá só uma olhada.

Li a matéria da *Pop!* que dizia o seguinte: "Henry E. Barnes resolveu revelar suas verdadeiras cores. Ele e seu amigo, outro astro de *Boston Boys*. Bem, talvez mais do que só um 'amigo'…"

Tinha que admitir que aquilo era meio engraçado e que Henry merecia isso como punição. O problema era que, para deixar o boato mais convincente, Mason teve que incluir mais um nessa história, e para dar o golpe final, colocou uma foto que, fora de contexto, estava bem suspeita.

– Não acha que o Ryan vai ficar chateado quando descobrir? – perguntei.

– Ah, bobagem, ele mal sabe da existência desse site.

– Ok, então. Só de curiosidade, isso é montagem ou eles estão de mãos dadas desse jeito assim mesmo?

– Não é montagem, não, eles tiveram que ficar assim por causa de um jogo de verdade ou desafio.

Ok, agora estava realmente me sentindo mal por Ryan.

Nem tive tempo de tentar argumentar com Mason para que ele o livrasse desse constrangimento, já que a pessoa que ficaria mais chocada ao ler essa notícia passou atrás de nós, e quando viu que estávamos vendo o *Pop!* , se aproximou da tela. Mal bastou ver a foto e o título da matéria e ela já deu um berro.

– Mary! – Mason e eu dissemos juntos, tomando o maior susto. Realmente, minha irmã era uma das pessoas que *jamais* poderia ler aquilo.

– NÃÃÃÃÃO!!!

Mary era madura o bastante para entrar no site, mas ainda era uma criança de 11 anos. Não conseguia controlar direito as emoções, ainda mais com uma notícia tão impactante assim, então quase fez um escândalo no meio da sala de estar.

– Mary, calma! – tentei pôr a mão em seu ombro, mas ela se esquivou.

– Mason, dá licença!

Ela o empurrou para o outro lado do sofá e se sentou na frente do laptop. Depois de dar uma fungada e engolir o choro, clicou no ícone do Skype. Pela sorte dela, Ryan estava on-line.

– Oi, Pequenininha – Ryan apareceu em uma janela no computador quando Mary clicou nele. Mas ao ver o estado da minha irmã, seu sorriso logo desapareceu. – O que houve?

Aquilo não ia dar certo. Ryan descobriria tudo sobre o boato, mas não dava para arrancar Mary de lá e fingir que nada de estranho estava acontecendo! Mason também se alarmou, mas cochichou dizendo que contanto que Ryan não soubesse que fora ideia dele, estaria "tudo bem". Bom, não nos restava nada senão observar o caos se espalhar.

– Me diz que isso não é verdade! – ela choramingou.

– Hã? Do que você tá falando?!

– Isso é um desperdício! Você não pode!

– Pequenininha, você tá me deixando preocupado! Eu fiz alguma coisa?

– Argh! Entra no site da *Pop!* e você vai ver! É www.popmagazine.com! – Mary estava aflita.

– Tá bem, eu vou entrar.

Ryan minimizou a janela do Skype para entrar na internet, mas ainda

conseguíamos vê-lo pela nossa janela. Pude ver o exato momento em que ele percebeu o que aconteceu, porque depois de alguns segundos, ele encarou o computador como se seu coração tivesse parado.

– Esse… sou… eu…? – ele perguntou com a garganta seca.

– É!

– Mas… eu não sou… namorado do Henry…

– Não é? – os olhos dela brilharam.

– Claro que não! – ele respondeu como se estivesse tentando se livrar de um julgamento de homicídio. – Pequenininha, eu sou macho! Nada contra quem não é, mas eu sou macho! Macho mesmo!

Eu me controlei para não rir. Realmente, Ryan tinha um físico e tanto, mas seu rosto e personalidade ainda eram de um menino inocente. Era engraçado ouvi-lo dizer essas palavras.

O rosto de Mary voltou a ter a cor normal, ela encontrara um motivo para não cometer suicídio.

– Ryan! – ela abraçou o laptop, literalmente. – Não sabe o quanto eu estou aliviada!

– Relaxa, tá? – ele sorriu. Ia continuar a falar quando seu celular tocou. Ao ver o nome na tela, ficou apreensivo. – É o Henry. Eu atendo? – ele nos perguntou.

Ah, isso ia ser ruim. E bom também.

– Atende! – Mary disse. – E fala pra ele o que você falou pra mim! Você é macho!

– Tá bem… Alô? – ele levou o celular ao ouvido. – Oi, Henry. É, olha cara… Você é muito legal e nós somos bons amigos… Mas, sabe, eu não gosto de você desse jeito, entende? Desculpa, não queria te decepcionar nem nada…

Não rir estava se tornando cada vez mais difícil, ainda mais com Mason do meu lado tapando a boca e se contorcendo para não soltar uma imensa gargalhada. Só Mary estava absolutamente séria, e nos lançou um olhar de desaprovação.

De repente, Ryan ficou confuso ao ouvir a resposta que Henry dera.

– Ué, você não é gay? Ah, então foi só um boato… Menos mal, né?

– Poxa, durou pouco – Mason falou, se ajeitando no sofá, meio decepcionado.

– Ah, você sabe quem espalhou o boato? Quem?

Mason deu um pulo.

– Vou ao banheiro – ele saiu dando passos rápidos.

– O QUÊ?! – Ryan gritou.

– O que foi? Quem espalhou?! – Mary perguntou, desesperada.

Ele vai morrer, pensei, me perguntando se Mason ia sair do banheiro algum dia para encarar a fera que se tornaria minha irmã depois de descobrir que ele era o culpado.

– Ah, ele vai ver só. Não se preocupe, eu tive uma ideia – Ryan disse, com um olhar vingativo, algo que eu nunca esperaria ver nele.

– Quem?! Quem, Ryan?! – Mary gritou.

– Até mais – ele desligou o celular, e sem nem responder, ficou off-line. Nunca pensei que até ele teria seu plano diabólico de vingança.

– Não acredito! – Mary bateu o pé, irritada. – Ronnie, você tem alguma ideia de quem possa ter escrito isso?

Oh-oh.

Aja com naturalidade. Naturalidade.

– Não. Não sei. Sabe que eu não ligo realmente pra isso, né?

Ela estreitou os olhos, desconfiada.

– Sabia que é crime quando você sabe quem é o criminoso, mas não quer falar?

– Eu acho que a polícia tem coisas mais importantes com que se preocupar do que com boatos de artistas adolescentes.

Ela se levantou, ainda séria:

– Se eu descobrir que você está me escondendo algo, você vai ver… – ela fez seu famoso gesto com os dedos de "estou de olho em você" e subiu as escadas.

Era só o que me faltava. Eu, que não queria me envolver com isso – apenas assistir dos bastidores –, era cúmplice de Mason agora. Comecei a ter um pressentimento ruim de que eu não sairia dessa ilesa.

---

2 O dono da *Playboy*.

CAPÍTULO 17



Domingo, 16 de março

Bem, Henry, Mason, Ryan e Karen já tinham aparecido naquela porcaria de site. Eu estava com esperanças de que Ryan tinha pensado bem e percebido que essa guerra era uma perda de tempo, e decidiria não se vingar, pondo um fim nessa briga estúpida e fazendo todos pararem de agir feito um bando de crianças.

Mas ele não parou.

Como eu sei disso? Porque no dia seguinte fui acordada com um grito ensurdecedor vindo lá de baixo:

– RONNIE! DESÇA AQUI AGORA!

Era a voz da mamãe. Lá vinha bomba.

Desci as escadas com meu pijama azul e branco do Mickey Mouse, porque se demorasse mais de um minuto minha mãe ia explodir. Para minha surpresa, Jenny estava com ela, segurando o laptop da mamãe.

– Poderia me explicar o que significa isso?! – ela apontou para… Adivinha? A home page da *Pop!*.

Maravilha. No fundo, no fundo, minha mente realista sabia que eu não ia ficar de fora dessa guerra, mesmo não tendo feito nada para ofender ninguém. Seria esse o meu castigo por secretamente gostar de ver o elenco de *Boston Boys* se matando virtualmente?

"Mason McDougal, não satisfeito em destruir a adolescência da colega de trabalho Karen Sammuel, se relacionou intimamente também com Ronnie Adams,

uma ‘amiga’ um tanto especial dos atores. Era de se esperar, já que os dois vivem debaixo do mesmo teto. A casa deve ter um espaço pequeno, não? Como a menina conseguirá viver com uma legião de fãs contra ela e ainda mais tendo que sustentar um bebê?”

Encarei a tela, incrédula.

– Ok, isso perdeu a graça.

– Viu, tia, eu disse que era mentira – Jenny falou para mamãe. – A nossa Ronnie ainda é uma flor intocada, né? – ela riu.

– Você está aqui pra ajudar ou atrapalhar, Jennifer? – lancei-lhe um olhar fatal.

– Quem mandou esse boato, dessa vez? – mesmo mamãe sabendo que era mentira, ela continuava furiosa. Não podia culpá-la, a internet estava dizendo que eu estava grávida, isso não é algo muito legal para se dizer sobre sua filha.

– Ryan, por incrível que pareça – respondi.

As duas arregalaram os olhos.

– Logo ele, que é tão bonzinho? – Jenny perguntou. – Não é possível.

– É sim. Não viu o que Mason escreveu sobre ele?

– Ah sim, faz sentido – ela assentiu com a cabeça.

– E onde VOCÊ entra nessa história? – mamãe me perguntou, ainda no mesmo tom.

– Pois é, não faço a mínima ideia. Vai ver eles acharam que só faltava eu pra fechar essa palhaçada com chave de ouro.

O que mais preocupou mamãe foi a naturalidade com que respondi. Ela devia estar esperando que no mínimo eu fosse fazer um escândalo, mas já tinha participado de toda a confusão pelos bastidores; mais um boato não era novidade para mim.

– Minha filha, você tem que acabar com isso!

– Já pensou no que as meninas da escola vão fazer com você quando descobrirem isso? – Jenny perguntou.

Não, eu não tinha pensado nisso. A probabilidade de alguma daquelas fofoqueiras da escola terem lido era de 99,9%.

– Elas provavelmente cortariam minha cabeça com uma espada. Não ia ser uma morte rápida…

Jenny riu. Mamãe revirou os olhos. Vi que devia parar de brincadeira. Mas fazer o quê? Já era tão odiada na escola que mais um pouco de vodu feito contra mim

nem faria diferença. Como Mason gosta de dizer: "O que é um pum para quem já está todo borrado?"

Se bem que ela tinha razão. Seria egoísmo não ligar para aquilo somente por minha causa, quando todos os outros estavam envolvidos na situação. Nossa, nem dava para acreditar que eu realmente ia ajudá-los a consertar aquela besteira.

– Vou ligar pra editora desse site e falar pra ela parar de publicar qualquer boato que mandam. Que tal? – sugeri. Talvez desse certo.

– Está bem.

Mamãe pegou o telefone de casa e me deu. Disquei o número que estava na home page, e depois de chamar três vezes, alguém atendeu.

– Escritório de Kathy Heatherton, em que posso ajudá-lo? – uma voz masculina, porém um pouco afeminada, disse do outro lado da linha.

– Olá, eu gostaria de falar com ela, por favor.

– E quem gostaria?

– Ronnie Adams. Sabe, a garota da última matéria.

– Ah, sim, claro! Como estão as coisas, querida? Seus pais já descobriram o que houve?

Argh, que desnecessário.

– Isso é tudo mentira. Assim como todos os outros boatos que mandaram pra vocês nos últimos cinco dias.

– Entendo… Desculpe, querida, Kathy não está aqui no momento.

– Sério? – perguntei desapontada. – Então poderia mandar um recad…

– Jimmy! Onde está meu cappuccino? – ouvi outra voz do telefone.

– Sshh!É aquela garota! – ele disse, devia estar tentando tapar o microfone, porque o som ficou meio estranho. Mas mesmo assim eu ainda conseguia ouvir.

– A da matéria?! – a voz adquiriu um tom de pânico. – Você falou que eu não estava, não falou?!

– Sshh!

– EI! – gritei, apertando o telefone com força. – Eu estou ouvindo! Essa é a Kathy! Eu quero falar com ela!

– Sinto muito meu bem, é que…

– PASSE O TELEFONE PRA ELA AGORA!

Mamãe e Jenny taparam os ouvidos com esse meu grito. Poxa, eu estava completamente calma e relaxada, a culpa foi desses dois que me fizeram de boba!

O próprio Jimmy se assustou, pois ouvi ele passando o telefone rapidamente.

– Kathy Heatherton falando.

– Olá – disse, seca. Esse assistente realmente acabara com a minha paciência. – Eu gostaria de falar com você sobre essas últimas matérias. Todas não passam de boatos, então eu gostaria que esclarecesse isso ao público, para consertar nossa imagem.

Ouvi um suspiro do outro lado da linha e novamente o som foi abafado. Mas diferentemente da anta que era Jimmy, Kathy conseguiu esconder bem o que começara a discutir com as pessoas ao seu redor. Depois de uns dois minutos esperando pacientemente que ela chegasse a uma conclusão a respeito do meu pedido, o som voltou ao normal:

– Querida, faz uma coisa. Ligue pros meninos e venham até meu escritório amanhã. Duas horas está bom? Já vão ter saído da escola, não é?

Sério? Eu esperava que ela fosse desligar na hora ou inventar uma desculpa qualquer para me evitar, mas ela realmente ia fazer o que eu estava pedindo?

– Mas…

– O que tenho a dizer pra vocês é melhor que seja dito pessoalmente.

– É que…

– Está combinado. Duas horas. Tchauzinho – ela desligou na minha cara.

Segunda, 17 de março

E voltamos ao ponto de onde paramos. Eu, os meninos, Karen e Mary, que foi junto porque disse que não queria perder aquilo por nada nesse mundo. Como eu dissera, o clima não estava nada agradável, já que estavam todos possessos uns com os outros. E com razão.

Ao sentarmos nas poltronas quadradas de couro vermelho da sala de Kathy, ficamos nos encarando primeiramente sem dizer nada, mas dava para ver exatamente que todos estavam esperando o momento certo para se levantar e dizer umas poucas e boas.

– E então? – Kathy quebrou o silêncio dos dois minutos e meio que passamos lá. – Não tem nada que vocês gostariam de dizer um para o outro?

Silêncio.

Aonde ela queria chegar? Não era ela a editora-chefe? Não era ela quem

justamente deveria querer pôr mais lenha na fogueira? Ou será que por trás daquela prancheta e óculos de oncinha ela estava realmente se importando com a amizade dos meninos?

Ou talvez ela só tinha se cansado de receber boatos com pouco fundamento. É, essa era a opção mais provável.

– Ronnie – ela se dirigiu a mim, ajeitando os óculos. – Gostaria de dizer algo? Para o Ryan, talvez?

Tentei não olhar em seus olhos castanho-claros.

– Vamos, eu sei que está entalado na sua garganta.

Quer saber? Ela tinha razão! Eu tinha todo o direito de levantar e falar o que eu sentia! Eu tinha sido a pessoa mais injustiçada nisso tudo!

– Bem… – falei, um pouco mais firme, encarando o chão. – Eu não entendi por que ele me meteu nisso, já que eu fui a única que não falou mal de ninguém.

– Para me defender… – Ryan respondeu, com apoio moral de Mary ao seu lado. – Eu precisava de algo novo para atingir o Mason. Ele também me meteu nisso sem eu querer. E mais uma notícia dele com a Karen não teria tanto impacto.

– Então eu fui metida nisso por um motivo tão estúpido?! – me levantei para responder assim que ele disse isso, mas acho que expressei minha indignação um pouco alto.

– Isso nunca teria acontecido se ELE – Ryan apontou para Mason, que estava do meu lado – não tivesse espalhado por aí que eu era gay!

E foi a vez de Mason falar o que pensava:

– Ei! Eu estava tentando atingir o Henry! Foi ele que disse que eu engravidei a Karen! Acontece que a foto mais gay que eu achei dele era com você!

Kathy piscou duas vezes. Parecia não acreditar que esses eram os verdadeiros motivos.

– Ele não tinha nada a ver com isso, seu traidor! – Mary gritou. Quando descobriu que Mason tinha enviado o boato sobre seu amado, ficou com ódio profundo dele. – O Ryan é macho!

Mesmo num momento tenso como aquele, ainda não conseguia levar aquela frase a sério.

– Não me culpe, culpe o Henry!

Henry, que estava quieto ouvindo a discussão, resolveu se defender:

– Eu queria me vingar da Karen! Foi ela quem começou o boato de que eu era

drogado! Foi ela quem começou com toda essa história!

– Porque VOCÊ começou me sacaneando por causa do site! – Karen gritou, com as mãos na cintura.

E pronto, Kathy devia estar esperando uma conversa madura e civilizada entre nós, adolescentes, mas o que ela ganhou mesmo foi uma gritaria no meio de sua sala. Cada um defendia seu ponto de vista, atacando ainda mais o outro. A princípio Kathy tapara os ouvidos e ficou quieta, mas chegou a um ponto em que ela não aguentou mais a confusão e gritou:

– JÁ CHEGA!

O grito foi tão prepotente e inesperado que paramos de discutir e nos sentamos novamente em nossos lugares, um tanto assustados.

– Se vocês querem resolver isso como crianças, e não como jovens adultos, só me resta uma opção. Eu vou desmentir tudo isso com uma condição.

– Qual? – perguntamos juntos.

Kathy deu um sorrisinho.

Mamãe ficou fula da vida quando descobriu. Ela planejava gravar um episódio durante essa semana, mas a gravação teve de ser adiada, porque para nos ensinar uma lição – não sei por que ela me incluiu nisso, repetindo: eu não fiz NADA! –, Kathy nos fez trabalhar durante TODA a semana. Tínhamos que chegar ao escritório logo depois da escola, para ficar o resto do dia servindo café, atendendo telefonemas e limpando o chão, os tapetes, as cortinas, e a bagunça do pessoal da edição.

Mas tenho que admitir, apesar de ter sido um trabalho escravo – pois é, não recebemos nem um centavo por isso –, acho que foi uma boa experiência para eles. Ainda mais para Karen – que julgando por uma olhada rápida em seu pai, sua casa e sua empregada, dava para ver que jamais realizara qualquer tarefa doméstica – e Mason, que ganhou o que merecia! Falei com Jimmy sobre o complexo dele com limonadas, e adivinha qual bebida ele pediu para Mason trazer especialmente várias e várias vezes?

Além disso, passamos tanto tempo juntos que acabamos fazendo as pazes e combinando de não espalhar mais boatos um sobre o outro. Acordamos também algo valioso: a menos que seja de extrema necessidade, o site da *Pop!* estaria banido de nossas mentes e computadores até o fim dos tempos.

Mas apesar de nosso juramento, não demorou muito para que uma nova fonte

de confusões e polêmicas aparecesse para nós. E, dessa vez, foi uma bem longe de casa. Para ser mais específica, a 30 mil pés do chão.

CAPÍTULO 18



A semana longa e sufocante trabalhando no escritório de Kathy realmente nos custou muita energia. Pena que nossos professores pareceram não dar a mínima para isso. Faltavam dois meses e meio para as aulas acabarem, então logo, logo as provas viriam. E os professores da escola, para mim, são que nem professoras de balé, quanto mais próximos do final, mais loucos ficam.

Uma prova desse sufoco pré-provas finais foi o tamanho do dever de casa que sobrou para mim, já que durante a semana não tive tempo de fazer nenhum. Mas expliquei a situação para meus professores, e eles, sendo as lindezas que são, me deixaram entregar tudo na segunda-feira. Resumindo: eu teria três dias para fazer no mínimo dois deveres de casa gigantes de cada uma das dez matérias. Ah, pai do céu.

Vi que não adiantava reclamar e tinha que começar logo a maratona de fórmulas e textos enquanto ainda tinha um resquício de ânimo.

Estava toda concentrada na velocidade vetorial do avião 1 que ultrapassaria o avião 2 em *x* minutos, quando de repente alguém abriu a porta do meu quarto com força e correu até mim:

– Ronnie! Ronnie! Ronnie! – era Mary, que estava me chamando feito uma ambulância.

– O que houve, criatura? – bufei.

– Você sabe onde os meninos vão gravar o próximo episódio? Encarei-a incrédula.

Sério? Ela tinha me tirado do meu estado de concentração absoluto para falar *deles*? Logo eles, que eram a razão pelo qual eu estava trancada no quarto com quilos

de dever de casa para fazer?

– Mary, olha pra mim – eu disse, sem demostrar um pingo de emoção. – Eu tenho cara de quem ia saber uma coisa dessas? Eu tenho cara de quem *quer* saber uma coisa dessas?

– Sua chata! – ela me deu língua. – Tenta adivinhar!

– Eu não sei – continuei inexpressiva, esperando que essa fosse sua deixa para ir embora.

– Adivinha!

– Não sei… – vi que para que ela me deixasse em paz precisava entrar em seu jogo, então comecei a chutar lugares aleatórios que surgiram na minha cabeça, por mais impossíveis que fossem. – Paris? Londres? Japão? Serra Leoa?

Ela pareceu não gostar da brincadeira.

– Não é tão longe assim.

– Ah, sei lá…

– Vai, Ronnie, adivinha!

– Eu não sei, Mary! – agora tinha me irritado. – Eu não tenho tempo pra isso, eu tenho um milhão de deveres pra fazer!

– Então tá! – ela bateu o pé. – Vou falar pra mamãe que você não quer ir com a gente pra estação de esqui.

Ao ouvir essas últimas três palavras, meu coração quase parou. Larguei o lápis automaticamente.

– Você disse… estação de esqui?

– Disse – ela cruzou os braços. – Mas você não se importa com isso, então deixa pra lá.

Mary ia se virar e ir embora, mas minha mão fincando em seu ombro foi mais rápida:

– Isso é verdade?

– Não acredita em mim? Pode ir perguntar pra mamãe.

Em menos de dez segundos, voei até o quarto da mamãe. Dei quatro batidas rápidas na porta e a ouvi dizendo: – Mary deve ter te contado sobre a viagem, não é? Pode entrar, Ronnie.

Minha mãe não precisava ser ninja nem nada para saber que era eu. Como eu mencionei antes, meu ódio por praia se contrabalanceia com o amor que eu tenho por lugares gelados. Eu amo neve do fundo do meu coração, ainda mais esquiar.

Por isso digo que Boston é meu lugar, pois nosso inverno é sempre branco!

Abri a porta e a encontrei na escrivaninha branca em formato de um "L" ao contrário, pesquisando alguma coisa em seu laptop.

– Ok, quer explicar isso? Se for uma brincadeira de mau gosto, corto as relações com vocês duas pra sempre – sentei-me na cama dela.

– Não é brincadeira; é de verdade. Nós vamos, sim, gravar um episódio numa estação de esqui!

Ah, o som dessas palavras foram uma melodia para meus ouvidos. Mas de repente meu espírito realista/pessimista começou a apitar e eu me lembrei de algo extremamente desanimador.

– Mas espera aí… A gente está no final de março! Aqui não está nevando, e acho que em Vail[3] também não vai estar! É final de temporada!

Ela girou na sua cadeira e me olhou, sorrindo.

– Mas não vamos pra Vail.

Encarei-a confusa.

– Ué, que outra estação de esqui aqui no país vai estar boa pra gravação nessa época do ano?

– E quem disse que vamos ficar no país? – ela deu um sorriso travesso. Agora estava apreensiva. O que minha mãe pretendia fazer? Levar todos pra Nova Zelândia?! Alasca?! Ok, eu sei que o Alasca é território americano, mas, mesmo assim, era longe pra caramba! Queria ver os pais dos meninos deixando essa loucura acontecer…

– Nosso destino é este aqui.

Ela chegou sua cadeira giratória marrom para o lado esquerdo, fazendo com que eu pudesse ver a tela de seu laptop e a página que estava aberta. Quando vi, não acreditei. Estava aberta a página do Google Images mostrando várias fotos de montanhas, pessoas esquiando e grandes prédios.

O assunto no espaço de pesquisa era: Calgary, Canadá.

Meu queixo quase caiu no chão.

– Mãe, você ficou maluca de vez?!

– Qual é o problema? Lá ainda está na temporada de esqui, está fazendo um grau hoje e está nevando – ela disse, orgulhosa, como se tivesse terminado um longo dever de casa.

Pisquei duas vezes.

– Você não percebeu que o problema *não é* o clima? Mãe, você realmente vai levar três garotos e três garotas, sendo uma delas uma criança, para o CANADÁ?

– Sim – ela disse, despreocupada. Parecia que tínhamos invertido os papéis.

Não consegui responder mais nada. Mas acho que ela entendeu minha expressão perplexa que dizia: "O que diabos você está pensando?!"

– Acha que isso foi uma decisão do dia pra noite, Ronnie?

Eu deveria achar, não? Tinham acabado de me contar, ora!

– Saiba que nós fizemos um planejamento todo detalhado antes de resolver o destino, mocinha. Verificamos os passaportes e *green cards*[4] de todos, que estão válidos. Já vimos o hotel e tudo o mais; temos até uma surpresinha que garanto que você vai gostar.

Ótimo. Uma "surpresinha". Ultimamente essa era a atividade favorita de mamãe, fazer "surpresinhas" para nós. Ela ia levar todo mundo para um passeiozinho na França depois disso? Ou quem sabe nós ganharíamos identidades falsas para ir direto a um cassino em Vegas? Ou até continuaríamos no Canadá, nos tornando residentes, tendo que morar lá pelo resto de nossas vidas?

Nossa, minha imaginação estava começando a exagerar um pouco.

Acho que foi resultado do dever de Filosofia que eu estava fazendo antes.

– Que dia nós vamos?

– Na próxima sexta.

– E todos os pais estão de acordo?

– Sim.

– Tá tudo certo com a equipe de gravação?

– Sim.

– Aqui e em Calgary?

– Sim.

– Todos têm roupas apropriadas?

– Nós moramos em Boston, Ronnie. É claro que sim. Tinha terminado meu interrogatório. Ainda não estava segura de que essa viagem ia dar cem por cento certo, mas não podia acalmar esse desejo crescente dentro de mim de sentir a neve branca e fofinha e aquela sensação de liberdade e aventura quando se desce uma montanha em um esqui ou *snowboard*. Não podia mais me enganar, a emoção estava me consumindo por completo.

– Muito bem – falei, como uma adulta. – Então acho que vou começar a

separar meus casacos. E gorros. E luvas.

– Divirta-se – ela piscou para mim.

Andei para fora do quarto e fechei a porta. No momento em que percebi que estava fora do campo de visão dela, comecei a dar pulinhos e gritinhos silenciosos, parecendo uma criança.

– Eu vou esquiar! Vou esquiar! Vou esquiar!

Minha comemoração teria durado mais, se eu não tivesse percebido a presença de uma Mary assustada e um Mason achando graça de me ver naquele estado.

– "Não liga pra isso", né? – Mary fez uma voz debochada.

Não sabia exatamente o que fazer naquele momento. Só sei que minhas bochechas queimaram ao perceber o mico que estava pagando.

– Eu não quero ser chato nem nada – Mason disse, depois de parar de rir –, mas a gente tem, tipo, mil deveres pra fazer. Você já terminou?

Fiz uma pequena balança de prioridades na minha cabeça ao ouvir o que ele disse. De um lado, os deveres quilométricos, e de outro, Calgary e sua estação de esqui perfeita. Não era bom admitir isso, mas a balança dos deveres parecia agora ter o peso de uma pena de galinha, enquanto a balança de Calgary tinha o peso de um elefante.

Sinto muito, Sr. Williams, Srta. Monroe, professora Yoda e o resto, mas tenho outras coisas com que me preocupar agora que não seja solucionar problemas de aviões e suas velocidades ou fazer uma redação sobre o que é ética, pensei.

– Eu não preciso começar a fazer isso hoje, né? Quer dizer, ainda é sexta. Não tem problema eu deixar a sexta pra pensar na viagem e o resto do fim de semana pros deveres, certo?

Os dois se entreolharam e deram um risinho.

– Sabia que isso ia acontecer – Mary comentou.

– Bem-vinda ao jeito descolado de encarar a escola, Ronnie! – Mason disse, me envolvendo com um braço.

Eu me desvencilhei dele instintivamente, e protestei:

– Ei! Não pensem que eu virei uma aluna delinquente só porque não vou fazer o dever na sexta! Não é por isso que eu vou virar uma pessoa completamente irresponsável!

– Claro – os dois disseram, de braços cruzados.

– Querem saber? Não devo explicação pra ninguém – virei a cara, girei nos

calcanhares e fui até meu quarto, deixando-os no corredor, sem olhar para trás.

A escrivaninha era a primeira coisa que se via ao entrar no meu quarto, então assim que entrei, me deparei com minha pilha de livros e cadernos.

Não tinha dúvidas do que ia fazer no momento. Não ia deixar meu lado animado ganhar do meu lado racional. Sentei na minha cadeira giratória verde-clara, peguei meu caderno de Física e meu lápis mais apontado, inclinei o corpo e escrevi, na primeira linha, em letras grandes:

Planejamento da viagem para Calgary.

Como disse, tinha que manter meu controle racional, não podia deixar a emoção tomar conta de mim. E convenhamos, o que há de mais racional do que fazer um cronograma de sua viagem?

---

3 Cidade do estado do Colorado, famosa por suas estações de esqui que atraem muitos turistas.

4 Visto permanente de imigração concedido a residentes dos Estados Unidos.

CAPÍTULO 19



Eu tinha prometido para mim mesma que ia fazer todo o planejamento da viagem somente na sexta-feira e me concentraria ao máximo no sábado e no domingo nos estudos para a prova. Infelizmente, isso não aconteceu.

Fiquei acordada até tarde fazendo minha lista de coisas que deveria levar, e foi só isso que consegui completar. Não planejei o que faria durante cada dia, não pesquisei as melhores pistas de esqui e nem vi a cara do nosso hotel. Ou seja, não fiz basicamente *nada*.

Não, hoje eu termino isso! Domingo eu faço tudo, prometo!

Só que eu não esperava que no domingo nós fôssemos sair para almoçar em Providence, Rhode Island, lugar onde mamãe morou durante uns cinco anos, e onde ela tinha combinado de se encontrar com as antigas amigas. E juntando fofoca de mulher com almoço e mais uma hora e meia para ir e voltar, eu posso dizer que meu domingo foi perdido; sim, ganhei faltas em todas as matérias de dever de casa; e, *sim*, pela primeira vez em toda a minha vida, estava com risco de ficar em recuperação.

Mas apesar de tantas notícias ruins, a viagem para Calgary parecia acalmar meu coração, me fazendo esquecer os problemas. Ah, nem conseguia acreditar que em poucos dias estaria esquiando numa linda montanha do Canadá!

Bastou chegar o primeiro tempo de aula da segunda-feira – Matemática – e Piper já estava plantada na cadeira ao lado da qual eu costumava sentar. Pensei seriamente em mudar para o outro lado da sala, mas não ia adiantar, ela iria atrás.

– Calgary, hein?

– Piper, sério, como você descobre essas coisas? – perguntei, morrendo de sono por não ter conseguido dormir de tanta animação na noite anterior.

– Não mude de assunto. Só quero saber quantos dias vão ficar lá, exatamente.

– Por favor, não diga que vai seguir os meninos até o Canadá – minha espinha gelou. Aquilo realmente tinha uma grande probabilidade de acontecer.

– Não, boba – ela deu um tapinha no meu braço, mas não de um jeito brincalhão. – É aniversário do meu tio e vou passar o fim de semana com ele, que mora em Nova Jersey. Apenas quero ter certeza de que vocês não vão voltar antes que *eu* volte da minha viagem.

– Vamos passar o fim de semana – disse, sem saco, e agora um pouco aliviada. – Satisfeita?

Ela deu um sorrisinho.

– Muito. Obrigada – ela pegou seus livros e saiu da cadeira.

Suspirei. Pelo menos não encontraria nenhuma surpresa, como uma garota aparecendo em uma das malas dentro do avião.

A semana passou muito devagar. Estava muito ansiosa para que chegasse sexta-feira, mas os dias pareciam demorar mais para acabar, na medida em que se aproximava o fim de semana. Pedi à Mary que escondesse meu laptop para que eu não caísse na tentação de largar os deveres novamente e pesquisar sobre os melhores lugares que poderia ir. Foi enlouquecedor, mas eu consegui sobreviver; o dia finalmente chegou!

Nem dormi direito. Mamãe dissera que o voo para Calgary era o de uma da tarde, então nós sairíamos de casa às onze. Não que eu estivesse apressada nem psicótica, ou coisa do tipo, só que às sete da manhã eu já estava de pé, de banho tomado, mala fechada e prontinha para sair.

Cadê todo mundo? E se a gente chegar atrasado? E se a gente perder o voo?! , comecei a ter pensamentos horríveis enquanto andava pelo corredor para o quarto de Mary. Balancei a cabeça e segui em frente, abrindo a porta.

– Mary! Acorda! – cutuquei ela. – Vai se arrumar!

– Hã? – ela se virou para mim, esfregando os olhos. – Que horas são?

– Sete!

Ela abriu os olhos totalmente, agora me lançando um olhar fatal.

– Vai dormir, sua doente.

– Mas a gente vai chegar atrasado! Levanta, Mary, por favor!

Ela socou o travesseiro e rangeu os dentes: – ME DEIXA DORMIR!

Dei um pulo para trás, com medo de que minha irmã pudesse me estrangular ou algo parecido. Tinha esquecido que ela com sono é um pequeno demônio, mais do que já é normalmente.

Saí de seu quarto e caminhei para o do lado, o da mamãe.

– Mãe, levanta. Se vocês não acordarem agora a gente vai chegar atrasado!

Essa última palavra a fez abrir os olhos e saltar da cama tão abruptamente que parecia que um espírito tinha a possuído.

– Estamos atrasados?! Não acredito! Mas eu botei o despertador! Aaaah! Todo mundo já levantou? Que horas são?

– Sete.

Ela parou com o ataque e me encarou, incrédula.

– Sete? Da manhã?

– É.

– Minha filha, você sabe que nós vamos sair às onze, não sabe? – ela murchou novamente.

– Sei – disse, piscando duas vezes.

– E em que universo sete é em cima da hora?

– Bem… – passei a mão no cabelo, procurando argumentos. – Vocês são demorados.

– Eu não sou. Me arrumo rapidinho. Por que não vai acordar o Mason? Ele, sim, é demorado.

Nesse ponto ela tinha razão. Mason era sempre o último a acordar e a razão de eu chegar atrasada na aula quase todo dia. Mas para ir naquele maldito estúdio ele ficava pronto em dez segundos. Vai entender…

– Ok, vou lá acordá-lo. Você vai voltar a dormir?

– Só mais cinco minutinhos – e ela deitou delicadamente na cama, juntou as mãos e colocou-as sob a cabeça. Parecia uma princesa da Disney indo tirar um cochilo.

Fechei a porta suavemente e fui em direção ao meu último destino, minha última esperança. Se eu não conseguisse acordar pelo menos uma pessoa nessa casa, juro que ia ter um treco.

– Mason?

Abaixei um pouco para me aproximar dele, que dormia feito um bebê. Confesso que enrubesci só um pouquinho, porque ele parecia tão calmo, tranquilo. Não estava todo jogado, com a boca aberta e roncando, como a maioria dos garotos. Por um breve momento fiquei até com receio de acordá-lo.

Ei, Ronnie! Não pode dar pra trás agora! Vai, faça o que tem que ser feito!

– Mason, acorda – cutuquei ele de leve.

Ele permaneceu imóvel.

– Mason, acorda – cutuquei novamente, agora com um pouquinho mais de força.

– Hmm… – ele não abriu os olhos nem nada, só se virou para o outro lado.

Ok, agora minha paciência estava se esgotando. Bufei e dei a volta na sua cama até chegar ao outro lado, perto da mesinha de cabeceira de madeira.

– Acorda, vai!

Nada. Completamente ignorada. Vi que não tinha mais jeito.

– Eu vou puxar o seu lençol, hein!

Ignorada outra vez. E para completar, ele se virou para o lado que estava antes. É impressionante como ele conseguia me irritar até sem estar totalmente consciente!

– Não diga que eu não avisei!

Contei até três na minha mente e como não obtive resposta, puxei seu lençol azul-escuro até o final da cama. Mas acabei vendo o que realmente não deveria ter visto.

ELE NÃO ESTAVA DE PIJAMA. Na verdade, a única coisa que cobria seu corpo além do lençol era um samba-canção branco.

– AAAHH! – agora vermelha da cabeça aos pés, cobri os olhos.

Para o meu espanto, ele não se levantou, nem gritou, nem nada. Nem mesmo abriu os olhos. Ainda meio zumbi-com-sono, ele puxou o lençol com o pé, se cobriu de novo e disse, numa voz sonolenta:

– Isso é assédio, hein. Vou contar pra sua mãe.

– Desculpa! – gaguejei. – Eu… Argh!

Disparei para fora do quarto e acabei fechando a porta com muita força. Achei melhor ficar trancada no quarto até que todo mundo acordasse e se arrumasse, e fiquei rezando para que Mason estivesse com sono o bastante para não se lembrar do nosso pequeno episódio, ou que pelo menos não fosse cruel de contar para

minha mãe.

Quando deram onze e pouco, saímos de casa. Colocamos as malas no Audi e partimos em direção ao aeroporto.

Quer dizer, era aonde eu ACHAVA que estávamos indo.

– Mãe… – apontei no carro para uma rua e uma placa que tinha escrito: "Logan International Airport", que agora se encontrava cada vez mais distante de nós. – Não era para você entrar naquela rua?

– Não, sei para onde estou indo.

– Por acaso vamos para Calgary de carro?

– Claro que não, tonta – Mason falou.

Ok, agora eu estava realmente confusa. Que droga, por que minha mãe estava escondendo tantas coisas de mim ultimamente? Como é que nós iríamos, então? De bicicleta? Trem? Ou mamãe ia deixar a gente na rodoviária para pegar um busão?

O pior era que ninguém queria responder minha pergunta de aonde diabos nós estávamos indo. Eu não fazia a mínima ideia de que caminho era aquele que mamãe decidira pegar. Subimos uma colina que tinha uma ampla área florestal ao nosso lado, numa estrada de terra completamente deserta. Eu me alarmei quando percebi que a cidade estava ficando cada vez mais distante e tudo que víamos agora era terra e árvores.

Mas relaxei quando vi que ainda tinha civilização naquele fim de mundo. Por trás das árvores avistei uma enorme casa cinza – enorme mesmo, parecia uma casa de festas – com um telhado branco todo bem-cuidado, que tinha uma escada feita de pedras brancas descendo do primeiro dos quatro andares até uma espécie de estacionamento na beira da montanha.

O que mais me espantou foi que à esquerda do estacionamento, e na diagonal direita da casa, estava a encosta da montanha perfeitamente reta e lisa, coberta por um portão de metal que parecia ter uns sete metros de altura e dez de comprimento.

Mamãe estacionou o Audi ao lado de um Porsche conversível prateado, que assumi ser do dono da grande casa cinza, e de uma BMW preta, mas essa eu sabia que era do Marshall. Além disso, sabia que ele estava lá como convidado também, já que tinha sido arrastada até a casa dele. Era grande, mas não se comparava com esta que estava diante dos meus olhos.

– Mãe… – falei, com a garganta seca, maravilhada e confusa ao mesmo tempo. – Que lugar é esse? E o que tem ali, uma passagem secreta? Eu me sinto em um

filme de espionagem! – bati a porta do Audi ao sair.

– É, Ronnie – Mason disse, irônico. – É um portal do governo que vai nos levar até a Casa Branca em uma missão ultrassecreta para sequestrar o presidente.

– Há-há – disse, séria.

– Já chegamos, Andrew! Pode abrir! – ouvi mamãe dizer no celular.

De repente, o grande portão de metal começou a se levantar e um vento forte veio em nossa direção, junto com uma minitempestade de areia. Quando o vento diminuiu, pude ver o que tinha lá dentro, que agora já estava do lado de fora.

– Não acredito – foi tudo o que consegui dizer, absolutamente hipnotizada.

– Supresaaa! – mamãe disse, abraçando Mary e eu, uma em cada braço.

– É um… é um… JATINHO PARTICULAR! – Mary gritou, dando pulinhos. – Isso é um sonho?!

– Não é não, baixinha! – Mason falou, sorrindo. – Bem-vindas ao mundo do show business!

A escada do jato desceu, me deixando mais impressionada do que eu já estava. Nem percebi quando todos já tinham pegado as malas e entrado, e ficaram só me esperando acordar do transe.

– Anda, Ronnie! – Mary gritou. – Vai ficar aí parada com essa cara de pamonha?

Balançei a cabeça, atrapalhada, e corri para dentro do jato. Assim que entrei, só ouvi o barulho das escadas subindo e da porta se fechando.

Oh, meu Deus. OH, MEU DEUS DO CÉU. Realmente, Mary não estava exagerando ao perguntar se estávamos sonhando. Não dava para acreditar. Aquele lugar parecia uma limusine gigante. Para começar, o chão era forrado de carpete bege.

O. Jato. Tinha. Carpete.

Ao entrar, a primeira coisa que vi foi uma pequena cozinha, mas que tinha de tudo: geladeira, micro-ondas e fogão, além de ter uma pequena bancada marrom com granito em cima para preparar as refeições.

A cozinha se fechava com uma cortina de veludo vermelha, e ao lado estava o banheiro, que só pelo tamanho da porta, sabia que não ia ser o aperto sufocante dos aviões comuns.

Virando à direita, tinha um *lounge* com três grandes *puffs* vermelhos; do lado deles havia um meio círculo formado por cinco poltronas de couro preto que giravam. Os lugares para sentar ficavam de frente para uma TV de LED de 30

polegadas que tinha um aparelho de DVD e um de Nintendo Wii conectados, em cima de um móvel baixo de madeira com três divisórias.

Na parte traseira do jato se encontrava o bar: uma bancada de madeira e granito com várias garrafas de bebidas coloridas na prateleira de trás, com direito a garçom servindo e tudo.

– Ah, até que enfim vocês chegaram! – Marshall foi o primeiro a nos cumprimentar, com um Martini na mão. – Nada mal, não é, garotas? – ele se dirigiu a mim e a Mary.

– Nada mal?! Isso é incrível! – Mary disse, inquieta, correndo os olhos várias vezes por tudo.

– Fico feliz que tenha gostado! – ele sorriu. – E o que achou, Ronnie?

– Eu… Hã… – não conseguia pensar em algo inteligente para dizer. Aquele luxo todo tinha me deixado absolutamente sem palavras.

– Olha a cara dela de deslumbrada! É claro que ela gostou! – Mason disse, dando um tapinha nas minhas costas.

– Mas mãe! – Mary continuou. – Como? Quer dizer, de onde saiu tudo isso?

– Eu vou mostrar pra vocês. Andrew! – ela se virou para a parte da frente do jato.

A porta da cabine do piloto se abriu, e de lá saiu um homem alto, de cabelos loiros meio acinzentados e olhos castanho-escuro, com uma roupa azul-marinho elegante de piloto. Ao nos avistar, tirou seu chapéu e veio até nós, sorridente.

– Susan! Pessoal! Olá!

Estranhei quando ele e mamãe se cumprimentaram como se fossem amigos de infância.

– Como é bom finalmente conhecer as famosas filhas da produtora! – ele nos cumprimentou. "Filha da produtora", teria que me acostumar com esse novo rótulo. – Ronnie, Mary.

– É um prazer – falei, mesmo não fazendo a mínima ideia de quem era aquele cara.

– Meninas, esse é Andrew Sacks, nosso novo patrocinador! – mamãe disse.

– Andrew foi gentil o bastante de nos emprestar seu jatinho para a viagem! Mas não se acostumem com o mimo, não vai ser algo tão corriqueiro assim! – Marshall completou, rindo.

Ah, agora tudo fazia sentido. Puxa, eu devia estar por fora mesmo, porque não

sabia que o programa estava com tanto ibope a ponto de um cara ricaço querer patrociná-los dessa maneira. Ele devia ser CEO[5] ou vice-presidente de alguma empresa bem-sucedida.

Mas, caramba, se essa galera já era mimada sem essas coisas, imagina com todo esse luxo. Ai, ai…

– Ryan! – Mary avistou-o perto do bar e correu para abraçá-lo.

– Oi, Pequenininha! Opa, cuidado! – ele segurou com firmeza o copo que estava na sua mão para não cair.

– O que é isso? – ela apontou para a bebida. – Que legal, é azul! Posso provar?

– Não, criança não pode beber essas coisas!

Assim que mamãe ouviu isso, andou apressada até ele e arrancou o copo de sua mão.

– E o que te faz pensar que *você* pode, hein, mocinho?

– Ah, Suzie! – ele reclamou. – Por favor! Nem falta tanto tempo assim pra eu fazer 21!

– Ah, não, claro que não. Faltam *só* quatro anos – mamãe disse, sarcástica, depois se virou para Marshall. – Você o deixou pegar bebida?

– Claro que não! – Marshall se defendeu.

– Joseph! – Andrew disse, e em menos de cinco segundos o garçom já estava parado na nossa frente, com uma postura obediente.

Nossa, até o nome do garçom era chique. Se estivéssemos em um dos restaurantes comuns que costumamos comer provavelmente o chamariam de "Joe".

– Senhor?

– Foi você que deixou o Ryan beber?

Ele abaixou a cabeça.

– Sim, senhor, mil perdões. É que o senhor disse para deixá-los à vontade…

– Pois é, mas "à vontade" diz respeito também às leis do nosso país. Ryan é só um menino, não tem idade o suficiente.

– Eu entendo. Garanto que isso não acontecerá outra vez.

– Tudo bem. Pode ir.

Joseph assentiu com a cabeça e voltou para o *lounge*.

– Adolescente é tudo igual… – Marshall comentou. – Acha que pode beber pensando que é adulto! Depois fica em coma alcoólico e não sabe o porquê.

– Ai, pega leve, Marshall. Eu só queria provar – Ryan cruzou os braços.

Andrew colocou o chapéu e disse:

– Bem, sintam-se em casa. Vou voltar para a cabine do piloto para preparar a decolagem! – dito isso, ele foi até lá e fechou a porta.

– Venham! – Marshall nos chamou. – Venham sentir como esses *puffs* são uma delícia!

Demos três passos e antes que pudéssemos avançar, uma discussão vinda do *lounge* chamou nossa atenção. Pelas vozes e pela minha intuição – não necessariamente nessa ordem – pude facilmente identificar quem eram os dois que discutiam.

– Henry, esse coquetel de camarão é MEU!

– Não é nada, eu peguei primeiro!

– Mas o Joseph trouxe pra MIM, não é, Joseph?!

– Sim, Srta. Sammuel! – Joseph respondeu, atrapalhado.

Nos aproximamos e vimos Karen se virando para Henry novamente e agora tentando pegar o coquetel de sua mão à força. Que irônico, desde o dia em que os dois se beijaram, adquiriram um ódio sem razão um pelo outro, que só desencadeava em discussões idiotas – um ótimo exemplo disso foi a confusão da revista *Pop!* .

– Me dá, seu mala!

– Me deixa, garota chata!

– Ora, seu…

Mason pigarreou de propósito, fazendo os dois pararem com a briga e perceberem que nós havíamos chegado.

– Ronnie!

– Mason!

Em um milésimo de segundo, Karen já estava agarrada no braço de Mason, e Henry já estava parado na minha frente com um enorme sorriso, o que me assustou um pouco.

– *Ela* teve que vir também? – Karen notou minha presença e me lançou um olhar de desprezo. – Por que, hein?

– Obrigada pelas boas-vindas tão acolhedoras. Como sempre – rebati.

Ela ia soltar mais um de seus comentários desagradáveis, mas neste momento o aviso de atar cintos na parte da frente e de trás do jato se acendeu.

– Atenção pessoal, sentem nos seus lugares e se preparem para decolar!

Próxima parada: Calgary! – Andrew disse, no viva voz.

Próxima parada, Calgary, dei um sorrisinho. Ia ignorar Karen e sua opinião, porque agora o que realmente importava era que eu estava a cinco horas de uma estação de esqui e ia passar um tempo muito bom naquele jato luxuoso. Realmente não tinha nada do que reclamar!

Pelo menos por enquanto.

---

5 Diretor-executivo.

CAPÍTULO 20



O jato já havia decolado, mas ninguém quis se levantar. O motivo deles devia ser o mesmo que o meu: aquele *puff* estava tão confortável que eu me sentia como se pudesse ficar esparramada nele para sempre. Estava me sentindo a própria ricaça, sentada ali, tomando a Coca-Cola com gelo e limão que Joseph trouxera para mim e roçando os dedos dos pés naquele carpete. Para alguém que até então só tinha viajado de carro ou de avião (na classe econômica), aquilo era um avanço dos grandes!

Além disso, eu sabia que provavelmente não teríamos mais a oportunidade de subir naquele jato outra vez – o próprio Marshall deixou isso claro – por isso quis aproveitar o máximo possível.

– E aí? – Mary disse, depois de ficar girando por cinco minutos na cadeira. Impressionante foi como ela não sentiu nenhuma vontade de vomitar. – O que a gente pode fazer pra passar o tempo?

– Que tal se a gente jogar Nintendo Wii? – Mason sugeriu.

– Tem Wii aqui?! – Mary deu um pulo.

Ai, ai, só ela mesmo. Reparou na bebida azul fluorescente que Ryan estava bebendo do outro lado do jato, mas um aparelho branco, gordo, de 30 centímetros de altura logo abaixo da televisão ela não viu. Vai entender.

– Vamos jogar! – ela falou, animada.

– Quais jogos tem aqui? – perguntei.

Mary se levantou, foi até o móvel debaixo da televisão, que tinha uma divisória para jogos e DVDs, e listou os nomes:

– *Monster Hunter, Super Smash Bros, Xenoblade Chronicles, Call of Duty, Legend of Zelda: Twilight Princess.* .

Todos os jogos que Mary ia listando pareciam grego para mim. Eu não era nenhuma expert em jogos, só conhecia os básicos mesmo, não fazia a mínima ideia de quais eram esses aí. Se bem que do último eu me lembrei de já ter ouvido falar uma vez.

– Esse Zelda não é aquele cara loiro que tem umas roupas parecidas com a do Peter Pan? – pensei, e só depois percebi que dissera aquilo em voz alta.

Ao ouvir isso, percebi quatro pares de olhos me encarando como se eu fosse uma extraterrestre. O que eu tinha dito era tão absurdo assim?

– Eu não ouvi isso! – Mason disse, batendo na testa.

– Essa doeu em mim… – Henry comentou.

– Ronnie, como você pode ser *tão* aculturada assim? – Mary emendou.

– Bem, eu não posso falar nada. Eu achava que o outro personagem, Link, era uma menina – Karen falou, com desinteresse, olhando para as unhas.

– Foi mal… – falei, meio incomodada. Poxa, desculpa se eu não sabia o nome do personagem do jogo! – Tem algum jogo aqui mais conhecido? – tentei contornar a situação mudando de assunto. – Tipo Mario!

– Hmm… – Mary deu uma vasculhada nos jogos. – Ah, tem Mario Kart!

Ah, aleluia! Finalmente, um que eu conhecia e sabia os nomes! E os sexos dos personagens!

– Eu topo! – falei.

– Mas tem controle pra todo mundo? – ela perguntou.

– Só tem três – Ryan respondeu.

– Peraí! Nós somos seis, não somos? Podemos jogar em duplas! Ryan, você vem comigo! – ela pegou um controle com uma mão e deu a outra mão para ele, imobilizando-o.

E novamente, como fora feito quando entramos no jato, Karen foi para perto de Mason e Henry para perto de mim. A essa altura do campeonato nossa opinião não importava muito, então as duplas ficaram assim mesmo.

Henry se levantou e ligou o console. Colocamos no modo de três jogadores e fomos escolher os personagens. Karen, óbvio, escolheu a princesa Peach, e Mary escolheu a versão bebê dela também. Não quis escolher a Daisy porque sempre achei a vozinha dela insuportável, então acabei selecionando o bebê com a cabeça

de cogumelo. Como nunca achei ele tão importante para os jogos do Mario, não me dei ao trabalho de aprender seu nome.

– Ei, Henry – Mason falou, antes de começarmos o jogo. – Não quer trocar de dupla, não?

Encarei o chão na mesma hora, corando.

– Por que você quer trocar? – perguntei, com vergonha.

– Ah, só porque o seu personagem é o menos feminino. Quer dizer, é um *menino*, né? – ele deu seu famoso sorrisinho.

A vergonha passou, dando lugar à irritação usual que eu sentia sempre que qualquer frase saía da boca dele.

– Pois quem disse que EU quero jogar com você, hein? – cuspi as palavras, enfezada.

– Ô estressadinha, tô só brincando.

Ignorei sua resposta e me virei de novo para a televisão.

– Vem, Henry, vamos ganhar esse jogo!

Escolhemos os carros e, por fim, as pistas.

– Vamos numa fácil, por favor? – pedi.

– Vou pôr na mais fácil pra você, Ronnie – Henry disse, pegando o controle delicadamente da minha mão e escolhendo uma pista que se passava em uma fazenda.

"3… 2… 1… GO!", era o que dizia na tela. Deu a largada. Mas não aconteceu o que eu esperava. Não acelerei, então nem saí do lugar, e em um segundo todos os carrinhos me deixaram para trás.

– O que tá acontecendo? Por que eu não estou andando?!

– Ronnie, você tem que apertar o botão 2 pra acelerar, não o 1! – Henry respondeu.

– Droga! Que burrice! – apertei o 2 e meu carrinho finalmente saiu do lugar.

– Concordo – Mason falou, rindo.

– QUIETO! – gritei, me concentrando na tela.

Virava o controle de um lado para o outro, desesperada. Entenda, eu conhecia Mario Kart, mas isso não significa que eu jogava sempre. Na verdade, só jogara poucas vezes, na casa da Jenny, há uns dois anos, então não lembrava de como se mexia em nada. Meu pobre bonequinho sofreu com essa minha ignorância, porque ele só batia nas vacas e nas cercas, caía nos buracos e escorregava em cascas de

bananas.

– Ronnie, posso te ajudar? – Henry me perguntou.

– Não posso te dar o controle – respondi, sem tirar os olhos do jogo.

– Eu sei, pode deixar – ele foi até minha cadeira, me empurrou um pouco para frente e sentou atrás de mim.

Ok, o que foi isso?! , pensei, trincando os dentes.

E para completar, ele me envolveu com os braços e colocou as mãos sobre as minhas, deixando o controle estável. Mesmo sendo uma grande ajuda, a posição em que estávamos não era nada agradável!

– Henry… Será que você poderia… – mexi os ombros, tentando dar a indireta para ele me soltar, mas não obtive sucesso.

– Ah, Ronnie! Vamos trabalhar em equipe! Você vai conseguir jogar melhor, vai ver.

Vi que não ia adiantar discutir e deixei pra lá. E mesmo estando com muita vergonha não é que eu estava indo bem? Um milagre estava acontecendo. Eu estava passando *todos* os carrinhos. Henry me ajudava a pular os buracos, desviar das cascas de banana e a jogar cascos de tartaruga nos meus adversários!

– Ah! Karen, eu estou te vendo! – falei, e dei um sorriso maléfico. – Prepare-se para comer poeira! – eu sei, essa expressão é totalmente antiquada, mas fazer o quê? A adrenalina fez eu me sentir o próprio Dick Vigarista.[6]

Joguei uma bombinha no carro dela, e quando explodiu, deixei-a para trás, girando.

– O QUÊ?! – ela gritou, indignada. – Não acredito! Você é péssima, não admito uma derrota para você!

– Fazer o que, né? Ela tem o melhor par… – Henry disse, orgulhoso, e me abraçou mais apertado.

Vi Mason lançando um olhar raivoso para nós com o canto do olho; depois disse:

– Ah é? Vamos lá, Karen, vamos ganhar essa corrida! – e ele fez exatamente o que Henry fizera comigo: foi para a cadeira dela, abraçou-a por trás e segurou suas mãos, fazendo-a suspirar, deslumbrada.

– Hmpf! – fingi não ter visto aquela cena e tentei me concentrar novamente no jogo.

A disputa estava cada vez mais acirrada. Mesmo sendo Henry e Mason

competindo, na verdade – já que eram os dois que realmente estavam segurando o controle –, éramos Karen e eu disputando por nossa honra, por não admitir derrota uma da outra, e porque a perdedora com certeza seria castigada com zoações!

Mary continuava na frente, a quilômetros de distância. Já era tão boa e viciada no jogo que nem se deu ao trabalho de fingir que era ruim só para Ryan abraçá-la também. Ele não precisou mover um músculo para ajudá-la, só ficou lhe dando apoio moral mesmo, gritando um "Vai, Pequenininha, você consegue!" de vez em quando.

Karen e eu batalhávamos pelo segundo lugar, e a cada dois segundos uma passava a outra, jogando bombinhas ou coisas do tipo. Não sei o porquê, mas de vez em quando eu espiava a expressão de Karen, que estava toda alegrinha por que Mason a abraçava.

Argh, se essa bobona me vencer, eu me mato, bufei.

Dava para avistar a linha de chegada. A primeira a cruzá-la foi Mary, óbvio.

– Aê! Sabia que ia conseguir! – Ryan finalmente se levantou e a abraçou.

Enquanto os dois comemoravam, Karen e eu estávamos no momento de maior tensão, lado a lado.

– Eu vou vencer! – dissemos ao mesmo tempo. Era minha integridade que estava em jogo! Eu *tinha* que vencer!

Ficamos batendo os carrinhos por uns segundos. Faltava pouco para chegarmos até a linha de chegada. Estávamos quase lá, quase vendo quem ia sofrer por ser a perdedora, só que de repente…

"Ocorreu um erro desconhecido. Por favor, reinicie seu Nintendo Wii mais tarde", foi o que apareceu na tela, que ficou toda preta.

– O QUÊ?!

– Xii, travou – Ryan falou.

– Mas… Mas… – larguei o controle com as mãos tremendo, inconformada. – Eu estava quase…

– Estava nada, EU é que estava – Karen retrucou, e nos encaramos com ódio.

– Ai, vocês duas, deixem isso pra lá! – Mary se intrometeu. – Se estivessem brigando pelo primeiro lugar eu até entenderia, mas pelo segundo? Que coisa de perdedor.

Essas palavras vieram para nós como dois tapas na cara. Mary tinha razão. Nós duas éramos perdedoras. Nos deixamos sucumbir pela competição, ignorando o

fato de que alguém já havia ganhado antes de nós.

– Ei, gente, que tal fazermos outra coisa? – Ryan perguntou, com um sorrisinho amarelo, tentando descontrair o clima. – Algo que não envolva competição?

Pensamos um pouco. Não tinha nenhum jogo de tabuleiro lá, então várias possibilidades foram descartadas. Também não estava a fim de jogar mais nenhum jogo eletrônico estilo "salve a princesa" ou "mate todo mundo".

Vasculhei na minha mente: que jogos são comuns quando há um grupo de adolescentes envolvidos?

De repente, *aquela* brincadeira obscura tomou conta dos meus pensamentos e percebi que era apenas uma questão de tempo até que ela fosse mencionada.

– Ah, que tal brincarmos de verdade ou desafio? – Karen sugeriu. Estava demorando. Sabia que seria ela.

Odiava essa brincadeira. Que pessoa nunca passou por um imenso constrangimento ao jogar isso pelo menos uma vez na vida? Pois é, eu passei. Lembro até hoje. Foi em alguma festa de aniversário quando eu tinha 12 anos. A consequência de um dos garotos chatos da minha sala tinha sido de me beijar, mas fiquei tão tensa quando ele se aproximou que me levantei, saí correndo e fiquei trancada no banheiro pelo resto da festa.

Os meninos se entreolharam, e, para o meu desespero, parecia que ninguém ia se opor. Desesperada, tentei argumentar: – Por favor, tudo menos isso! Gente, esqueceram que a Mary vai jogar também?

– E qual é o problema? A gente não vai pegar pesado – Karen respondeu.

– Mas… – minhas bochechas ruborizaram. – Eu imploro! Eu juro, jogo qualquer coisa menos isso! Sério, eu tenho meus traumas!

– Que tipo de traumas? – Mason perguntou, com um sorriso malicioso no rosto.

– Nada que você esteja pensando, idiota! – taquei nele uma almofada que estava no *puff* atrás de mim.

Karen se esparramou na cadeira, bufando:

– Então vamos fazer o que, senhorita chatinha? Dê alguma ideia pelo menos.

Não sabia o que dizer. Meu conhecimento desse tipo de jogo terminava nisso. Tentei me lembrar de outras coisas que fazíamos nas festas, mas eram só dançar, comer e jogar esse jogo estúpido.

– Já sei! – Henry estalou os dedos. – Vamos brincar de "Rei"!

– "Rei"? – todos disseram ao mesmo tempo, confusos.

– Que negócio é esse? – Mason perguntou.

– Nunca ouvi falar – Karen completou.

– É porque não é comum jogar aqui – Henry explicou. – Lá em Los Angeles eu tinha uma amiga que era japonesa, e ela me ensinou essa brincadeira – ele se ajeitou na cadeira. – É assim: já que nós somos seis, pegamos seis palitos e escrevemos números de um a cinco em cada um. O que sobrar tem a ponta pintada de alguma cor. Juntamos esses palitos em um bolo e cada um sorteia um, sem falar qual número pegou. O que pegou o palito pintado é o Rei, e este tem que dar alguma ordem, do tipo "o número um e o três vão fazer tal coisa". Ele escolhe qualquer coisa que vier na sua cabeça, e os números chamados são obrigados a fazer.

Meu queixo quase caiu ao ouvir essa explicação. Era praticamente a mesma coisa que verdade ou desafio, droga! Não adiantou nada o meu protesto, já que eu poderia passar pelo mesmo trauma outra vez! Por que ninguém liga para os meus sentimentos?!

– Irado. Eu topo – Mason disse, erguendo o polegar, e Ryan assentiu com a cabeça em seguida, concordando também.

– Eu também! – Karen bateu palmas, depois se virou para mim, com um sorriso maléfico. – Você também, não é, *Ronnie*? Afinal, você jurou que jogaria qualquer outro jogo que não fosse verdade ou desafio.

A vontade de socar Henry e aquela metida era grande. Mas vi que seria eu contra todos novamente, então achei melhor poupar o escândalo. Por sorte Mary ia jogar também, ninguém ia ser louco de dar uma ordem tensa para uma garotinha de 11 anos, certo? E tenho que admitir que isso era melhor do que a primeira opção, porque nesse jogo você não sabe para quem será a ordem. Isso me deixou um pouco mais aliviada.

– Está certo. Vamos jogar – desencostei as costas do *puff*, com uma expressão de "pode vir" no rosto.

– Eba! Joseph! – Henry estalou os dedos. – Tem palitinhos de dente aí no bar?

– Sim, senhor – ele respondeu.

Henry foi até o bar e pegou seis. Fiquei me perguntando como diabos nós iríamos escrever números neles e ainda conseguir ler depois.

Com a ajuda de uma canetinha encontrada no fundo do bolso da mamãe e do esmalte vermelho que Karen concordou em emprestar com *muito esforço*, finalmente

pudemos começar a brincadeira.

– Eu sou o rei! – Mary disse, mostrando o palito com a pontinha vermelha que segurava. Se sentiu o máximo, já que nunca havia jogado isso e conseguiu a liderança de primeira. – Deixa eu ver… – ela correu os olhos por nós. – Já sei! O número dois não vai poder namorar ninguém até eu completar 15 anos!

Assim que ouviu isso, Ryan arregalou os olhos e falou, surpreso:

– Como é que é?!

– Mary, assim não vale – falei, cruzando os braços. – Você viu o número dele.

– Não vi nada! – ela protestou.

– Ah, é? Foi uma grande coincidência, então?

– Foi! – ela se atrapalhou. – Vai, Ryan, me promete!

– Pequenininha… – ele começou a suar.

– RYAN!

– Vamos sortear de novo – arranquei o palito da mão dela.

Mary se afundou na sua cadeira, emburrada. Ryan tentou se aproximar dela, mas ela virou a cara. Devolvemos os palitos e sorteamos outra vez.

– Sou eu! – Mason tinha pegado o palito vermelho. – Ok, vamos ver… O número três vai ter que… fazer uma declaração de amor para o número cinco!

Suspirei, aliviada por não ser nenhum desses números. Ah, isso ia ser constrangedor.

– Eu sou o número três! – Henry falou. – Quem é o cinco? – instintivamente ele olhou para mim com os olhos esperançosos, mas balancei a cabeça negativamente com um meio sorriso.

– O três é você? – Ryan gaguejou, mostrando seu palito com um pequeno "5" escrito.

Estava rezando para que fosse Karen, só para a chata passar um pouco de vergonha também, mas admito que isso também ia ser hilário. E novamente, Ryan era a vítima da história. E parando para pensar, não era uma história bem parecida com a confusão da revista *Pop!*? Ambas envolviam as mesmas pessoas e a mesma… situação, digamos assim.

Karen, eu, Mason e Mary prendemos a risada.

– Troca essa ordem, pelo amor de Deus! – Henry implorou para Mason.

– Não – Mason respondeu, se controlando sem sucesso para parecer sério.

– Ah, não, por favor!

– Henry, você tem que saber brincar! – Mary disse, tinha deixado o mau humor de lado. – Pode falar com o Ryan, eu deixo – ela deu uma piscadela.

– Por que sempre comigo? – Ryan bateu na testa, angustiado.

– Do que *você* tá reclamando? – Henry perguntou, indignado. – Sou *eu* quem vai falar, você só tem que ouvir!

– Henry, ouvir é tão perturbador quanto falar. ACREDITE.

– Ai, parem de enrolar! – Karen bateu nos braços da cadeira, impaciente. – Vai logo, Henry!

– É, vai logo! – Mason, Mary e eu dissemos juntos.

– Ai, tá! – ele se levantou e respirou fundo. – R-Ryan…

– Capricha, hein! – Mason comentou.

– Argh, tá… – ele fechou os olhos com força e os abriu lentamente. – Ryan… nós sempre fomos… muito amigos… excelentes amigos… mas… sempre teve uma parte de mim que queria algo… mais do que isso.

Apertei a mão com força contra a boca para não rir. Segurar o riso estava ficando cada vez mais difícil. Pobrezinhos, Henry estava vermelho de vergonha, e Ryan estava com a expressão de "quero me matar" no rosto.

– Você é um cara muito… lindo e… legal. E eu… estou apaixonado por você. Eu te amo – ele se virou para nós, como se tivesse tirado um grande peso das costas. – Pronto, acabei!

Ficamos em silêncio por exatos dois segundos, até não aguentarmos mais e começamos a rir muito, muito mesmo. Sem dúvidas aquilo tinha sido muito melhor do que a matéria da revista *Pop!* . Ri tanto que lágrimas escorreram do meu rosto e minha barriga ficou doendo.

– Foi emocionante – Karen disse, batendo palmas, entre gargalhadas.

– Essa vai pro YouTube! – Mason disse, também sem parar de rir, segurando seu iPhone de um jeito bem instável. Parecia um bêbado.

– Você FILMOU, MISERÁVEL?! – Ryan e Henry gritaram ao mesmo tempo, puxando-o pela camisa.

– Calma, gente, calma – ele se explicou, agora mais calmo, limpando as lágrimas do rosto. – Eu não vou botar na internet, só quero guardar de recordação.

– Mostre isso pra *qualquer pessoa*… – Ryan disse, em um tom ameaçador.

– E você MORRE – Henry completou, fuzilando-o com os olhos.

– Tudo bem, tudo bem. Ah, faltou só um beijinho…

– O QUÊ?! – eles se prepararam para avançar de novo.

– É brincadeira! Relaxem… – ele se protegeu com as mãos.

– Vamos continuar o jogo – Karen disse.

– Hmpf – os dois devolveram seus palitos, emburrados.

Continuamos com partidas envolvendo coisas mais leves, como ter que colocar as roupas de alguém do sexo oposto, fazer danças ridículas, beber vários copos d'água sem poder ir ao banheiro, essas coisas.

– Gente, eu cansei. Não quero mais jogar – Mary se levantou e foi até onde mamãe e Marshall estavam sentados.

Tiramos o palito com o número cinco e sorteamos de novo.

– Foi até bom ela ter saído. Agora podemos dar ordens mais… *interessantes* – Henry disse, segurando o palito vermelho e dando um sorriso malicioso.

Ai, Deus. Tomara que ele não fale o meu número…, pensei, já ficando nervosa.

– Vamos lá, então. O número quatro…

Meu coração quase parou. EU era o número quatro. Minhas mãos começaram a suar. Senhor amado, o que aquela criatura ia me obrigar a fazer?!

– E o número um…

Flashbacks do verdade ou desafio daquela festa de aniversário começaram a aparecer na minha cabeça. Ah não, ia acontecer tudo de novo?!

– Vão…

Comecei a rezar silenciosamente. O coração indo à mil.

– Ficar trancados no compartimento de bagagens por dez minutos! Meu sangue subiu à cabeça. Não pensei em mais nada, levantei e gritei:

– O QUÊ?! Henry, qual é o seu problema?

Todos, inclusive Henry, arregalaram os olhos. Acho que ele não planejava que isso fosse acontecer.

– Caramba! – Karen falou, depois perguntou, inquieta. – Quem é o um?!

– Não olhem pra mim, não sou eu! – Ryan mostrou seu palito.

– Então restou o… – nossos olhos se direcionaram para Mason, o único que não tinha se manifestado.

Ah, legal, ótimo. Se o plano dele era de me causar um infarto, parabéns, ele tinha acabado de conseguir. Agora tinha lembrado que existia, sim, algo pior do que verdade ou desafio, outra brincadeira estúpida de adolescentes: sete minutos no paraíso, e essa nossa versão seria prolongada.

– Ah, querem saber… Acho que vou trocar essa ordem! – Henry falou, com um sorrisinho amarelo.

– Ah, não! – Ryan retrucou. – Não pode trocar! Se não podia quando você teve que se declarar pra mim, por que poderia trocar agora?!

Ele tinha razão. Infelizmente.

– Henry, seu idiota! – Karen o puxou pela camisa, furiosa.

Não estava conseguindo processar aquilo. Tudo o que eu queria era abrir a porta daquele jato, pegar um paraquedas e pular em qualquer ilha. Olhei para Mason, ele apenas encarava o chão, sério. Será que era só eu que estava entrando em desespero?!

– Ronnie, desculpa… – Henry veio até mim, com o rabinho entre as pernas. Depois ele se virou para Mason e lhe lançou um olhar fuzilante.

– Faça *qualquer gracinha* e…

– Me poupe – Mason respondeu, sem paciência. Se levantou, passou por mim e foi andando até a portinha perto do banheiro.

– Eu tenho que ir mesmo? – nem falar direito eu conseguia.

– Ah, vai logo, garota! – Karen me empurrou. – Não invente nada, hein! Trêmula, andei vagarosamente até a portinha.

Ai, ai…, me sentei ao lado de uma mala de rodinhas e eles fecharam a porta. Depois disso, tudo ficou escuro.

Tenso.

Escuro.

Silêncio.

Calor.

Coração batendo a mais de mil por hora.

O tempo não passava.

Fiquei encostada no canto esquerdo do compartimento, que tinha menos de dois metros de comprimento. Estava muito quente, então resolvi tirar o casaco. Sem querer acabei esbarrando a mão no rosto dele.

– Desculpa.

– Tudo bem – ele respondeu, baixinho.

Que estranho. Eu só toquei na bochecha dele por meio segundo e senti que ela estava queimando, mais do que a minha. Será que aquilo era só porque ele estava com calor? Ou será que estava tão envergonhado quanto eu?

– Não precisa ficar tensa desse jeito – ele disse, me fazendo dar um pulinho.

– Ah… É que eu nunca fique trancada num… sabe… com um… – era muito estranho dizer aquilo, mas por sorte ele parecia ter entendido.

– Mas não precisa ficar nervosa assim. Parece até que você está com medo que talvez eu faça… sabe… alguma coisa – ele disse, em um tom desconfiado.

Ai, estou começando a preferir o silêncio de antes. . , pensei, suando.

– Não, eu sei que você não faria isso… – virei-me para ele, mesmo não conseguindo enxergar seu rosto direito. – Você não faria, né?

– Claro que não, sua tonta! Que tipo de pessoa você acha que eu sou? – ele pareceu ofendido.

– Nossa, desculpa… – me assustei com sua reação. – Não quis falar desse jeito. Eu sei que você não teria *coragem* de fazer uma coisa dessas.

– Como é que é? – ele se virou pra mim também.

– Mas isso é bom! – tentei me explicar. – Acho que qualquer garoto normal tentaria se aproveitar dessa situação, mas você não! E isso é legal da sua parte!

Pensei que tinha ajudado, mas não deu certo. Acho que o elogio não saiu como eu esperava.

– Tá insinuando o que? – ele indagou.

– Nada, ué! Foi um elogio!

– Ah, é? – ele cruzou os braços. – Pois eu faria alguma coisa, sim, se a pessoa que estivesse comigo VALESSE A PENA.

Ah, ele não disse isso…, apertei os punhos. Agora ele tinha pisado nos meus calos.

– Você é um idiota, sabia? Só fez esse comentário ridículo pra usar como desculpa esfarrapada! – fiquei de joelhos, com as mãos na cintura.

– Quem disse?! – ele se ajoelhou também, para ficar na mesma altura que eu.

– *Eu*! Seu covarde!

– Eu não sou covarde!

– É, sim!

– Não sou!

– É, sim!

– Ah, é?!

Assim que ele disse isso, foi tudo muito rápido. O que ele fez tirou todo o meu poder na discussão. Quando percebi, não estava mais ajoelhada, estava inclinada para trás, com a mão dele nas minhas costas e com seu rosto tão perto do meu que

até sua respiração eu conseguia sentir.

– O QUE VOCÊ ESTÁ FAZENDO?! – arregalei os olhos.

– Provando que eu não sou covarde.

Meu sangue gelou. Não consegui me mover. Não consegui pensar, meu cérebro parecia que estava falhando, dando lugar ao meu coração, que batia desenfreado.

– Mas como eu disse, não sou esse tipo de pessoa – ele afastou seu rosto, me soltou e voltou para seu canto.

Quando consegui recuperar o fôlego e os movimentos do corpo, voltei para meu canto também. Abracei os joelhos e tentei ficar o mais colada na parede possível.

Que droga, parecia que estávamos lá dentro há horas! Tudo o que eu queria era sair daquele lugar apertado e escuro e ficar longe de Mason! Pelo menos estava escuro o suficiente para ele não reparar que eu estava vermelha feito um caminhão de bombeiros, por causa de tantas emoções que se misturaram.

Depois de um tempo em silêncio, ele resolveu quebrar o gelo:

– Desculpe por ter te assustado. E por ter dito que você não valia a pena.

– Tudo bem – falei, encarando o chão. – Desculpe por ter duvidado de você. E por ter te chamado de covarde.

– Tá, tudo bem.

– Quanto tempo ainda falta?

– Falta pouco, eu acho – é, eu não era a única que tinha perdido a noção do tempo naquele lugar.

Suspirei, encostei a cabeça na mala de rodinhas ao meu lado e fechei os olhos. Mas de repente, um aviso não muito agradável nos alertou:

– Atenção, pessoal – era a voz de Andrew. – Estamos iniciando o processo de pouso. Todos voltem para as cadeiras, por favor.

Abri os olhos rapidamente, alarmada:

– O QUÊ? A gente vai pousar agora?! Temos que sair daqui! – tentei abrir a porta do compartimento, mas ela tinha sido trancada pelo lado de fora. – HENR…!

Não consegui chamar nenhum deles. Mason tapara minha boca antes de eu completar a palavra.

– Hm! Hm, Hm! – não adiantou, não consegui me desprender.

– Você ficou maluca?! Já pensou o que acontece se sua mãe ou sua irmã ouvem você gritar, abrem a porta e encontram a gente aqui?

Dito isso, ele tirou a mão. Pensando bem, isso fazia sentido. Não ia ser nada legal se qualquer uma das duas nos visse do jeito que estávamos. Meu filme ia ser completamente queimado.

– Você tem razão. Então vamos ficar aqui até o avião pousar?

– É o jeito. Ninguém pode levantar e tirar a gente daqui agora.

– Ah, que ótimo… – e eu que achava que não poderia ficar pior.

Sentimos o jato começar a descer mais e mais; de repente, ouvi um barulho estranho vindo de cima do compartimento. Ia olhar para cima, mas sabe aquela hora em que o avião toca o chão e a gente sempre dá aquele pulinho por causa do impacto? Então, no momento em que isso aconteceu, uma mala gigante, que tinha se desprendido de seu lugar, caiu bem onde eu estava. Se não fosse por Mason ter me puxado, eu seria esmagada.

Depois, quando o jato deu aquela corrida, me segurei nele com força, apertando os olhos. Não pensei em nada naquele momento, só em não bater com a cabeça em lugar nenhum. Só quando o jato parou de correr e começou a andar lentamente até parar que eu pude levantar o rosto, abrir os olhos e finalmente perceber que estava esse tempo todo *em cima dele*.

– Obrigada por… me salvar, eu acho – falei, extremamente sem graça.

Ele provavelmente ia dizer "de nada" ou algo do tipo, mas para nosso desespero, ouvimos a voz de mamãe gritando:

– Mary, pode ir lá ver as malas? Uma deve ter caído, eu ouvi um barulhão!

– Tá!

Arregalamos os olhos.

"FERROU."

O problema era que não tinha lugar para eu pular e sair daquela posição constrangedora. A mala tinha ocupado o meu lugar por completo.

Ouvimos o barulho da chave rodando. Mary abriu a porta, fazendo finalmente a luz entrar. Meus olhos arderam por uns segundos, mas depois eu consegui me acostumar com a claridade outra vez. Só que a claridade no momento era o menor dos problemas.

Assim que Mary nos viu, seu queixo caiu. Assustada, ela encheu os pulmões e deu um berro:

– AAAAAHHH!!! MANHÊEEEE!!!

– MARY, ESPERA! – agora, com espaço, levantei atrapalhada para fazê-la ficar

quieta, mas não deu tempo. Mamãe apareceu correndo.

– O que foi? O que houve?

– Esses dois! – ela apontou para Mason e para mim, com o dedo trêmulo. – Estavam se agarrando ali dentro!

– O QUÊ?! – mamãe se virou para nós dois, com uma expressão atônita no rosto.

Ok, eu sei que não devia pensar naquilo naquele momento, mas não podia evitar de achar meio perturbador ouvir minha irmãzinha de 11 anos usando a expressão "se agarrando".

– Calma aí, não é verdade, mãe! – tentei explicar.

– Ah, não é?! – Mary gritou, com as mãos na cintura. – Então por que é que você estava *em cima dele*, ali dentro, no escurinho?!

– Em cima dele…? – mamãe balbuciou, parecia que lhe faltava ar.

– Eu posso explicar! – segurei os ombros dela.

– Então explique *agora*, mocinha!

– A gente estava jogando um jogo em que nós sorteávamos palitos e a pessoa que tirasse o palito especial dava uma ordem para os outros. Então eu e Mason recebemos a ordem de ficar trancados aqui!

Mamãe tirou os olhos de mim e passou a encarar Mason com ódio. Depois disso, ela o puxou pela orelha até ele ficar de pé.

– E como vocês explicam o fato de estarem um em cima do outro?

– Aaaai! – ele tentou se desvencilhar. – Calma, Suzie! Não é o que você tá pensando! Sério, deixa eu explicar! Aaaaai!

– Então explique! – ela soltou sua orelha, fazendo-o suspirar de alívio.

– Uma mala ia cair em cima da Ronnie, e eu só a puxei pra ela não ser esmagada!

Mamãe nos olhou, nada convencida.

– Foi isso que aconteceu, mãe! Não acredita em mim?

– Hmpf! – ela não concordou nem discordou. Poxa vida, minha própria mãe estava perdendo a confiança em mim… Só por causa desse jogo idiota! – E quem foi o dono da mente insana que mandou vocês dois ficarem aí?

– O HENRY! – Mason e eu dissemos juntos, como duas crianças dedo-duro.

Ela não disse mais nada. Saiu dando passos rápidos e voltou, nem um minuto depois, puxando Henry também pela orelha, exatamente como fizera com Mason.

Pela expressão angustiada no rosto dele, ela não estava pegando leve.

– Suzieee! – ele choramingou. – Tá doendo!

– Foi *o senhor* que deu essa ordem para eles, não foi?!

– Aai! Fui eu, fui eu! Mas eu me arrependo profundamente! Eu juro! Mamãe soltou a orelha dele e gritou:

– RYAN! KAREN! Venham aqui agora!

Os dois correram até nós, assustados.

– Escutem bem, o que eu vou dizer agora vale para *todos vocês* – ela correu os olhos ameaçadores por nós. – Eu não gosto dessas brincadeirinhas de "o mestre mandou, então tem que obedecer"! Vocês viram o que aconteceu!

– O que aconteceu? – Karen perguntou.

– Nada! – gritei, nervosa. – Mãe, continua, por favor.

– Eu não sei o que vocês fazem em casa, mas aqui *eu* sou a responsável por vocês! E enquanto eu for, não quero esse tipo de brincadeirinha acontecendo! Eu fui clara?

Quase falei um "sim, senhor", me sentindo em um exército. Mas me controlei e falei, de cabeça baixa, como todos fizeram:

– Foi…

E para completar, Marshall resolveu dar o ar da graça, percebendo que tinha ficado sozinho onde estava:

– Puxa, que bronca, hein, Suzie… – ele deu um risinho nervoso. Era óbvio que tinha escutado. Mamãe já falava alto, e quando dava esporro sua voz soava mais estridente do que qualquer coisa. – Mas agora que já aprenderam a lição, vamos relaxar um pouco? Que tal darmos uma olhada na paisagem lá fora?

Assim que ouvi isso, corri para a janela. Puxa, como o Canadá era bonito! A paisagem não estava inteiramente branca, já que o inverno estava acabando, mas mesmo assim estava linda!

As ruas tinham neve, não tanta quanto na alta temporada, mas ainda estavam parcialmente brancas. Os telhados das casas ainda tinham gelo nas bordas, que caíam um pouco para frente, formando pequenos enfeites pontudos. Haviam pinheiros cobertos com neve e outras árvores sem folhas por todo lado, o que deixava o ambiente em volta bem delicado. Essas árvores também contornavam uma área extensa de um rio que estava com as bordas congeladas.

Logo atrás dele estava a grande cidade. Prédios altíssimos de cores e designs

diferentes, e o contraste de tamanhos e formas deixava o lugar muito elegante. Nunca tinha ido à Calgary, mas devo dizer que me causou uma ótima primeira impressão. E as montanhas brancas ficavam atrás dos grandes prédios, o que fazia triplicar minha ansiedade de esquiar. Não dava para ver ninguém esquiando, mas tinha certeza de que os que estivessem, deveriam estar se divertindo bastante.

– Vamos poder esquiar hoje? – perguntei, esperançosa.

– Não sei, talv…

– Não – mamãe cortou Marshall, séria.

– Por que não?

– Porque nós vamos gravar amanhã, e Marshall e eu ainda temos que decidir algumas coisas com o pessoal da produção que já está aqui. É melhor que vocês fiquem no hotel até lá.

– Mas, mãe! Eu vim aqui só por isso!

– Ronnie, não se esqueça de que a gente veio para Calgary para gravar, não para ficar brincando e esquiando o dia inteiro! – ela cruzou os braços.

– Mas, mãe!

– Nada de "mas"! Agora vamos, o carro já está lá para nos levar até o hotel.

Fiquei transtornada. Que droga! Alguém podia ter avisado que eu só ia esquiar se desse tempo! Se bem que não podia deixar de pensar que mamãe só disse aquilo porque estava furiosa com a situação que acabara de presenciar.

– Tá reclamando do quê, garota? – Karen falou com desdém, quando entramos no carro. – Nem era pra você ter vindo.

Ah, só faltava essa. Agora meu dia estava completo.

---

6 Personagem do desenho *A corrida maluca*.

CAPÍTULO 21

A única chance que eu tive de tocar naquela neve limpinha canadense, a mais limpa que eu já vi, de fato – em Boston a neve que ficava nas ruas geralmente adquiria um tom meio amarronzado nas bordas, se misturando com a sujeira – , foi durante os dois minutos que demoraram para sairmos do jato e entrarmos no carro que nos esperava; depois durante os trinta segundos do trajeto da saída do carro até a porta do hotel.

O *lobby* era grande e com uma decoração clássica que variava em tons de laranja. Logo após a entrada ficavam quatro mesas com duas cadeiras pretas nos lados esquerdo e direito, sobre um grande tapete redondo estampado com uma mandala laranja, branca e preta. No centro do tapete e da mandala ficava uma mesa de madeira escura com um arranjo de copos-de-leite brancos e amarelos.

No teto havia uma abóbada profunda do mesmo tamanho do tapete, como se este fosse sua sombra. Pequenos pontinhos de luz faziam seu contorno e iluminavam também as bordas do tapete. E em cada lado havia uma coluna de madeira que subia até as bordas da abóbada.

Passando por esse *lounge*, chegamos à mesa da recepção e fomos atendidos por uma mulher de terninho e um rabo de cavalo que não tinha nem um fiozinho de cabelo fora do lugar.

– Aqui estão seus cartões, Sra. Adams. É só seguir até esse primeiro elevador que vai até a cobertura.

Sempre fico distraída quando minha mãe está lidando com a parte burocrática das reservas de hotel, mas quando ouvi a palavra "cobertura", fiquei alerta.

– Nós vamos mesmo para uma cobertura, mãe? – perguntei, enquanto entrávamos no elevador.

– Vamos, sim – a porta se abriu no último andar e fomos andando pelo carpete branco até chegarmos à porta do nosso quarto, 2501. – Agradeçam ao Andrew por tudo isso, vocês vão ficar louquinhas.

Assim que a porta se abriu, entendi exatamente o que ela quis dizer. Aquilo não era um quarto de hotel, era um pequeno apartamento! Tinha uma sala com um sofá azul-marinho em frente a uma mesinha e uma TV de LED; ao lado, uma copa com frigobar, micro-ondas e uma bancada; mais para frente, duas portas que davam para dois quartos.

Mary foi a primeira a abrir as portas, e alguns segundos depois ouvimos seu grito eufórico:

– Tem uma TV no banheiro!

Entramos nos quartos e colocamos nossas malas nas camas de viúva com lençóis brancos e azuis. Mary saiu do banheiro e se jogou na cama, animada:

– Mãe, eu amo seu emprego!

Não podia fingir que não estava maravilhada com todo aquele luxo, mas sabia que essa viagem não ia acontecer de novo, pelo menos não tão cedo. Esse mimo todo deveria ser um presente de Andrew de boas-vindas.

Abri minha mala e comecei a separar as roupas para colocar no armário. Estava quase acabando de arrumar quando o telefone tocou:

– Alô?

– Oi, Ronnie! – era a voz de Henry. – A gente tá indo pra piscina, quer vir?

Dei uma olhada na janela, que mostrava a cidade parcialmente branca de neve.

– Vocês estão loucos? Tá fazendo uns três graus lá fora!

– A piscina é aquecida!

Mesmo com esse argumento, eu ainda não estava com a menor vontade.

– Eu não acredito que com essa neve linda lá fora vocês realmente queiram ir pra piscina!

Ouvi o barulho do telefone sendo passado para outra pessoa, e logo em seguida a voz de Mason:

– A gente não tem mais nada pra fazer aqui! Esqueceu que sua mãe proibiu a gente de sair? Vem logo, chata.

Eu sei que não devia me importar com o comentário dele, mas ainda não tinha

me esquecido do que passara com ele trancada no jato. Ouvi-lo falando assim normalmente me deixou um pouco apreensiva.

– Me dá aqui! – Henry puxou o telefone de volta. – Vamos, Ronnie! Todo mundo vai!

– Mas… Eu não trouxe roupa de banho – não estava tentando fugir nem nada, eu realmente não tinha levado. O que era razoável, já que estávamos indo para um lugar *frio* para *esquiar*.

– Pede emprestado!

– Pra quem? Pra minha mãe? Acho que ela nem trouxe também.

– Não! Vai ficar muito grande! Pede pra Mary!

– O quê?! Ficou maluco? Quer que eu use um biquíni minúsculo?!

– Qual é o problema?

Bati na testa. Aff, para quê eu tive que perguntar isso logo para ele?

– Pervertido – ouvi três vozes no fundo, que já tinha certeza de quem eram.

Mas pensando bem… Não tinha nada para fazer mesmo. Não ia ficar vendo televisão que nem uma desocupada, e a companhia deles até que não era tão ruim.

– Tudo bem, eu vou. Mas vou *de roupa* – enfatizei esta última parte para deixar bem claro.

– Aaah…

– Tchau, Henry – com a paciência caindo, desliguei o telefone.

Avisei à Mary – que não sei por que, milagrosamente trouxe roupa de banho – e descemos até a área da piscina. Quando chegamos, Mason, Henry, Ryan e Karen estavam lá, além de mais algumas pessoas. Duas garotas adolescentes estavam junto dos meninos, olhando-os maravilhadas e fazendo um monte de perguntas.

– Quem são? – me sentei na borda e perguntei a Karen, que estava um pouco mais afastada. Seu cabelo ruivo estava preso em um coque.

– Fãs, é claro – ela disse, ríspida.

– Não sabia que eles tinham fãs até no Canadá.

– Elas são de Nova Jersey. Esqueceu que estamos em um hotel?

– Ah.

Mary estava numa boa até ver uma das garotas, a loira mais magrinha, tocando levemente o ombro de Ryan e rindo de algo que ele dissera. Pude ver seu sangue fervendo, até que ela teve uma ideia:

– Ei, vejam só como afastar garotas nojentas – ela deu um sorrisinho maléfico.

Ela andou um pouco para trás, depois correu e pulou abraçando os joelhos, jogando água para todos os lados.

– Aaai! – as duas gritaram. E essa realmente foi a deixa para elas se afastarem e saírem da piscina às pressas, reclamando que seus cabelos tinham sido arruinados. Foi por pouco que o cabelo de Karen não ficou encharcado também. Aquilo não teria um final feliz.

– Tcha-au! – Mary acenou com um sorrisinho vitorioso e depois nadou de costas até os meninos.

– Poxa, Pequenininha, isso não foi legal – Ryan a repreendeu.

Ela se virou para ele na mesma hora, perdendo o sorriso.

– Sabe qual vai ser seu castigo por isso?

– Qual? – ela perguntou, preocupada.

– Ataque de cosquinha! – ele a agarrou e começou a lhe fazer cócegas, e ela respondeu rindo e jogando água nele. Parecia que os dois tinham a mesma idade.

Cruzei as pernas e corri os olhos pela área da piscina. Depois de reconhecer o ambiente e as pessoas, fiquei mexendo na água quente com as pontas dos dedos. Fiquei assim por uns dois minutos, até que vi Karen se aproximando de mim e perguntando:

– Vem cá, o que aconteceu no jato, afinal, que fez a sua mãe te dar aquele esporro?

Senti o sangue subindo até a face. Droga, era exatamente esse assunto que eu queria evitar! Mas mantive o máximo de calma possível; era necessário.

– Não aconteceu nada. Ela só não gostou de nos ver lá.

– Sei! – ela cruzou os braços e apoiou-os na borda, olhando para mim. – Pela cara da sua mãe e da sua irmã eu tenho certeza de que não foi só isso!

– Ache o que quiser – falei, curta e grossa. Já estava por aqui com essa garota.

Ela levantou uma sobrancelha. Parecia ter ficado surpresa por não ter me deixado sem palavras, nem atrapalhada. Mas ela não desistiu, continuou insistindo:

– Mas você bem que ia gostar, não ia?

Apertei os punhos. *Ronnie, mantenha a calma. Isso vai te fazer vencê-la.*

– Karen, chega desse assunto. Que coisa chata.

– Hmpf, tá bem – ela finalmente desistiu, mas soltou um comentário final. – Só acho difícil acreditar que morando há quase quatro meses com ele não tenha acontecido nada.

– Pois é, e nunca vai acontecer – cuspi as palavras.

– Tá bom, então. Melhor pra mim – ela deu de ombros com um sorriso e foi para o outro lado da piscina.

Caramba! Será que era algo tão impossível eu não cair de amores por Mason mesmo morando sob o mesmo teto que ele? Tá, tenho que admitir que não o odiava mais como antes, e depois que o conheci melhor, vi que ele era uma pessoa até… suportável. Mas isso não significava que o próximo passo seria eu me apaixonar por ele.

Eu *não queria* me apaixonar por ele. Imagina o trabalho que daria namorar alguém famoso! Por mim estava tudo bem do jeito que estava! Podíamos continuar com essa relação que tínhamos no momento!

Mas, se estivesse mesmo tudo bem, por que eu fiquei tão envergonhada ao entrar com ele no compartimento de bagagens? Por que eu não consegui simplesmente dizer a Karen a verdade, sem fugir do assunto? Por que eu estava pensando tanto nisso agora? ARGH!

Mas por sorte – ou não –, de repente, um jato d'água veio direto na minha cara, interrompendo meus pensamentos. Tossi duas vezes, assustada, depois vi quem havia sido responsável por isso.

– Mason! Idiota! Você tem 8 anos?!

– Foi mal, eu sinto vontade de fazer isso sempre que tem alguém que não pode se molhar – ele respondeu, rindo.

– Molha o cabelo da Karen, então! – sequei o rosto com o casaco.

Ele olhou para ela e seu grande coque, totalmente seco, mas isso não o animou. Depois ele se virou para mim novamente, e disse:

– Nah, te irritar é mais legal – ele jogou mais um jato, mas desse eu consegui desviar.

– *Para*! – pulei para trás e me levantei, encostando na parede.

– Ah, Ronnie, a água tá gostosa, se molha só um pouquinho! – ele encostou na borda.

– Não, já falei! – retruquei, com a paciência quase se esgotando. – Ainda não entendo por que vocês quiseram vir pra piscina!

Ele parou ao ouvir isso. Ficou pensativo por alguns instantes, depois se direcionou até os meninos e Mary e cochichou alguma coisa para eles. Ao ouvir o que ele disse, todos se entreolharam com um sorriso maldoso no rosto, depois

subiram na borda.

– O que vocês falaram aí? – perguntei, pasma, andando para o lado sem desencostar da parede.

Já tinha sacado o que eles iam fazer, então meu próximo passo seria começar a correr desesperadamente até a porta e dar o fora daquele lugar. Mas não fui rápida o bastante. Os três me pegaram pelos braços e pernas, me balançaram duas vezes e me jogaram com tudo na água.

– AAAAAARGH!!! – subi até a superfície. Todos riam sem parar, até Karen, que nem tinha participado do complô. – POR QUE FIZERAM ISSO?!

– Ah, admita, foi engraçado – Mason disse.

Encarei ele sem um pingo de bom humor.

– Tá bom, vem, eu te ajudo a sair.

Ele se ajoelhou na borda e estendeu a mão para mim. Assim que o toquei, puxei-o para baixo e ele caiu.

– Primeiro, *não* quero ajuda – falei, e subi sozinha na borda. – E segundo: NÃO TEVE GRAÇA! – saí da área da piscina batendo os pés sem olhar para trás, com a calça, o suéter, as meias e o cabelo pingando.

Fui correndo até o elevador e subi para o quarto, porque só a parte da piscina era quentinha. Assim que saí lembrei que estava no Canadá, e a temperatura ambiente não estava exatamente a de um dia de verão.

– A-a-ATCHIM! – dei o maior espirrão quando cheguei no quarto.

– Se eu pegar um resfriado e não puder esquiar, eles estão MORTOS!

••••

Tomei um banho pelando, joguei as roupas molhadas em cima do aquecedor e pus um casaco de lã branco bem quentinho. Passei tanto tempo debaixo da água quente, que fiquei com sono.

Deitei na cama e liguei a TV que ficava no móvel em frente à ela. Vi quinze minutos de um episódio de *The Office* e fui fechando os olhos lentamente. Virei para o lado esquerdo para me aconchegar melhor, mas percebi que estava deitada em cima de uns papéis.

– Mãe! – chamei-a, preocupada, ao perceber que papéis eram aqueles.

– O que foi?! – ela gritou, já que estava no banho.

– Era pra esses roteiros estarem aqui?

– O quê?!

– Tem três roteiros aqui! – gritei mais alto, passando os papéis. – Não era pra eles estarem com os meninos?

De repente, o barulho da água parou. Dois segundos depois mamãe abriu uma fresta da porta, de toalha e com o cabelo molhado cheio de xampu.

– Não acredito! Estavam aqui esse tempo todo?! Ah, eu vou matar esses garotos! Ronnie, eu preciso que você leve isso pra eles *agora*!

– Ah, eu? – perguntei, com preguiça.

– É, você! E vai rápido, filha! Isso é pro episódio de amanhã! – a água saindo dela começou a molhar o chão do quarto.

– Tá, tá bom! – vi que não ia conseguir dormir mesmo. Era melhor pelo menos não deixar minha mãe mais estressada do que ela já estava comigo nessa viagem. – Qual é o quarto deles?

– 2507.

Levantei, mesmo não querendo, ajeitei os papéis e saí do quarto. Por que nenhum dos três patetas se lembrou de pegar a droga dos roteiros?! Aposto que eles estavam vagabundeando, vendo TV, pedindo serviço de quarto e assaltando o frigobar. Pelo visto eu não era a única que tinha esquecido que o propósito original dessa viagem era gravar um episódio.

Parei em frente à porta do 2507. Ia bater, mas nesse momento ouvi as vozes vindo do quarto:

– Não sei… – reconheci a voz de Henry. – Eu me sinto meio culpado. Ela ficou muito brava…

– Ah, vamos dar um tempo pra ela, quem sabe ela não vai estar calma no jantar? – dessa vez foi Ryan.

Espera! Eles estavam falando de mim? Há quanto tempo?!

Eu ajoelhei e me aproximei mais da porta.

– Ela já deve estar acostumada com o que você faz todo dia, né, Mason? – Ryan continuou, e deu uma risada.

– Pois é, né… – ouvi a voz de Mason, também dando uma risada leve.

– Vem cá, por que você gosta tanto de implicar com ela? – Henry perguntou, com um tom levemente incomodado.

Grudei meu ouvido na porta. Eu sei, escutar a conversa dos outros é feio, mas

eu tinha o direito de ouvir porque eu *era* o assunto da conversa! E além do mais, eu me fazia essa pergunta todo santo dia.

– Ah, sei lá, é divertido. É engraçado, já que ela se irrita fácil.

Suspirei, decepcionada. Realmente achava que teria um motivo por trás disso, mas ele gostava de me infernizar apenas para seu bel-prazer.

Mas o complemento que ele deu à frase realmente me pegou de surpresa:

– E além do mais, ela fica até bonitinha quando tá brava.

Arregalei os olhos e fiquei vermelha na mesma hora. Puxa, isso foi inesperado! Lembro que o último elogio que recebera dele foi um "ficou… legal em você", na noite do jantar do Four Seasons, então isso foi um *grande* salto!

Não sabia mais o que fazer, não ia conseguir entrar lá e entregar os papéis a eles fingindo que nada tinha acontecido, que não escutara o que ele tinha acabado de dizer! Ai, por que estava com tanta vergonha?!

E, pior: eu ignorei totalmente o fato de que estava com o ouvido grudado na porta no meio do corredor do hotel, um lugar onde *pessoas* transitam. Só fui me lembrar disso quando escutei uma voz atrás de mim:

– Mas o que é que você está fazendo?!

Reconheci aquela voz de metida. Alguns palavrões vieram à minha cabeça, mas não consegui dizer nada. Não tinha outra saída a não ser me virar e tentar explicar calmamente esse incidente.

– Karen… Oi… – dei um sorrisinho amarelo. – Não é o que você está pensando…

– Eu sabia – ela jogou o rabo de cavalo ruivo para trás, com um sorriso clássico que dizia "te peguei".

– Sabia o quê?

– Que você era uma *stalker*! – ela apontou o dedo pintado com esmalte vermelho na minha cara

– O QUÊ?!

– Ah, agora eu saquei… Você ficava esse tempo todo falando que não suportava os meninos, mas era tudo fingimento! Te peguei, sua *stalker* safada!

Era só o que faltava. O orgulho próprio que eu tinha construído durante esses meses dizendo que não gostava da série desapareceu, por causa dessa situação em que eu fui encontrada. Não podia culpá-la, afinal, do jeito que eu estava, parecia uma *stalker* mesmo. Oh, meu Deus, eu estava virando a nova PIPER

LONGSHOCK?!

– Karen, isso é tudo um mal-entendido!

– Então como você explica isso? – ela levantou uma sobrancelha.

Olhei para os lados procurando uma boa e rápida explicação, até que olhei para minhas mãos, que seguravam os três roteiros.

– Olha só, a minha mãe pediu para eu entregar esses roteiros pros meninos. Eu ia bater na porta, mas ouvi eles falando de mim, então resolvi escutar só um pouquinho!

Nossa, do jeito que eu falara, ainda parecia meio *stalker*. Argh, como diz o ditado: "A curiosidade matou o gato." Mas na minha versão, eu acrescentaria: "A curiosidade matou o gato *de vergonha*."

– Aham, sei – ela disse, nada convencida.

– É verdade, juro!

Que droga, quantas explicações já tinha dado naquele mesmo dia? Por que sempre sou eu que me meto nessas situações constrangedoras?!

– Ah, que seja. Pode continuar grudada aí na porta, eu já v…

Mas, de repente, ouvimos Mason falando mais alto lá dentro:

– Mas e a Karen, hein?

Ela certamente ouvira aquilo, porque em menos de um minuto correu para o seu quarto e em um piscar de olhos ela apareceu agachada do meu lado, escutando a conversa através de um copo de vidro encostado na porta.

– Depois eu que sou a *stalker*, né – falei, incrédula.

– Ssshhh! Mason está falando de mim! – seus olhos brilharam.

Revirei os olhos e continuei escutando. O sorriso de Karen desapareceu quando ele continuou a falar:

– Era impressão minha ou ela tava te secando lá na piscina, hein, Henry?

– O QUÊ? – ela aumentou o tom de voz, atrapalhada e indignada ao mesmo tempo.

– Se controla, Karen – fiz sinal para que ela falasse baixo, mas com um sorrisinho nos lábios. Afinal, não era sempre que eu podia presenciar o lindo momento que era vê-la pagando mico.

– Você devia estar vendo coisas, cara – Henry respondeu.

– Não, eu tenho quase certeza de que a vi te olhando…

Sem pensar, com as bochechas carmins, Karen se levantou, bateu o pé e gritou,

revoltada:

– Isso é mentira! Eu não estava olhando pra ele!

– Karen! – puxei-a, desesperada. – Não grita assim, eles vão te ouv…!

Mas parei de falar quando senti a porta atrás de mim se abrindo. Meu sangue gelou, e tenho certeza de que o de Karen também.

Deu para ver que eles ficaram bem chocados, porque ninguém disse nada por alguns segundos. Nos levantamos e nos ajeitamos, e eles continuaram sem dizer uma palavra. Ia começar a explicar tudo e tentar melhorar a situação em que eu estava – já era meu terceiro flagra em um só dia! –, quando Karen gritou tudo para fora, esbaforida:

– Ela começou! Ela estava aqui escutando antes de mim! – ela apontou para mim. Maldita, e eu pensando que nós íamos tentar ajudar uma a outra!

– Ei! – me virei para eles, agitando os braços. – Não é o que vocês estão pensando! – essa frase me dera um *déjà vu*.

– É sim! Ela é uma *stalker*! – Karen continuou me atacando.

Foi então que me virei para ela, indignada:

– Olha só, você não pode falar nada! Você também quis escutar!

– Mas você chegou aqui muito antes!

– Muito antes coisa nenhuma! Dois segundos antes de você!

– Mentira!

– Verdade!

– MENTIRA!

– VERDADE!

Os três observavam nossa discussão sem se manifestar, provavelmente ainda processando o que acabara de acontecer. Mas depois de um tempo Mason resolveu interferir:

– Ei! Ei! Chega, vocês duas! – ele se meteu entre nós, depois suspirou e perguntou, com calma. – Há quanto tempo vocês estão escutando?

Cheguei para o lado de Karen e lhe dei um beliscão discreto nas costas para ela não abrir a boca e deixar a situação ainda mais desconfortável. Eu não podia dizer que tinha escutado o que Mason falara sobre mim, imagina como as coisas ficariam estranhas entre nós!

– Quando vocês começaram a falar da Karen, foi só isso.

Estava tendo esperanças de que eles iam acreditar e dar a conversa por

encerrado. Mas como Karen era… Bem, a *Karen*, claro que ela não deixou isso barato.

– Ela escutou mais do que eu! Ela disse que ouviu vocês falando dela!

Encarei-a, me sentindo completamente traída.

– Você ouviu? – Mason perguntou, agora um pouco nervoso.

– Foi só um pouquinho antes dela chegar, eu juro! – juntei as mãos. Por que logo agora eu ia ter que passar por esse constrangimento?!

Achava que Mason ficaria morrendo de vergonha e inventaria uma desculpa esfarrapada, mas não foi isso que aconteceu. Ao invés disso, sua expressão de susto mudou para raiva, e ele gritou:

– Que que deu em você pra ficar escutando a conversa dos outros?!

Olhei-o surpresa. Ele mudara da água para o vinho. Mesmo assim, custava ter sido menos grosso? Agora tinha me enfezado também, não podia ficar sem responder:

– Eu não pretendia fazer isso, mas escutei vocês falando de mim! Até parece que *você* não faria a mesma coisa!

– Pare de fazer essas suposições, Ronnie! – ele não abaixou o tom de voz.

– Eu estou falando a verdade! Você é tão egocêntrico que não pode ouvir o seu nome que já fica todo interessado, não importa qual conversa seja! – rebati.

Esse dia realmente não estava me fazendo bem. Eu não sou a pessoa que é pega em situações extremamente constrangedoras, nem que escuta a conversa dos outros, nem que levanta a voz desse jeito por um motivo bobo. Será que eram sinais de TPM?

Mas por sorte a discussão não demorou, porque de repente a porta do nosso quarto se abriu com força, e de lá saiu uma Susan Adams bem irritada, batendo os pés, vindo na nossa direção com um olhar de "vou matar todos vocês".

– Parem com essa gritaria! Ronnie! – ela se virou para mim. – Eu pedi pra você fazer uma tarefa simples! O que aconteceu?

– Ah – olhei para os scripts que haviam sido esquecidos novamente. – Isso é pra vocês – entreguei os papéis amassados aos garotos.

– Então além de estar berrando aí você não entregou?! – ela ficou ainda mais brava.

– Desculpa, mãe! – falei, pela milésima vez naquele dia.

– Já chega! Estou cheia disso! – ela gritou, como se não houvesse mais ninguém

naquele corredor, só eu e ela. Mas os outros ainda estavam lá, só vendo o que me esperava, quietos. – Ronnie, você está me enlouquecendo nessa viagem! Não para quieta e só fica arranjando confusão! – ela segurou meu pulso e me puxou. – Você vai ficar no quarto quieta até amanhã!

– Peraí! – tentei me soltar, mas não consegui. – Eu não vou jantar?

– Se você não está sabendo lidar civilizadamente com as pessoas, então é melhor que fique sozinha! Peça serviço de quarto!

– Mas, mãe!

– RONNIE! – senti que se contestasse mais uma vez perderia a mão, de tão forte que ela segurava.

– Tá bem… – encarei meus pés, que estavam sem sapatos, só com minhas meias de bolinhas pretas.

Achei que o sermão tinha acabado por aí, mas aparentemente, ainda sobrara energia para que mamãe brigasse com os meninos também:

– E vocês três! Tratem de decorar esses textos AGORA! Vão, vão!

Meu Deus, minha mãe estava ainda mais desequilibrada emocionalmente do que eu, e esse ainda era o primeiro dia de viagem! Resolvi não discutir mais com ela porque tinha amor à vida, então voltei para o meu quarto e não saí mais de lá naquela noite.

Mamãe era uma das poucas pessoas que conseguia colocar todos eles nos eixos, e esse dia não foi uma exceção. Depois de ouvir isso, os meninos correram para decorar suas falas no quarto, e Karen correu para o quarto dela também, só por medo de também levar um esporro bem-dado.

CAPÍTULO 22



Por mais que meu dia anterior tivesse sido extremamente desgastante, milagrosamente eu não acordei de mau humor. Tivera um sonho muito bom em que eu estava esquiando nas montanhas branquinhas. Só eu, podendo fazer o que eu quisesse, sem limites, sentindo como se pudesse voar. Acho que o sonho me estimulou tanto que eu nem briguei com Mary – pelo menos não como normalmente brigaria – quando ela me acordou com uma travesseirada carinhosa na cara.

Por sorte, mamãe também tinha melhorado o humor, não estava mais explosiva e cuspindo fogo pela boca como antes. Aproveitei essa atmosfera mais alegre entre nós para ficar pendurada em seu ombro e perguntar toda hora sobre quanto tempo demoraria a gravação, quando chegamos à estação de esqui. Eu sei, não era a melhor tática do mundo para se usar com uma mãe um tanto estressada, mas não conseguia evitar. Era a excitação.

– Mãe, mãe! A gente vai esquiar? – eu parecia uma criança de 6 anos, mas não me importava.

– Calma, Ronnie – ela empurrou minha mão com o ombro enquanto ouvia o que o responsável da estação dizia a todos.

Esperei que a conversa terminasse olhando em volta. Nossa, aquilo parecia mesmo com o lugar dos meus sonhos. Todo branco, com alguns pinheiros decorados em volta, um rinque de patinação lá embaixo, e o melhor de tudo: era baixa temporada, então não estava cheio! Não era como, por exemplo, Nova York em dezembro – que fica insuportável. Lembro que quando saímos de férias há uns

três anos, aquele rinque parecia um formigueiro, além de ter uma fila maior que a do brinquedo do Dumbo, da Disney. Mas Calgary, não; era um lugar lindo, cheiroso, calmo, limpo, perfeito!

– Ronnie – mamãe me chamou, mas seu tom de voz não era otimista, o que fez minhas esperanças caírem consideravelmente. – O Sr. Morison – ela se referiu ao responsável pela estação que estava na nossa frente: um sujeito baixinho, de terno, com uma cara de poucos amigos e sinais claros de calvície no topo da cabeça – achou melhor fechar a estação para nós, para evitar confusão.

Murchei, já entendendo aonde ela queria chegar.

– Quando você diz "nós", você quer dizer…

– Isso aí – Karen apareceu do nada, com o capuz do seu casacão rosa-choque com pelo quase batendo na minha cara. – Ela quis dizer o elenco e a produção de *Boston Boys*, *ninguém* mais – ela deu um sorriso nojento. – Que pena que você não possa ir…

Não disse nada, só apertei os punhos, me controlando para não arrancar aquele pelo falso do capuz dela e fazê-la engolir.

– Por que não vai ali patinar no gelo? – mamãe sugeriu.

– Não quero patinar no gelo…

– Patinar no gelo! – Mary ouviu a conversa e se interessou. – Eu quero ir! Vamos, Ronnie? – ela sacudiu o meu braço.

– Leva ela lá, filha – mamãe disse, deixando claro que não queria que nem eu nem minha irmã atrapalhássemos seus planos de gravação.

Entendi o recado e fui com Mary até lá embaixo. O rinque parecia uma boa opção para se ir *depois* de esquiar, mas depois de descobrir que nem esquiar eu ia, fiquei completamente sem disposição para fazer qualquer outra coisa.

Entrei com Mary na fila para pegar os patins, quando reparei em uma fila de pessoas em cima de uma montanha mais baixa. Primeiro pensei que seria o pessoal da produção daqui de Calgary, mas a fila era grande, parecia um dia normal de esqui.

– Ei – cutuquei minha irmã. – A mamãe não falou que a estação tava fechada?

– E tá, por quê?

– Porque tem umas pessoas com *snowboards* ali – apontei para a fila.

– Ah, é. Ela disse que são figurantes.

– Ah, t… – a fila andou, ia seguir as pessoas, mas de repente parei. – Você disse

figurantes?

– Disse.

– Os figurantes vão poder esquiar? – minhas mãos formigaram.

– Acho que sim, a pista tá aberta pra eles.

Sorri, o brilho de antes voltou para os meus olhos.

– Peraí… – ela logo sacou, levantando uma sobrancelha. – Você tá pensando em ir lá, na cara de pau?

– Eu não. *Nós*.

– O quê? – ela disse, apreensiva.

– Vamos lá, mana! Vai ser legal! Aparecer na TV!

– É *muito estranho* ouvir isso de você. Sério.

Pensei no que ela disse por um momento. É verdade, aquilo era muito estranho mesmo. O ambiente gelado e com neve geralmente me causava esse tipo de alteração de comportamento.

Mary encarou a fila de figurantes, pensativa.

– E então? – pisquei repetidamente, com os olhos três vezes maiores. Parecia que tínhamos invertido os papéis.

– Olha só… – ela suspirou. – Eu vou, mas se a mamãe vir a gente, ela vai matar nós duas! E depois disso *eu* mato você!

Abracei Mary e a levantei do chão:

– Obrigada! Obrigada!

Saímos da fila e fomos andando em direção ao monte.

Eu normalmente era a pessoa sensata da família, sempre fazendo a coisa certa e nunca querendo me meter em aventuras, ainda mais sem contar para minha mãe. Aquilo era algo realmente *muito* fora dos meus padrões.

– Vamos agir naturalmente – cochichei para ela, enquanto chegamos na fila.

Estava crente que íamos passar despercebidas, até que o segurança nos barrou.

– Nomes, por favor – ele disse, com uma voz grossa e séria. E sua altura de quase dois metros, seus músculos e seu casacão que o aumentava duas vezes de tamanho contribuíam muito para sua postura ameaçadora.

Mas, para minha surpresa, Mary passou na minha frente e disse, firme: – Sarah.

O grandão olhou na lista, depois levantou os olhos, ainda sério:

– Pode passar – e ela foi; logo à frente outro rapaz lhe entregou um *snowboard*.

Arregalei os olhos. Como? Como ela pensou naquilo?!

– Nome, por favor – ele repetiu, agora olhando para mim.

– Hã… – olhei em volta, procurando alguma luz, algo que me desse alguma ideia.

– *Nome* – ele agora estava impaciente. Estava prevendo que ele ia, a qualquer momento, me segurar com uma mão só e me jogar para longe dali.

Mary disse Sarah. É um nome comum. . Ah, já sei!

– Rachel.

– Hm… – ele olhou a lista novamente. – Pode passar.

Soltei o ar dos pulmões, aliviada. Ia passar tranquila, mas ele me barrou de novo.

– Rachel de quê? Tem quatro na lista.

Que droga. Por que eu tinha que ter escolhido um nome *tão* comum?! Meu medo e nervosismo voltaram, e a cara que aquele segurança tinha contribuiu para meu suor frio.

– Rachel… hã… Johnson – apelei para um sobrenome bem comum também.

Ele baixou os olhos de novo.

Por favor, por favor…, cruzei os dedos, mesmo com aquelas luvas grossas.

– Aqui não tem sobrenomes completos, só a primeira letra. Pode passar, Rachel J. – ele deu um passo para o lado e o outro rapaz me deu um *snowboard*.

Dei mais uma outra grande expirada de alívio, dessa vez estava garantido que eu ia entrar. *Yes*!

– Ufa, consegui! – fui ao encontro de Mary. – Finalmente eu posso esquiar!

– Ok, pessoal, todos venham comigo! – uma coordenadora magrinha com uma prancheta chamou a atenção de todos os figurantes, inclusive a nossa.

Ela andou seguida de todos até um chalé de tamanho médio a uns metros de lá. Era o lugar onde normalmente o pessoal colocava os esquis, pois as paredes estavam cheias deles, de todos os tamanhos e cores.

– Esperem aqui, eu vou chamar vocês quando for a hora de aparecer.

Sentei num dos bancos do chalé, apoiando o queixo no peito, e comentei com uma ponta de ironia: – Legal, vamos ter um tempinho pra matar.

– Não reclama, a ideia foi sua – Mary disse, arregaçando as mangas de seu casacão amarelo.

Estávamos perto da janela. Estiquei um pouco a cabeça e pude ver os quatro esquiando, todos felizes, com a montanha só para eles. Não era encenação, eles

pareciam estar se divertindo de verdade. Argh! Nessas horas até que não seria tão ruim ser famosa…

••••

Ficamos um bom tempo lá, esperando as quatro fofuras terminarem de gravar a cena. Entediada, fiquei jogando meu óculos de esqui para cima, até que parei, porque ele quase acertou a cabeça de uma das figurantes. Depois de pedir desculpas para a garota, me sentei novamente e, nesse momento, Mary resolveu quebrar o silêncio entre nós:

– Seu aniversário tá chegando, né?

– Ah, é.

Não ligava muito para o meu aniversário, era só uma data que me aproximava de mais responsabilidades, trabalho e velhice. Quando disse para a mamãe que não queria uma festa de 16 anos, ela ficou arrasada.

– Por quê?

– É que… Com essa idade as meninas geralmente não têm um… namorado?

Apertei o óculos na minha mão com força. Por que Mary quis tocar logo *nesse* assunto? Como se não bastasse minha avó ou minha tia Betty, de Iowa, me perguntando isso sempre que me viam.

– Claro que não. A Karen, por exemplo, vai fazer 16 daqui a pouco, e também não tem.

– Mas ela já teve. Você *nunca* teve um.

Argh. Tive a sensação de que acabara de levar um coice. Por que minha irmã tinha que ser tão sem tato?

– Vamos combinar uma coisa? Se você me ama, não esfrega mais na minha cara o fato de eu estar encalhada.

– Tá encalhada mesmo, que nem uma baleia.

– Ei! – protestei.

Mary gargalhou, depois apertou minha mão:

– Tô só brincando. Mason tem razão, isso é divertido mesmo!

Dei um tapinha de leve nela. Ótimo, agora os dois iam fazer um complô contra mim.

Mas automaticamente, quando ela mencionou isso, eu me lembrei da frase que

escutara no dia anterior, e meu rosto ficou vermelho:

"Ela fica até bonitinha quando tá brava."

– O que foi? – Mary perguntou, estranhando minha vergonha repentina.

– Nada – levantei meu cachecol e tentei cobrir o máximo do rosto possível.

Poucos minutos depois, a coordenadora finalmente nos chamou:

– Vamos lá, gente, hora de gravar!

Levantei em um salto. Aleluia! Minhas preces tinham sido atendidas! Nada mais ia me impedir de descer aquela linda montanha!

Saímos em fila e andamos até o local da gravação.

– Ei… – Mary cochichou no meu ouvido. – Por acaso você sabe andar de *snowboard*?

– Eu andei uma vez há um tempão, mas o que a gente tem que fazer não deve ser difícil. Deve ser só descer esse monte.

– Hmpf, tá… – ela foi andando meio incerta atrás de mim. – Mas e aquela rampa curvada pra cima que vem antes do monte?

– Que rampa? – virei o rosto, mas nesse momento, a coordenadora nos chamou.

– Muito bem – ela falou. – Quando ouvirem seu número, vão até aquela linha vermelha, desçam a rampa, façam a acrobacia e continuem descendo o monte.

– Aham… Aham… O QUÊ? – minha animação sumiu, e meu rosto ficou da cor daquela neve.

– Muito bem, preparem-se!

Ouvi Marshall gritando lá de baixo:

– E… Ação!

Os meninos fizeram uma pequena introdução para a cena que durou uns dois minutos. Durante esse tempo, eu não consegui pensar em nenhuma outra coisa que não fosse: "Eu vou morrer."

– E… Corta!

– Número um, vai! – a coordenadora falou.

E a pessoa que era o número um fez exatamente o que ela falou. Desceu a rampa de neve e no final deu um mortal de costas no ar, caindo perfeitamente.

– Dois, vai!

– Tá brincando que a gente vai fazer isso… – comentei, tremendo.

– Ronnie, acho que a mamãe não vai precisar matar a gente. A gente vai morrer

aí mesmo – Mary falou, também morrendo de medo.

O frio se juntou com o nervosismo, me fazendo perder completamente a sensibilidade dos dedos. Fiquei estalando-os e mordendo-os tanto com a luva que acabei ficando sem senti-los.

– Número cinco, vai!

– Mary, o que vamos fazer?! – não conseguia permanecer parada, fiquei batendo o pé, à espera de um milagre.

– Genial sua ideia, hein! – ela resmungou, não contribuindo para me deixar calma.

– Número sete, vai!

– Aaaaah! – sacudi as mãos. – Eu sou o número oito, Mary! O que eu faço?! – estava quase chorando.

– Sei lá! Só garanta que ninguém veja seu rosto! – ela abaixou meu gorro, ajeitou meus óculos e prendeu meu cabelo com um elástico que estava em seu braço. Estava bem irreconhecível, e ainda mais, meu casaco era preto, igual ao de metade daquelas pessoas. Bom, pelo menos *um* problema estava resolvido.

– Número oito, vai!

– MARY! – agarrei-a, com as pernas bambas.

– Anda, vai lá! – ela me soltou e me empurrou.

Caminhei, tremendo, até a linha vermelha desenhada no chão bem em frente à descida. Meu corpo inteiro tremia, e eu senti que poderia desmaiar a qualquer momento. Só de olhar para aquele pessoal lá embaixo, que parecia um monte de formiguinhas, comecei a hiperventilar. Eu não era de sentir vertigem, mas não estava nada bem naquele momento. Se eu estivesse esquiando, sem ter que me preocupar em fazer um salto maluco desses no final, eu estaria tranquilíssima, mas não era o caso.

Não consegui dar mais um passo. Quer dizer, não consegui chegar o *snowboard* para frente para descer. Parei, congelei. Tive uma crise de pânico, logo quando as câmeras estavam apontadas para mim.

– Número oito, vai! – a coordenadora repetiu, mas não adiantou. Continuei imóvel. – O que você está fazendo? Vai logo!

Todos agora estavam me encarando. Ótimo, mais pressão para cima de mim.

– O que está acontecendo aí? – ouvi o walkie-talkie da coordenadora apitando. Era a voz da mamãe, lá de baixo.

– Ela não quer descer! – ela respondeu.

– Argh! – mamãe bufou. – Fala pra ela sair então, e mostrar o rosto pra eu ver quem é!

Isso foi minha deixa para destravar. Sabia que seria muito pior se descobrissem que a suposta Rachel J. era, na verdade, eu. Mamãe com certeza ia me matar.

– Não, não! – agitei os braços. – Eu vou, eu vou!

– Ela disse que vai! – a coordenadora disse no walkie-talkie.

– Então mande ir logo! – mamãe gritou.

Fiz o sinal da cruz. Assim que Marshall gritou "Ação!", desci a rampa. Tentei esvaziar minha mente, não pensar na pressão toda que pesava sobre mim, o que importava agora era apenas eu me concentrar na descida. Era eu e o *snowboard*.

Seja o snowboard, Ronnie, seja o snowboard.

Estava indo tudo bem, estava até conseguindo me equilibrar, até a hora do salto. Aí ferrou tudo.

Tentei imitar as outras pessoas que saltaram, mas não deu certo. Joguei as pernas para o ar, e o *snowboard* saiu dos meus pés. Fiquei tão nervosa antes que não conseguira prendê-lo direito. Não sei o que deu em mim, mas no pequeno espaço de tempo em que passei esparramada no ar, tentei bater os braços, pensando realmente que conseguiria voar.

Estavam filmando aquilo, lógico, e eu tinha certeza de que futuramente, caso sobrevivesse àquele dia, veria esse vídeo no YouTube ou em algum programa de humor, com o título: "Garota Galinha", "A Besta Voadora", ou algo do tipo.

E para completar, o *snowboard* caiu, e eu caí deitada em cima dele, descendo o monte como se fosse um daqueles tobogãs que se desce em colchões.

– AAAAAHHHHH!!!!

Tentei virar para não capotar em um pinheiro, e acabei indo na direção do pessoal da gravação. Foi um desastre. Atropelei dois cameramen; voou câmera para todo lado.

Quando minha máquina mortífera de transporte finalmente parou, todo o pessoal da produção correu até mim, e mamãe foi a primeira a chegar:

– Meu Deus! Você está bem?

– Aaaaaai! – segurei meu pé esquerdo, que latejava de tanta dor. Isso, mais o coração batendo a mil, mais a vergonha terrível que eu passara, mais o fato de ter que continuar com o rosto escondido, eram fatores que garantiam que eu não

estava nada bem.

Ela levantou a bainha da minha calça:

– Está muito inchado.

Olhei para cima e vi que até os meninos estavam me rodeando, preocupados. Ah, não! Agora mesmo que eu seria desmascarada. Tentei levantar e dizer que estava tudo bem e sair andando numa boa, mas meu pé me impediu de andar. Eu teria caído feio no chão, se não fosse alguém ter me segurado:

– Opa, cuidado!

E, claro, para me deixar ainda mais envergonhada, logo *ele* tinha que me segurar. Sorte que o cachecol na cara escondeu minhas bochechas vermelhas.

– Quer que eu te carregue nas costas? Você parece leve – ele disse, com um sorriso amigável.

Pisquei duas vezes. Quem era ele e o que ele tinha feito com o Mason que eu conhecia? Se aquele fosse um dia comum lá em casa, e eu tivesse perdido o equilíbrio segurando, digamos, uma bandeja cheia de salgadinhos feitos a pedido dele, ele jamais me seguraria delicadamente como estava fazendo no momento. Depois de ficar pensando por alguns segundos, percebi que ele era assim mesmo, *eu* é que era a exceção.

Indaguei, com raiva, ignorando completamente a situação em que ia me meter:

– Por que você é gentil assim com todas as garotas menos comigo?

– Hã?! – ele se assustou, e acho que todo mundo teve a mesma reação. Algumas pessoas sacaram, mas outras só acharam estranho, e um absurdo, uma figurante gritar desse jeito com o personagem principal.

– Opa – percebi que não devia ter dito aquilo.

Ele me encarou, com um olhar confuso. Abriu a boca para falar, mas foi interrompido por uma menina loira, com duas tranças, revoltada, que correu até nós, acompanhada do segurança grandão:

– É ela! Ela que usou o meu nome!

Ai, meu Deus. Agora mesmo meu disfarce tinha ido para o brejo.

– EU sou a Rachel J.! E meu sobrenome é Jackson!

Mason não parou de me encarar um segundo sequer. Quando ela parou de falar, ele balbuciou: – Ronnie?

Suspirei. Não adiantava mais esconder. Abaixei o cachecol e tirei os óculos. Me senti em uma novela, pois assim que o fiz, todos exclamaram com surpresa. Fala

sério, só faltava o "ooooooh!".

– Ronnie?! – mamãe falou, aflita. – O que diabos você estava fazendo lá em cima como figurante?!

– Desculpa, mãe! – olhei para ela. – Eu agi sem pensar! Eu só queria esquiar! Mas…

– E por isso olha só o que aconteceu! – ela segurou meus ombros. – Você podia ter torcido o pescoço!

– Desculpa, mãe! – naquele momento percebi de fato a burrada que tinha feito. Como eu fui inconsequente!

– E, além disso, olha a bagunça que você fez!

– Eu não sabia que teria uma rampa pra fazer acrobacias! – tentei me explicar. Como se isso fosse melhorar alguma coisa. – Pra mim a gente só ia descer o monte normalmente! Eu sei que passei dos limites, fui totalmente irresponsável. Eu realmente só queria esquiar. Eu tô de castigo, né?

– É claro que está. E por um bom tempo – ela disse, séria.

Abaixei a cabeça. Não tinha o que argumentar. Eu merecia.

– Mas… – ela suspirou, e pôs a mão no meu ombro. – Acho que o castigo pode começar segunda-feira.

– O quê? – levantei o rosto.

– Eu vou deixar você esquiar amanhã. É o que você realmente quer, não é? – ela sorriu.

– Eu vou poder esquiar mesmo?! – meu coração acelerou.

– Vai, sim.

– Aaah! – abracei-a com força. – Obrigada! Obrigada! Obrigadaaaa!

– Quer dizer… – ela olhou para meu pé, que a essa altura já estava o dobro de seu tamanho normal. – Isso se você estiver melhor amanhã.

– Ah, eu garanto que vou estar!

E meu dia terminou alegre, assim como começou. Dessa vez eu tinha certeza de que ia esquiar e nada ia me atrapalhar! Eu tive que lutar muito por isso, mas valeu a pena! Ah, que emoção!

Mas, quando eu não estou numa semana boa, não estou numa semana boa *mesmo*. Parece que quando o universo resolve conspirar contra mim, ele vai até o fim. Acordei toda animada no dia seguinte, mas assim que botei o pé para fora da cama, senti uma dor tão intensa que dei um berro. Então, não, não melhorei no dia

seguinte, como pensei. E, não, *não* esquiei no dia seguinte, como pensei também. Acabou que eu vim nessa viagem para absolutamente nada, além de passar por momentos vergonhosos que seriam difíceis de esquecer.

E para completar, lembrei que quando chegasse em casa, teria que estudar até morrer, porque não tinha feito o dever de casa gigantesco do fim de semana, e logo começariam os testes. Além disso, como minha querida irmãzinha fez questão de lembrar, em menos de um mês eu completaria meus 16 anos, sem namorado, e sem nem sombra de um. Realmente, existe fundo do poço pior?

Sim, existe. Você ter 16 anos, sem namorado, vivendo com um mala sem alça que te faz de escrava e ainda passar pelo momento mais perigoso de sua vida numa festa de aniversário que você nem queria ir.

Mas eu não sabia desse fato ainda.



CAPÍTULO 23

– Parabéns pra você, nessa data querida, muitas felicidades, muitos anos de vida! Parabéns, meu amor!

Abri os olhos, sonolenta. Foi essa melodia que me acordara do meu sonho lindo em que Johnny Depp, em homenagem ao meu aniversário, fazia uma escultura de gelo de nós dois recém-casados.

O que foi? Uma garota não pode ter seus delírios de fã quando está sonhando?

– Mãe? – perguntei, ainda sem saber distinguir direito o que era real e o que não era.

– Siim! Não só eu, mas a sua irmã e a Jenny também!

– Parabéns, Ronnie! – senti os braços das duas me envolvendo.

Levantei o corpo de leve até me sentar, me espreguicei e esfreguei os olhos. Não estava totalmente renovada depois disso, óbvio, mas já dava para perceber que o Sr. Depp não estava ali para me desejar um feliz aniversário.

– Que linda! Está fazendo 16, agora temos a mesma idade de novo! – Jenny disse, sorridente.

– E aí, o que vamos fazer hoje? – mamãe perguntou.

Quando Jenny e mamãe, as duas pessoas mais festeiras que eu conhecia, se juntavam nessa época do ano, meu aniversário se tornava tudo, menos calmo. Eu me sentiria bem só ficando com elas, vendo uns filmes e comendo uns marshmallows. Mas elas insistiam em sair, comprar roupas espalhafatosas e sapatos com os quais eu não conseguiria andar nem se eu quisesse.

– Não sei…

– Ai, Ronnie, animação! – Mary sacudiu meus braços. – Vamos lá!

– Que tal sairmos pra comer e comprarmos seu presente? – Jenny sugeriu.

Encarei as três com um olhar de "já sei onde isso vai dar".

– *Eu* posso escolher o presente esse ano?

Mamãe e Jenny se entreolharam, perdendo a animação.

– Lembrem que o aniversário é *meu* – cruzei os braços.

– Ai, tá bom! – Jenny foi a primeira a dar o braço a torcer. – Mas então vamos sair, não vamos?

– Tudo bem – sorri.

– Oba! – Mary comemorou. – Se arruma, então!

– Hã? Mas nós vamos agora? É de manhã ainda!

– É nada, fofa – Jenny mostrou seu relógio de pulso vermelho da Swatch. – Já é quase uma da tarde. A gente que deixou você dormir até essa hora.

Adorava quando Jenny falava "a gente" nesse tom, deixando claro que ela era uma moradora honorária da nossa casa. Quer dizer, ela foi a *primeira* moradora honorária, porque outra pessoa apareceu para ocupar esse posto…

Parei de repente. Sem querer, a imagem *dele* veio à minha cabeça. Não estava com raiva nem chateada por ele não ter vindo me acordar com um parabéns, porque, convenhamos, isso seria muito embaraçoso. Só estranhei o fato de ninguém pelo menos tê-lo mencionado. Principalmente mamãe, que não tinha como ser mais puxa-saco dele.

– Opa! – mamãe disse falsamente, deixando "inocentemente" um envelope rosa-choque cair de suas mãos bem em cima do meu colo. – Ah, olha só o que eu achei! Engraçado eu encontrar isso agora, não?

Encarei-a incrédula. Era a quarta vez que ela fazia isso no mês. Depois que voltamos de Calgary no mês passado, Karen nos entregou convites de sua tão esperada festa de 16 anos, que, de acordo com a citação no convite – provavelmente escrita pelo Sr. S. –, a festa "prometia ser a melhor festa de nossas vidas". Inconformada por eu não ter seguido o mesmo caminho, mamãe ficou mandando essas indiretas *bem* diretas para ver se eu mudava de ideia.

– Mãe, pela milésima vez, não.

Ela fechou a cara.

– Custa você fazer um pequeno sacrifício pela sua mãe uma vez na vida?

Argh, e era a quadribiziliguonésima vez que ela dizia isso. Mamãe adorava um

apelo emocional, e logo para mim, que *sempre* fazia o que ela pedia.

– *Esse* sacrifício custa.

Mamãe abaixou a cabeça. Sabia de quem Mary tinha puxado a capacidade de fazer esse tipo de chantagem.

– Ah, deixa, tia. Espera a Mary crescer pra você realizar o seu sonho – Jenny deu tapinhas solidários nas costas dela. – Fique feliz que a Ronnie esse ano não tá com preguiça de sair, e vamos comemorar!

Suspirei, aliviada. Que bom que Jenny me conhecia bem.

– Vou descer em cinco minutos.

Vesti uma calça jeans clara, uma blusa azul de manga borboleta e minha sapatilha preta predileta.

Dezesseis anos…, pensei, enquanto penteava o cabelo. Realmente, a Ronnie do ano passado jamais imaginaria que uma mudança de vida tão radical ia acontecer com ela. Lembrei-me da época em que minhas tarefas domésticas se resumiam a apenas preparar o almoço, dia sim, dia não, arrumar o meu quarto e ajudar na limpeza da casa de vez em quando; e as visitas daqui se resumiam a parentes, Jenny, amiguinhas da Mary e, de vez em quando, um grupo de estudos. Bem, minha vida poderia ter mudado bastante nesses poucos meses, mas senti que ainda era eu mesma, só talvez um pouquinho mais tolerante. E, claro, tendo que trabalhar o dobro.

Desci as escadas; as três estavam lá embaixo me esperando. O estranho é que eram só elas, não havia nem sinal de Mason em lugar nenhum. Até quando passei pelo seu quarto para ir até as escadas, vi sua porta aberta e o quarto vazio. Não que eu estivesse sentindo falta dele ou algo do tipo.

– Vamos ao Atlantic Fish Company? – perguntei. Estava com uma vontade louca de comer peixe.

– Claro, vamos aonde você quiser! – mamãe falou, pegando as chaves do Audi. – Eu só preciso fazer uma paradinha rápida em um lugar antes.

Fechei a cara, já imaginando que lugar seria esse.

– Até hoje, mãe?

– É rapidíssimo! Eu prometo! Cinco minutinhos!

– Hmpf – bufei. Mamãe achava que ainda conseguiria me enrolar com esse discurso falso. Mas vi que não tinha escolha.

– Vamos, então?

Percorri os olhos pela sala uma última vez. É, nem sinal dele.

– Vamos.

Só pelo caminho que mamãe fizera com o carro, minhas previsões sobre aquele lugar se confirmaram. Que novidade, íamos parar no estúdio, *yay*! Caramba, nem no domingo e no meu aniversário ela teria um dia de folga?! Que coisa!

Mas minhas reclamações mentais cessaram quando mamãe abriu a porta da sala de gravação. Bem no centro, estavam Mason, Henry e Ryan, tocando uma melodia bem familiar em seus instrumentos. Arregalei os olhos quando Mason começou a cantar:

– Parabéns pra você, nessa data querida, muitas felicidades, muitos anos de vida!

E ele repetiu esses versos mais duas vezes, depois encerrou com um típico arranjo de pop rock.

Fiquei estática. Não consegui me mover, nem dizer nada. Os três desligaram o som, orgulhosos.

– Nossa, a cara dela ficou ótima! – Karen disse, segurando uma filmadora na mão, me fazendo notar que ela estava ali.

Eles guardaram seus instrumentos, desligaram a iluminação e vieram ao meu encontro. Fizeram tudo isso enquanto riam e falavam sobre como aquela miniapresentação foi incrível. Enquanto isso, mamãe, Jenny, Karen e Mary riam de como eu parecia uma pateta.

– E aí? – mamãe me abraçou. – O que achou? Pode falar, esses meninos são uns fofos!

Eu me recompus depois de uns segundos e finalmente consegui dizer algo:

– Como vocês lembraram?

– Como nós não lembraríamos de uma data tão especial, Ronnie? – Henry disse, sorrindo de orelha a orelha.

– Eu acho que depois dessa você deveria rever os seus conceitos sobre a gente – Mason falou, cruzando os braços.

Ri de leve.

– Isso é um passo muito grande. Por enquanto, vou só dizer… Obrigada – hesitei um pouco, não queria admitir aquilo. – Foi legal da parte de vocês.

– Tem mais alguma coisa que você queira dizer? – Karen perguntou, praticamente metendo a filmadora na minha cara. – Porque isso *vai* pra internet.

Vi que arrancar a filmadora da mão dela de uma maneira bem selvagem só

acabaria com o clima um tanto alegre do meu aniversário, então resolvi manter a compostura.

– Que esse provavelmente será o último aniversário que eu vou comemorar nesta vida, se esse vídeo for ao ar, então pense bem, Karen – pisquei duas vezes, e ela não moveu um músculo. – É só isso. *Para* de filmar – usei um tom mais ameaçador.

– Ai, sua *drama queen!* – Jenny comentou, rindo.

Girei nos calcanhares e olhei para mamãe.

– Podemos ir ao Atlantic Fish agora?

– Claro que podemos! – ela respondeu. – Só que vocês vão ter que se espremer um pouquinho, porque o Audi não foi feito para transportar oito pessoas! – ela deu um risinho.

Fiz uma conta rápida na cabeça. O-oh, mamãe, Mary, Jenny e eu éramos quatro. Então isso significava que…

– Oba! Adoro peixe! – Henry falou, animado.

– Eu também! – Ryan comentou. – Ouvi dizer que esse é um dos melhores restaurantes de Boston!

– É, vocês três precisam conhecer melhor a cidade em que moram agora – Karen disse.

Encarei mamãe, exigindo uma resposta.

– O que foi? – ela perguntou inocentemente.

Ia perguntar qual o problema que ela tinha em incluir aqueles três e Karen em absolutamente *todos* os nossos planos, mas depois pensei um pouco e entendi o que ela queria. Se Karen fosse conosco, ela contribuiria para o plano de mamãe para fazer a minha tão desejada festa de 16 anos. E os meninos eram quase que um pacote incluso, muito mimados por ela. Além disso, tinha que admitir que o que eles fizeram foi legal.

– Nada – respondi. Procurei pensar apenas nos mariscos deliciosos que logo estaria comendo.

Ao chegarmos, tivemos que enfrentar mais ou menos uns quarenta minutos de espera. É, seria legal ter decidido ir ao Atlantic Fish Company um dia antes do meu aniversário, em vez de cinco minutos antes de sair de casa.

– Então, Karen… – mamãe começou. Revirei os olhos, já sabia aonde aquilo ia dar. – Como estão os preparativos para a festa?

– Ótimos! – ela respondeu, animada, colocando seu copo de Coca-Cola light na pequena mesa redonda à nossa frente. – Já fechamos tudo, e o lugar é incrível! Ah, e o meu vestido é ma-ra-vi-lho-so! – os olhos dela brilharam. – A festa vai ser perfeita! Já compraram suas máscaras?

– Hã? – finalmente me pronunciei naquela conversa. – Máscaras?

– É, vai ser um baile de máscaras.

– Ronnie, eu te mostrei o convite milhares de vezes e você nem se deu ao trabalho de lê-lo? – mamãe perguntou, indignada.

Mordi os lábios. Realmente, a única coisa que eu li naquele convite nas tantas vezes que mamãe o jogou para mim foi a frase do Sr. S. Depois vinha aquele texto que dizia a hora e o lugar, mas isso eu sabia que alguma hora me contariam. Nem que fosse um dia antes da festa. Nem que fosse *na hora* da festa.

– Podemos ir comprar algum dia, Ronnie, relaxa – Jenny falou, me ajudando.

Ao ouvir isso, Karen a olhou de cima a baixo:

– Sem ofensas, mas… – seus lábios diziam isso, mas seus olhos diziam "SE OFENDA, SIM, SUA RELES MORTAL". – O convite só incluía a família da Suzie.

– Tudo bem, não me importo – Jenny lhe lançou um sorrisinho de escárnio. – Essa festa não vai fazer falta nenhuma na minha vida.

Karen parou de sorrir. Tive que me controlar para não rir daquele fora. Mas não estava muito a fim de ficar bem no meio daquele fogo cruzado.

– Eu vou lá ver quantas mesas estão na nossa frente.

Levantei do banco acolchoado e fui até o balcão de recepção do restaurante. Uma mulher de rabo de cavalo loiro e de terninho, com Julie escrito em seu crachá, disse que faltavam duas mesas. Menos mal, meu estômago estava roncando.

Ia dar meia-volta para retornar até onde o pessoal estava, mas nesse momento vi Mason, que tinha voltado do banheiro, parando ao meu lado.

– E aí? Falta muito? – ele perguntou.

– Graças a Deus, não.

Ele virou os olhos para nossa mesa de espera e viu o confronto de olhares entre Jenny e Karen.

– Já estão discutindo?

– Pois é – ri de leve. – A Jenny tem um temperamento mais forte, então não consegue se controlar quando a Karen tira ela do sério, diferente de mim.

Ele deu uma risada sarcástica com esse meu comentário.

– O quê?

– Falou a senhorita irritadinha – ele sorriu. – Só com a Karen mesmo que você controla sua TPM constante. Agora *comigo* já é outra história…

Levantei uma sobrancelha.

– É porque você me irrita em níveis astronômicos! Por sua causa eu já considerei fazer terapia várias vezes – cruzei os braços.

– E além de tudo é dramática – ele entrelaçou as mãos atrás da cabeça.

– Ai, ai, senhorita Veronica…

Fiquei ainda mais enfezada quando ele me chamou pelo meu nome, mas não pude evitar de ruborizar um pouco.

– Dá pra não me chamar assim?

– Ok, desculpe – ele ergueu as mãos em sinal de redenção. – Mas eu acho que eu merecia o direito de falar o que eu quisesse hoje, já que fiz aquele showzinho que te deixou toda boba.

– Não foi só você. Henry e Ryan também tocaram, e nenhum deles quer ganhar nada com isso.

– Mas eu mereço mais mérito.

– Por quê?

Ele deu de ombros.

– Por nada não – ele riu.

– Não, agora eu quero saber!

– Ah, depois eu falo. Ih, olha só! – ele apontou para o pessoal da nossa mesa que se levantara e veio andando em nossa direção. – A mesa tá pronta.

– Mas…

– Ah, finalmente! – Mary comentou.

– Que fome! – Jenny constatou.

E o maître conduziu nosso grande grupo até a mesa. No caminho, passamos por uma mesa, na qual uma família com duas meninas, que pareciam ter uns 11 anos, nos pararam e pediram autógrafos aos meninos. Olhei para Mason, que assinava um dos guardanapos com um sorriso carismático no rosto.

Realmente, o que esse garoto tinha que ele conseguia mudar de personalidade em menos de um minuto? Foi legal tocando "Parabéns pra você", foi implicante quando eu estava no balcão e agora estava sendo tão simpático com aquelas

meninas! Quando estávamos em Calgary, foi a mesma coisa. Falou de mim para os meninos, mas depois só foi atencioso comigo porque achava que eu era outra pessoa!

E ainda tinha esse mistério que ele causara por não querer me contar o motivo de receber mais prestígio de que Henry e Ryan.

Será que tinha sido ideia dele fazer isso? Não, não podia ser. Não combinava com ele organizar algo assim. Eu o conhecia.

Será que conhecia mesmo? Ou talvez ele não era o que eu achava que era? Quer dizer, eu tinha o direito de constatar isso? Só o conhecia há quase cinco meses! E nesse pequeno espaço de tempo ele já conseguira dar um nó na minha cabeça!

Que coisa. *Quem* realmente era Mason?

Mal sabia eu que estava prestes a descobrir aquilo muito em breve, mais cedo do que imaginava, naquele tão esperado baile de máscaras, que faltava pouco para se tornar uma das noites mais marcantes da minha vida.

CAPÍTULO 24

Duas semanas se passaram do meu aniversário para este dia: o da tão esperada, incrível, fabulosa e etecetera festa de 16 anos da Karen.

Coloquei o vestido vermelho que Jenny me dera de aniversário. Tinha um tecido leve e cintilante, alças finas e uma anágua que batia nos joelhos. Não adiantava pedir para ela não me dar esses grandes presentes; era a mesma coisa que pedir para o sol esfriar.

Mamãe finalmente conseguiu aceitar que eu não era do tipo dos fanáticos por festa de aniversário. E depois de passar dois dias inteiros reclamando e de mau humor, ela ficou numa boa.

– Ronnie! – vi Mary através do reflexo do espelho. – Está pronta? Vamos!

Virei para trás e percebi que sua produção estava completa: um vestido rosa-claro de um ombro só, com pequenas flores prateadas na única alça, mas faltava um detalhe.

– Cadê sua máscara? – perguntei, um pouco alarmada. De forma alguma eu iria daquele jeito sozinha.

– É uma de lado, esqueceu? Tá lá no carro.

– Ah – disse, mais aliviada.

– Vai, coloca a sua!

Peguei minha máscara vermelha com uma grande flor no lado esquerdo e amarrei-a atrás da cabeça. Ao ver o resultado no espelho, quase não me reconheci. Eu não gostava de me produzir tanto para essas festas, e também nunca havia colocado uma máscara, ainda mais uma naquele tom vivo de vermelho. De algum

jeito, consegui me sentir bem e desconfortável ao mesmo tempo.

Mary e eu descemos as escadas e entramos no Audi, onde mamãe já nos esperava.

– Que lindas as minhas meninas! – ela disse, sonhadora. – Será que vão encontrar seus príncipes encantados essa noite?

– Mãe! – reclamei, com vergonha. – Não fala uma coisa dessas na frente do M… – olhei para os lados e percebi que nós três éramos as únicas pessoas naquele carro. – Cadê o Mason?

– Ele e o Ryan vão direto da casa do Henry – mamãe explicou. Puxa, mesmo ele morando na nossa casa era raro vê-lo saindo conosco. – Pelo que eu me lembro, Karen pediu para que os três fizessem uma "entrada triunfal" na festa dela.

Nossa, isso era bem típico dela mesmo.

– Fala sério – revirei os olhos.

– Eu te entendo, Ronnie – Mary pôs a mão em meu ombro. Minha irmã me entendendo? O que tinha acontecido com o mundo?! – Também preferia que o meu príncipe estivesse aqui, para ver o meu vestido, do que com aquela chata.

Esqueça o que eu acabei de dizer.

Ok, nada de pânico, era só mudar o assunto…

– Hã, mãe… Olha, o sinal abriu!

E ninguém comentou mais nada sobre aquilo no caminho. Ufa.

Sabe quando Karen disse que aquela festa seria a maior de nossas vidas? Pois é, ela não estava exagerando. Do lado de fora já tinha uma algazarra tão grande de garotas histéricas tentando entrar e sendo contidas pelos seguranças que aquilo parecia mais a première de *Crepúsculo*. E, obviamente, pelos caprichos do Sr. S., desci do carro – quase caindo naqueles saltos pretos – e pisei em um longo tapete vermelho que percorria o caminho até a entrada da festa.

Apesar do protesto das fãs tentando entrar, mamãe, Mary e eu tivemos a passagem pelo tapete livre e entramos sem problemas. Só aquilo mesmo para me fazer sentir importante uma vez na vida…

Puxa, que salão *gigantesco*. Fiquei surpresa não só pelo tamanho, mas pelo interior do lugar. Tinha uma iluminação mais escura, para combinar com o clima de festa, mas do teto desciam lustres de cristal superglamourosos. No meio do salão havia um bar todo coberto de LEDs que alternavam entre cores neon acompanhando a música alta que tocava. As plantas e pilastras do local também

estavam todas decoradas com luzes que mudavam de cor. Realmente, era de cair o queixo.

Por incrível que pareça, esse pessoal socialite entrou no espírito da festa; não tinha uma pessoa sem máscara naquele lugar.

Karen estava impossível de não se reconhecer. Ela usava um vestido preto e verde com um estilo meio *cabaret*, cheio de brilhos. Sua máscara era preta com purpurina e com três pedras e duas penas verdes do lado esquerdo. Seu cabelão ruivo estava preso em um rabo de cavalo alto e uma tiara, e ela estava rodeada de pessoas e fotógrafos.

– Vamos dar parabéns para ela depois, tem muita gente com ela agora – mamãe falou. Se bem que eu achava que para Karen não faria a menor diferença se eu fosse cumprimentá-la ou não.

– Onde será que estão os meninos? – Mary perguntou.

– Não vão ser difíceis de achar. É só procurar um grupo de garotas loucas e aflitas rodeando alguém – expliquei, logicamente.

– Ah, é aí que você se engana – Mary cruzou os braços, só faltava ela falar "Elementar, minha cara irmã…". – Pelo menos daqui não dá pra ver nenhuma rodinha. Eu acho que os meninos entraram aqui sem máscara, depois colocaram elas e conseguiram se infiltrar entre os convidados sem levantar suspeitas.

Mamãe achou graça da imitação barata de detetive que ela estava fazendo.

– Eles podem estar em qualquer lugar… E eu sei que vou reconhecer o Ryan assim que bater os olhos nele! – ela rodopiou, sonhadora.

– E como você espera encontrá-lo? – perguntei, levantando uma sobrancelha.

– Parada aqui é que eu não vou encontrar nunca, né? – ela deu meia-volta e saiu dando passos rápidos.

– Minha filha! – mamãe correu atrás dela. Mary era pequena, então facilmente poderia se infiltrar no meio daquele bando de gente, o que preocupou mamãe ainda mais.

O problema é que ela saiu em disparada e ignorou que eu estava ali.

Que ótimo. Agora lá estava eu, sozinha, parada feito uma pateta, rodeada por vários grupinhos que conversavam e dançavam. Tinha um mundo lá dentro, mas eu não conhecia ninguém. Maldita Karen, custava dar um convitezinho para Jenny?! Elas nem se encontrariam, era só para que eu não ganhasse o prêmio da garota mais deslocada da festa!

Mas novamente: como se Karen se importasse comigo…

Eu não era a pessoa mais extrovertida do mundo, então não ia conseguir simplesmente me infiltrar em um dos grupos com a maior cara de pau e falar: "E aí, galera? Festa irada essa, né?"

Suspirei. Como não tinha mais nada a fazer, resolvi sentar no bar e pedir algo para beber. Pedi uma Coca-Cola e o barman me lançou um olhar quase indignado.

– Que Coca, gata! – graças a Deus ele falou aquilo com uma entonação segura. Quer dizer, deu para ver que ele jogava completamente em outro time (e o seu moicano rosa-choque contribuiu para essa minha dedução). – Por que não pede um *Sex on the Beach* ou uma *Piña Colada*?

Fiz uma careta. Sabe-se lá o que ia ter naqueles drinks malucos coloridos. Resolvi não arriscar.

– Não, quero uma Coca mesmo – disse, seca, e o cara desistiu.

Fiquei lá sentada por quase dez minutos, bebendo lentamente e só observando o movimento.

De repente, a cadeira giratória do meu lado foi ocupada por alguém que me chamou a atenção. Tinha cabelos loiros penteados para trás e uma máscara vermelha de diabo com dois chifres pretos. Depois de uns segundos fitando-o discretamente, ele sorriu para mim.

Será que é ele?

Ele continuou sorrindo. Resolvi arriscar: – Mason?

– Hã? – ele se ajeitou na cadeira.

– Sou eu, a Ronnie – levantei minha máscara.

– Ah, oi! – ele voltou a sorrir. – Está gostando da festa?

– Hã… – dei mais um gole. – Sei lá. Não conheço ninguém…

– Tirando eu.

Corei levemente.

De repente, a outra cadeira vazia ao meu lado foi ocupada por alguém que esbarrou em mim sem querer.

– Desculpe.

– Tudo b… – mas quando vi quem era, meu queixo caiu no chão. – PIPER?! O que está fazendo aqui?

– Pegando uma bebida, ora – ela respondeu naturalmente, ajeitando a máscara prateada com uma pena amarela na ponta esquerda.

– Mas… Como conseguiu entrar aqui? Sem ofensa, mas a Karen nunca te convidaria – eu estava sendo sincera, não queria fazê-la se sentir mal, mas aquela era a pura verdade.

Ela levantou uma sobrancelha:

– Querida, já fiquei trancada por horas no banheiro do hotel onde Mason se hospedou em Atlantic City. Entrar de penetra numa festa já não é a coisa mais difícil do mundo para mim.

Essas fãs doidas viravam o 007 quando se tratava de perseguir seus maiores ídolos. E tenho que admitir que fiquei curiosa para saber como diabos Piper conseguiu driblar toda aquela segurança, ainda mais com aquele vestido amarelo bem espalhafatoso.

– Hm… – mas foi apenas isso o que consegui dizer, sem demonstrar muito espanto, e dei um gole na minha Coca.

– Ah, Mason está fabuloso com aquela máscara, não está? – ela se animou.

Estranhei aquele comentário. Mason estava parado exatamente do nosso lado e ela não estava em seu estado de êxtase alheia ao mundo em volta.

– Ué, pra onde você tá olhando?

– Pro Mason McDougal, ora. Para quem mais olharia?

Acompanhei o olhar de Piper que, junto com uma fila de umas dez garotas que passavam correndo ao nosso lado, dando gritinhos, se direcionava para a pista de dança.

Piper estava certa. Lá estava um garoto loiro, bem-arrumado, cercado de meninas e com uma máscara igual ao do Fantasma da Ópera.

Virei-me para o diabo, com uma sobrancelha levantada:

– *Mason*, né? – cruzei os braços.

Ele deu um risinho amarelo, depois se aproximou e levantou a máscara.

– Olha, eu não sou ele, mas posso ser pra você, minha linda.

Entrei em estado de alerta. O tom que ele usara era definitivamente diferente daquele do barman animadinho. Levantei em um pulo e me infiltrei por entre as pessoas, andando apressada. Olhei para trás, alarmada, mas graças a Deus ele não estava me seguindo.

Depois de ficar quase meia hora andando sem rumo – nem adiantava tentar encontrar Piper, porque, primeiro, não podia dizer que ela era minha amiga, e segundo, ela deveria estar rondando os garotos que nem um urubu –, já com os pés

doendo e entupida de salgadinhos, sentei em um *puff* e suspirei.

Que droga de festa! Queria ir embora. E, pior, parecia que todos lá estavam se divertindo bastante, menos eu, a excluída. Argh, eu daria tudo para estar na minha cama de pijama vendo um filminho na HBO e comendo pipoca!

De repente, uma mão em meu ombro me fez acordar de meus pensamentos.

– Ronnie?

Meu coração pulou, fui pega desprevenida. Mas quando me virei para ver quem era, me acalmei. Era Mason, reconheci pela máscara de Fantasma da Ópera.

– Ah, oi! – puxa, como ele conseguiu me reconhecer? Devia ter sido o cabelo. Quase todas as meninas lá estavam com altos penteados e cachos (que não sei se eram verdadeiros ou não), e eu estava com meu cabelo solto, liso, tradicional.

– Onde você estava?

Nossa, ele realmente tinha notado minha ausência? Pensei que estivesse muito ocupado sendo bajulado por todas as meninas daquela festa.

– Ah… Andando por aí. Nada em especial – a imagem do garoto com máscara de diabo apareceu na minha mente e eu senti um leve calafrio.

– Tá tudo bem? – ele percebeu meu tom pouco animado.

– Hã, claro – dei um sorrisinho amarelo.

– Tem certeza?

Assenti com a cabeça.

– Ok. Eu preciso falar com você.

– Hã? Aqui, agora? – estranhei.

– É. Mas é particular. Lá em cima tem um quarto – ele apontou para o segundo andar, com várias portas. – Vem comigo?

Ok, meu coração voltou a acelerar. O que estava acontecendo? Ou prestes a acontecer?! Eu e ele, sozinhos, num quartinho de uma festa? Minhas mãos começaram a suar.

– Hã… Bem… – não consegui formular uma frase.

– Não confia em mim?

– Confio… – *boa, Ronnie. Gagueje, isso vai te ajudar bastante.*

– Então vamos! – ele segurou minha mão e me guiou por entre as pessoas.

Minha respiração começou a ficar ofegante. Que droga, por que eu estava tão nervosa?!

Relaxa, Ronnie, ele só quer conversar. Só conversar.

Entramos em um dos quartos e ele fechou a porta. Devia ter uns dez metros quadrados, e tinha um quadro abstrato de cores fortes pendurado, uma TV e, em frente, um sofá de couro branco.

Isso foi um barulho de tranca? , pensei. *Não, claro que não, deve ser só minha imaginação me pregando peças*, tentei me recompor.

– Então, o que você queria falar comigo?

E ele respondeu com uma voz – argh – um tantinho sedutora:

– Eu queria ficar sozinho com você por um tempo.

O QUE FOI QUE ELE DISSE?

Meu coração subiu até a garganta.

– Pra quê?

– Calma… – ele sorriu. – Está com medo de mim?

– Não, eu só… Hã… – meu Deus, estava quase tendo um treco.

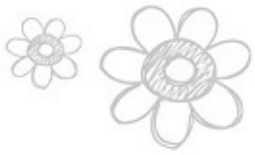
– Você está linda hoje, sabia? – ele acariciou meu rosto.

O que deu nele?! , gritei na minha mente. Ele não era assim. Será que estava bêbado? Não, ele não estava fedendo a álcool nem nada do tipo.

De repente, percebi que fora encostada na parede e agora o rosto dele estava a poucos centímetros do meu. Antes de pirar completamente, algo me fez despertar, uma luz me veio à cabeça: tinha algo estranho em seu rosto. Mesmo de máscara, pude ver que aqueles olhos não eram os olhos azul-piscina de Mason. Sem pestanejar, arranquei na mesma hora a máscara daquele Mason suspeito e reconheci suas feições:

– Você é o garoto-diabo! – gritei.

– Droga! – o impostor pôs a mão no rosto. E me senti a própria Christine[7]



CAPÍTULO 25

A respeito de Mason e o estado em que fiquei depois daquela festa, os dias se passaram e mesmo assim eu não consegui ficar cem por cento confortável na presença dele, mas me esforcei ao máximo para tentar esquecer aquilo e ficar numa boa. Quer dizer, não era a primeira vez que ele me envergonhava daquele jeito, e ele sempre fazia isso pelo prazer de me irritar, apenas. Tentei fixar na minha mente que aquilo foi só mais uma de suas muitas provocações e que não significava nada. Mas eu estaria mentindo se dissesse que aquilo não me incomodava mais.

Ah, eu percebi que nem mencionei como Mary se saiu na festa. Pelo que ela me contou, foi mais ou menos assim: ela saiu em busca de Ryan e depois de um tempo encontrou-o conversando com duas nojentas – palavras dela – que estavam dando em cima dele. Ela, como toda boa amiga (?), tentou livrá-lo do sufoco que deveria estar passando. Ah, adoro minha irmã e seu senso de justiça…

Resultado: uma das meninas que estava com ele não gostou muito do grude de Mary e resolveu tirar satisfações. Como qualquer mentezinha diabólica de 11 anos, ela a provocou ainda mais até chegar ao ponto de sair correndo antes que a garota quebrasse o seu pescocinho. O único abrigo que ela encontrou foi um dos quartinhos lá em cima, e se trancou nele até de madrugada. Ryan só conseguiu encontrá-la novamente lá pelas três da manhã, quando ela apareceu quase caindo de sono, cutucando seu paletó. Acho que ele se sentiu tão culpado que passou a mimá-la ainda mais desde então. Argh.

O problema é que quanto mais o tempo passava, mais ela achava que seu sonho de ter seu querido baterista como namorado se aproximava. Todos nós sabíamos que Ryan jamais ia querer magoá-la, mas alguma hora ela teria que encarar a

verdade. E essa hora tinha finalmente chegado.

••••

Depois que os meninos terminaram de gravar um episódio, Mason – com forte apoio de mamãe – convidou os outros para irem lá em casa para passar o tempo. Deus, era incrível como esse garoto não estava nem aí para a escola, pois pelo que eu sabia, tínhamos uma prova de inglês daqui a dois dias.

Tentei me concentrar no meu caderno e até que consegui, por meia hora. Mas depois, como animais selvagens, os três se manifestaram, marcando sua presença naquele cômodo:

– RONNIEEEE!!!

Respirei fundo e tentei não amassar a folha do caderno. Calcei meus chinelos e fui até o topo da escada:

– Que é? O que vocês querem? – perguntei, sem paciência.

– Duas coisas – Henry disse. – Primeiro, o Mason pediu uma limonada – bufei. Claro que ele pediu. Como ele conseguia agir tão normalmente depois do que me dissera?! Tudo bem que alguns dias já haviam passado desde então, mas mesmo assim! Maldito ator! – E segundo, quer ir jogar boliche com a gente?

Aff, o que essas criaturas tinham na cabeça? Tirando o fato de que eu me importava com meu futuro acadêmico e precisava estudar, era bem provável que se eu aparecesse com eles jogando boliche era capaz de uma fã enciumada surgir e tacar a bola mais pesada na minha cabeça. Não ia ser bonito.

–- Hein? – Henry insistiu. – Vamos, todo mundo vai!

Nesse momento, Ryan lhe deu uma cotovelada bem indiscreta nas costelas.

– Ai!

Ryan cochichou algo no ouvido dele, e ele pareceu compreender.

– Ah, foi mal.

– O quê? – Mason perguntou. – O que você cochichou aí?

– Nada – os dois responderam juntos.

– Ah não, eu quero saber! – feito uma criancinha, ele começou a cutucar os dois. – Eu quero saber, eu quero saber…

– Parece uma menina querendo saber fofoca – comentei, lá de cima. Ah, que orgulho! Eu já estava conseguindo agir quase normalmente!

Henry, vencido pelo cansaço, falou no ouvido dele o que era.

– Aaah, entendi…

– Tá bom, podem ficar de segredinho aí os três, eu nem ligo – dei as costas pronta para voltar para o quarto.

– Mentirosa – Mason falou. – Tá se corroendo por dentro pra saber o que é.

Corroer é uma palavra muito forte, mas eu estava um pouco curiosa mesmo.

– Depois eu te falo.

Odeio quando dizem isso. Significa que nunca vão contar.

Enfim, depois daquela curta conversa dei meia-volta e retornei ao que tinha que fazer. Mas foi só eu botar o pé para dentro do quarto que fui gritada de novo porque tinha esquecido a limonada de certo alguém. Meia hora depois, fui chamada novamente porque Mary havia quebrado um copo, e nenhuma das quatro antinhas que estavam lá sabiam onde ficava a vassoura para limpar. Ah, algum dia eu ainda ia cometer um homicídio contra aqueles garotos.

– Bom, eu já vou indo – Ryan se levantou, deu um abraço em Mary e foi até a porta.

– Peraí, eu vou contigo – Henry se levantou logo em seguida e recebeu um olhar aflito de Ryan. – Não *praquilo*, cara. Só vou embora também. Lembrei que a minha tia quer jantar comigo.

Não parecia que ele estava inventando isso. Mason vivia dizendo sobre como a tia de Henry o tratava como um bebê e como ela só o chamava pelo seu nome judeu do meio que ela mesma escolheu. Um dia desses eu ainda ia descobrir que nome era esse. Para Henry nunca querer revelá-lo, devia ser coisa boa.

Assim que os dois saíram, Mason se virou para mim, deu uma piscadela e falou:

– Mais uma limonadinha?

– Aff – já estava com tanto mau humor por não conseguir estudar direito que minha vergonha acumulada foi se esvaindo. Andei até a cozinha de má vontade e fiz o ritual de sempre. – Pronto, tá aqui, Vossa Alteza. Agora me conta o que o Ryan falou?

Os olhos dele se direcionaram para Mary por uma fração de segundo.

– Mais tarde eu falo.

Nossa, o que era que Mary não podia saber? Agora minha curiosidade tinha apitado ainda mais.

Mas antes que eu pudesse insistir, escutei o barulho de algo vibrando no sofá.

Tirei duas almofadas e encontrei, debaixo de uma delas, um Blackberry perdido.

– Ih, o Ryan esqueceu o celular – Mason constatou.

Ainda segurando o aparelho, vi uma pequena caixa de texto piscando no visor. Eu sei, é errado ler as mensagens dos outros, mas aquela estava pedindo para ser lida. Não podia fazer nada se o celular vibrou no lugar errado, na hora errada.

Nem precisei pedir que Mason me explicasse o segredo de Ryan porque tinha acabado de descobrir. A mensagem de texto dizia: "Ok, te encontro no cinema às oito."

Arregalei os olhos. Agora estava claro porque Mary não podia ler aquilo. Não era como se Ryan e eu fôssemos melhores amigos – nossa, que estranho imaginar isso – mas mesmo assim, não queria ver o garoto – e também a garota com quem ele ia sair – sendo brutalmente assassinados por uma garotinha de 11 anos. E parente minha, ainda por cima. Já pensou se pensam que eu sou cúmplice dela por causa disso?!

Mas, infelizmente, os instintos ninjas de Mary foram mais rápidos do que minha tentativa de guardar o celular descontraidamente para evitar confusão. Mal virei para trás e dei de cara com um par de olhinhos castanhos encarando o celular com um ódio tão profundo que dava para ver faíscas saindo deles. Fiquei até com medo de guardá-lo, pois era bem provável que se eu fizesse isso, ela daria uma de Smeagol[8] e arrancaria a minha mão fora para pegar o aparelho.

Nota mental: sempre olhar para todos os lados antes de ler uma mensagem de um celular que não é seu e que pode causar um estrago.

– Mason… – ela disse baixinho, parecia uma criança de filme de terror. – Me… leva… pro… cinema…

Ele deu um risinho de nervoso, estava claramente apavorado.

– Tem certeza que quer ir? Ele pode ter saído com algum primo ou…

– MASON – ela levantou o tom de voz, e sua aura assassina chegou a um nível surpreendente.

– Hã…

– Ei! – engoli o medo e resolvi me pronunciar. – Mary, você não vai coisa nenhuma! O Ryan tem direito de sair com quem ele quiser, e você não pode se meter nisso!

Ela virou os olhos assassinos em minha direção, e tentei ao máximo me manter firme.

– Não adianta me olhar assim – isso é algo que alguém diria para a irmã mais nova quando ela faz aqueles olhos de cachorrinho perdido, mas no meu caso era um pouco diferente. Eles estavam mais para: "Vou arrancas suas entranhas uma por uma, seu ser desprezível."

Os olhos dela se apertaram. Entrei no jogo e apertei os meus também. Mason apenas nos encarava sem saber o que fazer.

Dez segundos de um silêncio constrangedor se passaram, e ela finalmente desistiu. De cara amarrada, subiu as escadas batendo o pé e fechou a porta do quarto violentamente.

– Acha que ela vai querer se vingar? – Mason perguntou.

– Talvez eu encontre uma barata no meu travesseiro a noite – respondi, calma, mas com um pouco de medo por dentro. – Bem, vou voltar a estudar agora.

– Eu também vou.

Arqueei uma sobrancelha.

– Sério?

– Claro. Sou um ator profissional, e as minhas falas não vão se decorar sozinhas – ele piscou.

Revirei os olhos. Pra que eu fui perguntar?

••••

Deram sete e meia e era minha vez de fazer o jantar. Fui bater na porta de Mary para ver o que ela queria comer, mas não obtive resposta.

– Sei que ainda está brava comigo, por isso eu estou disposta a cozinhar o que você quiser. É bom aproveitar, hein – nada. – Vai, Mary! Só fala! Não precisa dizer que me ama nem nada disso, eu só quero saber o que você quer jantar! – ignorada. – ARGH!

Abri a porta com raiva, já pronta para lhe dizer umas poucas e boas, mas o quarto estava vazio.

– Mary? – fechei a porta e fui até o parapeito da escada. – Mary!

Nada novamente. Abri a porta de Mason:

– Ei! Eu estava no meio de um monólogo! – ele disse, irritado.

– Desculpa – disse, timidamente. – A Mary tá aí?

– Não.

Ok. Aquilo estava estranho. Sabia que Mary não estava no quarto de mamãe porque tinha acabado de sair de lá, ela disse que tinha descongelado uma carne.

– Ué, onde ela se meteu? – perguntei para mim mesma.

– Já viu em todos os quartos?

– Já…

– Na sala, cozinha?

– Acabei de voltar de lá! – respondi, com uma preocupação crescendo dentro de mim.

– Não é possível – ele me olhou desconfiado. Depois colocou o script na mesinha de cabeceira, saiu do quarto e desceu as escadas. Fui logo atrás. – Mary!

Reviramos o primeiro andar inteiro, nada da minha irmã aparecer.

– O que aconteceu com essa menina?! – falei, nervosa.

– Ronnie, relaxa – Mason disse. – Não é como se ela tivesse fugido ou algo ass… – um raciocínio o fez parar a frase. Entendi o que ele quis dizer e arregalamos os olhos. – Oh-oh.

Minha primeira ação foi escancarar a porta e berrar com toda a força dos meus pulmões:

– PIPEEEEEEEEER!!!

Nenhuma resposta.

– Eu sei que está aí! Saia de onde estiver! É urgente!

O mesmo silêncio, tirando o cachorro da casa vizinha que devia ter se assustado com o grito e começou a latir.

– Que droga! Justo quando eu preciso das habilidades de espionagem dela, ela some!

Mason apertou o botão da bina no telefone que mostrava a última ligação feita.

– Chamou um táxi. Muito esperta…

Desesperada, corri até o início da escada e gritei lá para cima:

– Mãe! Eu vou no mercado comprar umas coisas pro jantar! É rapidinho, Mason e Mary vão comigo!

– Está bem, mas não demorem! – ela respondeu de dentro do quarto.

– Ai, meu Deus, ai, meu Deus, ai, meu Deus… – cravei as unhas na cabeça, quase arrancando os cabelos. O que diabos tinha de errado com aquela criança? Como assim uma garotinha de 11 anos estava solta por Boston, atrás de um garoto a essa hora da noite?!

– Calma! – ele disse, pegando as chaves da moto no pote do balcão da cozinha. – Vamos até o shopping aqui perto que todo mundo costuma ir. É bem provável que eles estejam lá.

– Tá… – balbuciei, tremendo, com a mente começando a pensar no pior.

Ele fechou a porta de casa com uma mão e me puxou com a outra, e corremos até a moto. Estava tão nervosa que nem pensei em ficar envergonhada em segurar Mason tão perto desde o dia da festa de Karen. O problema foi que assim que subimos nela e Mason tentou acelerar, a moto fez um barulho esquisito e desligou. Ele tentou novamente, ela ligou e desligou em dois segundos.

– Opa… A bateria.

– ARGH! – desci da moto, agora quase enlouquecendo. – Então como a gente vai resgatar a minha irmã?! Chamar um táxi a essa hora vai demorar muito!

Mason olhou para os lados a procura de uma luz, e não demorou para encontrá-la. Seu olhar parou na porta da garagem fechada à nossa esquerda. Depois ele virou para mim novamente, com um sorrisinho convidativo.

– Sua mãe não vai precisar dele agora, vai?

Entendi na mesma hora sobre o que ele estava falando.

– Ficou louco?! – protestei. – Você mal tirou a carteira de motorista! Por acaso já dirigiu um carro de verdade?!

– Você precisa dirigir um carro pra passar no teste de direção, tonta. Por que mesmo assim aquilo ainda não estava me reconfortando?!

– Mas é o carro da minha mãe… E se acontecer alguma coisa?

– Tem alguma outra ideia? – ele levantou uma sobrancelha e cruzou os braços.

Respirei fundo, e depois de refletir um pouco vi que aquela era mesmo nossa única opção.

– Me perdoe, mamãe – entrei em casa e peguei no pote a chave com o tutu lilás.

---

8 Personagem do filme *Senhor dos Anéis*.

CAPÍTULO 26

– MASON! – gritei, me segurando com toda a minha força no banco do carona. Ele estava dirigindo a 115 quilômetros por hora, mesmo o limite sendo quase a metade daquilo. – Seria legal se você não nos matasse antes de resgatarmos a Mary!

– Há cinco minutos você disse pra eu correr – ele respondeu, sem um pingo de preocupação no rosto. – Decida-se.

– Eu pedi pra você correr! Mas não tanto! – fechei os olhos. Ele quase bateu num Range Rover preto, que era duas vezes o tamanho do Audi. Por que será que todos os menores de idade que dirigiam um carro comigo dentro tinham que ir nessa velocidade absurda?! Bem, pelo menos ele não berrava com todos os motoristas ao seu redor, como Jenny fazia.

– Relaxa, o que é a vida sem um pouco de emoção? – ele riu do que acabara de dizer. – Nossa, tinha esquecido que pegar no volante era tão divertido!

Arregalei os olhos e virei rapidamente o rosto para ele.

– Quando foi a última vez que você dirigiu um carro?

– Um carro de verdade?

– Não, não. No GTA[9] – respondi ironicamente.

– Ah, isso foi ontem – ele sorriu.

– ARGH! Você entendeu! – falei, irritada. – Quando foi a última vez que você pisou no acelerador e dirigiu pelas ruas de sua cidade *legalmente*, sabe, sem atropelar velhinhas e matar prostitutas? – pois é, depois de conviver com ele por meses, tinha aprendido como era um de seus jogos bastante educativos.

– Isso foi… – não gostei da pausa que ele fez. – É, no meu teste de direção

mesmo.

Instintivamente, peguei meu celular e comecei a digitar freneticamente no aplicativo de "Notas".

– O que você tá fazendo?

– Escrevendo meu testamento.

– Há-há. Que engraçada, senhorita Veronica – ele voltou o olhar para a rua.

– Então não me dê motivo pra eu continuar! – respondi, nervosa.

– Ronnie, você precisa confiar mais em mim, sabia? Poxa, desde que eu cheguei na sua casa você só me tratou com descaso, como se eu fosse um obstáculo na sua vida.

Uau, que linda interpretação. Cadê meu lencinho para eu enxugar minhas lágrimas? , pensei.

– Você podia ser menos dura comigo. Depois de tudo o que eu fiz pra você há uns dias…

Maldito, ele tinha que me lembrar do incidente da festa! Argh, estava indo tudo bem – tirando o fato de que a cada curva fechada que ele fazia, eu sentia meu estômago em uma montanha-russa – até ele falar aquilo e me deixar completamente sem saber o que dizer! A última coisa que eu precisava naquele momento era sentir vergonha!

– Tá… – falei, hesitante. – Eu… confio em você.

Ele sorriu, satisfeito.

– Valeu. Olha, estamos quase chegando.

Sim, por favor. Preciso de ar fresco.

Foi só ele dizer isso, que uma luz vermelha e azul começou a piscar atrás de nós, e um barulho de sirene ecoou na rua.

– O quê? – Mason disse, indignado. – Eu não fiz nada de errado!

Respirei fundo.

– Esqueça o que eu acabei de dizer.

Resmungando, Mason parou no acostamento. Um homem que parecia ter por volta de 40 anos, negro, com a cabeça raspada e de farda, apareceu na janela do motorista, segurando um bloco de papel e uma caneta.

– O senhor não viu na placa que o limite era de 65 quilômetros por hora? – ele disse, a voz era grossa e intimidadora.

Mason estalou os dedos, assumindo uma pose confiante. Queria só ver se seus

poderes de persuasão eram tão bons a ponto de convencer um policial a não lhe dar uma multa.

Oh, droga! Tinha acabado de lembrar que estávamos no carro da *minha mãe*!

Ela ia ver a multa! E descobrir que pegamos o carro dela sem permissão!

Mason, que seu talento insuportável seja útil dessa vez, por favor…, rezei silenciosamente.

– Boa noite – ele pôs a cabeça para fora da janela. – Olha, eu posso explicar por que estava correndo. Estou fazendo isso pra salvar a vida de uma garotinha.

Bati na testa. É, estávamos mortos.

O policial nada fez, deu para ver que aquilo não o convencera.

– Se o senhor perdesse uma criança de 11 anos pela cidade, o senhor também ignoraria as placas de limite de velocidade, não estou certo?

O homem arregalou os olhos.

– Vocês deixaram uma criança de 11 anos fugir pela cidade? – ele parecia indignado e furioso ao mesmo tempo.

– Não, senhor! – resolvi me manifestar, antes que Mason arranjasse ideia de nos colocar na cadeia. – Não perdemos a criança… – comecei a suar frio – ela está com meus tios. É minha irmã. Só queremos ir vê-la. Ela está passando mal, vamos levá-la pra casa.

Mentir não era o meu forte, e dava para ver que o oficial sacou isso.

– Carteira, por favor – ele direcionou os olhos para Mason.

Já meio nervoso, ele pegou a carteira de motorista do bolso e entregou ao homem. Enquanto ele verificava, percebi que, olhando de lado, parecia um pouco com o Samuel L. Jackson. Agora estava explicado porque eu estava sentindo tanto medo dele, além do fato de que ele estava prestes a me ferrar completamente.

Não tinha como escapar. Ele escreveu a multa no papel e entregou-a a Mason.

– Se eu encontrar vocês por aqui de novo, dois adolescentes irresponsáveis, além do mais com uma criança no carro e sem a presença de um responsável, os dois passarão a noite na Nashua Street.[10] Estamos entendidos?

Engoli em seco, e tenho certeza que Mason fez o mesmo.

– Sim, senhor – respondemos, encarando o chão.

Assim, o pseudo-Samuel L. Jackson se afastou e voltou para sua viatura.

Finalmente pude soltar o ar dos meus pulmões. Meu Deus, eu, Ronnie Adams, tinha numa mesma noite deixado minha irmã mais nova fugir, quase morrido

dentro do carro da minha mãe e ainda por cima sido ameaçada de passar a noite na cadeia! Desde quando minha vida tinha começado a tomar esse rumo de tanta adrenalina?!

– Seu idiota! – dei quatro tapas em seu braço. Não fez nenhum efeito, mas serviu para mostrar minha revolta. – Olha só o que você fez! Tem ideia do quanto estamos ferrados quando a mamãe vir essa multa?!

Ele não disse nada por alguns segundos. Depois soltou um mísero "Foi mal".

– ARGH! – gritei.

– Olha, a gente pode falar disso mais tarde? Já são quase oito horas, você não quer encontrar a Mary antes do Ryan?

Massageei as têmporas.

– Tem razão. Ok, vamos logo.

E ele pisou no acelerador novamente, dessa vez respeitando o limite de velocidade.

••••

Estacionamos a salvo no shopping e corremos até o terceiro andar, onde ficava o cinema.

A fila da bilheteria estava relativamente pequena, e quando nos aproximamos, consegui avistar de longe Ryan, de mãos dadas com uma menina. Ela era bem bonita, tinha cabelos longos, muito lisos, da cor castanho-claro, e olhos acinzentados. O lado bom disso tudo era que Mary não tinha aparecido para acabar com seu encontro. O lado ruim era que… Bem, Mary ainda estava sumida.

– Eu procuro por aqui e você por ali – Mason apontou para os dois extremos do terceiro andar. – Cuidado pro Ryan não ver você.

– Tá bem.

Mas assim que me virei para começar minha busca, ouvi um gritinho histérico logo atrás de mim:

– Oh, meu Deus! É ele mesmo! Mason McDougal!

Ótimo. Era tudo o que eu precisava. Tentar passar despercebida e dar de cara com uma fã louca para estragar os meus planos.

Nem preciso dizer que a fila inteira direcionou o olhar em nossa direção, inclusive Ryan e a garota misteriosa.

– Mason? Ronnie? – ele disse, surpreso.

– Oi… – acenei com um sorrisinho amarelo, enquanto Mason assinava seu nome no braço esquerdo da fã alucinada.

Não tínhamos escolha. Caminhamos timidamente até os dois, sem saber o que fazer.

– Que coincidência, encontrar você por aqui – Mason falou, com uma ponta de nervosismo na voz.

– Pois é… – dava para ver que Ryan queria ficar pelo menos um dia como apenas Ryan, não Ryan Jones, o astro de *Boston Boys*. A garota histérica pediu para ele assinar seu braço direito, e assim ele fez; não tinha muita escolha. – Ah, essa é a Amy – ele apontou para a menina ao seu lado. – Amy, esses são Ronnie e Mason.

– Prazer – Mason disse.

Eu estava muito ocupada olhando em volta, procurando minha irmã, e acabei esquecendo da boa educação que recebera. Só fui perceber que a menina estava esperando meu cumprimento quando levei uma cotovelada de Mason nas costelas.

– Ah! – me virei para eles. – Oi, sou Ronnie.

– Prazer, Amy – ela apertou minha mão.

Troquei um olhar rápido com Mason e vi que ele também não avistara Mary. De repente me ocorreu que eu tinha esquecido de procurar em um lugar:

– Já volto, gente. Vou ao banheiro.

Fui andando a passos largos e entrei no banheiro. Assim que pus o pé lá dentro, meu coração quase saiu pela boca. Lá estava Mary, em frente à pia, lavando as mãos, como se nem tivesse fugido de casa e quase matado todos de preocupação.

– Mary! – ignorei a quantidade de mulheres naquele lugar, corri até minha irmãzinha e segurei seus ombros. – Graças a Deus você está bem! Você me deu um susto!

– Ronnie! – ela se assustou. – O que está fazendo aqui?

– Vim resgatar você, claro! Que ideia foi essa de fugir de casa?! Ficou maluca?! – coloquei todo o nervosismo acumulado para fora.

Ela olhou para o chão.

– Desculpa, não queria preocupar vocês. Achei que vocês não fossem notar… Só queria ver o Ryan, mas não consegui encontrá-lo ainda.

Então Ryan e Amy deram sorte de chegar ao andar do cinema três minutos depois de Mary. Dariam mais sorte ainda se quando saíssemos de lá os dois já

tivessem entrado na sala…

Cruzei os braços. Não era hora de pensar nisso no momento. Tinha primeiro que dar uma dura na minha irmã.

– NUNCA MAIS faça isso, entendeu? Prometa, senão eu conto pra mamãe a sua pequena aventura!

Ela arregalou os olhos.

– Eu prometo. Calma, maninha! Não precisa contar nada… – deu para ver que ela não esperava que eu fosse jogar a carta-mãe. – Esse vai ser nosso segredinho, tá?

– Hmpf – mas não aguentei ficar com a pose de durona por mais tempo. Abracei-a com força, o que arrancou muitos "aaaawns" das mulheres do banheiro. – Fiquei preocupada com você.

Mary me abraçou de volta.

– Desculpa, Ronnie, de verdade.

Depois da cena comovente, ela voltou ao normal, passando por mim e andando até a porta.

– Aonde você vai? – perguntei.

– Ver o filme, ué.

Levantei uma sobrancelha.

– Quem disse? Nós vamos pra casa, isso sim – percebi que ela me ignorou e fechou a porta, me deixando lá sozinha. – Ei! Mary!

Tarde demais. Tentei alcançá-la, mas ela já estava indo em direção à bilheteria e já tinha sido avistada por Mason.

– Mary! Ufa, finalmente você apareceu! – ele gritou, aliviado.

– Oi! – ela acenou.

Parei em frente aos dois, ofegante. Depois percebi que só Mason estava na fila agora.

– Cadê eles?! – perguntei, já ficando um pouco mais calma.

– Acabaram de entrar – ele respondeu.

– Ah, que bom! – uau, e não é que o tempo deles foi perfeito? – Deu tudo certo, então. Vamos para casa.

– Não! – Mary falou.

– Sem "não"! Vamos agora! – agarrei o pulso dela e comecei a caminhar até as escadas rolantes.

– Hã… – Mason disse, logo atrás de nós. – Na verdade, eu meio que comprei

ingressos pra gente.

Parei e virei lentamente, agora estava quase soltando fogo pelas ventas:

– Você O QUÊ?

– Ei! Não vai brigando comigo não! – ele cruzou os braços. – Eu estava junto com eles na fila enquanto você foi pro banheiro! Assim que eles passaram, ficaram me esperando! O que eu ia dizer?! "Ah, quer saber? Não tô mais a fim de ver um filme, vou pra casa!"

Bati na testa. Não dava pra acreditar que logo Mason, que era mestre em conseguir se safar desse tipo de situação, tinha estragado tudo. Até *eu* teria inventado uma desculpa melhor.

– Não tem como devolver os ingressos?

– Não. O filme começa às oito e são… – ele olhou para seu relógio de pulso. – Oito e quatro.

Respirei fundo, me controlando para não fazer um escândalo. Peguei meu celular.

– Tá ligando pra quem? – Mary perguntou.

– Pra quem você acha? – cuspi as palavras. Tocou três vezes, depois ela atendeu. – Oi, mãe.

– Oi, filha. Já comprou o que tinha que comprar?

Mordi os lábios.

– Olha só, não tinha nenhuma carne boa no mercado…

– Ah, sério?

– É… A gente está aqui do lado do shopping, não podemos comer logo aqui? Mary está morrendo de fome.

– Vão me deixar sozinha aqui?

Ah, Deus. Como eu odiava ter que mentir.

– Ah, mãe… Por favor, não vamos demorar… E você pode aproveitar e pedir aquele sushi que você adora. Que tal? – tentei parecer o mais fofa possível. Infelizmente esse não era o meu forte.

– Vocês têm dinheiro?

– Sim.

– Hmpf, está bem – ela desligou, enfezada. Bom, menos mal. Mamãe não era do tipo que guardava rancor por muito tempo.

– Tudo certo.

– YAY! – Mary deu um pulinho. – Vamos entrando, então?

– Vamos, né… – Mason deu de ombros.

– Peraí – falei. – E a Mary? Como fazemos com ela?

– Compramos o ingresso dela agora, ué.

Não dava para acreditar que teríamos que ficar duas horas enrolando mamãe até voltarmos para casa. Tudo isso por causa de um estúpido que esqueceu como se mente de verdade.

– Por que não vai comprando um refri enquanto eu compro aqui o ingresso?

– Claro… – assenti, de cara amarrada. Que mais eu poderia fazer?

– Ai, Ronnie! Desfaz essa tromba! – Mary falou.

– Eu tô com a pequena nisso – Mason concordou. – Você tá muito estressadinha. Nem é com seu dinheiro que eu vou pagar. Agora já tá feito, dá pra deixar de ser chata e curtir um pouquinho o filme que a gente vai ver?

Suavizei a expressão. Pensando bem, acho que eu estava sendo um pouco chata. Mas, poxa! A culpa não era minha por ser a única responsável do grupo!

Mary e eu passamos rapidamente no balcão de comidas e bebidas para comprar uma Coca-Cola e uma pipoca. Não podíamos mais jantar, certo? Precisava encher o estômago de alguma maneira…

Logo em seguida entramos na sala 4, conforme estava escrito no ingresso. Subimos um pouco as escadas e, a pedido de Mary, sentamos duas fileiras à frente de um casal um tanto familiar.

– Por favor, não faça nada – pedi à minha irmã, enquanto sentava entre ela e Mason.

– Eu? – ela perguntou, cínica. – Não vou fazer nada, maninha. Pode deixar.

Aquilo não foi nada convincente, mas dei de ombros. O que eu poderia fazer? Colocar uma camisa de força nela?

Finalmente, quando virei a cabeça para olhar a tela que percebi qual era o filme que íamos ver. Tenho certeza de que se tivesse visto pelo menos o pôster, não teria concordado, nem morta.

A cena inicial era de um homem de meia-idade em um beco escuro encontrando uma mulher que não tinha olhos. Já dava para ver o nível do filme.

Depois de meia hora de filme, já tinha esquecido completamente da minha irmã, de Ryan e da namorada. Estava toda encolhida e tão concentrada na mulher sem olhos que quando senti um cutucão no braço pulei da cadeira e dei um grito.

Assim que Ryan e Amy olharam para trás, Mason pensou rápido e me puxou para baixo, e eu fiz o mesmo com Mary.

– Sssssshhh! – o cinema inteiro me mandou calar a boca. Bom, eles tinham razão.

Mason me chamou e cochichou:

– Troca de lugar comigo.

– Mas… – falei. – E a Mary? Preciso vigiá-la pra ela não fazer nenhuma besteira.

– Você não tá vigiando porcaria nenhuma. Tá quase borrando as calças.

Que droga. Tinha que admitir que ele estava certo. Por sorte eu não tinha mais o problema de bexiga nervosa de quando eu era criança. A poltrona estaria encharcada se eu não tivesse me tratado.

– Anda, sua bebezona.

Fiquei brava, mas troquei de lugar com ele.

– Já vi que vou ter que ficar de olho em você também.

Virei a cara e ignorei aquele comentário. O filme continuou rolando, até que chegou na cena em que a mulher sem olhos resolveu surgir de um lago escuro repentinamente e se aproximar MUITO da tela. Mal estava me aguentando, e para não gritar, afundei o rosto no ombro de Mason. Só depois de alguns segundos meu cérebro processou o que eu tinha acabado de fazer e eu me joguei para o outro lado da cadeira, morta de medo e agora de vergonha também.

– Hã… – Mason começou, mas eu o interrompi logo em seguida.

– Desculpe. Foi automático.

O problema foi que esse pequeno episódio foi tudo o que Mary precisou. Mason se distraiu, e ela jogou dois cubinhos de gelo de seu refrigerante dentro da blusa de Amy. Não me pergunte como, foi o poder do ciúme.

A garota pulou da cadeira e começou a se mexer toda, até que o gelo saísse. Mary teve uma crise de riso. Amy começou a resmungar e reclamar; recebeu tantos "ssssshhh" da plateia que resolveu se levantar e sair da sessão pisando duro. Ryan, sem saber o que fazer, apenas a seguiu. Os dois se levantaram e desceram as escadas, e pelos resmungos que eu consegui ouvir da menina, eles não iam voltar.

– Mary! – agarrei o pulso dela. – Você é maluca?! Por que fez isso?!

– A culpa é sua! – Mason falou para mim. – Se não tivesse me agarrado agora há pouco eu poderia ter segurado ela!

Minhas bochechas queimaram. Comentário totalmente desnecessário.

– Aproveitou o escurinho, é? – Mary riu.

– Não! – balbuciei, me arrependendo profundamente de ter entrado naquela maldita sala de cinema. – Eu só me assustei com o filme! Teria agarrado até um leão-da-montanha! Teria agarrado até o HENRY!

– Ai – os dois disseram.

– Chega! – puxei minha irmã. – Vamos embora agora e explicar tudo pra mamãe!

– Nãão! – ela tentou se soltar, mas minha raiva era tanta que eu estava até mais forte.

Descemos as escadas e abrimos a porta da sala. E, para nossa sorte, adivinha quem estava mais à nossa frente no corredor, conversando e gesticulando?!

– Não acredito! – nós três nos afastamos para não sermos vistos.

Como o corredor estava silencioso, consegui ouvir o que os dois estavam falando:

– Minha blusa está toda molhada! – Amy reclamava, passando um papel na mancha mais escura nas suas costas. – Estragaram nosso encontro!

– Ei… – Ryan segurou as mãos dela. – Não estragaram não – ele sorriu. – Se você está aqui comigo, não tem como esse encontro ser ruim.

Os olhos dela brilharam e ela sorriu também. Seus rostos foram se aproximando lentamente.

Mason e eu já estávamos sabendo do que Mary era capaz, então cada um segurou um braço dela para imobilizá-la. Mas depois percebemos que ela não fazia nenhum esforço para se soltar e pular no pescoço da menina.

Eu a soltei e ela permaneceu imóvel. Mason fez o mesmo, estranhando, e nada. Só quando olhamos para seu rosto que percebemos o porquê disso. Seus olhos estavam cheios d'água.

E por obra do destino, os dois pombinhos, quando se viraram para jogar fora o papel que Amy usara para se secar, deram de cara conosco.

– Vocês? – Ryan falou, surpreso. Acho que tinha esquecido que estávamos lá também.

Não tivemos tempo de responder. Mary saiu correndo em direção a outro corredor. Quase a segui, mas sabia que não ia adiantar nada. Estava óbvio o que ela estava sentindo.

– Nós queríamos impedir que ela fizesse alguma coisa pra atrapalhar vocês… Mas não deu certo – Mason explicou.

– Foi ela? – Amy falou, indignada. – Ela que colocou os gelos na minha blusa?!

Olhei para o chão. Não tive coragem de responder na cara da menina que minha irmã mais nova tinha a sabotado.

– Por que ela fez isso? – Ryan perguntou, estarrecido.

Só não dei uma resposta completamente sarcástica porque ficaria muito inapropriado naquela situação. Francamente, Ryan era um doce, mas sabia se fazer de bobo quando queria.

– Ryan… – falei. – Por que você acha que ela vive grudada em você e te segue pra qualquer canto? E também não deixa ninguém chegar perto de você? – me aproximei um pouco. – Acha que ela faz isso só por ser sua fã? Só por te achar bonitinho?

Eu sabia que o que minha irmã fizera tinha sido completamente errado, mas não podia esquecer o fato de que esse era seu modo infantil e apaixonado de chamar atenção. Até aquele momento ela vinha conseguindo esconder que estava magoada e tentou parecer apenas uma ciumenta possessiva, mas ela não aguentou mais. Chega um ponto em que ninguém aguenta mais, e simplesmente precisa botar tudo para fora e chorar. Por entender isso que minha raiva dela havia passado.

E por sorte, percebi que Ryan pensava da mesma maneira quando vi seu olhar preocupado se direcionando ao corredor.

– Amy, espera aqui só um minutinho – e ele correu.

Nós três nos olhamos e ficamos sem saber o que dizer.

– Então… – Mason passou a mão no cabelo. – Hoje o clima tá bom, né…

Amy não disse uma palavra. Deu para ver que ela estava meio incomodada com a situação, mas estava tentando levar numa boa.

Estiquei a cabeça para o outro corredor e vi que Ryan alcançara Mary. Ele levantou seu rosto cheio de lágrimas e os dois começaram a conversar.

Cinco minutos se passaram com um silêncio tão constrangedor que eu estava quase pegando uma pipoca do nosso saquinho e me engasgando de propósito. Mas quando olhei para o lado novamente, vi que Amy tinha sumido.

– Cadê a…?

– Ela foi até lá também – Mason apontou.

Fiquei tensa. Será que aquilo era realmente uma boa ideia? Bom, era melhor

deixar as coisas como estavam e esperar o melhor… Ou o pior acontecer.

Mas de repente, uma cena muito improvável surgiu diante dos meus olhos. Mary e Amy estavam voltando para nosso encontro, as duas sorrindo e falando uma com a outra, e Ryan bem atrás.

– É sério que ele falou de mim pra você? – Mary perguntou, os olhos brilhando.

– Falou. Você parece ser legal. Meio doidinha, mas legal.

As duas riram, mas Mary ficou séria logo em seguida.

– Não pense que eu vou gostar de você só por esses elogios.

– Tudo bem – ela deu um sorrisinho amarelo. – Ei, que tal nós três sairmos para tomar um sorvete?

Mason e eu nos entreolhamos perplexos. Que milagre era aquele que estava acontecendo? Mary e a namorada de Ryan confraternizando calmamente? Além do mais, estava escrito "EXCLUÍDOS" nas nossas testas ao ouvirmos que o convite se restringia apenas aos três.

– Hmmm… Tudo bem – Mary concordou.

– Gosta do de chocolate com pedaços?

– É o meu preferido! – ela respondeu, animada.

– O meu também!

E as duas passaram por nós como se fôssemos invisíveis. Bom, menos mal, estava feliz que tudo tinha se resolvido.

Mas quando foi a vez de Ryan passar, não pude evitar de chamá-lo:

– Ei.

Ele veio até mim.

– O que foi, Ronnie?

– Você se importa em falar o que disse pra ela?

Ele sorriu docemente.

– Quando consegui fazê-la parar de chorar, ela me perguntou se eu achava que ela era só uma garotinha irritante que ficava grudada em mim que nem um chiclete.

Uau, nossas mentes eram conectadas ou o quê? Devia ser coisa de irmã!

– Eu respondi que não, e que ela era muito especial pra mim. Eu não menti, você sabe disso. Também expliquei pra ela nossa diferença de idade…

– E…? – esse assunto me interessava particularmente.

– Ela entendeu. Mas aparentemente vamos nos casar quando eu tiver 31 anos e ela 25.

Mason e eu começamos a rir.

– Só a baixinha mesmo… – Mason comentou.

Meio envergonhada, falei para ele:

– Desculpe por ela ter atrapalhado seu encontro.

– Não precisa se desculpar – ele dobrou os braços atrás da cabeça e olhou para cima. – Me senti mal por tê-la deixado chateada. Não gosto quando ela fica triste. Mas a gente se acertou.

– Que bom – sorri, tirando um peso enorme das costas. Ryan era realmente muito compreensivo.

De repente, duas vozes femininas gritaram lá de longe:

– Vamos, Ryan! – uma era Amy.

– É, vem, Ryan! – a outra, Mary.

– Já vou! – ele se virou para nós novamente. – Então… Querem ir com a gente ou…?

– Não, obrigada – respondi. – Já tive o bastante por hoje. Acho que vou pra casa. A gente se vê.

– Aham, a gente se vê. E pode deixar que eu levo a Mary pra casa – ele acenou para nós dois, sorridente e depois foi ao encontro das duas.

Mason e eu ficamos lá parados. Eu tinha dito que ia para casa, mas na verdade não sabia direito como prosseguir depois de tudo aquilo.

– Quer voltar a assistir o filme? – Mason perguntou.

– O quê?! – balbuciei. – Não! Dá muito medo!

– Pô, eu paguei seu ingresso, sua ingrata.

Não respondi.

– Se for o caso eu deixo você me agarrar – ele riu, me deixando vermelha da cabeça aos pés. Durante esses dias ele tinha me deixado nessa situação tantas vezes que não sei como não fiquei com anemia pela falta de sangue no resto do corpo.

– Quem disse que eu quero agarrar você? – cruzei os braços.

Ele me ignorou e abriu a porta da sala.

– Vem, sua medrosa. Já deve estar acabando.

Olhei uma última vez para os três lá na frente. Pareciam estar se divertindo. Ah, era sexta à noite! Já estava lá mesmo, que mal ia fazer terminar a minha noite vendo um filme no cinema? Mesmo que fosse com ele… E mesmo que me custasse ter alguns pesadelos pelo resto do mês…

– Tudo bem.

Mas assim que entramos novamente na sala, meu celular começou a vibrar.

Ué, por que a mamãe tá me ligando? , atendi, meio receosa:

– Alô?

– VERONICA CLAIRE ADAMS!

Estremeci. Mamãe raramente usava meu nome inteiro. Só em situações extremas, como…

– QUE DIABOS DE MULTA FOI ESSA QUE EU RECEBI?! E ONDE ESTÁ O MEU CARRO?! E ONDE *VOCÊS* ESTÃO?!

Tirei o telefone do ouvido para não ficar surda. Deu para perceber que Mason ouviu o que ela dissera, porque ele ficou exatamente da cor de sua camiseta branca.

Olhei para o telefone e para ele, para ele e para o telefone. Pois é, acho que minhas aventuras com sério risco de vida não tinham acabado ainda naquela noite.

---

9 Grand Theft Auto, uma série de jogos de computador e videogame.

10 Uma prisão em Boston.

CAPÍTULO 27



– Ainda não consigo acreditar que você pegou o carro da tia Suzie assim! – Jenny conversava comigo pelo telefone. Dava para entender sua animação, era a primeira vez que podíamos nos falar direito depois de eu finalmente ter saído do castigo que mamãe me dera. Ainda a encontrava na escola, mas essa era a semana da recuperação, e, bem, ela precisava se concentrar nos estudos que havia deixado de lado durante o ano inteiro.

– Pois é, aprendi uma lição – falei, me lembrando de todas as tarefas que mamãe me obrigara a fazer triplicado durante aquela semana inteira, inclusive lavar o Audi até que ele ficasse brilhando.

– E aí? Agora que está livre vamos fazer alguma coisa? Quer vir aqui em casa?

– Hoje não posso, estou cumprindo a parte final do castigo – falei, apressando o passo para encontrar com mamãe e Mary que estavam logo à frente.

– Fazendo o quê?

– Ela está fazendo compras da casa comigo! – mamãe puxou o telefone da minha mão e falou naturalmente com Jenny.

– Olá, querida. Como vai a sua mãe? Ah, bem também. Olha, mais tarde a Ronnie liga pra você porque agora ela vai me ajudar a escolher umas coisinhas. Beijos – desligou e me entregou o celular.

Normalmente eu gostava de ir ao supermercado comprar o que faltava lá em casa, e até fazer compras de roupas mesmo não era tão ruim quando eu tinha Jenny de companhia. Agora, passar o dia enfurnada em um shopping *só* com lojas de casa escolhendo coisas como *forros de sofá*, e ainda por cima com Mary choramingando que era chato estar ali e que queria parar para tomar um sorvete… Não era

exatamente a ideia de um programa ideal.

E o pior disso tudo é que a ideia de pegar o carro da mamãe nem foi minha! O dono da mente por trás daquilo tudo foi o que menos recebeu punição! E daí que ele tinha um contrato com a mamãe?! E daí que ele era um hóspede na nossa casa?! Justiça é justiça!

Mas como eu nunca consegui na minha vida ganhar uma discussão com ela, só me restava passar quieta o meu último dia de servidão.

Estava indo tudo razoavelmente bem, tirando o tédio que me corroía por dentro. Já era a décima loja que entrávamos porque mamãe queria porque queria um tal abajur que vira numa revista, mas não achava em lugar nenhum.

Assim que entramos lá, mamãe exclamou, surpresa. Mary e eu acompanhamos seu olhar rezando para que ela finalmente tivesse achado o tal abajur, mas não era isso que ela tinha visto. Seu olhar se direcionava a um homem que parecia ter uns quarenta e muitos anos. Sua cabeça não possuía um fio de cabelo sequer e ele tinha uma postura um tanto elegante. Usava uma camisa social salmão e calça jeans.

Ficamos alguns segundos esperando que ela fosse fazer algo, quando o homem olhou para ela também. Ele arregalou os olhos e deu um grande sorriso.

– Susan? – ele perguntou, curioso.

– Stephen! – ela sorriu também e foi ao seu encontro, e os dois se abraçaram.

– Sabe quem é esse cara? – Mary me perguntou, enquanto assistia à cena.

– Não faço a mínima ideia – respondi, negando com a cabeça.

– Meu Deus, quanto tempo! – o tal Stephen comentou.

– Pois é! Faz o quê? Vinte anos?

– Acho que sim!

– Será que nessa época ele ainda tinha cabelo? – Mary cochichou, e eu me controlei para não rir.

Stephen olhou mamãe de cima a baixo e disse:

– Está linda como sempre!

– Obrigada. Você também está ótimo! – ela deu um risinho, depois virou para nós e nos chamou com a mão. – Meninas, esse é Stephen, um antigo namorado meu – ah, estava explicada a animação repentina. Se bem que para receber um antigo namorado assim de braços abertos, das duas uma: ou terminaram muito bem, ou Stephen se tornara gay. Mas pelo jeito que ele a abraçou, considerei mais a primeira opção – Stephen, essas são Ronnie e Mary, minhas filhas.

– Que filhas lindas! Muito prazer – ele apertou nossas mãos e agradecemos.

– E então? – mamãe voltou para ele. – O que anda fazendo?

– Entrei para o ramo de entretenimento – ele estufou o peito. – Sou produtor musical. Embora agora não esteja na minha melhor época, já encontrei talentos incríveis há alguns anos.

– O quê? – os olhos de mamãe brilharam. – Eu também entrei para esse ramo!

– Sério? Com o que está trabalhando?

– Conhece o programa *Boston Boys*? É de adolescentes, passa no canal…

O queixo de Stephen caiu no chão.

– Não acredito! – ele disse, antes de deixá-la completar a frase. – Está trabalhando nessa série?!

Mary levantou uma sobrancelha.

– Só falta ele falar que é mega fã dos meninos e tem todos os pôsteres deles – ela cochichou para mim.

– Ué, mau gosto não se discute – respondi, cruzando os braços. – Mesmo que seja um tanto estranho um cara dessa idade…

– Sim! – mamãe respondeu, animada. Nesse ponto acho que ela já tinha até esquecido do abajur.

– Puxa, que ótimo, Susan! Esses meninos são brilhantes! Principalmente o… Oh Deus, qual é o nome dele? O vocalista da banda…

– Mason? – me intrometi na conversa.

– Isso! Nossa, é um jovem muito talentoso. Tem um belo futuro pela frente.

Ah, era só o que faltava. Mais um baba-ovo do Mason, para aumentar seu ego que já era pequenininho.

– Eu admiro muito esse rapaz. Ah, se eu pudesse conhecê-lo! – Stephen disse, empolgado. – Tenho tantas perguntas…

– Ok, esse cara tá começando a me dar medo – Mary comentou baixinho, e eu confirmei com a cabeça, estava pensando a mesma coisa.

– Ora, então hoje é seu dia de sorte – mamãe colocou as mãos na cintura. – Sabe para onde ele se mudou quando veio para cá?

– Não, para onde?

– Para nossa casa – ela sorriu.

Stephen piscou duas vezes. Era só o que faltava. Mais um adorador de Boston Boys excêntrico que mamãe estava colocando para dentro de casa…

– Não! – ele estava perplexo. – Mas por quê?!

– É uma longa história.

Nesse momento comecei a me perguntar a mesma coisa. É verdade. Afinal de contas, por que ele tinha ido parar na nossa casa? Por que eu fiquei tanto tempo sem pensar nisso? As coisas foram acontecendo tão naturalmente que não me ocorreu tocar nesse assunto outra vez. Lembro que na primeira noite que fiquei sozinha com Mason em casa eu perguntei isso e ele disse que era algo complicado. Quase seis meses haviam se passado e eu ainda não sabia!

– Mas, enfim, até sábado vou estar ocupada decidindo uns assuntos da série e da banda. Então, que tal marcamos um almoço lá no domingo?

Mary e eu arregalamos os olhos. É, ela ia pôr aquele cara para dentro de casa.

– Eu adoraria! – Stephen respondeu, alegre, e os dois trocaram telefones.

Nesse momento, uma atendente da loja apareceu ao lado de Stephen segurando um embrulho do tamanho de um hidrante.

– Aqui está, senhor.

– Ah, obrigado – ele pegou o embrulho e a nota fiscal. – Bom, tenho que ir. Foi ótimo encontrá-la, Susan, ótimo mesmo! Estou ansioso pelo almoço! – ele andou até a porta da loja. – Até logo!

– Até logo! – mamãe disse.

Mary e eu esperamos que ele fosse embora para simplesmente não dizer nada e encarar mamãe com um olhar repressor.

– O que foi? – ela perguntou inocentemente.

– Mãe… – Mary começou. – É sério que esse cara vai almoçar lá em casa?

– Sim. Qual é o problema?

– Ele é meio… – falei, mas não consegui continuar. – Meio…

– Estranho – Mary completou. – E eu vi os olhares nada discretos pra cima de você.

Mamãe riu.

– Ah, meninas, por favor. Não o vejo há mais de vinte anos, só vamos pôr o papo em dia, contar as novidades.

– Vocês pareciam muito alegrinhos para ex-namorados – minha irmã rebateu.

– Ora, desde quando ex-namorados precisam ser nossos inimigos? – mamãe cruzou os braços.

– Sei lá, mãe… – falei. – Geralmente não fica estranho encontrar essas pessoas

com o tempo?

Infelizmente aquilo era só uma suposição, porque o mais perto que eu já cheguei de ter um namorado foi Billy Truscot, um gorduchinho que vivia segurando minha mão na primeira série.

– Claro que não! É sério, terminamos numa boa.

– Por que vocês terminaram, afinal? – Mary perguntou.

– Porque eu conheci… bem… outra pessoa – mamãe respondeu, com um ar nostálgico.

Meu coração acelerou. Oh, não, *aquele* assunto, não.

– Mas voltando ao Stephen, mãe… E essa fascinação dele pelo Mason? – arrisquei voltar ao assunto anterior.

Por sorte mamãe me acompanhou.

– Que mal há em apresentá-los? Stephen só admira o trabalho dele! Vocês não acham que ele é um ótimo ator?

– Ah, isso ele é sim – respondi, me lembrando de todos os dramas que ele já fizera para escapar das responsabilidades.

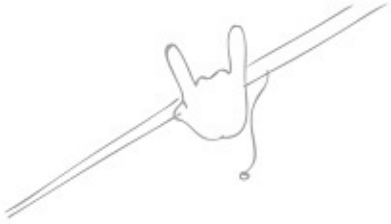
– E não se preocupem, não estou interessada nele dessa maneira.

Nós duas arqueamos uma sobrancelha.

– Está bem, não ligo se não acreditam em mim. Stephen vai lá, quer vocês gostem ou não – ela deu as costas. – Agora me ajudem a procurar aquele abajur lindo. E vamos ver se eu encontro um tapete mais bonito para a sala!

Mary e eu batemos na testa e suspiramos. Ainda tínhamos um longo dia pela frente.

CAPÍTULO 28



Quando chegamos em casa, me deparei com uma das cenas mais hilárias que já tinha visto em toda a minha vida. Já de fora conseguíamos ouvir *Jump*, do Van Halen, tocando no volume máximo. Abrimos a porta e vimos Mason com o avental cor-de-rosa de cozinha com ursos panda estampados – que até *eu* me recusava a usar – segurando uma vassoura e alternando os movimentos em varrer o chão e segurá-la como uma guitarra e fingir que estava tocando.

– Mason! – mamãe teve que gritar para ele escutar.

Mas ao contrário do que eu esperava, ele não parou seu pequeno show mesmo depois de nos ver. Foi até o som e abaixou o volume, ainda cantando e balançando a cabeça. Como eu gostaria de ter uma câmera naquele momento.

– Nossa, vocês demoraram! – ele veio até nós.

– Culpa dela e desse maldito abajur – Mary falou apontando para o embrulho que mamãe segurava. Depois se jogou com tudo no sofá e deu um longo suspiro.

– Vem cá… – olhei-o de cima a baixo. – Qual foi do aventalzinho?

– Perdi uma aposta com a sua irmã. Achava que os Lakers iam ganhar dos Celtics ontem.

Pelo menos o castigo que mamãe tinha imposto a ele tinha ajudado em alguma coisa. Agora Mason estava um pouquinho mais responsável em relação aos afazeres domésticos. Mesmo que tivesse encontrado uma maneira meio… peculiar de realizá-los. Bem, tinha que agradecer aos Celtics por terem feito mais cestas, porque ver Mason naquele traje era impagável.

– Ah… E por que essa alegria toda?

– Não posso contar. Tem que estar tudo confirmado.

– Tem alguma coisa a ver com a série?

– Hm… Mais ou menos.

– O que seria mais ou menos?

– Não adianta, Ronnie. Não vou contar. Mas relaxa, acho que até o final dessa semana vou poder dar uma resposta definitiva.

Nesse, momento, Mary deu um pulo no sofá e gritou:

– Vocês vão fazer um show?!

Pela cara de desamparado de Mason, deu para perceber que era isso mesmo. O que era irônico, considerando o estado de alegria em que ele estava antes de chegarmos em casa.

E espera um pouco, por que *mamãe* não disse nada? Ela supostamente deveria ser a primeira a contar isso para nós!

Ah, esqueci de quem eu estava falando. A mulher que mais esquece de comunicar as coisas no planeta. Nos avisou que Mason vinha morar conosco duas horas antes de ele chegar, nos contou que viajaríamos para o Canadá menos de uma semana antes, provavelmente falaria que Stephen vinha jantar conosco no mesmo dia se não estivéssemos junto com ela, e contaria sobre o show uma hora antes do último ensaio. Susan Adams, senhoras e senhores.

– Mary! Não era pra ter falado! Como você soube?

– Perguntei pro Ryan e ele respondeu – ela ergueu o celular com a caixa de mensagens de texto aberta.

– Ah, aquele bobão… Não sabe dizer "não"! – ele bateu o pé.

– Qual é o problema? – perguntei.

– É que não está cem por cento confirmado ainda. Não queria ficar com a expectativa tão alta porque vai que não rola e tal…

– Diz aquele que estava dançando Van Halen com um avental corde-rosa.

Ele deu de ombros, desamarrou o avental das costas e o dobrou no seu colo.

– Desculpa por ser uma pessoa feliz.

Suavizei a expressão e dei um sorriso.

– Bem, parabéns. Tenho certeza de que vai dar tudo certo – ergui o polegar em sinal de positivo.

– Nossa – ele pareceu surpreso.

– O quê?

– Sei lá. Achava que você ia ficar tipo: "Tá, e daí? Que se dane você e sua

banda" – seu tom de voz era debochado.

Confesso que me senti levemente ofendida com aquilo.

– Por quê? Acha que eu sou uma pessoa tão horrível assim? – coloquei as mãos na cintura, indignada. – Posso não gostar do seu programa, mas não significa que não quero que vocês façam sucesso!

– Nossa, calma – ele riu. – Então já que está feliz por mim, vai pegar uma limonada para comemorarmos, né?

Minha cara de brava não se desfez. Balancei a cabeça em sinal de negativo:

– Você não existe – e fui andando até cozinha.

– É, eu sei que sou bom demais pra ser verdade.

Esse comentário deu muita vontade de cuspir no copo que peguei, mas me controlei, lembrei que era uma pessoa civilizada.

Alguns minutos depois, voltei para a sala e encontrei Mason ao telefone, andando em círculos e gesticulando:

– Desculpa, mãe. Eu queria contar depois que estivesse confirmado!

Ué, não sei, vai que dá algum prob… Tá, mãe. Tá. Desculpa. Mas o Ryan é um fofoqueiro mesmo! Não acredito que a mãe dele te lig… – ele revirou os olhos. – Tá, mãe. Tá, mãe. Aham. Ok, prometo. Da próxima vez eu conto assim que ouvir, mesmo se não tiver certeza, satisfeita? Tá, mãe – ele me encarou por uma fração de segundo, virou de costas e disse baixinho. – Também te amo, mãe.

Dei um risinho. Só Lilly mesmo para pôr esse garoto nos eixos.

Cheguei mais perto para lhe entregar a limonada, e um segundo antes de cutucá-lo, percebi que sua expressão mudara completamente. Ele não estava mais descontraído e levemente impaciente, do tipo: "Que saco essa mãe grudenta", ele parecia realmente preocupado. Parecia que tinha acontecido algum acidente. Não gostei dessa expressão, me lembrou da cara que mamãe fizera ao receber certa notícia há uns anos…

– Você contou pra ele? – ele empalideceu. – Não, mãe! Como assim por quê? Responda você o porquê!

Eu me afastei. Planejava pegar o celular da mão dele e dar um "oi" para Lilly, mas agora o assunto estava realmente sério.

– Até parece. Ele não liga, quantas vezes tenho que te dizer isso? Nunca ligou! Não, mãe. *Já é*, sim, tarde. Não vou ficar discutindo isso com você agora. Tchau – ele desligou obviamente enquanto Lilly ainda estava tentando se explicar.

Não disse nada. Olhei para o sofá e percebi que Mary tinha subido. Estávamos sozinhos. Não sabia o que dizer depois daquela ligação. Queria perguntar qual era o problema, mas não sabia uma maneira de falar sem que o deixasse ainda mais estressado.

– Mason… – disse, com incerteza. – Se não se importa que eu pergunte, o que aconteceu?

Ele encarava o chão profundamente.

– Nada.

– Não parece que foi nada. Vamos, pode contar, eu entendo *bem* de problemas familiares.

Nesse momento ele me olhou, provavelmente se perguntando sobre o que eu estava falando. Estava me referindo a algo que ele jamais imaginava que acontecera.

– Minha mãe – ele finalmente disse – acha que – ele apertou os punhos – com *ele* sabendo desse show, ele poderia se aproximar de mim.

– Ele quem? – perguntei, embora já tivesse certeza de qual seria a resposta.

Ele levantou o rosto e pude ver que seus olhos atingiram certo tom de cinza:

– John Aleine. Meu pai.

Estremeci. Em todos os meses de convivência conosco, Mason nem sequer havia mencionado seu pai. Quer dizer, apenas naquela vez em que tivemos o brunch na casa de Marshall, mas não parecia ser um assunto tão sério. E, pior que isso, nunca me ocorreu até aquele momento. Então o assunto paterno não era delicado apenas para mim.

– Vocês não se dão bem?

– Mais ou menos – seu tom de voz havia mudado. Estava mais fraco, como se ele tivesse um nó preso na garganta.

– Posso perguntar o porquê?

– É uma longa história, Ronnie…

– Por favor, Mason – nunca pedira nada a ele tão séria como estava naquele momento.

Ele deu um suspiro e caminhou até o sofá.

– Senta aqui.

Fiz como ele disse e me sentei no braço do sofá.

– Nós três sempre moramos em Los Angeles. Minha mãe sempre sonhou em trabalhar em Hollywood e ele, bem, tinha uma filial de empresa de carros bem-

sucedida.

– E desde pequeno vocês não eram próximos?

– Ele não era do tipo que ia para os eventos da escola, jogos de futebol, essas coisas. Vivia trabalhando, sempre muito ocupado para qualquer coisa. E quando minha mãe finalmente conseguiu seu emprego em Hollywood, ela também quase não parava em casa. Mas sabe, pelo menos, mesmo cansada, mesmo sem tempo, ela sempre tentava ficar o máximo que pudesse comigo. Agora ele… – balançou a cabeça negativamente. – Ficava semanas sem vê-lo. Um dia, do nada, eu descobria que ele tinha ido para Vermont. No outro, que tinha resolvido dar uma passada no Canadá.

Desci do braço do sofá para a almofada, prestando muita atenção. E me senti mal pelo que pensei da mamãe antes. Aquele, sim, era um pai que não comunicava as coisas.

– Eu tinha 10 anos quando meus pais se separaram. Assim que isso aconteceu, meu pai se mandou para Nova York e continuou com outra filial, uma ainda maior. Largou a gente sem nem olhar pra trás – ele apoiou os cotovelos nos joelhos, inclinando o corpo para frente. – Desde então ouço notícias dele no máximo uma vez ao mês. E não é ele que liga na maioria das vezes, quase sempre é, ou Carla, nossa antiga empregada, ou minha mãe. Ele não se importa.

Encarei minhas mãos, sem saber o que dizer. Eu não fazia a mínima ideia. Como podia dizer que o conhecia, se nem sua história eu sabia?

– E… Depois do programa? – consegui perguntar, depois de alguns segundos.

– Isso foi cinco anos depois. Depois que eu vim para Boston, realmente achei que íamos poder nos aproximar. Estamos bem mais perto de Nova York, afinal.

– Mas isso não aconteceu – deduzi.

Ele não disse nada, mas nem precisava.

– Mason. . – estava sentindo que não ia ter um momento melhor para perguntar aquilo. – Lembra de quando você ficou lavando roupa comigo? Há um tempão. . Eu te perguntei o motivo de ter vindo pra cá sozinho.

Ele me olhou nos olhos.

– Você sabe o motivo agora.

Olhei para baixo, assentindo de leve com a cabeça.

– Por que essa curiosidade toda pelo meu pai? – ele perguntou.

Mordi os lábios.

– Bem… Você não é o único que tem uma história diferente da maioria das pessoas com seu pai.

– Eu sei.

Encarei-o confusa.

– Como assim sabe?

Para explicar, ele tocou em outro assunto que eu realmente achava que não ia falar. Mas, assim como eu, devia estar pensando que não havia momento melhor para comentar.

– Sua mãe não te contou o motivo verdadeiro de nós termos vindo pra cá, contou?

Arregalei os olhos. O que ele queria dizer com aquilo? E o que aquilo tinha a ver com o meu pai? O que Mason sabia? Até que parte da história ele sabia?!

– A parte sobre os fãs insistindo e que era ruim para sua mãe ficar se deslocando para tão longe daquele jeito é verdade. Mas o que realmente fez todos concordarem em vir para cá foi outra coisa.

– O quê? – meus olhos estavam vidrados nele.

– Você não se lembra, há um ano, de uma notícia no jornal de um estúdio que pegou fogo em LA?

Levei as mãos à boca.

– É exatamente isso que você está pensando.

Minha garganta ficou seca.

– Nunca reparou que sua mãe tem uma marquinha de queimadura bem aqui? – ele apontou para sua própria clavícula. – Foi desse dia.

Só de pensar em minha mãe correndo risco de vida, meu estômago se embrulhou. Um turbilhão de lembranças horríveis surgiu na minha cabeça, fazendo-a latejar.

Ele hesitou para falar a próxima parte, ao ver como minha expressão estava horrorizada.

– Como a equipe não queria perder a sua mãe na produção e como todos ficaram meio traumatizados com aquilo, acharam melhor vir gravar aqui. Ela disse que você e Mary não suportariam perder outro parente.

Levantei, com as pernas bambas, assim que ouvi essa frase. Agora estava claro por que Mason respondera "Eu sei". Meu corpo gelou. Senti uma vertigem horrível, minhas mãos começaram a tremer.

– Você sabia? – meu queixo tremia. Não acreditava no que acabara de ouvir. Minha cabeça pesou. – Esse tempo todo… Você sabia sobre…

Ele suspirou, triste. Hesitou mais um pouco e disse, por fim:

– Sim. Desculpe não ter contado. E… Sinto muito pelo seu pai.

Meus olhos se umedeceram. Não estava preparada para aquilo. Como é que eu fui deixar a conversa tomar aquele rumo?! E pensar que minha maior preocupação hoje cedo era aquele tal de Stephen indo jantar na minha casa na semana seguinte.

Minha mente se encheu com aquelas malditas memórias. Eu estava horrorizada. Não queria me lembrar daquilo, mas era impossível. Estava tudo voltando com carga total.

– Desculpe. De novo – ele falou.

– Tudo bem – balbuciei, limpando rapidamente uma lágrima que ameaçava cair do meu olho. – Desculpe também… Por ter te lembrado dessas coisas com o *seu* pai…

– Tudo bem – ele tocou meu ombro. – Se tiver algo que eu possa fazer pra você se sentir melhor…

– Não, relaxa. E você? Está bem em relação ao seu…? – sorri de leve.

– Na verdade… Não estou muito a fim de falar mais sobre isso.

– Ok – coloquei uma mecha de cabelo atrás da orelha. – Bem, vou subir. Estou cansada do dia de hoje. Boa noite – e fui andando até as escadas sem olhar para trás.

– Boa noite… – pude sentir o tom de incerteza na voz dele. Mas resolvi não tocar mais naquele assunto. Não podia ficar ali por nem mais um minuto. Precisava de um tempo sozinha.

CAPÍTULO 29



Eu achava que se fosse dormir deixaria tudo o que atormentava minha mente para trás, mas não foi isso que aconteceu. Na verdade, foi pior do que eu esperava. Bastou eu adormecer para aquelas lembranças voltarem com força total.

No sonho, eu não era *eu* exatamente. Conseguia ver a Ronnie do passado, mas ela não me via. Eu era uma espécie de espectro, só observando a cena de longe.

Lembro-me exatamente desse dia. A Ronnie que eu via estava com 8 anos quando aconteceu. Nesse momento, ela estava com a pequena Jenny em sua casa, as duas deitadas na cama, conversando.

– Por que a tia Suzie te trouxe pra cá agora mesmo? – Jenny perguntou.

– Não sei, mas acho que tem alguma coisa a ver com o meu pai. Ele saiu pra fazer alguma coisa, deve ser pro trabalho.

– Trabalho, a essa hora?

Ronnie deu de ombros.

– Sei lá. Os adultos são meio estranhos.

Jenny virou de lado, apoiando a cabeça na mão.

– Será que vai ser que nem aquela vez?

– Que vez?

– Um dia meu pai saiu cedinho porque ele ia viajar de carro pra algum lugar. No meio do caminho, ele ligou pra mamãe dizendo que a gasolina dele tinha acabado. E ele não sabia onde tava! – ela gargalhou. – Mamãe ficou uma fera, e demorou um tempão pra achar ele!

Ronnie riu também.

– Pode ser isso – ela bocejou e se enroscou no edredom amarelo de Jenny. – Só não quero que a mamãe brigue muito com ele. Tadinho – ela deu uma última olhada para a chuva lá fora e fechou os olhos.

Meu coração estava apertado. Aquilo era tão real que me dilacerava por dentro.

Eu não fazia ideia…, pensei, apertando os punhos.

Depois a cena mudou. Já era o dia seguinte, pois a pequena Ronnie já estava em casa, e mamãe também. Argh, que cena horrível. As duas estavam sentadas no sofá conversando, enquanto Mary dormia no carrinho de bebê ao lado. Mamãe tinha olheiras gigantescas e sua pele estava pálida. O olhar de Ronnie estava desnorteado e seu queixo tremia.

Ela contou, lembrei, me sentindo sufocada.

– NÃO! – Ronnie socou a almofada. – ISSO NÃO PODE ESTAR ACONTECENDO! É MENTIRA DESSES MÉDICOS! O PAPAI É FORTE, ELE…

– Ronnie – mamãe falou, franzindo a testa. – Eu preciso que você seja ainda mais forte – ela segurou suas mãos. – Às vezes… As coisas não acontecem do jeito que deveriam ser…

Nesse ponto Ronnie já estava se debulhando em lágrimas.

– Não é justo! Não é justo! Ele era uma pessoa boa! POR QUE ISSO ACONTECEU COM ELE?!

Com esses gritos, Mary acordou e começou a chorar. Mamãe não se conteve e começou a derramar umas lágrimas também. Desesperada, ela segurou minha irmã e ficou balançando-a, tentando, em vão, fazê-la parar de chorar.

E a cena mudou de novo. Agora eu estava em meu quarto, e Ronnie estava com uma cara péssima. Também tinha olheiras, os olhos estavam inchados. O rosto estava vermelho, as mãos e os joelhos tremiam. Ela pegou uma caixinha de música que tinha uma princesa de vestido azul-claro em cima, que tocava uma melodia suave. Ela sabia que nunca mais seria chamada de princesa por ele outra vez. Um fogo percorreu seus olhos e ela atirou a caixa com tanta violência contra a parede que a partiu ao meio.

Ofegante, ela caiu de joelhos no chão. Depois gritou. Gritou até ficar sem ar.

Minha cabeça latejava. Tapei os ouvidos e fechei os olhos. Não queria estar ali, era um castigo ter que viver aquilo de novo. A cada grito que ela dava, era como se meu corpo estivesse sendo atravessado por uma lâmina.

Acordei com um pulo. Meu corpo inteiro estava suado, e lágrimas caíam dos meus olhos. Ofegante, levei alguns segundos para perceber que aquele pesadelo tinha acabado. Depois de me recompor, olhei para o relógio. Eram duas e cinco da manhã.

Ainda um pouco assustada, tirei meu cobertor, calcei os chinelos e saí do quarto. Caminhei pelo pequeno corredor escuro do segundo andar e abri a porta do quarto de Mason. Deixei-a aberta para não ficar às cegas e fui andando na ponta dos pés até sua cama. Fiz aquilo tão automaticamente que minha mente parecia ter sido programada por um robô. Ele dormia tranquilo, com o braço esquerdo para fora da colcha branca.

Respirei fundo por alguns segundos. Quando fui esticar a mão para tocá-lo e acordá-lo, ele abriu os olhos levemente. Cheguei para trás, apreensiva, pensando em voltar correndo para o quarto, mas era tarde demais. Ele acendeu o abajur na mesinha da cabeceira onde eu estava apoiada. Como obviamente não estava esperando que eu estivesse parada ao seu lado, então deu um pulo e um grito abafado, me assustando junto.

– Caramba, Ronnie! – ele disse, ofegante. – Que susto! Eu quero levantar pra ir ao banheiro e você aparece assim, que nem menina de filme de terror? – ele coçou a cabeça, bocejando. – Quase que o xixi sai aqui mesmo.

– Desculpa, não queria te assustar – disse, com a voz fraca.

– O que você tá fazendo aqui a essa hora? – ele se sentou, e eu fiz o mesmo.

Hesitei um pouco, depois falei:

– Lembra quando você perguntou… Se tinha algo que você podia fazer por mim?

Ele assentiu com a cabeça, meio sonolento.

– Bom… Tem algo, sim.

Ele me encarou curioso.

– O quê?

Entrelacei os dedos.

– Eu queria que você se acertasse com seu pai.

Mason franziu o cenho.

– Qualquer coisa menos isso.

Eu já esperava que ele fosse responder isso, então mantive a paciência:

– Olha, eu sei que ele não foi o melhor pai do mundo, sei que ele poderia ter

sido muito mais presente, mas se sua mãe se esforça tanto pra que vocês se acertem mesmo depois de se separar… Não acho que ele seja uma pessoa ruim.

Ele não disse nada.

– Se vocês pelo menos conversassem, se vissem, ao vivo e em cores… Não acha que daria certo?

Ele suspirou.

– Não é tão simples como você pensa.

– Eu sei – falei, triste. – Mas… Você não sabe como é a sensação de perder alguém da família assim da noite pro dia… Se qualquer coisa acontecesse com ele, você não se arrependeria de não ter acertado as contas?

– E quem disse que vai acontecer alguma coisa?

– Espero que não aconteça, nunca desejaria isso a ninguém. É só uma suposição.

– Ah, Ronnie, não sei… É tudo tão relativ… Ronnie?

Oh droga, eu não acredito que estava quase começando a chorar ali. Estava indo tão bem! Tudo culpa daquele maldito sonho!

– Eu estou bem.

Engoli o nó que estava se formando na minha garganta e limpei o rosto com a manga do pijama – que, por sorte, era comprida –, mas não deu certo. As lágrimas vieram cada vez mais e mais, não consegui mais controlá-las. Que ótimo, agora Mason estava me vendo chorar. Nem imagino o quão patética eu devia estar parecendo.

– Não entendo por que você faz isso.

– Isso o quê? – levantei o rosto.

– Finge que tá tudo bem, pra depois ficar se remoendo sozinha.

De alguma maneira, ele tinha razão. Desde a morte do meu pai, era raro eu chorar na frente de alguém. Foi uma descarga de emoções tão grande em uma noite só, que eu desejei nunca mais ter que passar por aquilo outra vez.

– Eu desabafei com você, esqueceu? Você não pode mais esconder essas coisas de mim, tá me devendo uma.

Sorri de leve.

– Ok, desculpe.

Ele sorriu também, depois me abraçou e afagou meu cabelo. Nem pensei em ficar envergonhada na hora, estava feliz por ter conseguido expressar o que eu

sentia. E por ter um ombro amigo também.

– Eu… – ele disse. – Não sei o que diria pra ele, não sei se consigo…

Eu me desvencilhei dele e falei: – Eu posso te ajudar. Posso ir com você, se não se importar.

– Sério?

O tom de voz com que ele disse aquilo realmente me fez pensar. Que ideia era aquela minha?! Ir para Nova York sozinha com Mason? Não só para outro estado, mas para a casa de um completo estranho! Tá, era o pai dele e tudo o mais, mas mesmo assim! Ainda era loucura!

– Hã… – não consegui dizer outra coisa. Agora meu lado racional estava começando a controlar o emocional outra vez.

– Por esse seu "hã" dá pra ver que a Ronnie chata e responsável voltou.

Dei-lhe um tapa no ombro.

– Pelo menos alguém nessa casa tem que ter esse papel, né? – cruzei os braços.

Ele gargalhou, depois ficou sério e disse:

– Vai desistir da ideia? Se sim, eu desisto também.

Suspirei. Ah, será que seria tão ruim assim ficar um dia fora de casa? E não era como se eu nunca tivesse ido a Nova York. Eu sabia me localizar lá relativamente bem. E aquela era uma oportunidade única, eu podia ver Mason e o Sr. Aleine me agradecendo no futuro por ter juntado sua família novamente!

– Não. Ainda está de pé.

– Tem certeza?

– Tenho.

Ele coçou a cabeça.

– Tá bom. Vamos juntos, então.

Abri um grande sorriso. Puxa, no que eu estava me metendo?

– Tá me devendo em dobro agora, senhorita Veronica – ele disse, e batemos as mãos.

••••

Eu odiava ter que mentir para a minha mãe, mas depois de nosso incidente com seu carro, minha liberdade de sair por aí ainda estava bem restrita. Imagina o que ela faria se descobrisse que Mason e eu estávamos indo para Nova York?! Ia me colocar em prisão domiciliar, definitivamente.

Não pensei que conseguiríamos montar uma mentira tão elaborada. No dia seguinte, Mason disse para mamãe que íamos fazer uma viagem de dois dias com a escola na sexta e, para ficar ainda mais convincente, imprimiu uma circular falsa, com direito a logotipo da escola, assinatura do diretor e tudo o mais. Tá, não sei ao certo se foi ele quem fez isso. Ele poderia ter pedido para o Mark, um dos gênios da turma dele de informática, em troca de algum favor, considerando suas posições hierárquicas bem diferentes naquela escola. Não tive nada a ver com isso, óbvio, sempre fui contra a exploração dos fracos e oprimidos. Mas já que minha reputação na escola não era lá tão bem-aceita quanto antes, resolvi nem me meter.

E para melhorar ainda mais, mamãe disse que nem conseguiria nos levar na estação de trem na sexta-feira, porque teria que estar no estúdio bem cedo naquele dia. Pode me chamar de louca, mas acho que o universo estava finalmente conspirando a meu favor. Mesmo que fosse tão politicamente incorreto.

No horário em que fomos, a estação não estava tão cheia, então conseguimos comprar as passagens para o trem das cinco horas. Pois é, teríamos um tempinho para matar.

– O que é isso? – perguntei, enquanto vi Mason tirando de sua pequena mala várias folhas de papel presas por um elástico. – Não acredito que você trouxe dever de casa pra cá! Nunca é tarde para as pessoas mudarem, né? – sorri, orgulhosa.

Mas o orgulho desapareceu rapidinho assim que ele começou a rir de mim.

– Piada boa essa! – ele tirou o elástico das folhas. – É um roteiro, boba.

– Ah – me afundei na cadeira da estação, desejando não ter dito aquilo.

– Eu já tô nervoso, acha que fazer umas equações vai me deixar mais calmo? – ele zombou.

Bem, ele tinha razão. Estudar não é exatamente o passatempo mais divertido e tranquilo que existe. Ainda mais quando é aquela matéria que simplesmente não é compatível com seu cérebro. E quando você está clandestinamente a caminho da casa de seu parente com quem possui uma péssima relação.

– Vai dar tudo certo – sorri, tentando deixá-lo mais confiante. O problema era que eu também não tinha certeza se aquilo teria um final feliz. Além do mais, a culpa de fazer tudo aquilo pelas costas de mamãe estava me torturando.

– Tomara – ele olhou para o relógio, sua perna esquerda tremia freneticamente.

Depois de quase uma hora e meia, desviei os olhos da minha edição de bolso de *Moça com brinco de pérola* que estava lendo e percebi que Mason pegara uma caixinha

do bolso e estava tirando dela um comprimido oval e branco.

– Isso é o que eu acho que é?

– Que foi? – ele perguntou inocentemente, depois de engolir o comprimido sem água nem nada e fazer uma careta. – É pra eu dormir na viagem.

Encarei-o incrédula.

– Não satisfeito em roubar o carro da minha mãe, você agora roubou os remédios pra dormir dela?

– Tecnicamente *nós dois* roubamos o carro – ele cruzou os braços. – E eu peguei só um. Unzinho não vai fazer falta, vai?

– Poxa! – reclamei, indignada com sua falta de consideração. – Nem passou pela sua cabeça que eu gostaria de dormir na viagem também, não?

Ele arqueou uma sobrancelha.

– Por acaso é *você* que está nervosa porque vai tentar fazer as pazes com seu pai que não é nem um pouco próximo de você? E esqueceu que isso foi tudo ideia *sua*?

Touché.

Não disse nada. Virei a cabeça de lado e voltei a ler. Mas não demorou muito até ouvirmos o barulho das rodas sobre os trilhos se aproximando cada vez mais.

CAPÍTULO 30



Mason se sentou no banco da janela do trem; eu, no meio, e ao meu lado, um cara qualquer. Bastou o trem começar a andar para eu sentir um frio imenso na barriga. Agora não tinha mais volta. Eu estava mesmo viajando sozinha com Mason para Nova York! Em menos de duas semanas já era a segunda mentira gigantesca que eu contava para minha mãe, sem contar que era uma tremenda irresponsabilidade! Que será que me aguardava no futuro? Matar alguém? Casar bêbada em Las Vegas?

Balancei a cabeça, procurando me manter calma. Que bom que eu não sentia enjoo em trens, então pude ler meu livro para acalmar os nervos. E funcionou… um pouco.

Mas minha leitura foi interrompida com uma cabeça loira caindo no meu ombro. Olhei para ele com o canto do olho, lá estava Mason no décimo sono, roncando.

Só essa vez, hein…, revirei os olhos sorrindo de leve.

Depois de alguns minutos, pude ouvir lá de trás um barulho de conversa animada se aproximando. Quando chegou ao meu lado pude ver que eram duas adolescentes tagarelando sobre qualquer coisa.

– Oh, meu Deus! – uma delas gritou ao olhar para nosso banco, deixando o óculos de sol que estava apoiado em sua cabeça cair no chão de tanto entusiasmo.

– Não acredito! – disse a outra, se abanando com as mãos com unhas postiças gigantescas. – É ele mesmo!

Alarmada, olhei para Mason, que se remexeu um pouco do meu lado e franziu a testa. Ah, não. Se aquelas duas fizessem alguma coisa para acordá-lo, ele não conseguiria descansar para acalmar os nervos! E, com isso, o pior poderia

acontecer.

Antes que elas pudessem tirar milhares de fotos com seus iPhones com capinhas brilhantes, me adiantei e falei baixo, mas severamente:

– Ele está *dormindo*! Não perceberam?

As duas se entreolharam, chocadas por alguém como eu ter dito aquilo, e também por estar servindo de travesseiro para seu ídolo.

Por um breve instante um calafrio percorreu a minha espinha, pois além de elas serem duas e eu estar ali sozinha, digamos que não sou exatamente a melhor pessoa no corpo a corpo. Mas dei graças que as duas apenas se olharam, provavelmente pensando que eu era uma perdedora ou coisa do tipo, e seguiram seu caminho comentando o mesmo e me olhando de cara feia.

Eu me afundei no banco e soltei um longo suspiro de alívio. Por sorte já teriam esquecido de toda a história da tão odiada Ronnie Adams, ou simplesmente não perceberam que ela era eu. Às vezes é bom ser uma pessoa facilmente esquecível.

Para minha surpresa, o homem que estava do meu lado – que eu jurava que estava dormindo esse tempo todo, pois estava imóvel – resolveu falar comigo:

– Minha filha daria tudo para estar no seu lugar agora – ele sorriu descontraidamente.

Olhei de relance para Mason ainda dormindo.

– Se quiser, quando ele acordar, posso pedir um autógrafo para ela – tentei criar na minha cabeça a imagem da filha dele como uma pessoa fofa e adorável, diferentemente da grande maioria das fãs de Mason.

– Oh, muito obrigado – ele assentiu com a cabeça.

Sorri para ele e depois voltei ao meu livro.

Não que eu esteja reclamando nem nada, mas Mason dormiu *a viagem inteira*. Ficou umas quatro horas babando em cima de mim e deixando meu ombro dormente. Mas se bem que foi até melhor assim, todo mundo fica mais calmo depois de descansado. Depois de mais ou menos quatro horas, finalmente chegamos à *Grand Central Station*. Era isso aí.

Que bom que aquela não era minha primeira vez em Nova York, porque se fosse, eu esqueceria totalmente de Mason e do Sr. Aleine, correria para dentro de um daqueles onibuzinhos de turismo e passaria o dia inteiro visitando os pontos famosos. Mas já que Boston fica tão perto – quer dizer, só falta a disposição para se deslocar –, já tinha ido para lá algumas vezes. O suficiente para não parar em uma

rua escura enquanto procuro um teatro da Broadway, mas não o bastante para pegar o metrô sozinha sem sentir medo dos caras esquisitos que frequentam o local.

Mason, já acordado, deu o autógrafo ao meu mais novo amigo que se sentou ao meu lado – que, antes de irmos embora, disse que seu nome era Frank e recomendou alguns restaurantes nova-iorquinos, caso tivéssemos algum tempo livre –, e pegamos nossas mochilas.

Aquele episódio fez meu bom senso apitar pouco antes de sairmos da estação, me lembrando que se qualquer fã fotografasse Mason e jogasse a foto na internet, a notícia se espalharia tão rápido que chegaria em mamãe antes mesmo de chegarmos na Times Square. Se mamãe descobrisse pela internet que não estávamos numa excursão escolar, ela arrancava nossos fígados. E me trancava no meu quarto com direito a apenas uma refeição pelo resto da minha vida.

Puxei-o até a lojinha mais próxima que encontrei e comprei um gorro que era quase o dobro de sua cabeça. Mason acrescentou uma echarpe e os óculos escuros que trouxera na mochila, passando de astro famoso a apenas um hipster querendo inventar moda.

– Ele mora na rua 55 – Mason falou, enquanto andávamos para fora da estação. Estranhei o fato de ele saber isso, mas resolvi ficar quieta. – Prefere ir de metrô, táxi?

– Que tal irmos andando? – sugeri. Além do fato de meu bumbum estar quadrado, de tanto tempo que passara sentada e fazendo o mínimo de movimento possível, e de agora não termos mais risco de ser flagrados, não era exatamente desagradável andar pelas ruas de Nova York. E era noite, então a cidade inteira estava iluminada. Apesar de ser puramente artificial, era bonito de se ver.

Ele pareceu um pouco surpreso, mas concordou.

O clima estava agradável. Como ainda não estávamos exatamente no verão, não estava aquele calor horrível, típico de julho, que te deixa irritado facilmente por qualquer coisa. Estava fresco, com uma leve brisa soprando.

A cidade estava barulhenta como sempre, o que me deixou nostálgica. Lembrei-me de uma vez em que eu, mamãe e Mary fomos para lá quando eu tinha 11 anos. Em um dos últimos dias de nossa viagem, fomos assaltadas. Por sorte, a bolsa Fendi novinha que mamãe tinha comprado era falsa, então não foi uma perda tão grande. Mas um rapaz que distribuía folhetos da Broadway ficou com tanta pena de nós – mamãe fez um escândalo por causa da bolsa roubada –, que nos deu ingressos

grátis para assistir *Mamma Mia!* , então o dia acabou não sendo tão ruim.

Devo admitir que meus olhos doeram um pouco ao ver o letreiro da Coca-Cola e os cartazes brilhantes dos musicais na Times Square. Não estava acostumada a ver tanto brilho e glamour no meu dia a dia. E, não, Mason sentado na mesa com os pés para cima me pedindo limonada todos os dias não conta.

Que musicais será que estão passando? , pensei. Mas depois balancei a cabeça e me concentrei novamente. *Foco, Ronnie! Não esqueça que você fugiu de casa! Quanto antes você voltar sã e salva, melhor!*

Andamos algumas ruas passando por homens-estátua, carrocinhas de cachorro-quente, *muitas* garotas nova-iorquinas – que estavam muito no perfil das fãs de Boston Boys; mal sabiam elas que seu astro predileto estava passando calmamente a poucos metros de distância – e chegamos ao nosso destino.

Era um prédio enorme, branco e muito bem-cuidado. No hall, rapazes com ternos e moças com vestidos pretos e saltos altos atendiam às pessoas. Um grande lustre de cristal pairava no teto e duas mulheres com um olhar muito esnobe estavam na mesa branca, sem um grãozinho de poeira, da recepção.

– Nome? – perguntou a da esquerda, uma asiática com um coque muito bem-preso.

Mason engoliu em seco, depois disse:

– John Aleine, por favor.

Ela pegou um telefone que estava à sua frente, esperou alguns segundos e depois o estendeu para Mason. Mas ele não pegou. Ficou estático. Dava para ver que não queria falar com seu pai depois de tanto tempo para perguntar se podia subir até seu apartamento.

Percebi que a mulher estava ficando impaciente, e que a mão de Mason tremia de leve. Peguei o telefone, respirei fundo e coloquei-o no ouvido:

– Sr. Aleine?

– Ele não está no momento – fiquei extremamente aliviada por ouvir uma voz feminina e com um sotaque meio latino. – Quem gostaria?

– Hã… Mason McDougal está aqui. Ele gostaria de sub…

Mas antes que eu pudesse terminar de falar, a mulher do outro lado da linha soltou um grito de emoção:

– *Mi pequeño* está aqui? *Dios mío*! Subam! Subam!

– Obrigada – falei, com um pouco de incerteza e devolvi o telefone à

recepcionista.

– Falou com ele? – Mason perguntou, com um tom meio sombrio, enquanto entrávamos no elevador tão grande e com tantos espelhos que eu senti como se estivesse no País das Maravilhas.

– Não – respondi. – Uma mulher atendeu. E falou meio em espanhol comigo.

Ele sorriu. Pareceu mais calmo.

– É Carla. A empregada que eu te falei, que me conhece desde bebê.

– Oh… – pisquei duas vezes. – Então está explicado por que ela se referiu a você como "*mi pequeño*".

Ele ruborizou.

– Só ela mesmo pra me chamar assim… Ai, ai…

Dei um risinho. Pelo menos o primeiro contato não ia ser tão estranho quanto eu imaginava.

A porta do elevador chiquérrimo abriu direto na sala de estar. Não fiquei menos estarrecida: que sala! Senti como se pudesse me perder facilmente naquele lugar. Mas deu para ver logo que era uma casa de homem, pois a decoração era simples, sem muitos exageros. Embora quase tudo tivesse a mesma cor e simplicidade, nenhum daqueles móveis deveria ter custado menos de 800 dólares. O abajur de um metro e meio, ao lado do sofá branco e quadrado, devia ter custado uns 2 mil. Sei lá, minha opinião.

Fomos recebidos por Carla com um sorriso de orelha a orelha. Ela era baixinha, robusta e de pele morena. Usava um vestido preto, avental branco e uma touca prendendo o cabelo preto. Seus olhos castanhos e úmidos cravaram em Mason, e ela correu para abraçá-lo.

– *Mi pequeño*!

O abraço desfez a cara de preocupado que estava estampada em Mason até então, deixando-o mais alegre.

– Carla! Senti saudades!

Ela o soltou e disse, ainda no mesmo tom de excitação:

– Que surpresa maravilhosa! – ela virou o rosto para mim. – E quem é essa *chica*?

– Sou Ronnie – sorri para ela. – Mason mora comigo em Boston.

Ela arregalou os olhos, mas não desfez o sorriso.

– Quer dizer… – me atrapalhei. Nossa, eu sou mestre em me enrolar com as

palavras e insinuar coisas que não existem. – Minha mãe é produtora do programa dele e ofereceu nossa casa para ele ficar!

– Oh, entendo… – ela pareceu um pouco desanimada com minha resposta. – Todos os dias enquanto limpo a casa eu ligo a televisão e assisto ao programa do meu *pequeño*! – ela o abraçou novamente. – Orgulho da Carla!

Encabulado, ele se desvencilhou dela.

– Então… Como você está, Carla? Tem tempo que não falo com você.

– *Estoy* ótima, querido – ela sorriu. – Mas me conte, qual foi o motivo da visita?

O rosto dele endureceu.

– Eu vim… acertar umas coisas.

Carla ficou surpresa.

– Com *su padre*?

Ele hesitou, depois concordou.

– Isso é maravilhoso, querido! – ela segurou as mãos dele. – Então a Sra. McDougal finalmente conseguiu convencê-lo!

Na verdade, a Srta. Adams teve uma boa participação nessa história, pensei, mas não quis estragar o momento.

– Agora falta convencê-lo a lembrar que eu existo – ele disse, seco.

– Não fale assim – ela franziu a testa. – *Su padre* ama você, só… não sabe demonstrar isso como os outros.

– Hmpf, quero só ver.

O que ele disse e os segundos de silêncio logo em seguida contribuíram para deixar o clima tenso. Felizmente Carla conseguiu pensar rápido em algo para descontrair:

– Pra comemorar *su* visita vou preparar aquela *chili* que você adora, *mi pequeño*! Vocês podem comer enquanto esperam o Sr. Aleine chegar!

O ronco no meu estômago foi a resposta para a proposta de Carla. Depois de tantas horas sem comer, uma boa comida mexicana cairia muito bem. Além do mais, já que Mary detestava qualquer coisa picante, *chili* estava estritamente proibida de ser cozinhada lá em casa.

– Pode ser – ele pareceu menos emburrado.

– Ótimo! – ela bateu palmas e virou-se em direção à cozinha. – Querido, seu quarto está do jeitinho que você deixou. Tome um banho bem gostoso e vá descansar, eu aviso quando o jantar estiver pronto.

– Tudo bem.

Ele foi caminhando em direção às escadas. Estava pronta para segui-lo, quando uma mão segurou meu ombro:

– *Chica*.

Eu me virei e me deparei com Carla me olhando esperançosa:

– Sei que não é por acaso que você está aqui com ele, meu bem. Gostaria de agradecer por ajudá-lo a fazer as pazes com o pai – ela sorriu calorosamente.

Pensando bem, acho que toda essa minha irresponsabilidade e alto risco de ficar de castigo pelo resto da vida valeria a pena. Ficaria muito feliz se Mason finalmente se entendesse com seu pai. Sorri também. Parecia que *meu* pai estava comigo naquele momento, me olhando orgulhosamente por ter feito essa boa ação.

– Não foi nada – falei. – Só espero que dê certo.

– Oh, vai dar. Tenho certeza.

Assenti com a cabeça.

– Ah, esqueci de dizer. *El* quarto de hóspedes é o segundo à direita. Se precisar de algo pode chamar a Carlita.

– Obrigada – eu me virei e subi as escadas.

CAPÍTULO 31



Puxa, aquele quarto de hóspedes era maior que o *meu* quarto. Isso sem contar o banheiro. Mas ao ver que naquela casa tinham mais três quartos iguais àquele, fiquei me perguntando que tipo de vida o Sr. Aleine levava. Pelo que Mason contou, devia ser um homem bastante solitário, ainda mais tendo uma casa tão grande e só dividindo-a com a empregada, que nem devia dormir lá com frequência.

Deitei na cama de casal do quarto e respirei fundo. O lençol verde-claro tinha um cheiro delicioso de lavanda, o que me manteve deitada por um bom tempo. Peguei meu celular e deixei uma mensagem para mamãe – que, para variar, não atendeu – dizendo que cheguei bem e que ia jantar. Uma mensagem simples e rápida; tecnicamente eu não menti!

Depois de um tempo, Carla nos chamou e descemos para comer. Nossa, não era nenhuma surpresa Mason adorar aquele prato, ela cozinhava excelentemente! A fome misturada com o desejo de *chili* e o carinho com que ela deve ter feito aquilo contribuíram para uma maravilhosa refeição. Carla me contou algumas histórias de quando Mason era pequeno, mas as partes constrangedoras eram logo interrompidas por ele, que pedia a ela que mudasse de assunto. Foi uma noite bem mais tranquila do que eu imaginei.

Claro, porque o principal ainda não havia ocorrido. A qualquer momento o Sr. Aleine poderia entrar por aquele elevador e deixar a situação completamente tensa.

Quando fui ver o relógio, já eram quase onze horas e nada de ele aparecer. Seria possível que ele fosse tão viciado em trabalho que só chegava em casa tão tarde?

Perguntei isso à Carla e ela respondeu que o Sr. Aleine tinha avisado que chegaria mais tarde do que o normal nesse dia. Inclusive, disse para nós dois que

achava melhor que Mason tivesse uma boa noite de sono para acordar cedo no dia seguinte e resolver tudo. Seria um sábado, ele não teria que sair para o escritório.

– Acho melhor isso mesmo – falei, levantando da cadeira da sala de jantar. – Vou dormir também. Boa noite.

– Boa noite – ele disse.

– *Buenas noches* – Carla acenou para mim.

Acenei de volta e fui andando vagarosamente. Até que ouvi o barulho de outra cadeira se arrastando. Quando vi que Mason estava logo atrás de mim, indo para seu quarto, fiquei mais tranquila.

Acordei às dez da manhã graças ao despertador do celular. Imaginei que esse seria mais ou menos o horário em que Mason resolveria descer. Fiquei pensando se ele dormira calmamente ou não conseguira pregar o olho por causa do nervosismo. Rezei pela primeira opção.

Escovei os dentes, coloquei uma bermuda jeans, uma camiseta e abri a porta do quarto. Desci as escadas relutante, com medo de dar de cara com os dois e estragar a conversa, mas não vi sinal de nenhum dos dois. Ia me virar para ir até a cozinha e perguntar para Carla se eles estavam lá, mas nem precisei. Nesse exato momento ela apareceu na minha frente segurando uma bandeja fechada com um cheiro delicioso.

– *Buenos* dias, querida! Fiz um bolo de banana, espero que goste – ela disse, sorridente.

– Bom dia, Carla – falei, me sentando à mesa.

Cortei um pedaço e coloquei no prato já posto. Enquanto Carla servia suco de laranja no meu copo, resolvi perguntar:

– Eles já estão…?

– *Sí* – ela endureceu. Parecia que ela lera meus pensamentos. – Avisei a *mi pequeño* assim que o patrão acordou, que foi mais ou menos há uma hora. Estão lá na varanda até agora. Pelo que eu vi, está tão sério que eu nem me atrevo a ir oferecer um pedaço do bolo.

Dei um gole no suco e suspirei, preocupada. O fato de estar sério não significava que estava indo mal, certo? Vai ver que precisava ser assim para Mason desabafar o que sentia. Só pelo que ele me contara dava para ver que renderia um bom tempo de conversa. Mesmo tentando fixar esse pensamento na mente, ainda estava com um mau pressentimento.

Mais longos e silenciosos minutos se passaram. Fiquei muda, e Carla apenas

fazia uns comentários para jogar conversa fora de vez em quando.

Fiquei um bom tempo brincando com o garfo, até que cansei e subi para arrumar as minhas coisas. Somente depois disso desci e avistei a porta de vidro da varanda se abrindo.

Meu coração quase parou. Primeiro porque estava prestes a ver pela primeira vez o Sr. Aleine, e segundo porque não tinha a menor ideia de como Mason ou o próprio Sr. Aleine estavam, então não saberia o que dizer. Os dois poderiam estar rindo e se abraçando como uma família feliz ou podia sair um para cada lado sem querer olhar na cara do outro pelo resto da vida. E seria tudo culpa minha. Tudo dependia desse milésimo de segundo em que eu visse suas expressões.

Analisei a aparência do Sr. Aleine discretamente enquanto ele se aproximava. Mason se parecia mais com Lilly, mas alguns de seus traços eram familiares no pai também. Era um homem bem alto, de olhos castanho-escuros, um maxilar definido, sem um pingo de barba no rosto e com cabelos loiros curtos. Tinha uma pose um tanto intimidadora, o que me deixou ainda mais nervosa.

Assim que os olhos de Mason se encontraram com os meus, me senti um pouco tranquilizada. Ele estava sério, mas não como quando falara com Lilly há uns dias. Concluí que não aconteceu nenhuma das situações que imaginei: nem frieza total nem alegria, flores e corações.

– Espero que tenha entendido, filho – o Sr. Aleine tocou o ombro de Mason. – Eu prometo a você que vou mudar – para minha surpresa ele abriu um sorriso. Bem pequeno, mas consegui ver que ele não era tão assustador no fim das contas.

Mason parecia cansado, mas sorriu bem de leve ao ouvir essas palavras. Acho que ele realmente não esperava ouvir isso.

– Obrigado. De verdade.

O Sr. Aleine se virou e me viu parada, morrendo de vergonha. Cumprimentei-o timidamente.

– Obrigado por tê-lo trazido aqui. Não acredito que precisei que outra pessoa trouxesse Mason até mim para podermos conversar, Veronica.

Normalmente eu reclamaria por estar sendo chamada pelo nome, mas o Sr. Aleine não fazia o tipo que chamava as pessoas pelos apelidos. Ainda mais quem ele não conhecia.

– De nada… – respondi, encarando o chão.

– Que horas seu trem sai, filho? – ele perguntou à Mason, que pareceu surpreso,

não devia estar acostumado a ser chamado assim.

– Uma e meia. Acho melhor irmos.

– Já vão? – Carla falou, desanimada. – Que pena, ficaram tão pouco tempo…

– Deixe, Carla – o Sr. Aleine disse –, eles têm coisas para fazer. Mason fará um show em breve, precisa ensaiar – ele se virou para o dito cujo. – Me avise o dia do show, abrirei um espaço na minha agenda.

– Certo – ele assentiu com a cabeça, depois se virou para mim. – Vamos, Ronnie?

– Sim. Vou pegar minhas coisas – não quis discutir, achei melhor deixar as dúvidas para quando estivéssemos sozinhos no trem. Carla nos deu um abraço de urso e, choramingando, disse que poderíamos voltar quando quiséssemos para comer sua comida feita com muito amor.

Mesmo com Mason dizendo que não precisava, o Sr. Aleine insistiu para nos levar em seu Mercedes até a estação. Só não fomos no silêncio total durante o caminho porque o rádio estava ligado tocando Elvis Presley.

Quando estávamos prestes a embarcar, o Sr. Aleine, meio sem graça, segurou os ombros de Mason e disse, baixinho:

– Eu te amo, filho.

Ele arregalou os olhos. Não quis nem imaginar quando foi a última vez em que ele ouvira essas palavras. Meio em choque, ele deixou ser abraçado pelo pai, e abraçou-o de volta. Abri um grande sorriso, comovida.

– Tchau… pai.

Dito isso, entramos no trem, e enquanto ele começava a andar, acenamos para o Sr. Aleine da janela. Ele parecia feliz. Mesmo com aquela visita rápida pude ver que as coisas tinham melhorado. Confirmei esse pensamento quando ele disse "Eu te amo". Foi sincero, mesmo que com muito esforço.

– E então… – fui a primeira a falar depois que o trem partira. – Foi como você esperou?

Ele suspirou, depois olhou para os joelhos e disse:

– Eu não esperava que ele fizesse um discurso e depois me chamasse para assistir a um jogo de baseball com aquelas mãos enormes de espuma. Eu simplesmente falei o que estava entalado há um tempo e ele disse umas coisas também. Disse que sabia que não estava sendo o pai número um, admitiu ser viciado no trabalho e ter deixado de lado as pessoas próximas, e se desculpou por

isso.

Um pensamento veio à minha mente: será que esse era o motivo pela separação dos pais dele? Senti pena do Sr. Aleine. Ele não era uma pessoa ruim, apenas não conseguia expressar seus sentimentos direito. Eu vi como foi difícil para ele dizer que amava Mason, os músculos de sua face se enrijeceram totalmente. Imaginei como devia ser passar tantos anos sozinho, estando tão perto do filho, mas ao mesmo tempo tão longe. Meu coração se apertou.

– Ele disse que ia tentar tirar umas férias do trabalho e prometeu me ligar mais. Quem sabe a gente realmente vai num jogo de baseball? – ele deu um pequeno sorriso de lado.

– Vocês vão – assim que eu disse isso seus olhos azul-piscina se encontraram com os meus. – Eu sei que não o conheço, mas minha intuição diz que ele vai se esforçar.

– Essa sua "intuição" – ele fez o sinal de aspas com as mãos – é sempre de que algo vai dar errado e quase sempre se realiza. Mas vou confiar nela.

Ri de leve, mas depois fiquei séria:

– Desculpe por ter me intrometido.

– Por que está se desculpando?

– Sabe… Podia não ter acabado assim. Vocês podiam nunca mais querer se falar, podia ter dado muito errado. Eu sabia disso e mesmo assim quis continuar. Acho que quis compensar o fato de não estar mais com meu pai, aproximando vocês de novo. Mas eu estava ciente de que as consequências podiam ser péssimas. Fui egoísta. Desculpe.

Ele fez uma pausa, processando o que eu acabara de falar. Não tinha percebido isso até aquele exato momento. Acreditava que estava apenas fazendo uma boa ação, mas tinha uma pontinha de benefício próprio nisso. Senti um pouco de vergonha de mim mesma.

Mas, para minha surpresa, ele apenas sorriu ainda mais do que antes:

– Pois eu estou feliz que você se intrometeu. É, podia dar errado, eu mesmo sabia disso tanto quanto você. Mas é melhor se arriscar do que passar o resto da vida pensando sobre como eu perdi minha chance. Você fez uma coisa boa, Ronnie. Não pense o contrário – dito isso, ele se aproximou e me deu um beijo na bochecha. – Obrigado.

Meu coração deu um pulo. Toquei minha bochecha com a ponta dos dedos, me

perguntando se isso realmente acabara de acontecer. Mason nunca havia agido daquela maneira comigo. Nem parecia o idiota implicante que sempre era. Droga, por que eu estava ficando tão vermelha?!

Depois daquilo não fui capaz de dirigir palavra alguma a ele. Resolvi virar de lado, fingindo que estava descontraída, e tentar dormir. Não foi difícil, pois tinha acabado de almoçar na estação e estava me sentindo cansada.

Sonhei novamente com a Ronnie de oito anos atrás. Ela estava exatamente da mesma maneira que no outro sonho: ajoelhada no chão do quarto, triste.

Dessa vez eu não era um espectro. Ou, se era, tinha conseguido deixar de ser. Só sei que não pensei duas vezes ao ver aquela princesinha de porcelana quebrada e caída no chão. Peguei-a, juntei os cacos e me ajoelhei ao lado da pequena Ronnie.

Ela percebeu que eu estava lá, pois levantou o rosto e seus olhinhos castanhos se encontraram com os meus.

– Não fique assim – acariciei seu cabelo. – Você vai conhecer pessoas maravilhosas no futuro e vai ser muito feliz.

– Eu vou? – ela perguntou, limpando as lágrimas.

– Sim – sorri. Me levantei e estendi a mão para ela. – Eu prometo.

Hesitante, ela pegou minha mão e se levantou.

– Como você sabe disso? – ela perguntou.

– Eu… simplesmente sei – dei um risinho.

Depois disso, uma figura se formou atrás da pequena Ronnie, me fazendo arregalar os olhos. Quase caí para trás quando vi quem era. Reconheci os cabelos pretos, o porte atlético, os olhos castanhos, o suéter azul e os óculos quadrados.

– Estou orgulhoso de você, Ronnie – ele disse, sorrindo. – Eu te amo, minha princesa.

Meu queixo tremeu. Demorei alguns segundos para me recompor e, com lágrimas nos olhos, consegui dizer, antes que a imagem dele desaparecesse:

– Eu também te amo, pai. Muito mesmo.

CAPÍTULO 32



Com o episódio do Sr. Aleine terminado, achei que finalmente as coisas lá em casa em relação aos meninos fossem se acalmar. Mas estava enganada. Aquilo tinha sido apenas um aviso prévio de que um problema ainda mais sério estava por vir. Pena que fui descobrir aquilo tarde demais.

Chegamos em casa de volta da estação praticamente junto com mamãe. Ela estava voltando do mercado, o que claramente dava para perceber devido à quantidade de sacos de compra que ela segurava. Por sorte, ela estava tão ocupada descarregando o carro que fez apenas perguntas rápidas sobre a suposta viagem da escola.

– Como foi a excursão para Gloucester?

Tinha quase me esquecido da história que Mason inventara. De acordo com ele, nossa escola estava levando o terceiro ano para estudar de perto uma das cidades que fez parte da história da dinastia dos Tudors. E, convenientemente, o hotel que ficaríamos não tinha um "sinal de celular muito eficiente". Céus, como ele mentia bem.

– Olha… – Mason foi o primeiro a se pronunciar. – Foi bem diferente do que eu imaginei que seria.

– E isso é bom?

– De certa forma – ele sorriu.

– E você, Ronnie? Gostou?

Imediatamente ruborizei ao me lembrar do nosso pequeno episódio no trem. Eu sei que não foi nada demais, foi apenas um agradecimento de Mason por eu tê-

lo ajudado, mas mesmo assim! Foi algo totalmente fora do comum vindo dele!

– Sim. Foi… interessante.

– Que parte você mais gostou?

Mason, percebendo meu estado de nervosismo, não perdeu a oportunidade de piorar a situação:

– Acho que foi a volta para casa, Suzie. Só uma suposição – ele deu uma piscadela, me fazendo ficar, para variar, da cor de um carro de bombeiros.

– Hã? – mamãe pareceu confusa. – Por que logo…?

– Então, mãe, pra que tudo isso? Hoje nem é dia de fazer compras… – falei, ajudando-a com as sacolas, em uma tentativa desesperada de mudar de assunto.

– Ah, isso? Ora, se esqueceu de que Stephen vem aqui para almoçar amanhã?

Eu tinha me esquecido completamente daquele sujeito. Também, com tanta coisa que aconteceu naqueles últimos dias! Era o tal ex-namorado da mamãe que parecia muito animadinho em relação a ela e Mason. Não tinha ido muito com a cara dele.

– Quem é Stephen? – Mason perguntou, abrindo a porta de casa.

Expliquei brevemente o ocorrido, do nosso encontro surpresa com ele e de seu interesse em conhecer o astro dos Boston Boys.

– E esse cara vai vir almoçar aqui amanhã?

Assenti com a cabeça.

– Legal – ele deu de ombros, um tanto indiferente. – Vou subir pra tomar um banho – e deixou eu e mamãe sozinhas na sala.

– Mãe… – falei, meio hesitante. – Tem certeza de que isso é uma boa ideia?

Ela bufou.

– De novo com isso, Ronnie? Meu Deus, que implicância é essa?

– Nada, só minha intuição que está me fazendo desconfiar desse cara.

Mamãe revirou os olhos.

– Não vou reatar com ele, filha.

Arqueei uma sobrancelha.

– Está bem, se não acredita em mim, azar o seu – ela carregou as compras em direção à cozinha. – Mas não vou tolerar que você seja mal-educada.

– E quando que eu fui mal-educada com alguém que você trouxe pra cá? – cruzei os braços.

Ela começou a rir.

– O quê? – perguntei, não entendendo o motivo daquela súbita risada. Ela estava debochando de mim?

– Ah, Ronnie… Me divirto com você – ela deu dois tapinhas no meu ombro quando passou por mim para subir as escadas.

Então tá, se não confia na minha intuição, depois não diga que não avisei, pensei, emburrada. Eu tinha certo fundamento para pensar assim, já que ultimamente minhas suposições andavam se concretizando.

Deu uma e quinze da tarde do dia seguinte e a campainha tocou. Mamãe obrigou Mary e eu a ajudá-la a arrumar a mesa, que eu achei no final das contas um tanto exagerada. A última vez que tínhamos usado aquela louça especial foi na primeira vez em que Mason almoçou conosco. Ou seja, há um *tempão*.

– Stephen! – mamãe disse, sorridente, cumprimentando-o.

– Olá para todos – ele disse. Sua careca estava praticamente brilhando, e ele usava uma camisa social verde e uma calça elegante. Também segurava uma garrafa de vinho.

Stephen foi falando com um de cada vez; primeiro mamãe, depois Mary, eu, e por último Mason. Assim que o viu, ficou maravilhado. Por um breve momento minha imaginação fértil instigou se ele tinha algum parentesco com Piper.

– É um grande prazer conhecê-lo! – Stephen sacudiu a mão de Mason que segurava.

– Obrigado – ele sorriu.

Nos sentamos à mesa e Stephen, depois de dar uma fungada, comentou:

– Hmmm, que cheiro gostoso! É salmão?

– Sim – mamãe respondeu. – Espero que goste.

Parecia que Mary tinha lido meus pensamentos, pois, assim que os dois disseram isso, trocamos um olhar rápido e desconfiado na mesma hora.

– Então, Mason… – Stephen começou a conversar, entre garfadas. – Como está indo a vida de celebridade?

– Ah, muito boa – ele respondeu. Não esperava que ele fosse ser modesto e dizer: "Celebridade, eu? Que isso…"; ele foi bem direto. – Estou adorando o programa.

– E a banda?

– A banda também, claro. Aliás, em três semanas vamos fazer nosso primeiro show – ele disse, estufando o peito.

– Isso é fantástico! – ele virou o rosto para mamãe. – Deve estar muito orgulhosa dele, não?

– Com certeza – ela respondeu, sorridente. – Vai ser um sucesso.

– Mas me conte, Mason… Isso é algo que sempre tive curiosidade em saber – ele voltou a sua posição original. – O que surgiu primeiro? A banda ou o programa?

Mason pensou um pouco, depois respondeu:

– Foi tudo junto. Eu, Henry e Ryan passamos no teste do programa e gravamos umas músicas para serem usadas na estreia de *Boston Boys*. Foi tão simultâneo que os dois têm o mesmo nome.

Stephen ouvia fascinado.

– Vejo o disco de vocês em todas as lojas que vou – ele falou. – E sendo o líder, você aproveita ainda mais o sucesso, não é?

Nesse momento, Mary, que comia entediada do meu lado, olhou Stephen nos olhos e resolveu se manifestar:

– O que quer dizer com isso? – acho que ela tentou esconder sua indignação diante do que ele acabara de falar, mas não obteve sucesso.

– Ora, a maioria das pessoas gosta mais do líder, é ele quem recebe e merece mais atenção dos fãs. Estou errado? – ele deu um gole no vinho.

– Você não devia tirar esse tipo de conclusão – Mary disse, seca.

– Como não? Mason fica ótimo com os holofotes apontados para ele. Ele nasceu com esse espírito de liderança. Por acaso é do signo de Leão?

– Stephen riu. Dessa vez até eu fiquei um pouco apreensiva.

– E desde quando astrologia define talento?

Uau. Tinha que admitir, ele estava merecendo aquelas respostas. Era um tanto sem noção, não?

Percebendo a súbita raiva nos olhos da filha mais nova, mamãe resolveu mudar de assunto para evitar uma confusão futura:

– Então, o que estão achando do salmão?

– Maravilhoso! – Stephen elogiou e, por sorte, não percebeu o olhar fuzilante do outro lado da mesa direcionado a ele.

Depois disso, ninguém mais tocou no assunto "Boston Boys". Conversamos – na verdade, oitenta por cento foi só Stephen contando suas experiências – sobre coisas variadas e desinteressantes, até que finalmente chegou a hora de ele ir embora.

– Gostei muito do almoço – disse Stephen, andando até a porta. – Foi um prazer te reencontrar, Susan. Vocês também, meninas – ele acariciou minha cabeça, depois a de Mary, que fez uma careta nada discreta. – E, Mason, parabéns pelo show e pelo sucesso. Espero que nos vejamos mais vezes – e apertou a mão dele com força. Com muita força, aliás. Tinha algo estranho naquilo, pois quando soltou a mão de Stephen, Mason tomou cuidado para manter o punho fechado. Ah, não. Era isso mesmo que eu estava pensando?

– Até logo, Stephen – mamãe se despediu dele com dois beijos na bochecha e fechou a porta.

– Não gosto desse cara – Mary disse, curta e grossa, no segundo em que ouviu o claque da porta.

– Ah, filha, por favor – mamãe passou por ela e começou a arrumar os pratos.

Assim que percebi que nenhuma das duas prestava mais atenção em nós, cochichei no ouvido de Mason: – Que foi que ele te deu, hein?

Ele me encarou confuso.

– Como você…?

Poupei-o de explicações, peguei sua mão direita e a abri. Lá estava, dobradinho, um cartão escrito *Podolack Records*, dois números de telefone e o e-mail de Stephen.

– Eu vi – falei, seca. – Agora quero saber o que você vai fazer em relação a isso.

– Eu não sabia o que era, só senti um pedaço de papel na mão. Mas agora que sei não vou fazer nada – dava para ver que ele estava se sentindo pressionado. – O quê? Não confia em mim?

Não disse nada.

– Ronnie, eu e Suzie estamos juntos nessa. Não vou largar tudo o que conquistei até agora só porque um empresário musical falido veio puxar o meu saco.

Suavizei a expressão. Ele parecia sincero.

– Está bem.

– Vou ter que me reunir com Henry e Ryan para decidir umas paradas do show – ele abriu a porta. – De noite eu tô de volta. Tchau.

A princípio fiquei levemente incomodada com o fato de ele convenientemente ter que se reunir com os garotos bem na hora de lavar a louça, mas depois outra coisa me preocupou ainda mais. Mason não rasgou, amassou ou jogou fora o cartão de Stephen antes de sair.

Ele o guardou no bolso.

CAPÍTULO 33



Mason e mamãe praticamente sumiram nas últimas três semanas. Agora que estávamos em junho e as aulas tinham acabado, eu não tinha nem o fator escola para vê-lo. Toda manhã acordavam supercedo e à noite voltavam supertarde, e nas raras vezes em que voltavam mais cedo, mamãe passava o tempo todo no telefone, decidindo umas coisas com o pessoal do show e Mason se trancava no quarto para pensar na seleção de músicas. Confesso que nunca o vi tão esperançoso de que algo desse certo. O mais próximo disso foi quando fomos ver o Sr. Aleine.

Mesmo muito ocupada, mamãe não deixou de receber Stephen lá em casa pelo menos umas três vezes. A presença daquele cara, mandando indiretas não só para ela, mas também para Mason, já estava enchendo minha paciência. Não comentei com mamãe sobre o cartão porque sabia que Mason também não me deduraria. Eu tinha que confiar nele. Mas confesso que de uns tempos para cá pensara várias vezes em revelar tudo.

Já estava quase no dia do show, então a casa estava praticamente em silêncio; eu e Mary éramos as únicas a fazer os trabalhos domésticos.

Enquanto ia levar o lixo para fora, dei de cara com Piper em cima de uma árvore em frente à minha casa espiando o segundo andar com um binóculo, muito indiscretamente.

– Acho que vou pegar uma serra elétrica e já volto – comentei.

– Há-há – ela tirou os binóculos. – Muito engraçada, Adams.

– Nós nos conhecemos há sete meses e você ainda faz questão de falar o meu sobrenome toda vez que nos encontramos?

– E por que não falaria? – ela levantou uma sobrancelha. Resolvi não perder

mais meu tempo discutindo.

De repente, uma ideia surgiu em minha mente. Era algo totalmente fora dos meus princípios e valores, mas tinha acabado de receber um aviso dos céus, uma oportunidade de esclarecer tudo.

– Vai ao show? – perguntei.

Ela não mexeu um músculo. Mentira, empinou um pouco o nariz.

– É claro.

Droga. Um ingresso seria o meio perfeito para convencê-la a fazer o que eu tinha em mente. Mas, pensando bem, Piper era do tipo que enfrentava todas as fãs com unhas e dentes só para conseguir o primeiríssimo ingresso a ser vendido. Pensei um pouco e resolvi jogar outra carta:

– Sabe que os camarins vão estar cheios de seguranças para garantir que pessoas como *você* – quis dar ênfase à palavra, para que Piper pudesse finalmente perceber que não se encaixava em um tipo de pessoa *normal* – não incomodem os garotos – fiz uma pausa. – Se bem que… Se você tivesse uma autorização, poderia até entrar, quem sabe…

Ela desceu da árvore, intrigada.

– O que você quer, Adams?

– Fazer um acordo, Longshock – falei, tentando incorporar sua atitude séria diante de qualquer assunto. – Se você ficar de olho em alguém por mim, posso conseguir um passe para você.

Ela arregalou os olhos. Nossa, eu estava me sentindo o Don Corleone[11]

falando. Mantive a pose de mafiosa enigmática para fazer jus à minha proposta.

– Quem é? – ela pareceu interessada.

– Stephen Podolack. Veio pra cá algumas vezes.

– O careca engomado?

– Exatamente! – fiquei aliviada. Meio caminho já estava andado.

Piper cruzou os braços.

– Se eu for atrás desse cara e descobrir seja lá o que for dele, eu ganho um passe para o camarim?

– Isso.

Ela pensou um pouco.

– Está bem. Mas quero o passe em minhas mãos hoje à noite.

Engoli em seco. Não podia perder aquela chance. Eu me virava com mamãe

depois.

– Feito – estendi a mão.

– Nunca pensei que faria algum trato com você, Adams – ela apertou minha mão com um sorriso esperto.

••••

O resultado do meu trato foi quase imediato. Na noite seguinte, Piper me ligou e narrou o trajeto inteiro de Stephen até seu estúdio. Estava quase dormindo em cima da mesa do meu quarto, enquanto ela falava sobre o café do Starbucks que ele tomava enquanto digitava umas coisas em seu laptop, quando um grito abafado chamou minha atenção.

– Piper? O que houve?! – apertei o celular com força contra o ouvido.

Depois de um silêncio de quase trinta segundos, ela finalmente falou:

– Não acredito.

– O quê?!

– Acho melhor você ver com seus próprios olhos.

Nesse momento meu celular apitou dizendo que eu recebera uma imagem por mensagem. Assim que a abri, quase caí para trás.

A foto mostrava Mason, com uma capa de chuva e óculos escuros, parado na porta da *Podolack Records*.

– Ainda está aí? – Piper perguntou, diante do meu silêncio.

Respirei fundo, ainda não acreditando totalmente no que acabara de ver, e respondi, tentando me recompor:

– Sim. O que está acontecendo agora?

– Eles estão conversando. Stephen ofereceu um café para ele. Estão rindo. Agora se sentaram na mesa dele e voltaram a falar sério.

Estava me sentindo como se tivesse levado uma punhalada nas costas. Mason havia mentido não só para mim, mas para todo mundo. Traiu a confiança de todos, principalmente de mamãe, Henry e Ryan, que estavam dando tudo de si para que o show fosse perfeito. Como ele tinha coragem de ir ver outro empresário um dia antes de seu primeiro show?!

Pensei seriamente em largar o telefone e sair correndo até o quarto de mamãe, mas não podia deixá-la estressada. Ela precisava descansar, depois de tanto trabalho

que tivera nessas últimas semanas.

No entanto, não podia deixar aquilo barato, de jeito nenhum. Mason devia muitas explicações, e eu ia arrancá-las dele, uma a uma, não importava como ou quando.

Infelizmente não consegui ver a que horas ele voltou, e mesmo com muita raiva, sabia que ele também precisava descansar. Ele tinha um show no dia seguinte. E isso só me deixou ainda mais revoltada.

••••

Fomos cedo para a casa de shows porque eles precisavam fazer um ensaio geral e ver se todos os equipamentos estavam certinhos. O bom disso foi que Jenny pôde – e quase beijou os pés da minha mãe quando lhe dei essa notícia – entrar nos bastidores comigo. Pena que não éramos exatamente as únicas que podiam entrar lá.

– O que *ela* está fazendo aqui?! – Karen quase deu um berro ao dar de cara com sua "arqui-inimiga".

– Karen, é tão bom te ver também! – Jenny, ao contrário do que eu esperava, apenas a abraçou. Acho que isso teve um efeito de deboche ainda melhor do que se ela soltasse os cachorros. – Vamos ficar o show inteiro uma do ladinho da outra! Não é ótimo?

Karen não disse nada, fez apenas aquela cara de irritada franzindo o nariz, como sempre fazia.

– Hmpf – ela jogou o cabelo para o lado e saiu andando.

– Boa, Jen! – falei, rindo.

– Eu sei – ela estufou o peito. – Vem, vamos pegar uns sanduichinhos! – e ela me puxou até a mesa no centro da sala atrás do palco, cheia de guloseimas. Aquilo deveria sustentar todo o pessoal pelas próximas horas.

Depois de mais ou menos meia hora comendo e jogando conversa fora, Jenny resolveu perguntar:

– Cadê os meninos? O ensaio geral já não acabou?

Pensando bem, era verdade. Quer dizer, Ryan e Henry deram um "oi" rápido antes de subirem ao palco, mas Mason nem dera as caras. Será que ele pegou Piper em flagrante? Não, ela era mestre em se esconder devidamente… Argh, até quando

ele pretendia esconder o que tinha feito na noite anterior?

Mas infelizmente eu tinha o mínimo de bom senso, e sabia que não podia abordá-lo ali, com tantas pessoas olhando, e algumas horas antes do show. Teria que engolir a minha indignação até pelo menos o dia seguinte, para não estragar tudo. O problema foi que isso ficou quase impossível com o pedido que mamãe fez:

– Ronnie, aproveita que você não está fazendo nada e leva um lanchinho pros meninos?

– Por que eu? – eu fazia essa pergunta normalmente, mas hoje eu realmente tinha um motivo para não querer olhar na cara de Mason.

– Porque eu estou pedindo – ela colocou as mãos na cintura.

– Mas…

– Ah, vamos, Ronnie! – Jenny segurou minha mão. – Eu vou com ela, tia, pode deixar.

Suspirei. Não dava para escapar daquela situação. Pegamos três sanduíches grandes de presunto, queijo, alface e tomate. Jenny, segurando dois dos pratos, falou, quando paramos em frente à porta do camarim do meio:

– Vai entrando aí, vou chamar os outros pra ver se todo mundo come junto.

E antes que eu pudesse contestar, ela bateu na porta e saiu andando apressada. Podia jurar que tinha visto um risinho escapando de seus lábios.

Calma, Ronnie. Não diga nada. Fique calma, repeti para mim mesma enquanto ouvia os passos se aproximando e a porta do camarim se abrindo.

– Oba! – Mason disse, ao encarar o sanduíche pronto para ele. – Era disso que eu tava precisando! – ele pegou o prato da minha mão e virou de costas.

– Então por que você simplesmente não saiu, deu alguns passos e foi até a mesa? – perguntei com incerteza.

– Estava ocupado – ele tirou o celular do bolso – falando com certa pessoa que há pouco tempo me prometeu vir hoje ao show.

Sr. Aleine, pensei, reconfortada. Era bom saber que Mason já se sentia à vontade falando com o pai pelo telefone. Mas mesmo estando feliz por ele, meu ódio não havia diminuído. Assenti com a cabeça, sem mexer um músculo do rosto.

– Entra aí – ele sentou na sua cadeira em frente ao espelho.

Ainda rígida, dei alguns passos para frente. O camarim não era muito grande, mas estava todo decorado com pôsteres de bandas antigas que vieram tocar naquela casa de shows, tinha um sofazinho de couro no canto, uma arara cheia de roupas, a

cadeira na qual ele estava sentado, na sua frente um espelho grande com lâmpadas em volta e uma mesa embaixo com umas roupas jogadas, maquiagem e um laptop.

– Está tudo bem? – ele perguntou, dando uma mordida no sanduíche. Parecia que ele percebera que eu estava evitando o máximo possível fazer contato visual.

– Sim… – disse, baixinho.

Ele não pareceu convencido.

– Ronnie, eu te conheço. Tá fazendo aquela cara que você faz quando tá guardando uma coisa muito ruim pra si mesma.

Respirei fundo. Não é que ele me conhecia mesmo? Droga!

– Não é nada, sério.

Ele se levantou da cadeira.

– Vou te incomodar até você falar – ele sorriu maliciosamente.

Dei um passo para trás.

– Fala! – ele começou a me cutucar em diferentes áreas sensíveis do corpo. – Fala, fala, fala, fala…

– PARA, MASON! – gritei, batendo o pé. – Você não está numa posição pra ficar fazendo brincadeirinhas achando que está tudo bem!

Ele se assustou com minha súbita explosão e depois ficou confuso:

– Como assim? Você tá chateada comigo?

Apertei os punhos.

– Eu vou embora.

Ia me virar e sair de lá o mais rápido possível, mas fui surpreendida com a mão dele agarrando o meu braço.

– Ronnie, fala! O que eu fiz?

Virei para ele lentamente. Ele não ia desistir de jeito nenhum. Não aguentei e coloquei para fora o que estava entalado na minha garganta:

– Onde esteve na noite passada?

Ele piscou duas vezes.

– Na casa do Henry.

Permaneci absolutamente séria. Agora ainda mais decepcionada. Ele tinha a oportunidade de contar a verdade, mas mesmo assim preferiu mentir na cara de pau.

– Mason. Não minta pra mim.

Ele arregalou os olhos.

– Eu vi! – peguei meu celular e mostrei-lhe a foto que Piper tirara. – Casa do Henry, né?

Ele empalideceu completamente ao ver aquela foto.

– E então? O que tem a dizer? – cruzei os braços.

– Eu… – ele engoliu em seco. – Olha, eu nunca tive nenhuma intenção de largar a sua mãe e…

– Ah, por favor! Então por que foi até ele?! Por que não jogou fora o cartão dele como disse que ia fazer?! – olhei em seus olhos. – Por que você mentiu?

As mãos dele tremiam freneticamente, e ele segurou meus ombros: – Eu fui fraco, tá?! – ele suspirou, nervoso. – Eu não queria, realmente não queria me envolver com esse cara, mas ele insistiu tanto e prometeu tantas coisas…

– E o que ele disse?!

– Disse que eu me daria muito melhor seguindo carreira solo. Me mostrou antigos cantores que ele produziu, disse que eu ganharia mais dinheiro, mais fama… E eu não resisti.

Balancei a cabeça negativamente.

– Inacreditável.

– Me desculpe… – senti a culpa em seu tom de voz.

– Não é comigo que deve se desculpar – me aproximei, com o dedo indicador apontado para seu peito – É com Henry, Ryan, minha mãe e todo mundo que trabalhou duro pra fazer *você* brilhar.

Ele levantou a cabeça. Pensei que tudo ia ficar bem e quando fosse o momento certo ele seria sincero com os meninos, mas não foi o que aconteceu. Ele ficou completamente pasmo, e percebi que ele estava olhando para a porta. Alarmada, virei rapidamente a cabeça, e dei de cara com pessoas que realmente não deveriam ter ouvido aquilo. Não daquele jeito.

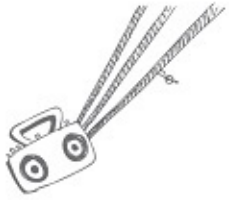
Jenny estava parada segurando dois sanduíches. Ao seu lado estavam Henry e Ryan.

E, por suas expressões chocadas, certamente eles ouviram tudo.

---

11 Chefe da máfia da série *O Poderoso Chefão*.

CAPÍTULO 34



– Não – foi tudo o que consegui dizer. Minha garganta ficou seca. Ryan e Henry estavam completamente pasmos diante do que tinham acabado de ouvir. Por que eles tinham que aparecer logo agora?! Todo o meu esforço para evitar que justamente algo desse tipo acontecesse fora por água abaixo!

Engoli em seco já esperando a bomba que ia vir. Se eu estava nesse estado de pânico, Mason estava pelo menos dez vezes pior. Aquilo definitivamente não ia acabar bem.

O primeiro a falar foi Ryan:

– Isso é verdade?

Mason não sabia o que dizer. Só de olhar para ele pude perceber que estava completamente perdido, não tinha a menor ideia do que dizer para se redimir. Se é que ele tinha algum argumento.

– Desculp… – foi tudo o que ele conseguiu falar.

– Você foi ver AQUELE CARA?! – Henry deu um soco na porta, o que fez Jenny dar um pulo de susto. – Como você pôde fazer uma coisa dessas com a gente?!

– Henry! – Mason foi até ele. – Olha, eu nunca tive a intenção de agir pelas costas de nenhum de vocês!

– Mas foi exatamente o que você fez! – foi a vez de Ryan de se manifestar. – Que tipo de amigo faz uma coisa dessas?! E um dia antes do nosso primeiro show?!

Definitivamente, os dois não estavam errados em perder a cabeça, mas ver Mason em um estado tão sufocado me deixava desconfortável. De alguma forma, a

raiva que eu estava sentindo dele havia diminuído, só pelo fato de vê-lo contra a parede daquele jeito.

A respiração de Mason estava cada vez mais curta, devido ao seu nervosismo:

– Gente, eu sei que pisei na bola! Peço desculpas, de verdade!

– E o que garante que você não vai correndo atrás de outro produtor baba-ovo que aparecer, hein?! – Henry praguejou. – É sempre assim, né? Sempre preocupado com seu umbigo! E o resto que se dane, né?!

– Isso não é verdade! – Mason protestou.

– Ah, não?! – Henry disse. – Qual foi a última vez em que você pensou na *nossa* carreira em conjunto antes da *sua*? Você sempre foi assim, Mason! Desde que a gente era pequeno, era sempre "eu vou ser um astro!", "eu vou ser famoso"! Eu! Eu! Nunca nós!

Tive que dar um passo para trás. Nunca tinha visto Henry tão furioso como naquele momento. Uma veia pulsava em sua testa, e seus punhos fechados estavam prontos para socar qualquer um que entrasse em seu caminho.

– Além disso é um traidor! – Ryan vociferou. – Esperando o melhor momento pra dar uma punhalada nas costas de quem confiava em você!

Ao ouvir isso, Mason mudou de assustado para indignado:

– Ah, interessante *você* falar de traição, Ryan! – e Mason entrou na briga também. – Se me lembro bem, foi *você* quem deixou escapar ao Sr. Barnes que a esposa dele o traía!

O rosto de Ryan ficou branco. Levei as mãos à boca, estupefata. Agora aquilo tinha se tornado sério. Henry virou de lado, agora com a expressão ainda mais incrédula:

– Como você pôde fazer isso?!

– E-ei! – Ryan se engasgou com a própria saliva. – Você mesmo tinha dito que seu pai estava desconfiando de algo e que se a gente soubesse de alguma coisa, era para contar para ele!

– E quem é você pra decidir se o casamento dos *meus* pais deve continuar ou não?!

Ryan, agora desesperado com a acusação e enfurecido com quem havia o dedurado, apontou o dedo para Mason:

– Para de tentar escapar do *seu* problema apontando o dedo para os outros!

– Bom, mas a carapuça serviu, né?! – Mason cruzou os braços, e isso fez Ryan

quase soltar fumaça pelas ventas.

– Então eu sou a única pessoa honesta nessa droga de banda?! Estive vivendo com dois hipócritas o tempo todo?! – Henry gritou.

– Ah, *você*?! – Ryan deu um riso irônico. – Não era *você* quem sempre falava do Mason pelas costas, dizendo que ele não merecia toda essa atenção? Quantas vezes você já pensou na possibilidade dele nunca ter entrado no programa?

Não dava para acreditar naquilo. Uma simples ida ao estúdio de Stephen tinha resultado em um show bizarro de revelações obscuras de cada um deles. E isso contribuiu para deixar os três completamente enfurecidos uns com os outros, colocando muita coisa em jogo.

Jenny e eu não dizíamos nada, só trocávamos olhares desesperados, já que nada que disséssemos melhoraria a situação. Lá estávamos nós, faltando pouco tempo para o show começar, provavelmente com as fãs já do lado de fora, ouvindo Mason, Henry e Ryan gritando as piores ofensas um para o outro. Realmente um cenário catastrófico.

– Não posso acreditar que eu considerava vocês meus melhores amigos! – Henry gritou, e dessa vez ele tinha realmente pegado pesado.

– Pra mim deu. Não vou mais ficar perto de otários que só ligam pra si mesmos! – Ryan comentou.

– Achei que pudesse conversar com vocês de maneira civilizada, mas se vocês preferem agir que nem babacas, por mim tudo bem! – Mason rosnou. – Não subo no palco com vocês de jeito nenhum.

Meu queixo caiu no chão. O que eu mais temia que acontecesse veio à tona. O show estava cancelado. Não só isso, mas tinha uma grande chance dos Boston Boys se separarem de vez!

E, para piorar ainda mais a situação, mamãe, depois de ouvir a gritaria, veio correndo até o fogo cruzado:

– Mas o que diabos está acontecendo aqui?! Dá para ouvir vocês lá do estúdio de iluminação!

Henry foi o primeiro a dar um passo para fora do camarim e falar para uma Susan muito nervosa:

– Foi mal, Suzie. Mas não vai ter mais show – e ele saiu andando em direção ao seu camarim.

Ela arregalou os olhos.

– Como assim não vai ter show?!

– Acabou, Suzie – Ryan se retirou também, e logo ouvi duas batidas fortes das portas dos camarins de cada um.

– Mason! – mamãe agarrou os ombros dele. – Isso é algum tipo de brincadeira?! Me conte o que está acontecendo agora, antes que eu tenha um ataque cardíaco! O que deu em vocês?!

Mason parecia arrasado.

– Não dá pra conversar agora, Suzie. Preciso ficar sozinho um pouco.

Mamãe estava completamente embasbacada.

– Mãe – disse baixinho, segurando a manga da camisa dela. – Vamos conversar lá fora – eu a puxei e, junto com Jenny, deixamos aquele camarim, que ficou marcado na história como o lugar onde os Boston Boys tiveram a briga mais pesada de todas. Uma que, talvez, não teria volta.

E o tempo foi passando. Minutos se transformaram em horas, as mais desconfortáveis que já passamos. Ninguém abria a porta, a produção mal se falava e mamãe estava sofrendo um ataque de nervos. E, pior, chegou uma hora em que conseguimos ouvir as fãs entrando alucinadas, e gritando para que os três subissem ao palco logo. Mal sabiam que tinham pago pelo ingresso à toa e que logo, logo iam sofrer uma bela decepção.

Assim que Jenny percebeu o estado de nervos em que mamãe entrou, pegou um saco de papel que estava largado na mesa e lhe entregou para que ela pudesse respirar nele. Contei a ela o que aconteceu, escolhendo as palavras para não deixá-la ainda mais desesperada.

– Esse show não pode ser cancelado – ela disse, balançando a cabeça negativamente. – Escutem só! – ela apontou para a entrada do palco. – Elas estão esperando! O que vamos dizer?! Pedir pra que todas voltem para casa?!

– Calma, tia – Jenny deu tapinhas nas costas dela. – Vamos resolver isso, eu acho – ela me encarou com incerteza.

Mamãe largou o saco e olhou fundo nos meus olhos.

– E tudo o que eu trabalhei por isso? Depois de tanto que Marshall e toda a equipe se dedicaram para conseguir erguer os meninos ao topo?! Tanto tempo e esforço vão ser jogados fora assim?!

Ela agora respirava ainda mais freneticamente. Suas mãos tremiam tanto que ela amassou o saco e deixou-o cair no chão.

– Mãe, se acalma – estava começando a perder a minha pose de tranquilidade para tentar ajudar mamãe.

Mas ela não se acalmou. Pior, começou a ficar branca, tremer o corpo inteiro e lacrimejar.

– Mãe?! – arregalei os olhos.

E ela caiu desmaiada bem na minha frente. Levei pouco mais de um segundo para processar o que tinha acabado de acontecer, depois soltei um grito aterrorizado:

– MÃE!!!!

– Socorro! Socorro! – Jenny se levantou e me complementou.

Rapidamente a porta da sala na qual estávamos se abriu, e a equipe inteira, Mary, e até os meninos entraram esbaforidos.

– O que aconteceu?! – Mary caiu de joelhos ao ver a cena.

– Ela desmaiou! – falei, prestes a cair dura também devido ao nervosismo que tomou conta de mim.

– Suzie! – os meninos avançaram até conseguirem ver. Tentaram animá-la de várias maneiras possíveis, mas não obtiveram nenhum resultado.

– Vou ligar pra emergência! – Jackson Joy, o dono da casa de shows, que estava conosco, puxou seu celular e discou o número em um milésimo de segundo.

Poucos minutos depois, uma equipe de médicos entrou nos bastidores, pedindo que todos se afastassem. A última coisa que vi antes de fecharem a porta foi um deles abrindo sua maleta enquanto o outro deitava mamãe no sofá.

Não durou muito tempo, mas para mim parecia que horas haviam se passado. Todos estavam em silêncio, exceto Mary, que chorava baixinho com o rosto afagado na camisa de Ryan.

A expressão dos meninos mostrava total preocupação. Estavam tão tensos com aquilo tudo que nem pareciam mais estar bravos uns com os outros. Claro, não estavam conversando alegremente, mas pelo menos trocavam olhares sem virar o rosto.

De repente, a porta da sala se abriu, e um dos médicos, agora sem os óculos, tinha um semblante calmo.

– Ela vai ficar bem. Só precisa descansar.

Suspiramos todos ao mesmo tempo, fazendo um coro.

– Graças a Deus – falei, soltando a mão de Mason que estava apertando até

então.

O médico se aproximou de nós e dirigiu o olhar a mim:

– Você é a Ronnie, certo?

– Sim. Por quê?

– Susan pediu que só você entrasse para vê-la.

Estranhei um pouco aquilo, mas caminhei com passos rápidos até a sala, e o médico que estava ajoelhado cuidando de mamãe no sofá se levantou para nos dar privacidade.

– Você não tem ideia do susto que nos deu – falei para ela, beijando sua testa.

– Me desculpe – ela disse, com um sorriso –, não queria causar esse alvoroço todo.

– Tudo bem. O importante é que você descanse para ficar nova em folha.

– Sim, sim, vou descansar. Só gostaria que você me fizesse um favor.

– Claro, o que quiser – segurei sua mão.

– Vá falar com os meninos.

Mordi os lábios.

– Agora que eles sabem que você está bem vão se enfurnar cada um em seu camarim de novo.

– Não vão, não. Vamos, Ronnie, por favor. Você pode convencê-los a fazer as pazes!

Confesso que naquele tempo em que esperávamos o diagnóstico de mamãe, comecei a me sentir péssima por confrontar Mason naquela hora e naquele lugar. Tecnicamente a culpa disso, em parte, foi minha. Se não fosse por mim, mamãe não teria sofrido esse ataque de pânico, nem os meninos teriam brigado.

Mas, mesmo assim, o que eu ia dizer? Não fazia a menor ideia!

– Por que você acha isso? Nenhum deles me leva a sério!

– Você tem uma ligação com eles diferente de todos nós, filha – ela sorriu levemente. – Depois de tanto tempo convivendo com eles, ainda não percebeu isso?

Olhei para meus sapatos. Ligação? Como assim?! Se irritar facilmente com eles era uma ligação? Desejar que eles comprassem uma passagem só de ida para bem longe era uma ligação?

É o tranquilizante falando. Só pode ser.

Suspirei ao olhar para aqueles olhos amendoados cheios de esperança. A quem eu estava querendo enganar? Assim que ouvi os três dizendo que nunca mais

queriam olhar na cara um do outro, senti um vazio no peito. Tudo bem, eles me tiravam do sério mais do que qualquer coisa, mas, pensando bem, já estava tão acostumada com eles na minha vida diária que seria… quase… ruim se eles fossem embora!

Flashbacks começaram a invadir a minha mente. Eu me lembrei do primeiro momento em que os encontrei, de quando viajamos para o Canadá naquele avião incrível, quando fomos envolvidos nos escândalos absurdos da revista *Pop!,* quando Henry foi sincero comigo dizendo que não queria me beijar à força, quando Ryan se mostrou totalmente altruísta ao largar tudo o que estava fazendo para salvar minha irmãzinha de um grande constrangimento, de quando Mason me agradeceu por ter ajudado em seu relacionamento com o Sr. Aleine, e me deu aquele beijo no rosto…

Não. Eu tinha que impedir que eles cometessem o maior erro da vida deles.

– Mãe – me levantei, convicta. – Eu vou.

CAPÍTULO 35



Peguei meu celular e liguei para cada um dos três, pedindo que fossem me encontrar no último camarim, que estava vazio. Inventei uma desculpa que mamãe me dissera algo e pedira somente para contar a um deles. Isso atiçaria a curiosidade, e eles não saberiam que eu planejava um encontro.

Ryan foi o primeiro a entrar, seguido por um indignado Henry e um confuso Mason.

– O que esses dois estão fazendo aqui?! – Henry esbravejou.

– Não acredito… – Ryan bufou.

– Boa tentativa, Ronnie – Mason falou, virando as costas.

– ESPEREM! – gritei, correndo até a porta e fechando-a. Que bom que Mason não resistiu, porque comparando minha força com a dele, ele poderia facilmente ter me arrancado de lá e saído do camarim. Mas acho que ele percebeu que meus olhos suplicavam para que ele me desse um minuto de atenção. – Por favor, só escutem o que eu tenho a dizer.

– É bom que seja sobre a sua mãe. Ela me deixou preocupado demais. – Mason voltou impaciente para onde estava. Henry e Ryan fizeram o mesmo e também comentaram que só continuaram lá porque estavam sensibilizados com o caso de mamãe.

Respirei fundo. Não havia preparado absolutamente nada para dizer. Lá estavam os três, furiosos, esperando que eu apresentasse ótimos argumentos, ou que eu não os fizesse perder tanto tempo. Minhas mãos suaram. Tinha que falar algo convincente, mas o quê?

Eu simplesmente abri a boca e deixei as palavras saírem, sem pensar muito:

– Quando vocês eram pequenos, provavelmente estavam fazendo aulas de instrumentos, porque já sonhavam em ser astros quando crescessem, estou certa?

Eles assentiram com as cabeças, de leve, mas não entendendo o porquê de eu estar fazendo aquela pergunta.

– Bom, quando eu era pequena, não sonhava com nada disso. Queria tirar boas notas, ir para a faculdade e ter um emprego bom. Essa vida de fama e glamour era algo que eu jamais imaginaria que acontecesse comigo. Eu não era exatamente uma pessoa com grandes sonhos, sempre fui mais pé no chão – fiz uma pausa. – Por isso que quando vocês vieram pra cá, o maior impacto caiu sobre mim. Minha vida mudou. . completamente. Ela, sei lá, ganhou mais cor, mais emoção.

Eu me espantei com o que acabara de dizer. Saiu tão natural, e não era algo que eu desejava compartilhar com eles tão abertamente. Nem eu sabia direito o que sentia a respeito deles!

Abaixei a cabeça e continuei deixando as palavras tomarem seu fluxo:

– Meu pai morreu quando eu tinha 8 anos. Passei muito tempo sem querer saber de nada nem ninguém. Com o tempo, as coisas melhoraram, mas de alguma maneira eu sempre senti que faltava alguma coisa. Eu nunca me senti tão bem depois disso ter acontecido do que quando vocês apareceram.

Argh, odiava ter que admitir aquilo para eles, pois além de ter acabado de perceber isso, pretendia nunca dizer a ninguém. Isso ia totalmente contra os meus princípios. Mas tive que falar, por uma boa causa.

Nenhum deles disse nada, mas aqueles três pares de olhos surpresos não desviaram a atenção de mim nem por um minuto sequer.

– Eu acho que isso nunca teria acontecido, se não fosse por todas as loucuras que passamos juntos. E pra essas loucuras terem acontecido, vocês *três* estavam envolvidos. Claro, muitas vezes as coisas deram bem errado, mas também nós nos divertimos, não é? – sorri levemente. – Não seria a mesma coisa se não fossem vocês três. Vocês se completam. São como irmãos. Passaram por tanta coisa juntos, já brigaram, viajaram o país inteiro, cativaram milhares de pessoas, inclusive eu – tive que lutar o máximo possível para não ruborizar. – E todas essas pessoas amam vocês porque são uma equipe. Querem jogar isso tudo fora?

Percebi que tinha feito algum progresso, porque agora seus rostos não estavam mais zangados, e sim pensativos.

– Mason… – caminhei até ele e toquei seu ombro. – Você se arrependeu de ter ido até a gravadora do Stephen, não é?

Ele assentiu com a cabeça timidamente.

– Onde está o cartão dele? Ainda está com você?

– Não – ele respondeu, e parecia sincero. – Joguei fora assim que cheguei em casa. Me senti péssimo por ter feito aquilo. Ele só prometeu um monte de coisas, mas quem garante que ele vai cumprir, né? – ele deu um sorriso triste. – Eu não acredito que caí na conversa daquele cara.

Sorri, orgulhosa. Agora faltava fazer os outros dois cooperarem.

– Ryan… No fundo você só contou aquilo ao Sr. Barnes para proteger o Henry, não foi?

As bochechas dele ficaram vermelhas.

– Sei que não foi a melhor decisão, mas não ia suportar vê-lo se enganando daquele jeito. Mas nem percebi que já que não contei pra ele que fui eu, eu mesmo estava o enganando.

Direcionei o olhar para Henry:

– E você também se arrepende de ter falado mal de Mason pelas costas, não é?

Henry evitou que meus olhos se encontrassem com os dele, mas depois de um tempo ele cedeu também:

– Tá bem. Eu confesso, fui hipócrita. Não deveria ficar apontando o dedo pros outros, enquanto eu tinha feito besteira também. Não quis dizer realmente o que eu disse. Realmente seria péssimo se Mason não tivesse entrado no programa.

– Então… – falei, ficando mais animada. – Por que não se desculpam logo e acabam com essa briga? Isso é passado agora! Pensem no futuro que vocês têm pela frente! Eu tenho certeza de que vocês vão fazer ainda mais sucesso do que agora se continuarem juntos. Ou vocês querem desapontar todas as fãs que ganharam com o tempo? – arqueei uma sobrancelha.

Os três se entreolharam, olharam para mim, para o teto, para a parede, enfim, ficaram nessa enrolação de "quem-fala-primeiro" por uns dois minutos. O silêncio era tão grande que conseguimos ouvir os gritos das fãs cheias de esperança. Acho que isso fez os três acordarem para a realidade e perceberem que "o show precisava continuar".

– Desculpa – Ryan se levantou, com os joelhos bambos. – Prometo que nunca mais vou trair a confiança de vocês.

E Henry se levantou logo em seguida.

– Só perdoo se vocês dois me perdoarem também por ter sido um idiota – ele riu.

Fuzilei Mason com os olhos. Por um breve momento achei que seu lado arrogante despertaria novamente e ele jamais ia admitir que estava errado. Mas não foi isso que aconteceu.

– Eu é quem deveria me desculpar – e ele também se levantou. – Vocês são meus melhores amigos. Eu prometo que nunca mais vou esconder nada de vocês, nem sequer pensar em trocar vocês por ninguém.

E para o alívio de todas as pessoas, eles sorriram um para o outro e deram um abraço caloroso de irmãos. Meu rosto se iluminou.

Eu tinha conseguido. Eu tinha reunido de novo os Boston Boys.

EU! Ronnie Adams!

Ver os três naquele clima tão bom outra vez realmente me fez pensar. Há sete meses eu era apenas uma garota com poucos amigos, cuja maior preocupação era o meu futuro promissor. Não percebi que estava esquecendo de viver o presente.

E, graças a eles, agora eu podia aproveitá-lo sem pressa.

Pensei que só eu estava assistindo àquela linda reunião, mas acontece que esse tempo todo tive uma pequena plateia atrás de mim. Percebi isso quando ouvi palmas e gritinhos de felicidade vindos de Karen, Jenny, Mary e a equipe toda do lado de fora do camarim. Eu me virei para elas e vi Jenny vindo correndo na minha direção com os braços abertos, mas fui surpreendida com três pares de braços me envolvendo por trás e rindo.

– Tá, tá, não precisa tanto! – gritei, com o rosto da cor de um tomate.

Depois de me apertarem ainda mais por alguns segundos, os três me soltaram. Mas continuaram rindo.

– Valeu, Ronnie! – Ryan disse, animado.

– Você é incrível! – Henry continuou.

– Senhorita Veronica, estou impressionado – Mason cruzou os braços e deu um sorriso de lado.

Logo depois disso fui pega pelo abraço da minha melhor amiga, que disse, enquanto dava pulinhos de alegria:

– Você conseguiu, Ronnie! Conseguiu!

De repente, a comemoração foi interrompida pelas palmas apressadas de

Karen:

– Ei, o que estão esperando?! Vão se arrumar, as fãs estão doidas esperando vocês!

– Certo! – os três gritaram, e saíram do camarim feito foguetes para ir colocar as roupas.

Enquanto a produção conversava, animada por tudo ter dado certo no final, e até Jenny e Karen deixaram um pouco a rivalidade de lado porque passaram altos momentos de preocupação juntas, entrei na sala onde mamãe estava deitada. Contei a ela o que aconteceu, e, com um sorriso de orelha a orelha, ela me abraçou.

– Estou orgulhosa de você.

– Obrigada – abracei-a de volta.

– Eu não disse? – ela falou, se desvencilhando de mim. – Não disse que você tinha uma ligação com eles?

Enrubesci. Estava tentando esquecer tudo o que confessara a eles. Na verdade, queria que *eles* esquecessem. Mas vi que isso ia ser difícil. Para evitar aquele assunto, resolvi trazer outro em pauta.

– Mãe, você ouviu o que Mason disse, né? Agora você descobriu as verdadeiras intenções do Stephen…

– Sim, descobri. E não se preocupe, já dei um jeito nisso – ela deu uma piscadela e chamou um dos seguranças com as mãos. – Bob?

– Sim, senhora? – ele veio até nós.

– Deixe o Sr. Podolack entrar aqui.

– Imediatamente, senhora – e ele saiu pela porta dos fundos.

Estranhei o que mamãe queria fazer, mas não questionei. Em poucos instantes, Stephen estava cara a cara conosco, e ao ver que mamãe estava deitada, logo veio todo preocupado perguntar o que acontecera. Argh, farsante.

– Não se preocupe, estou bem – ela disse, levantando o tronco até ficar sentada. – Aliás, estou tão bem que gostaria de te dizer algo.

E ela o puxou pela gravata até ficarem a poucos centímetros um do outro. Antes que Stephen perguntasse o que era com o pequeno sorriso se formando em seus lábios, mamãe lhe deu um soco tão forte no nariz que um chafariz de sangue se formou sobre ele.

– SUSAN! – ele grunhiu, cobrindo o rosto machucado. – Que diabos!

– Queria dizer que ninguém mexe com a minha família – ela se deitou

novamente. – BOB!

– Sim, senhora? – o segurança voltou ao aposento.

– Leve esse infeliz para fora. Acho que minha pressão voltou a aumentar por causa dele.

E não deu outra. Stephen foi arrastado de lá, praguejando, com o nariz sangrando e com o ego esmagado. Pisquei duas vezes. Mamãe às vezes me assustava, mas dessa vez eu admito, gostei da sua decisão vingativa. E também de como ela se referiu aos meninos, como sua família.

– Minha mãe é irada – comentei, rindo.

– Eu sei – ela riu também. – Agora você tem uma última missão – ela se virou novamente para mim e colocou as mãos na cintura.

– Qual?

– Vem cá, vou contar – e ela me puxou até sua boca ficar próxima do meu ouvido.

Sempre odiei palcos. Desde pequena, quando fazia peças de teatrinho da escola, preferia ser uma árvore ou algum objeto que não tivesse falas, porque tinha pavor de encarar uma plateia grande e me atrapalhar toda. Não nasci para brilhar, mas para ajudar os que têm essa vocação. Foi o que fiz a minha vida inteira, e era o que eu ia fazer agora. Para fechar aquela noite especial com chave de ouro, engoli toda a minha timidez e medo de encarar as fãs, e fiz como mamãe pediu: abri a porta dos bastidores e subi ao palco.

Estava sozinha, a multidão gritou histericamente ao perceber que alguém tinha chegado, mas pararam ao perceber que era eu. Acho que elas não esperavam me ver ali. Espremi um pouco os olhos, pois a luz forte e branca vindo diretamente na minha cara estava quase me cegando. Aquela multidão me encarava intrigada, esperando que eu estivesse trazendo boas notícias.

Respirei fundo, tentei controlar as batidas fortes do coração, segurei trêmula o microfone e falei:

– Boa noite – engoli em seco. – Eu gostaria de pedir desculpas pela demora – uma gota de suor escorreu pelo lado esquerdo do meu rosto.

– Tivemos uns problemas pessoais entre os garotos.

As fãs começaram a falar entre si, algumas especulando o que deveria ter acontecido, outras chorando desesperadas e preocupadas, e outras apenas gritando coisas incompreensíveis.

– Mas tudo já se resolveu – e para meu alívio, elas berraram, alegres.

– E é com grande prazer que eu lhes apresento, hoje… Em seu primeiro show… BOSTON BOYS!

Os três subiram ao palco, e a multidão foi à loucura. Toda a espera que elas tiveram, no fundo, valeu a pena. Porque admito, os três estavam mais radiantes do que nunca. Corri para a porta dos bastidores com o coração batendo loucamente, mas não quis desviar os olhos do palco nem por um minuto.

Eles se arrumaram em seus instrumentos. Ryan na bateria, Henry no baixo, Mason na guitarra e microfone, e começaram a tocar. Sorri bobamente durante a música inteira, estava impressionada. Eles realmente foram feitos para brilhar. Os três. Pareciam tão familiares com a plateia, com o palco, com tudo aquilo… E tão unidos, formando tanta harmonia, que não pude evitar de sentir um imenso orgulho.

– E então? – Karen apareceu do meu lado, com um sorriso travesso e braços cruzados. – Ainda está com essa fachada de que Boston Boys é uma droga e que nada disso deveria ter acontecido com você?

Olhei para ela, mordendo os lábios. Jamais ia admitir aquilo outra vez. Este segredo morreria comigo.

– Eles até que não são… tão ruins assim – falei, dando um risinho. Depois virei de volta para o palco e aproveitei até o fim o show. O show daqueles que agora eu tinha orgulho de chamar de meus amigos.

EPÍLOGO

Uma semana havia se passado desde o show, e eu ainda não conseguia tirar a música tema do seriado deles da cabeça! Argh, por que aquelas fãs tiveram que pedir *tanto* bis?! E, pior, não só fiquei cantando na cabeça o tempo todo, como também deixei escapar um dia desses. Por sorte, somente eu e mamãe estávamos em casa, arrumando a sala de estar.

– Eu ouvi, hein – mamãe disse, dando um risinho.

– Ouviu o quê? – perguntei, estava muito distraída tentando limpar a fresta da janela empoeirada.

– A música. Que você fica murmurando.

Assim que percebi que havia me entregado, virei o rosto envergonhado para o outro lado e tentei me concentrar novamente na fresta.

– Já que agora você está bem mais tolerante com o programa, vou te mostrar uma coisa.

– O quê?

– Vem cá – ela tirou o avental e foi em direção às escadas.

Segui-a até seu quarto, e ela se sentou em sua escrivaninha. Sua mesa estava cheia de papéis jogados, o que me deixava extremamente nervosa. Odiava mesas bagunçadas.

Mamãe juntou os papéis de qualquer jeito, e me chamou para mais perto. Fiz o que ela disse e percebi que aqueles papéis, na verdade, eram currículos. Não currículos quaisquer, todos eles eram de garotos de faixa etária de 16 a 18 anos e que coincidentemente sabiam tocar algum tipo de instrumento.

– Mãe… – falei, com um pouco de incerteza. – Pra quê tudo isso?

– Ora, não é óbvio? Começamos a fazer novos testes para o elenco – ela sorriu.

Encarei-a pensativa por alguns instantes e, de repente, percebi o que estava acontecendo. Levei a mão aos lábios, indignada: – Não acredito! Eu tive todo aquele trabalho pra reunir os garotos novamente e você vem agora e diz que vai substituir um deles?! Que absurdo, mãe! Até eu acho injustiça com eles!

Para meu espanto, ela apenas soltou uma sonora gargalhada.

– É o Ryan, não é?! Sempre achei que ele seria o primeiro a dançar! – cruzei os braços. – Sua filha mais nova vai cortar relações com você se isso acontecer, você sabe disso!

E ela não disse nada, continuou a rir.

– Então é o Henry?! Vão trocar ele por mais um cabeça de vento, é isso?! Ou… Espera… Vão substituir o *Mason*?! – minha voz saiu um pouco esganiçada no final da frase.

– Ronnie! – ela colocou a mão no meu ombro, paciente. – Não é isso, minha filha…

– Então por que estão fazendo testes?

Mamãe suspirou.

– Calma, não é o que você está pensando. Ninguém vai ser substituído. Fiquei mais calma depois de ouvir aquilo. Então que diabos essa produção estava aprontando?

– Vou explicar. Desde que fizemos o show, nossa audiência aumentou bastante. Mas eu, Marshall e todo o pessoal conversamos e percebemos que esse número cresce por um momento, depois se estabiliza e volta a cair. As pessoas hoje em dia anseiam por inovações cada vez mais rápido!

Nossa, mamãe parecia aqueles caras que dão palestras motivacionais de marketing em faculdades. Ainda não estava entendo aonde ela queria chegar com aquilo, mas seu discurso estava tão empolgado que não ousei interrompê-la.

– E depois de muita discussão, nós resolvemos pensar em uma ideia nova, que vai fisgar os telespectadores ainda mais.

Assenti com a cabeça, implorando que ela terminasse o raciocínio.

– Um quarto Boston Boy! – ela agitou os braços, como se tivesse se transformado em uma apresentadora de TV. Parecia que os olhos dela estavam cheios de purpurina de tanto que brilhavam.

Encarei-a por uns instantes, sem saber o que dizer. Ela estava falando sério?

– É brincadeira, né? – dei um risinho falso.

– Claro que não! – ela pareceu levemente ofendida pela minha falta de animação.

– Mãe… – não tinha palavras para expressar o quão errada essa ideia era. – Vocês ficaram loucos?!

– Não, Ronnie! Por que não acredita?

– Eu acredito, mas é loucura! Se fosse um personagem secundário, tudo bem, mas vocês querem meter mais um protagonista na série a essa altura do campeonato?!

Ela piscou duas vezes.

– É *essa* a inovação. Por que não?

– Porque não, ué! Mãe, há uma semana eu fiz um discurso falando sobre como tudo estava maravilhoso com a gente porque eles eram os *três* melhores amigos inseparáveis! Três! – mostrei o número com a mão, só para dar mais ênfase. – E depois de tanto trabalho você vai quebrar essa harmonia?!

– Querida, você está exagerando.

Juro que não entendo minha mãe. Quando disse isso há uma semana ela me abraçou cheia de orgulho, agora do nada eu estava exagerando?! Como assim?!

– Se você visse os testes, entenderia. São muitos meninos talentosos aqui.

Arqueei uma sobrancelha, não convencida.

– Quer ir comigo amanhã ao estúdio para vê-los?

Confesso que certa curiosidade começou a me rondar, mas não podia dar o braço a torcer. Seria como trair os meninos. E eu tinha certeza de que mamãe não tinha contado nada a eles.

– Vamos, Ronnie! Você vai gostar! E quem sabe não conhece alguém interessante? – ela deu uma piscadela.

Ignorando esse último comentário idiota, fiquei pensando se aquilo realmente era uma boa ideia, mas vi que não tinha como convencer mamãe de não fazê-la. Então o jeito era ir lá e impedi-la de, pelo menos, escolher alguém ruim.

– Bem… Acho que não vai doer ver alguns testes. Posso pelo menos ajudar a escolher?

– Claro, pode opinar, se quiser – ela sorriu.

– Está bem, então.

– Ótimo! – ela bateu palmas.

E depois disso, voltamos aos nossos afazeres domésticos.

Pensando bem, eu podia estar exagerando mesmo. Vai que o cara acaba sendo legal e os meninos gostam dele, e as pessoas realmente veem isso como uma inovação e passam a assistir ainda mais ao programa? Ou vai que na verdade os três odeiem ele, briguem novamente entre si e com a minha mãe, e resolvem se separar de vez?! Não podíamos esquecer essa hipótese.

Isso estava parecendo um jogo de pôquer, em que mamãe era a joga-dora; o garoto misterioso, a mão; e a audiência, a aposta. E que aposta arriscada. Essa história de quarto Boston Boys tinha chances de dar muito certo… E também de dar muito, *muito* errado.

Entre no nosso site e no facebook e conheça
outros títulos do Grupo 5W.

Siga o Grupo 5W nas redes sociais e passe
a receber informações sobre nossos livros,
lançamentos, inovações e promoções.

Se quiser enviar sugestões, ideias ou originais
para publicação, acesse nosso site:
www.grupo5w.com.br